

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO FÍSICA

ENSINO MÉDIO

2ª Edição



Este livro é público - está autorizada a sua reprodução total ou parcial.

Governo do Estado do Paraná

Roberto Requião

Secretaria de Estado da Educação

Mauricio Requião de Mello e Silva

Diretoria Geral

Ricardo Fernandes Bezerra

Superintendência da Educação

Yvelise Freitas de Souza Arco-Verde

Departamento de Ensino Médio

Mary Lane Hutner

Coordenação do Livro Didático Público

Jairo Marçal

Depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional, conforme Decreto Federal n.1825/1907, de 20 de Dezembro de 1907.

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Avenida Água Verde, 2140 - Telefone: (0XX) 41 3340-1500

e-mail: dem@seed.pr.gov.br

80240-900 CURITIBA - PARANÁ

Catalogação no Centro de Editoração, Documentação e Informação Técnica da SEED-PR

Educação Física / vários autores. – Curitiba: SEED-PR, 2006. –248 p.

ISBN: 85-85380-32-2

1. Educação física. 2. Ensino médio. 3. Esporte. 4. Dança. 5. Ginástica. 6. Jogos. 7. Lutas. I. Folhas. II. Material de apoio pedagógico. III. Material de apoio teórico. IV. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. V. Título.

CDU 796+373.5

2ª Edição

IMPRESSO NO BRASIL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Autores

Claudia Sueli Litz Fugikawa
Cristiane Pereira Brito
Fabiano Antonio dos Santos
Felipe Sobczynski Gonçalves
Gilson José Caetano
Mauro José Guasti
Neusa Maria Domingues
Rita de Cássia Wielewski
Sergio Rodrigues da Silva
Rodrigo Tramutolo Navarro
Mario Cerdeira Fidalgo
Cíntia Müller Angulski

Equipe técnico-pedagógica

Claudia Sueli Litz Fugikawa
Cristiane Pereira Brito
Fabiano Antonio dos Santos
Felipe Sobczynski Gonçalves
Rodrigo Tramutolo Navarro
Mario Cerdeira Fidalgo
Cíntia Müller Angulski

Assessora do Departamento de Ensino Médio

Agnes Cordeiro de Carvalho

Coordenadora Administrativa do Livro Didático Público

Edna Amancio de Souza

Equipe Administrativa

Mariema Ribeiro
Sueli Tereza Szymanek

Técnicos Administrativos

Alexandre Oliveira Cristovam
Viviane Machado

Consultor

Alexandre França Salomão - UNICENP

Leitura Crítica

Alda Lúcia Pirolo

Consultor de direitos autorais

Alex Sander Hostyn Branchier

Revisão Textual

Renata de Oliveira

Projeto Gráfico e Capa

Eder Lima / Ícone Audiovisual Ltda

Editoração Eletrônica

Ícone Audiovisual Ltda

■ Carta do Secretário

Este Livro Didático Público chega às escolas da rede como resultado do trabalho coletivo de nossos educadores. Foi elaborado para atender à carência histórica de material didático no Ensino Médio, como uma iniciativa sem precedentes de valorização da prática pedagógica e dos saberes da professora e do professor, para criar um livro público, acessível, uma fonte densa e credenciada de acesso ao conhecimento.

A motivação dominante dessa experiência democrática teve origem na leitura justa das necessidades e anseios de nossos estudantes. Caminhamos fortalecidos pelo compromisso com a qualidade da educação pública e pelo reconhecimento do direito fundamental de todos os cidadãos de acesso à cultura, à informação e ao conhecimento.

Nesta caminhada, aprendemos e ensinamos que o livro didático não é mercadoria e o conhecimento produzido pela humanidade não pode ser apropriado particularmente, mediante exibição de títulos privados, leis de papel mal-escritas, feitas para proteger os vendilhões de um mercado editorial absurdamente concentrado e elitista.

Desafiados a abrir uma trilha própria para o estudo e a pesquisa, entregamos a vocês, professores e estudantes do Paraná, este material de ensino-aprendizagem, para suas consultas, reflexões e formação contínua. Comemoramos com vocês esta feliz e acertada realização, propondo, com este Livro Didático Público, a socialização do conhecimento e dos saberes.

Apropriem-se deste livro público, transformem e multipliquem as suas leituras.

Mauricio Requião de Mello e Silva

Secretário de Estado da Educação

■ Aos Estudantes

Agir no sentido mais geral do termo significa tomar iniciativa, iniciar, imprimir movimento a alguma coisa. Por constituírem um *initium*, por serem recém-chegados e iniciadores, em virtude do fato de terem nascido, os homens tomam iniciativa, são impelidos a agir. (...) O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isto, por sua vez, só é possível porque cada homem é singular, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo. Desse alguém que é singular pode-se dizer, com certeza, que antes dele não havia ninguém. Se a ação, como início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como ser distinto e singular entre iguais.

Hannah Arendt
A condição humana

Este é o seu livro didático público. Ele participará de sua trajetória pelo Ensino Médio e deverá ser um importante recurso para a sua formação.

Se fosse apenas um simples livro já seria valioso, pois, os livros registram e perpetuam nossas conquistas, conhecimentos, descobertas, sonhos. Os livros, documentam as mudanças históricas, são arquivos dos acertos e dos erros, materializam palavras em textos que exprimem, questionam e projetam a própria humanidade.

Mas este é um livro didático e isto o caracteriza como um livro de ensinar e aprender. Pelo menos esta é a idéia mais comum que se tem a respeito de um livro didático. Porém, este livro é diferente. Ele foi escrito a partir de um conceito inovador de ensinar e de aprender. Com ele, como apoio didático, seu professor e você farão muito mais do que “seguir o livro”. Vocês ultrapassarão o livro. Serão convidados a interagir com ele e desafiados a estudar além do que ele traz em suas páginas.

Neste livro há uma preocupação em escrever textos que valorizem o conhecimento científico, filosófico e artístico, bem como a dimensão histórica das disciplinas de maneira contextualizada, ou seja, numa linguagem que aproxime esses saberes da sua realidade. É um livro diferente porque não tem a pretensão de esgotar conteúdos, mas discutir a realidade em diferentes perspectivas de análise; não quer apresentar dogmas, mas questionar para compreender. Além disso, os conteúdos abordados são alguns recortes possíveis dos conteúdos mais amplos que estruturam e identificam as disciplinas escolares. O conjunto desses elementos que constituem o processo de escrita deste livro denomina cada um dos textos que o compõem de “Folhas”.

Em cada Folhas vocês, estudantes, e seus professores poderão construir, reconstruir e atualizar conhecimentos das disciplinas e, nas veredas das outras disciplinas, entender melhor os conteúdos sobre os quais se debruçam em cada momento do aprendizado. Essa relação entre as disciplinas, que está em aprimoramento, assim como deve ser todo o processo de conhecimento, mostra que os saberes específicos de cada uma delas se aproximam, e navegam por todas, ainda que com concepções e recortes diferentes.

Outro aspecto diferenciador deste livro é a presença, ao longo do texto, de atividades que configuram a construção do conhecimento por meio do diálogo e da pesquisa, rompendo com a tradição de separar o espaço de aprendizado do espaço de fixação que, aliás, raramente é um espaço de discussão, pois, estando separado do discurso, desarticula o pensamento.

Este livro também é diferente porque seu processo de elaboração e distribuição foi concretizado integralmente na esfera pública: os Folhas que o compõem foram escritos por professores da rede estadual de ensino, que trabalharam em interação constante com os professores do Departamento de Ensino Médio, que também escreveram Folhas para o livro, e com a consultoria dos professores da rede de ensino superior que acreditaram nesse projeto.

Agora o livro está pronto. Você o tem nas mãos e ele é prova do valor e da capacidade de realização de uma política comprometida com o público. Use-o com intensidade, participe, procure respostas e arrisque-se a elaborar novas perguntas.

A qualidade de sua formação começa aí, na sua sala de aula, no trabalho coletivo que envolve você, seus colegas e seus professores.

Sumário

| | |
|--------------------|----|
| Apresentação | 10 |
|--------------------|----|

Conteúdo Estruturante: Esporte

| | |
|--|----|
| Introdução | 12 |
| 1 – O futebol para além das quatro linhas | 17 |
| 2 – A relação entre a televisão e o voleibol no estabelecimento de suas regras | 33 |
| 3 – Eu faço esporte ou sou usado pelo esporte? | 49 |

Conteúdo Estruturante: Jogos

| | |
|---|----|
| Introdução | 60 |
| 4 – Competir ou cooperar: eis a questão | 65 |
| 5 – O jogo é jogado e a cidadania é negada | 79 |

Conteúdo Estruturante: Ginástica

| | |
|---|-----|
| Introdução | 90 |
| 6 – O circo como componente da ginástica | 93 |
| 7 – Ginástica: um modelo antigo com roupagem nova? Ou uma nova maneira de aprisionar os corpos? | 111 |
| 8 – Saúde é o que interessa? O resto não tem pressa! | 127 |
| 9 – Os segredos do corpo | 141 |

Conteúdo Estruturante: Lutas

| | |
|--|-----|
| Introdução | 154 |
| 10 – Capoeira: jogo, luta ou dança? | 157 |
| 11 – Judô: a prática do caminho suave | 171 |

Conteúdo Estruturante: Dança

| | |
|---|-----|
| Introdução | 186 |
| 12 – Quem dança seus males... .. | 191 |
| 13 – Influência da Mídia sobre o Corpo do Adolescente | 213 |
| 14 – Hip Hop - movimento de resistência ou de consumo? | 227 |

■ Apresentação

Para a Educação Física, este livro didático tem dupla importância: primeiro, por constituir-se em um material produzido por professores da rede pública de ensino e distribuído gratuitamente; segundo, por representar um momento histórico para a disciplina, pois, pela primeira vez, um livro didático subsidia a prática docente, trazendo reflexões sobre diversos assuntos que constituem o corpo teórico-prático desta área de conhecimento.

Refletir sobre as práticas corporais significa buscar a superação de uma visão que vinculou, por muito tempo, a Educação Física a uma perspectiva tecnicista voltada para o desenvolvimento de aptidões físicas, o que priorizou, historicamente, na escola, a simples execução de exercícios físicos destituídos de uma reflexão sobre o fazer corporal.

O Livro Didático Público de Educação Física tem por objetivo principal desenvolver uma abordagem histórica de como, por que e a partir de que interesses o conhecimento que compõe o campo de estudos desta disciplina foi produzido e validado. Os Folhas presentes no livro propõem a desnaturalização das práticas que compõem o desenvolvimento teórico-prático do ensino da Educação Física na escola.

Ao analisarmos a constituição histórica da Cultura Corporal – fundamento dos estudos e do ensino da Educação Física escolar – compreendemos que suas raízes estão na relação homem-natureza, na ação humana de transformar a natureza para retirar dela sua subsistência. As primeiras ações humanas sobre a natureza constituiriam as sociedades e seus diferentes modos de produção. A relação homem-natureza possibilitou a constituição da materialidade corpórea humana.

Não nascemos pulando, saltando ou até mesmo manuseando objetos (ESCOBAR, 1995), mas fomos nos adequando às necessidades que o meio impunha. Para uma criança que acaba de nascer é impossível andar, pois sua constituição corporal não lhe permite realizar tal movimento. Esta mesma criança dará seus primeiros passos somente quando sua materialidade corpórea estiver preparada, impulsionada pelas necessidades que o meio imprimir, seja para alcançar um objeto fora do seu alcance ou para locomover-se até determinado local de seu interesse.

No trabalho pedagógico, o ensino da constituição histórica da materialidade corporal está organizado pelos fundamentos teóricos da Cultura Corporal e pelos Conteúdos Estruturantes – Jogos, Esportes, Danças, Lutas e Ginástica – que, tradicionalmente, compõem os currículos escolares da Educação Física e identificam a disciplina como campo do conhecimento.

Os Conteúdos Estruturantes possibilitam a abordagem pedagógica das diversas manifestações corporais que foram se constituindo ao longo do desenvolvimento histórico da humanidade.

As discussões e as práticas fundamentadas na Cultura Corporal possibilitam a problematização de questões importantes para o desenvolvimento crítico do aluno e a desnaturalização de alguns conceitos como, por exemplo, o de que a competitividade individualista, dos tempos atuais, é inata ao ser humano.

O ser humano é entendido, aqui, como social, histórico, inacabado e, portanto, em constante transformação. Essa compreensão exige da Educação Física uma abordagem teórica que contextualize as práticas corporais, relacionando-as aos interesses políticos, econômicos, sociais e culturais que as constituíram.

Na sociedade capitalista, as práticas corporais têm a função de preparar o futuro trabalhador para o mercado de trabalho. Assim, a competição e superação de dificuldades baseiam-se no princípio da individualidade. A organização coletiva e solidária é relegada a um segundo plano.

A Cultura Corporal, como fundamento para o estudo e o ensino da Educação Física, possibilita a análise crítica das mais diversas práticas corporais, não restringindo o conhecimento da disciplina somente aos aspectos técnicos e táticos dos Conteúdos Estruturantes.

Assim, julgamos necessário que você conheça os conteúdos estruturantes apresentados neste livro, considerando seus aspectos técnicos, táticos, históricos, sociais, políticos, culturais, possibilitando uma compreensão mais ampla e crítica das práticas corporais propostas pela Educação Física. O Livro Didático Público de Educação Física confere um grande desafio, a saber: construir possibilidades diversas de análise e (re)criação das práticas corporais, por meio das variadas manifestações da Cultura Corporal, aprofundando a reflexão crítica dos alunos acerca dos conhecimentos próprios desta disciplina escolar.

Esporte



Artista: Luiz Ventura

Título painel: Crianças do Brasil – O Futebol

Técnica: pintura com tinta acrílica sobre lona preparada, montada em chassis

Dimensões: 1.20x2.40m

Falar sobre o esporte, enquanto manifestação da Cultura Corporal, significa discutir o que este Conteúdo Estruturante foi, desde sua origem histórica até a atualidade. Esta abordagem permitirá reflexões sobre as possibilidades de recriar o conceito de esporte, por meio de uma intervenção consciente.

No início do século XIX, o desenvolvimento da sociedade capitalista tornava cada vez mais profunda a divisão do trabalho – funções braçais, ligadas ao esforço físico e atividades intelectuais, ligadas ao intelecto. Essa divisão separava as pessoas em classes sociais, ou seja, classe dirigente/elite e trabalhadores.

Configurou-se um quadro em que a separação entre elite (econômica, política e intelectual) e trabalhadores se refletia nos costumes e formas de viver de ambas as classes. As classes sociais realizavam atividades que as distinguiam entre si, e uma dessas atividades era o esporte.

Os objetivos e significados da prática esportiva eram diferentes para cada classe social. Para a elite, o esporte distraía seus filhos, que ocupavam o tempo somente com o estudo. Para a classe trabalhadora, os chamados jogos populares estavam ligados às suas raízes culturais. A elite considerava vulgar o esporte realizado pelos trabalhadores, por essa razão, impôs outra forma de prática esportiva mais adequada aos costumes criados e valorizados pela elite.

Você pode se imaginar vivendo naquela época? Tudo ainda era novo, as grandes indústrias estavam crescendo virtuosamente, e com tal crescimento havia também uma maior evidência das desigualdades que se instauravam. Essas desigualdades se evidenciavam e eram, potencialmente, fontes de revoltas, resistências e manifestações político-econômicas, ou seja, fontes de desestabilização da ordem vigente.

A padronização das práticas esportivas e o estabelecimento de suas regras de maneira rígida, sem possibilidades de qualquer contestação e/ou reflexão, contribuíam para a desmobilização de resistências, para o desenvolvimento da idéia de que questionar e quebrar regras são atitudes que impedem a organização e estabilidade social. Utilizou-se o esporte como estratégia educativa para o ocultamento e/ou mascaramento das lutas sociais.

A difusão mundial da prática desportiva, porém, não foi imediata. A dimensão social alcançada pelo esporte, atualmente, contou com importantes fatores, tais como: o surgimento de novas escolas para a classe média e redução da jornada de trabalho; formação de clubes esportivos; esporte como fator de contenção da classe trabalhadora; os jogos olímpicos como expressão máxima do fenômeno esportivo (ASSIS, 2001).

Diante desta breve abordagem histórica, pode-se questionar: será que o esporte atual ainda está vinculado aos interesses da classe que o constituiu? Como identificar os vínculos políticos e sociais da prática esportiva na sua escola ou na sua comunidade? Essas perguntas não possuem respostas imediatas e serão debatidas ao longo deste livro.

Certamente você já deve ter assistido, na televisão, a uma partida de qualquer modalidade esportiva. O que está contido nessa forma de la-

I
n
t
r
o
d
u
ç
ã
o

zer, além da sua diversão? Se analisarmos o contexto social em que vivemos e seus meios de comunicação, não será difícil observarmos que o esporte se transformou em mercadoria, sendo divulgado por meio da espetacularização. Mas, que objetivo tem a espetacularização esportiva? Sobre essa questão, veja o Folhas: “A relação entre a televisão e o voleibol no estabelecimento de suas regras.” Outra questão importante: o esporte foi utilizado de forma ideológica no Brasil? Sobre a possível utilização do esporte como instrumento ideológico, veja o Folhas: “O futebol para além das quatro linhas”.

A inserção da prática esportiva nas escolas e a sua legitimação, enquanto manifestação cultural e educacional, estão ligadas ao desenvolvimento político e econômico da sociedade. No entanto, a abordagem pedagógica do esporte não reelaborou os preceitos e objetivos que deram origem ao fenômeno esportivo, o que trouxe sérias implicações para o contexto escolar.

Quantos jogadores de alto rendimento existem no nosso país? Essa pergunta pode levar você a outro questionamento relacionado ao acesso à prática desportiva na sua escola. Será que os alunos que não dominam perfeitamente a técnica para praticarem uma modalidade esportiva têm a oportunidade de participar ativamente das aulas de Educação Física? Não seria a prática esportiva escolar, tal qual se apresenta atualmente, uma forma de exclusão, igual a que se vincula ao esporte de alto rendimento?

A partir destas questões, você deve se perguntar sobre possibilidades de modificar as formas de atuação e vinculação do esporte no interior

E
D
U
C
A
Ç
Ã
O

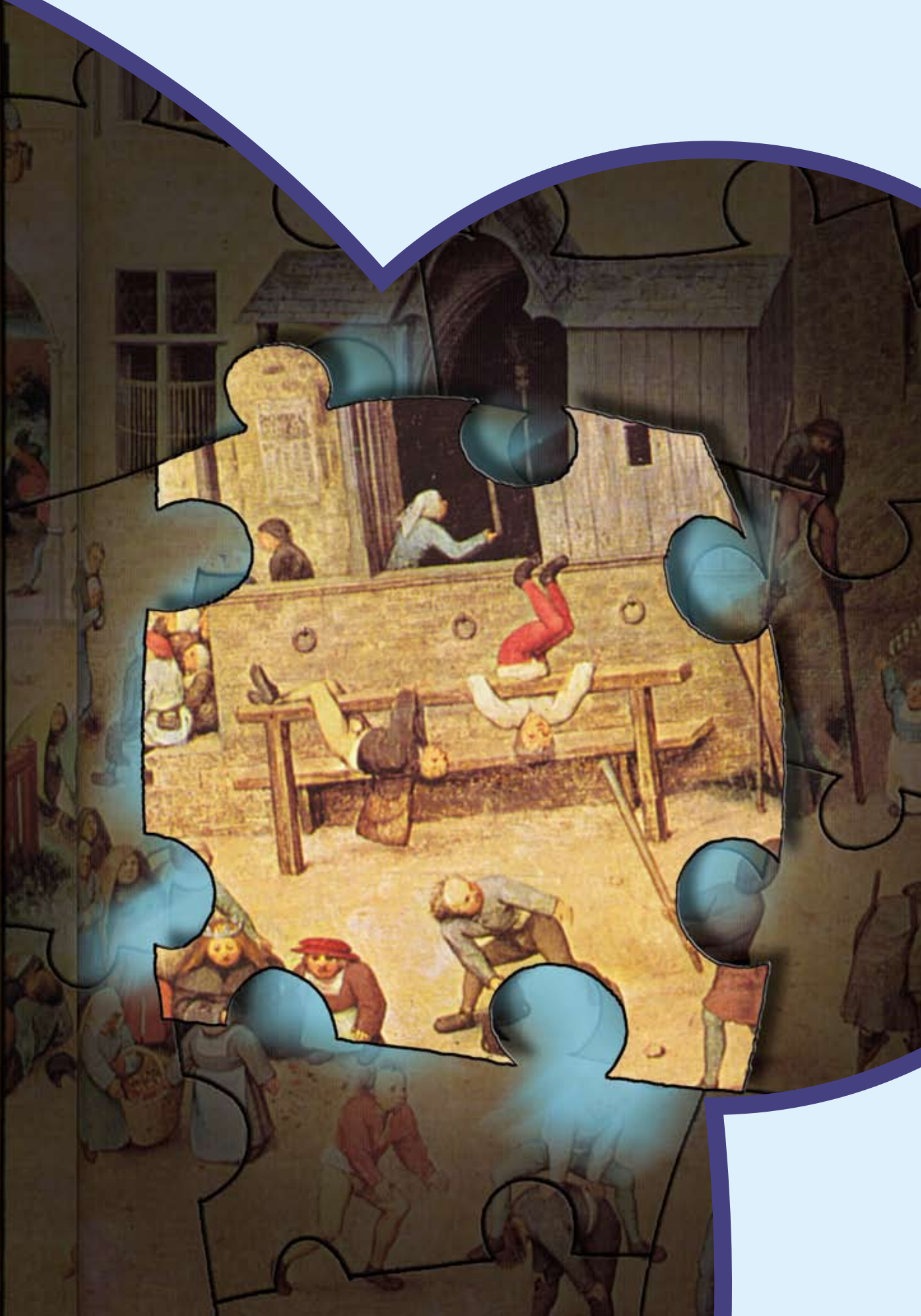
F
Í
S
I
C
A

da escola. Seria possível pensar formas de recriar determinadas modalidades, sob aspectos ligados à competição, cooperação, prazer em jogar, sem considerar a técnica como fator decisivo? Algumas das respostas para essa última questão você poderá encontrar no Folhas intitulado “Eu faço uso do esporte, ou sou usado pelo esporte?”.

Você já pensou como seria jogar com todos os colegas, sem excluir aqueles que não tiveram a mesma oportunidade de praticar uma modalidade? É realmente necessário jogar contra o seu colega? Não seria interessante que você jogasse com ele, respeitando as limitações e possibilidades de cada um?

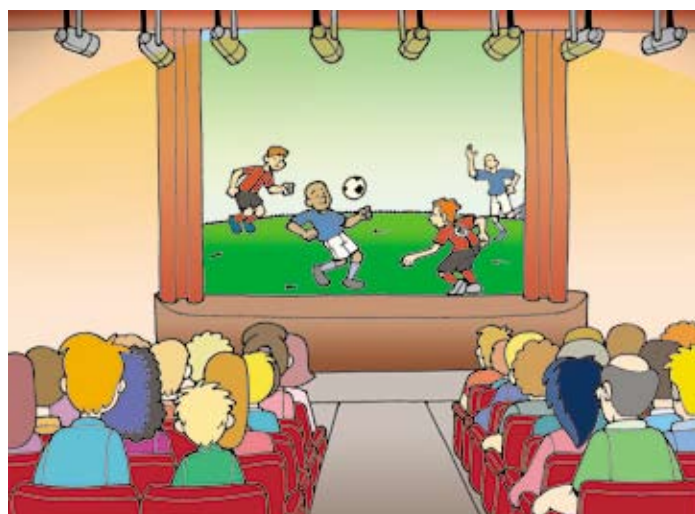
Todas essas alternativas compõem uma nova forma de pensar o esporte, que não descarta a idéia de competição, mas tem como fundamento o prazer, sem vinculação à lógica do individualismo egoísta e exacerbado, sem que você seja usado pelo esporte como forma de adequação às normas e regras sociais estabelecidas.

É com esse objetivo que o convidamos a mergulhar no mundo esportivo, jogando, tanto na teoria como na prática, o esporte da escola, aquele realizado para você, para suas necessidades, para que você se divirta juntamente com sua turma, recriando outras formas de praticar e discutir o esporte, sem a estereotipação de movimentos, tampouco ideologias tidas como verdadeiras.



O FUTEBOL PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS

■ Fabiano Antonio dos Santos¹, Rita de Cássia²



Procure imaginar a situação: você está sentado na platéia para assistir a uma apresentação em sua escola. Certamente não há a preocupação, de sua parte, sobre o que possa estar ocorrendo por trás das cortinas fechadas, prontas para serem abertas e revelarem as mais diversas possibilidades e sensações. Até porque você foi ao espetáculo na condição de espectador, e como tal, seu interesse estava nas sensações proporcionadas, sejam elas de satisfação, alegria, tristeza, indignação. E se o futebol fosse esta apresentação e você tivesse a oportunidade de olhar por trás das cortinas, o que lhe chamaria a atenção? O que enxergaria? Com certeza, coisas que o deixariam intrigado, curioso, ou até decepcionado.

¹Colégio Estadual Padre João Wilinski. Curitiba - PR

²Lindauro R. Lucas - São José dos Pinhais - PR

“Os jogadores atuam, com pernas, numa representação destinada a um público de milhares ou milhões de fervorosos que assistem, das arquibancadas ou de suas casas, com o coração nas mãos. Quem escreve a peça? O técnico? A obra zomba o autor. Seu desenrolar segue o rumo do humor e da habilidade dos atores e, no final depende da sorte, que sopra como vento para onde quiser. Por isso o desenlace é sempre um mistério, para os espectadores e também para os protagonistas, salvo nos casos de suborno ou de alguma outra fatalidade do destino. Quantos teatros existem no grande teatro do futebol? Quantos cenários cabem no retângulo de grama verde? Nem todos os jogadores atuam com as pernas. Há atores magistras.”

■ (Eduardo Galeano, *O teatro*, 2004).

O que poderemos descobrir se olharmos por trás da cortina de um espetáculo de futebol? O aluno cauteloso ao olhar diria: o futebol é um jogo, um esporte e não possui cortinas para olhar-se por trás. Outro aluno, mais audacioso, poderia ainda responder: eu sei o que acontece por trás, até porque, eu vivo no “país do futebol”, nasci com esta manifestação corporal impregnada em mim. E você, o que responderia?

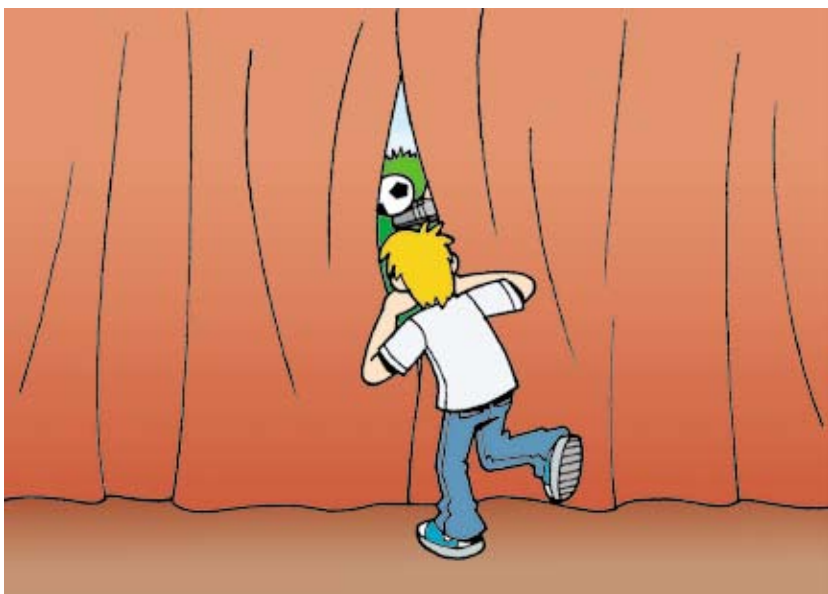
O futebol alcança importância gigantesca em nosso país, a ponto de se afirmar ser este o país do futebol. Por isso, você está convidado a espiar, através da cortina, e descobrir os ensaios e ajustes desta apresentação, bem como, aprofundar seus conhecimentos sobre o que pode vir a ser o futebol, para além das quatro linhas que circunscrevem o campo de jogo.

■ Fecharam-se as cortinas! Vamos “espiar”?

As sensações em assistir a um jogo de futebol são as mais variadas possíveis: raiva, apreensão, sofrimento, alegria. Tudo depende do de-

sencadeamento dos fatos ao longo da partida, depende do desempenho de seu time, depende da perspectiva com que se assiste a um jogo. Para alguns, a derrota de seu time é motivo de insatisfação, brigas, verdadeiras guerras. Outras pessoas, ao assistirem ao jogo do time do coração, saem felizes, respeitam os torcedores adversários, sentem satisfação independente do que possa vir acontecer ao longo da disputa.

Um jogo de futebol pode reservar lances mágicos, seguidos



de encantamento, próprios do futebol. Pelé, Garrincha, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho, todos jogadores espetaculares, que saíram da miséria, e talvez da criminalidade, para ganharem o mundo, com um futebol de encher nossos olhos, e conquistarem milhões de fãs pelos clubes que passaram.

“Há um jogo que se passa no campo, jogado pelos jogadores como atividade profissional e esportiva. Há um outro jogo que se passa na vida real, jogado pela população brasileira, na sua constante busca de mudança para seu destino. E um terceiro jogo jogado no “outro mundo”, onde entidades são chamadas para influenciar no evento e, assim fazendo, promover transformações nas diferentes posições sociais envolvidas no evento esportivo. Tudo isso revela como uma dada instituição, no caso o Football Association, inventado pelos ingleses, pode ser diferencialmente apropriada.” (DAMATTA 1982, p.107).

Bem, mas você deve estar cansado de saber que existem brigas, que o futebol é um espetáculo muito raro aos nossos olhos, que existem jogadores muito bem pagos e que saíram da mais completa miséria.

O que pretendemos aqui é fazê-lo pensar um pouco sobre tudo que acabamos de falar, de uma forma diferente daquela que está acostumado a ver e a ouvir. Convidamos você a assistir ao espetáculo do futebol atrás das cortinas, a espiar algumas supostas verdades e a desconstruir muitas outras, oportunizando uma viagem aos camarotes do mundo da bola.

Iniciamos apresentando um pouco do que alguns estudiosos têm escrito e pensado sobre este esporte, jogo, espetáculo; para discutirmos onde se passa o jogo – na vida ou no campo – e como nos são retransmitidas estas disputas.

■ Futebol, ópio do povo: A ideologia das massas

“Esporte é Saúde”, “Esporte é Energia”, “Esporte é Integração Nacional”. Tudo verdade e tudo mentira. (...) Claro que o esporte ajuda a integração nacional, mas a atenção demasiada aos pés do jogador e do couro da vaca dá desintegração nacional, pois o homem se aposenta de ser consciente e livre (...).” (NADAL, 1978).

O autor da citação acima está falando de que tipo de consciência? Será que da consciência social, aquela que diferencia o homem de um animal? O que significa ter consciência? Como é formada nossa consciência?

É a partir desta última pergunta que iniciaremos nossa discussão sobre o futebol como ópio do povo. Ópio é um analgésico muito potente, e faz nosso cérebro funcionar mais devagar. Disto é possível supor o porquê da expressão que relaciona o futebol a uma espécie de contaminação da consciência crítica do ser humano.

A consciência é formada a partir de inúmeras questões de ordem política, econômica e ideológica, que assumem importância em deter-

minados períodos históricos na conformação ou efervescência da população. A ideologia, conceito do qual tanto ouvimos falar, tem, na maioria das vezes, seu real significado pouco discutido. Você já deve ter ouvido falar que cada um tem uma ideologia, ou que devemos ter nossas próprias ideologias. Será que ideologia é, então, a mesma coisa que ideais a serem alcançados por cada um de nós?

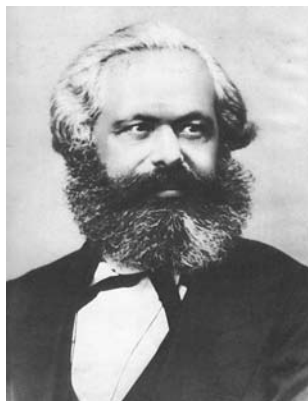
Karl Marx (1818-1883), importante pensador na história da humanidade, conceituou ideologia a partir da dinâmica da luta de classes. Ou seja, para ele, a ideologia está colocada na luta entre aqueles que dominam e aqueles que são dominados. Veja um trecho que Marx escreveu sobre ideologia:

“Com efeito, cada nova classe que toma o lugar da que dominava antes dela é obrigada, para alcançar os fins a que se propõe, a apresentar seus interesses como sendo o interesse comum de todos os membros da sociedade, isto é, para expressar isso mesmo em termos ideais: é obrigada a emprestar às suas idéias a forma de universalidade, a apresentá-las como sendo as únicas racionais, as únicas universalmente válidas”. (MARX, 1987, p.74)

Assim, os dominantes apresentam suas idéias como únicas válidas e verdadeiras e perseguem, excluem ou exterminam aqueles que as contestam. A ditadura militar vivida pelo Brasil, entre os anos 60 e 80 do século XX, é um bom exemplo disso. Você já ouviu falar das torturas aplicadas àqueles que não “seguiram a ordem” estabelecida, ou contestavam o governo? Do exílio de autoridades e pessoas comuns que fugiam do país para não serem mortas, permitindo que o governo autoritário mantivesse a sua “ordem”? Enfim, nossa história está repleta de acontecimentos em que a ideologia das classes dominantes era imposta como doutrina, impossível de ser contestada.

Mas como a ideologia pode ser transmitida à população? Por meio de vários canais, tais como: a mídia televisiva, os jornais, revistas, discursos, ou até mesmo as leis de censura próprias dos governos autoritários, como foi o caso do Brasil no período do regime militar.

Os defensores do futebol, como ópio do povo, entendiam este esporte como uma das possibilidades de veiculação ideológica do pensamento da classe dominante.



■ Karl Marx (1818-1883).

Artista: Luiz Ventura

Título painel: Futebol

Técnica: pintura com tinta acrílica sobre lona preparada, montada em chassis

Dimensões: 1.82x4.22m

Data: 2000



Na década de 70, para neutralizar a oposição ao regime, o governo fez uso de vários instrumentos de coerção. Da censura aos meios de comunicação, às manifestações artísticas, às prisões, torturas, assassinatos, cassação de mandatos, banimento do país e aposentadorias forçadas, espalhou-se o medo e a violência. Os setores organizados da sociedade passaram a viver sob um clima de terrorismo, principalmente após o fechamento do Congresso Nacional, em 1966.

Para amenizar essas crises, o governo do presidente Médici (1969-1974) lançou mão do futebol como possibilidade de desviar a atenção da população dos conflitos políticos da época. O objetivo era que, ao invés das pessoas saírem às ruas para participar de manifestações políticas, ficariam em suas casas torcendo pela seleção brasileira numa “corrente pra frente”, como diz a música de Miguel Gustavo, “Pra frente Brasil”. O governo militar utilizou-se da vitória da seleção, no mundial de 1970, para desviar a atenção da crise econômica, dos problemas sociais e políticos e, principalmente, das atitudes autoritárias relacionadas às torturas, perseguições e mortes, freqüentes naquele período triste de nossa história.

Mais recentemente, em 2004, a visita do futebol brasileiro ao Haiti foi o evento que voltou a vincular, ostensivamente, o futebol à função de “ópio do povo”. Muito se falou na mídia a respeito desta visita. Você se lembra das notícias que circularam nesta época?

Procurando realizar nosso exercício, aquele de “espiar” o que estaria escondido atrás das cortinas deste episódio, acompanhamos uma reportagem apresentada ao jornal Folha de São Paulo, realizada em função da visita da seleção brasileira ao Haiti.



Futebol não afasta pavor do Haiti

Escrito por Marcos Guterman

Ronaldo não é Henri Cristophe, mas teve seus momentos de rei do Haiti. Em “O Dia em que o Brasil Esteve Aqui”, o craque aparece em uma dimensão impressionante mesmo para um espectador brasileiro, orgulhoso de seu “país do futebol”. Mas o filme, feito para registrar os efeitos da histórica passagem da seleção de futebol do Brasil pelo Haiti, em agosto de 2004, na verdade pode ser visto como um incômodo lembrete de como o país antilhano continua a ser um espectro a rondar o horizonte brasileiro.

Há pouco mais de 200 anos, o Haiti tornava-se a primeira nação negra independente das Américas. A revolução, cuja violência deixou marcas históricas, sacudiu o imaginário da elite brasileira da época,

temerosa que o 1,5 milhão de escravos do país se inspirasse nos haitianos. “Haitianismo” virou nome de crime e pesadelo no Brasil. Os dois séculos de lá até aqui não parecem ter mudado essencialmente essa relação.

No documentário, a seleção brasileira aparece como representante do que há de mais significativo da cultura nacional, coisa capaz de enlouquecer os países por onde passa, sobretudo os mais pobres. Na véspera do amistoso contra o Haiti, soldados brasileiros distribuíram nas ruas camisetas amarelas, disputadas como se fossem sacos de comida. Um jornalista haitiano sugere que esse é o autêntico “soft power”, isto é, o poder de conquistar corações e mentes por meios persuasivos.

Mas os astros dessa poderosa trupe são endinheirados exilados na fria Europa, e seu traço negro é só uma pálida lembrança dos 400 anos de escravidão no Brasil. Em cima de carros blindados da ONU, desfilaram pelas ruas de Porto Príncipe como imperadores em meio a uma inacreditável multidão de miseráveis súditos que se empilharam para ter o privilégio de ver seus deuses por uma fração de segundo, se tanto.

A seleção, símbolo de um Brasil cuja identidade foi construída no passado recente em cima da lenda da democracia racial, manteve um prudente distanciamento dessa massa negra informe. Sob forte proteção, o time chegou, entrou em campo, goleou e foi embora, sem maior envolvimento, o que causou uma mal disfarçada frustração entre os haitianos.

O comando militar brasileiro alegou que a visita da seleção foi rápida para evitar tumultos que poderiam converter-se em violência. Mas, no limite, talvez tenha sido medo de contaminação, o velho pavor da elite brasileira.

Ao final do documentário, o que se impõe não é a força do futebol nem o acerto da iniciativa brasileira, e sim uma incômoda pergunta: quanto falta para sermos o Haiti?

Nota: O documentário que trata a matéria é dirigido por Caíto Ortiz e João Dornelas, e denomina-se “O Dia em que o Brasil Esteve Aqui”.

■ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u54863.shtml> 03/11/2005 - 09h48

Tanto em 1970 como em 2004, o futebol funcionou como válvula de escape para os problemas sociais, ora para o povo brasileiro, de maneira direta; ora indiretamente para o povo haitiano. O interesse do governo Médici e do governo haitiano, nestes dois eventos, foi distrair a população, “aliviar” conseqüências da instabilidade política do país em questão com o uso do papel simbólico que o futebol assumiu historicamente.

■ Futebol: a formação da identidade nacional

A nossa discussão a respeito do futebol apresentará, também, o pensamento de outro autor, para quem esse esporte é manifestação da cultura do povo e constituidor da identidade da nação brasileira.

Você deve pensar: como um esporte, ou jogo, pode se constituir num objeto que identifica uma nação? Identidade estranha quando se pensa em um esporte que veio de fora do país e hoje anunciamos aos quatro cantos, como se fosse nossa invenção.

Segundo o antropólogo Roberto DaMatta,

“... sabemos que o futebol brasileiro se distingue do europeu pela sua improvisação e individualidade dos jogadores que têm, caracteristicamente, um alto controle da bola. Deste modo, o futebol é, na sociedade brasileira, uma fonte de individualização e possibilidades de expressão individual, muito mais do que um instrumento de coletivização ao nível pessoal ou das massas. Realmente, é pelo futebol praticado nas grandes cidades brasileiras, em clubes que nada têm de recipientes de ideologias sociais, que o povo brasileiro pode se sentir individualizado e personalizado. Do mesmo modo, e pela mesma lógica, é dentro de um time de futebol que um membro dessa massa anônima e desconhecida pode tornar-se uma estrela e assim ganhar o centro das atenções como pessoa, como uma personalidade singular, insubstituível e capaz de despertar atenções.” (DAMATTA, 1982, p. 27).

É necessário pensar o futebol como algo ainda mais complexo e poderoso do que um instrumento de ideologia das massas e do mercado. Propomos pensá-lo como possibilidade de desenvolver formas solidárias e cooperativas de organização da sociedade. Neste sentido, o futebol seria um esporte, uma prática corporal capaz de fazer refletir sobre diferentes maneiras de organização política e social.

Nesta perspectiva, o futebol organizado nas ruas, pelas comunidades locais, pode se tornar a vitrine de nossa identidade nacional. Esses times que se constituem nas relações sociais democráticas e solidárias, que objetivam a diversão e a integração da comunidade, surgem como exemplos de possíveis organizações políticas alternativas.

O futebol de várzea, de pelada, aquele que você organiza na sua comunidade, na sua rua, cumpre um papel importante na caminhada rumo à superação de dificuldades e, principalmente, da personalização singular do brasileiro como povo característico e criador de uma cultura própria.



■ CÂNDIDO PORTINARI. *Futebol*, 1935. Óleo sobre tela, 97 x 130 cm. Coleção particular.

Quando nos colocamos como atores deste espetáculo, muitos problemas podem surgir, principalmente, se você analisar qual o grande público que participa dos jogos organizados nas ruas. Os homens ainda representam a maioria dos praticantes de futebol, embora isso venha mudando com uma frequência cada vez maior. As mulheres têm conquistado seus espaços, o que pode demonstrar o que dissemos anteriormente, sobre a importância do futebol na discussão de problemas sociais. Nunca é demais lembrá-lo que o futebol deve ser praticado por toda a turma, e isso inclui todos e todas, meninos e meninas, sem distinção.

Vamos tentar organizar algumas atividades que propiciem a vivência do futebol praticado na rua, no qual você é o protagonista e, assim sendo, responsável por discutir e solucionar os problemas que possam surgir.



DEBATE

1. Elabore com a turma um júri simulado. Dividam-se em duas equipes, elejam 5 pessoas que compo- rão o júri. Cada uma das equipes fará a defesa das duas visões apresentadas anteriormente sobre o futebol, isto é, ópio e identidade nacional. É importante que o júri não julgue quem será o vence- dor, mas sim, quais foram os melhores argumentos de uma equipe, bem como da outra.



PESQUISA

2. Na comunidade escolar, juntamente com seus colegas, procure organizar um campeonato de fu- tebol com as perspectivas apresentadas no item sobre a identidade nacional. Faça um trabalho de pesquisa para organizar este campeonato. Verifique: como pode ser uma competição neste mol- des? Quais os valores que são transmitidos?



ATIVIDADE

3. Organize jogos com times masculinos e times femininos, e posteriormente jogos com equipes mis- tas, para que as problemáticas sejam visualizadas e, principalmente, as diferenças possam ser res- peitadas. Nesta organização, convoque seus colegas para que possam participar juntos deste jogo.

■ Futebol: “Um negócio da China”

Agora que você conhece um pouco mais sobre as possibilidades de compreensão do futebol, vamos problematizar algumas questões, prin-

principalmente no que se refere à importância desta prática corporal, no cenário social e esportivo, bem como no desenvolvimento dos negócios de maneira em geral.

O cenário esportivo e dos negócios andam juntos, constituem o cenário nacional? Acompanhe-nos em mais esta “espiadinha”!

O futebol, tanto como prática de lazer quanto prática esportiva de alto rendimento, tem sofrido um processo de mercadorização em nossa sociedade.

A venda dos direitos de imagem dos jogadores ou o uso e venda das marcas de patrocinadores, bem como a venda dos direitos de transmissões de jogos pela TV e, até mesmo, a venda de jogadores em altas transações formam um complexo e rendoso mercado (AZEVEDO e REBELO, 2001).

Você sabe o que significa mercado? Deve ter ouvido, em telejornais, expressões como: “o mercado está nervoso”, ou ainda, “o mercado de ações caiu”. A palavra mercadoria é derivada de mercado. O que ela significa? Se, vivemos numa sociedade produtora de mercadoria, o que o futebol tem a ver com essas terminologias?



■ Vivemos numa sociedade que visa o lucro

Digamos que você está em um passeio e, porventura, lhe dá fome, você vai até sua mala e percebe que esqueceu o lanche que havia preparado para comer. Mas não pode esperar até chegar em casa, pois está faminto e sai à procura de algum lugar que tenha algo para satisfazer sua fome. Chegando neste local, escolhe o alimento que deseja e se dirige ao caixa. Neste momento, é preciso pagar pela mercadoria que irá consumir. Mesmo que você não tenha esquecido o lanche que havia preparado, a procedência do mesmo pode ser da vendinha perto de sua casa e, portanto, também foi comprado. Ainda em nosso exercício de imaginação, agora você quer comprar uma bola, um rádio, ou algo que o agrade, que o distraia em momentos de lazer.

Pois bem, aqui gostaríamos de dialogar com você sobre nossa sociedade, a sociedade capitalista, e como as mercadorias assumem papel central na produção de toda a riqueza existente. No futebol não é diferente. Como esporte espetáculo, suas mercadorias são vendidas aos torcedores e, entre elas, o jogador é uma mercadoria que pode estar à venda por um determinado preço.

A riqueza de nossa sociedade baseia-se na acumulação de capital e dos lucros obtidos pela venda das mercadorias – feitas pelas mãos dos trabalhadores.

A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia. (MARX, 2001, p. 57).

Estas mercadorias são criadas para suprirem as necessidades humanas, sejam necessidades básicas ou necessidades criadas culturalmente.

A mercadoria possui dois valores: o de uso e o de troca. O valor de uso diz respeito a sua utilidade, ou seja, a partir da necessidade é que se produz determinada mercadoria. Digamos que você necessita de roupa, então o produto “roupa” é criado para atender a sua necessidade, para que não passe frio em dias gelados, para que possa vestir roupas leves em dias quentes. O valor de troca da mercadoria serve para cumprir a necessidade da sociedade capitalista de acumular riqueza, aumentando o poço das desigualdades sociais entre ricos e pobres, grandes e pequenos consumidores. Essas desigualdades assolam, inclusive, o meio futebolístico.

Assim como na sociedade, no futebol as desigualdades são enormes. Há jogadores cujo salário é superior a 5 milhões de reais por mês, como é o caso de Ronaldinho Gaúcho, enquanto outros ganham o salário mínimo em pequenos times sem nenhuma expressão, nem mesmo local ou regional.

Os miseráveis do futebol também engordam as estatísticas do mundo da bola, as desigualdades e a injustiça são generalizadas, tanto no futebol, quanto na sociedade.

Em reportagem que retrata estas desigualdades sociais no mundo do futebol, bem como o processo transformação do futebol em mercadoria, o jornal Folha de São Paulo publicou uma matéria em 29 de fevereiro de 2000. Leia atentamente:

Com tanta riqueza por aí cadê sua fração?

Escrito por Sérgio Rangel

Com tanta riqueza por aí, cadê sua fração?

Enquanto a parcela que ganha até dois salários mínimos cresce, o grupo composto pelos milionários do esporte vem diminuindo a cada temporada

Ao mesmo tempo em que o futebol brasileiro recebe investimentos nunca antes vistos, com os principais clubes firmando parcerias com multinacionais milionárias, os jogadores do país estão cada vez mais pobres.

Segundo documentos oficiais do Departamento de Registro e Transferência da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) obtidos pela Folha, os “boleiros ricos” integram uma parcela cada vez menor no futebol brasileiro.

De acordo com o levantamento, apenas 3,7% dos jogadores profissionais relacionados na entidade receberam mais de 20 salários mínimos no ano passado. Ou seja, 765 dos 20.496 jogadores registrados na CBF ganharam mais de R\$ 2.720 mensais em 1999.

Em 1998, a porcentagem de jogadores que integravam a elite do futebol nacional era de 4,3 %.

Analisando as estatísticas dos últimos quatro anos, descobre-se que, enquanto o grupo que ganha até dois salários mínimos mostra uma tendência de crescimento, a parcela daqueles que recebem de duas a mais de 20 vezes esse valor apresenta inclinação contrária.

Em 1996, 81% dos profissionais do país recebiam até dois salários mínimos, número que pulou para 84,8% no ano passado (crescimento de 4,7%).

Ocorre que a categoria dos miseráveis do futebol nacional foi engordada em 20% por atletas que, em 1996, estavam no grupo dos que ganhavam mais de dois salários mínimos (naquele ano, eles eram 19%, ao passo que hoje representam 14,7%).

O fenômeno contrasta com a injeção de dinheiro observada recentemente no futebol do país, especialmente no ano passado.

Em 1999, o Flamengo firmou contrato com a ISL pelo qual receberá cerca de R\$ 145 milhões em 15 anos (a maior parte para o futebol), enquanto o Corinthians fechou acordo com o HMTF recebendo aproximadamente R\$ 55 milhões por dez anos.

Cruzeiro, Grêmio, Santos e Atlético-MG também acertaram recentemente parcerias milionárias com multinacionais.

A CBF fechou, em 1996, contrato com a Nike para receber US\$ 160 milhões (cerca de R\$ 285 milhões) em dez anos.

O levantamento da pirâmide salarial do futebol brasileiro é feito anualmente pela CBF, com base na palavra dos clubes. Todos os contratos são registrados, obrigatoriamente, na entidade.

Mas a estatística tem distorções provocadas por clubes que não declaram o valor verdadeiro dos vencimentos. Muitos dirigentes obrigam os jogadores a assinar contratos no valor de um salário mínimo, mas pagam por fora até R\$ 1.000 – o conhecido “caixa dois” (contabilidade paralela para recolher menos imposto).

Mas como isso também ocorria em anos anteriores, os dados da CBF evidenciam o empobrecimento dos jogadores e voltam a exibir o enorme fosso que separa a minoria rica da maioria pobre.



PESQUISA

1. Talvez você esteja pensando: “Mas esta reportagem já está defasada, antiga, hoje muitas coisas devem ter mudado!”. Para tirar suas dúvidas, organize com mais dois colegas uma pesquisa, buscando informações, em jornais, revistas e Internet, de como está configurada, hoje, a distribuição salarial dos jogadores.



DEBATE

2. Organize um debate junto à turma, procurando aproximar os dados encontrados na pesquisa anterior com a realidade salarial, em geral, no nosso país. Elabore, ainda, um quadro comparativo entre os percentuais encontrados, organizando os maiores e menores salários, e monte um painel de apresentação.

■ Futebol brasileiro: Celeiro de craques, ou mão-de-obra barata?

Ao sul do mundo, este é o itinerário do jogador com boas pernas e boa sorte: de seu povoado passa para uma cidade do interior; da cidade do interior passa a um time pequeno da capital do país; na capital, o time pequeno não tem outra solução senão vendê-lo a um time grande; o time grande, asfixiado pelas dívidas, vende-o a um outro time maior de um país maior; e finalmente o jogador coroa sua carreira na Europa. Nessa corrente, os clubes, os donos do passe e os intermediários ficam com a parte do leão. E cada elo confirma e perpetua a desigualdade entre as partes, do desamparo dos times de bairro nos países pobres até a onipotência das sociedades anônimas que administram na Europa o negócio do futebol em nível mais alto. (GALEANO, 2004, p. 20).

Curiosidade

O jogador Kaká firmou contratos milionários vinculando sua imagem a produtos de diversas naturezas.

- 1) TRAFFIC – A empresa de marketing esportivo será responsável pelo gerenciamento da imagem, cada vez mais valorosa, do jogador Kaká. Controlará desde contratos de patrocínio e propaganda até a administração do website do jogador. CONTRATO POR TEMPO INDETERMINADO.
- 2) ADIDAS – É obrigado a jogar com a chuteira da marca e, quando aparece em programa de tv vestindo traje esporte, este tem que ser Adidas. CONTRATO ATÉ 2006.
- 3) GIORGIO ARMANI – Em evento social que exige terno, Kaká é obrigado a vestir Giorgio Armani. ESTE CONTRATO DUROU ATÉ 2004.
- 4) AMBEV – A empresa de bebidas tem o direito de usar a imagem de Kaká em comerciais de tv, mas só para guaraná Antártica. CONTRATO ATÉ 2006.

Folha de São Paulo 04/02/2003

Quem nunca viu seu time vender aquele jogador que era destaque? Quem nunca ficou enfurecido por esta venda acontecer bem no meio do campeonato?

O jogador é um trabalhador como outro qualquer e, como tal, vende sua força de trabalho em troca de salário. O clube, como um ótimo capitalista, vê nesta mercadoria a oportunidade de obter lucro com a possível venda para outra equipe. Assim, está armada a cena para mais uma “espiada”, a venda de jogadores, (mercadoria) que atuam no Brasil, para clubes internacionais.

O jogador, tratado como mercadoria por seu clube, vê, nesta transferência, a oportunidade de “mudar sua vida”, ganhar um ótimo salário e visibilidade mundial.

O preço destes jogadores-mercadorias brasileiros é baixo em relação aos do mercado europeu, por uma série de fatores. Um deles é, sem dúvida, a péssima administração que cerca o esporte. O outro é a dificuldade financeira atravessada pelos clubes brasileiros. A crise econômica, que assolou o Brasil, causa impacto, também, nas possibilidades econômicas dos clubes. Estes não têm muitas escolhas, a não ser vender seu jogador a preços estipulados pelos clubes interessados.

Outro provável motivo, que pode ser atribuído ao barateamento dos jogadores transferidos ao mercado internacional, diz respeito ao valor agregado à suposta profissionalização internacional.

Um exemplo pode ser a transferência do jogador Kaká, atuando na época pelo São Paulo Futebol Clube, para o clube italiano Milan. Ao transferir-se para a Itália, Kaká tratou logo de “ajustar” sua imagem, e vendê-la junto com seu produto. O futebol europeu, através das grandes parcerias entre empresas interessadas em mostrar sua marca no cenário mundial, tem como forma de trabalho a vinculação de seus jogadores à imagem de uma profissionalização que rende aos clubes milhões de dólares, e agrega ao valor do jogador quantias bem maiores que as pagas na compra de um jogador daqui do Brasil.

Nossos clubes não conseguem manter contratos milionários com as empresas mais ricas do mundo por um motivo muito claro, nossa população é pobre, temos milhões de problemas financeiros e, principalmente, ninguém confiaria neste mercado, levando em conta o jogo capitalista. As relações de mercado têm forçado os clubes brasileiros a se enquadrarem na lógica competitiva, da venda de mercadorias, assim como as demais estruturas da sociedade. Ficamos nós, torcedores (espectadores), “a ver navios”, com as mãos atadas pelo chamado mundo da bola, cada vez mais profissionalizado.

Finalizada nossa caminhada pelos bastidores do futebol, muitas questões ainda ficaram para “espiarmos”. Questões que não caberiam neste texto, ficando como tarefa a serem pensadas, posteriormente relacionando-as com as características da região onde você mora e, melhor que ninguém, saberá discuti-las e problematizá-las “dentro” e “fora” das quatro linhas.



ATIVIDADE

1. Vamos vivenciar o que vimos até agora? Organize equipes com 8 pessoas: 5 serão jogadores, 1 será o presidente (a função do presidente é resolver a compra e venda de um jogador dependendo do dinheiro que tiver em caixa), 1 será olheiro (sua função é observar outros jogadores), e o outro o técnico (a função do técnico é dirigir o time nas partidas).

O objetivo com esta atividade é que possamos vivenciar como são processadas as vendas e trocas de jogadores, no mercado da bola profissional. Para tanto, você deverá instituir uma moeda corrente para a transação.

Após um sorteio, cada equipe receberá quantias diferenciadas de dinheiro: uma equipe será a mais rica, enquanto haverá uma equipe com menos dinheiro, e outras intermediárias. O processo de escolha das equipes será por sorteio, já o preço de cada jogador e jogadora será estipulado por convenção de toda a turma.

Atenção: esta atividade trará para a aula algumas discussões importantes, principalmente quando começar a compra dos jogadores, já que poderão ocorrer exclusões. É importante que discutamos se isso deve ocorrer em sua aula de Educação Física, assim como ocorre no mundo profissional.

Discuta com a turma quantos “Ronaldos” nós temos? Ou Robinhos? Será que a aula de Educação Física não deve ser espaço para a diversificação, oportunidade de todos e todas jogarem, praticarem as manifestações da cultura corporal?

Dica: a venda ou troca de jogadores pode ocorrer ao final de cada aula, ou como a turma achar conveniente.

■ Referências Bibliográficas:

AZEVEDO, C.; REBELO, A. A corrupção no futebol brasileiro. In: **Revista Motrivivência**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.

LUCENA, R.; PRONI, M. (orgs.). Da Matta: o futebol como drama e mitologia. In: **Esporte e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política**. 18. ed. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

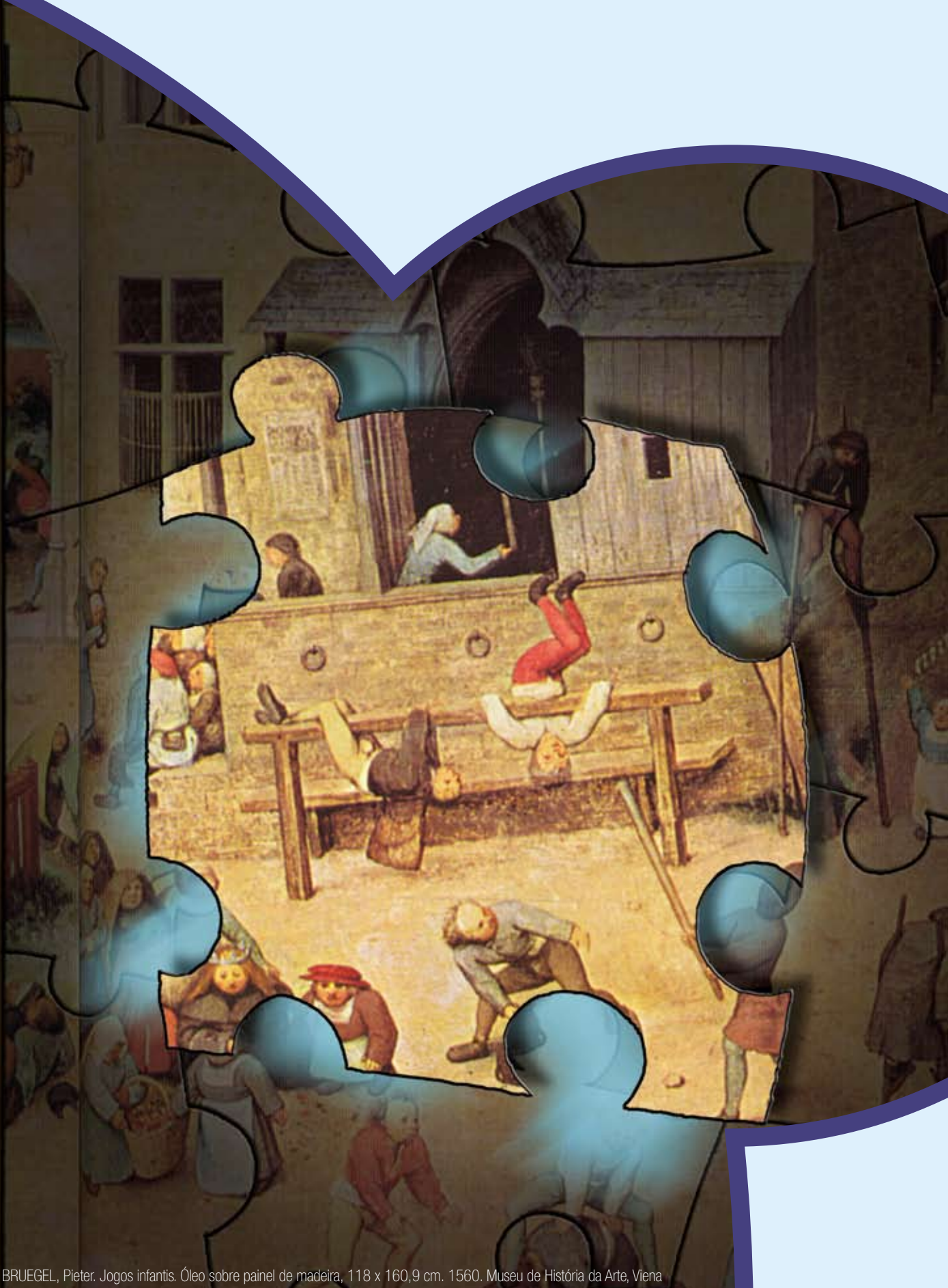
MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 6. ed. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitech, 1987.

NADAL, T. de. Futebol alienação das massas. In: **Revista mundo jovem**, Porto Alegre, ano 16, no 107, março de 1978.

■ Documentos consultados *ONLINE*

GUTERMAN, M. **Futebol não afasta pavor do Haiti**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u54863.shtml>> Acesso em: 03 nov. 2005.

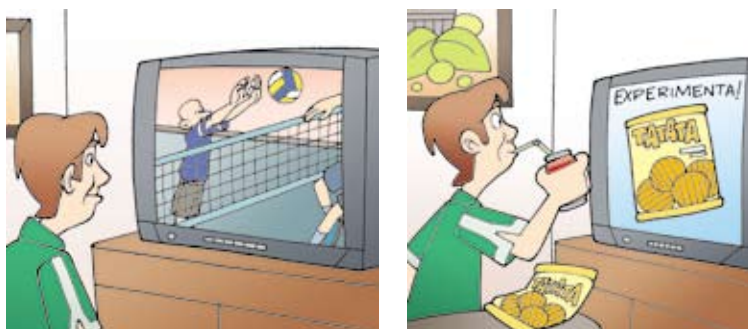
RANGEL, S. **Com tanta riqueza por aí, cadê sua fração?** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2902200001.htm>> Acesso em: 04 nov. 2005.



BRUEGEL, Pieter. Jogos infantis. Óleo sobre painel de madeira, 118 x 160,9 cm. 1560. Museu de História da Arte, Viena

A RELAÇÃO ENTRE A TELEVISÃO E O VOLEIBOL NO ESTABELECIMENTO DE SUAS REGRAS

■ Fabiano Antonio dos Santos¹, Neusa Maria Domingues²



O que antes era inimaginável, atualmente tornou-se realidade. Conversar com pessoas do outro lado do mundo, ir ao espaço, ou até mesmo voar são conquistas humanas que necessitaram de um grande acúmulo de conhecimentos adquiridos ao longo da história.

Quais seriam estas conquistas? Você poderia localizá-las na história? Quais destas conquistas tornaram-se amplamente divulgadas, e quais permaneceram inacessíveis à população em geral? De que forma este acúmulo de conhecimento contribui para o desenvolvimento da humanidade? E, em que ela atravancou o desenvolvimento social do ser humano? Onde a televisão entra neste processo de inovações? Em que ela auxilia e influencia a conduta cultural humana em suas práticas, especificamente, na do voleibol?

¹Colégio Estadual Padre João Wilinski. Curitiba - PR

²Colégio Estadual Soldado Constantino Marochi - Santa Cruz de Monte Castelo - PR

A **Guerra Fria** foi a designação atribuída ao conflito político-ideológico entre os Estados Unidos (EUA), defensores do capitalismo, e a União Soviética (URSS), defensora do socialismo, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991).

É chamada “fria” porque não houve qualquer combate físico, embora o mundo todo temesse a vinda de um novo conflito mundial por se tratar de duas superpotências com grande arsenal de armas nucleares. Norte-americanos e soviéticos travaram uma luta ideológica, política e econômica durante esse período. Se um governo socialista fosse implantado em algum país do Terceiro Mundo, o governo norte-americano via aí logo uma ameaça aos seus interesses; se um movimento popular combatesse um governo alinhado aos EUA, logo receberia apoio soviético. (Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Fria>. Acesso em: 12 nov. 2007)



O “boom” tecnológico

Não poderíamos deixar de comentar a importância que a tecnologia apresentou para as melhorias das condições de vida no último século. Hobsbawm (1995) traz uma importante visão das transformações tecnológicas provindas do avanço da sociedade capitalista. Podemos enumerar algumas das vantagens que a tecnologia oferece para nós, que vivemos no século XXI: facilidade na comunicação, possibilidade de dar a volta ao mundo em poucas horas, viver em conexão direta com o mundo, recebendo informações instantâneas, enfim, seriam inúmeras as questões que poderíamos citar aqui como vantagens para nossas vidas atualmente.

O autor citado continua alertando para o avanço da tecnologia, principalmente a partir da primeira metade do século XX.

“O mundo estava repleto de uma tecnologia revolucionária em avanço constante, baseada em triunfos da ciência natural previsíveis em 1914, mas que na época mal haviam começado e cuja conseqüência política mais impressionante talvez fosse a revolução nos transportes e nas comunicações, que praticamente anulou o tempo e a distância.” (HOBSBAWM, 1995, p. 22)

A “Era de Ouro” constitui um período que, segundo Hobsbawm, significou um avanço ligado ao atraso. Isso mesmo, duas coisas juntas, porém com intensidade e intenções diferenciadas. Logo após a Segunda Guerra Mundial (1945), os Estados Unidos atravessavam um momento fantástico em sua economia, tudo graças ao triunfo na guerra. Por outro lado, países europeus, muito arrasados, ou em franca decadência, tentavam se reerguer, principalmente, para se equiparar à economia norte americana. Configurou-se uma disputa intensificada nos dois anos seguintes, ao fim da 2ª Guerra Mundial, que apresentava duas potências confrontando-se em diferentes projetos de sociedade, antagônicos em suas finalidades sociais e políticas: Estados Unidos X União Soviética.

Os Estados Unidos tentavam conter o avanço econômico, militar e territorial do regime comunista adotado pela União Soviética e países de sua área de influência. O período compreendido entre 1945 e 1947 serviu como preparação para a Guerra Fria, ou seja, movimentos políticos e militares e produção de tecnologia de guerra foram utilizados para a contenção da expansão das áreas de influências de cada superpotência.

Uma questão importante, e que nos diz respeito mais especificamente, refere-se às formas de “competição” estabelecidas entre as duas superpotências, e seus respectivos aliados. O esporte foi uma destas formas, figurando num importante elemento de disputa, na tentati-

va de superação de um país sobre o outro, principalmente nos jogos olímpicos.

A constante batalha, entre os países capitalistas e os chamados comunistas, durou décadas, mas apesar de todas as conseqüências econômicas, sociais e políticas da Guerra Fria, algumas inovações tecnológicas ocorreram e foram aprimoradas.

Com o fim da Guerra Fria e a expansão territorial do mundo capitalista, o comércio reativou atividades e tornou-se um fator decisivo na distribuição e divulgação dos novos bens de consumo.

PARA VOCÊ PENSAR

Se refletirmos sobre a tecnologia e suas possibilidades para o desenvolvimento da humanidade, você poderá verificar a existência de graves contradições, inerentes ao modelo de produção capitalista. Um exemplo desta contradição pode ser buscado na produção dos alimentos. Hoje, o homem produz para quase o dobro da população do globo terrestre, no entanto, o número de miseráveis cresce ainda mais, justamente com a fome. Identificar as causas destas contradições significa analisar, além da tecnologia, qual sua utilidade e objetivos.

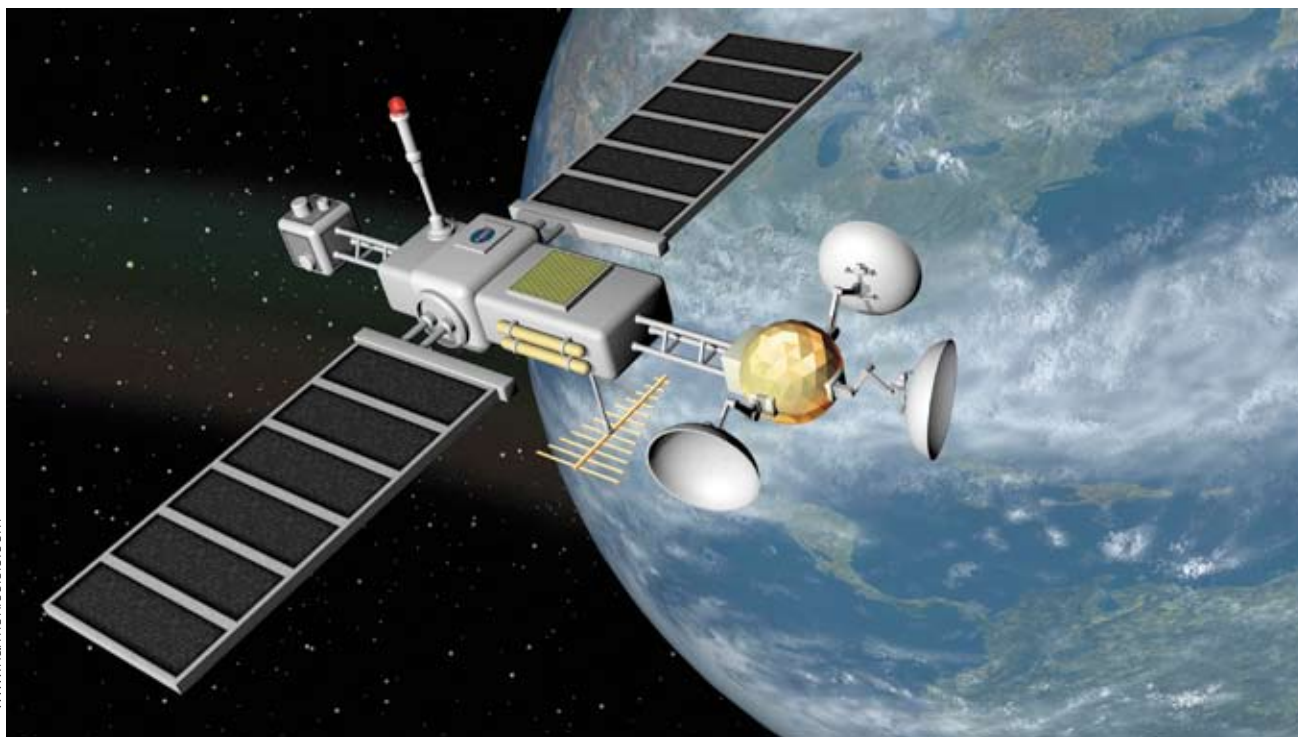
Como você já deve estar imaginando, em meio a todas essas inovações tecnológicas provenientes do período de disputas políticas e econômicas, os meios de comunicação tiveram papel decisivo, principalmente por cumprir a função de intermediários na divulgação de novos produtos, e na criação da idéia de consumo. Para que você tenha uma idéia da grandeza do boom tecnológico, veja o Folhas “Nós da rede”, no Livro Didático Público de Geografia.

■ Como as imagens de uma partida de voleibol chegam até nossas casas pela TV

A facilidade que os meios de comunicação têm para levar informação ao mundo é decorrente de grandes descobertas. Como é possível que você assista a uma partida de voleibol ao vivo, ocorra ela em qualquer parte do mundo? Sabe qual é o processo de transmissão das imagens?

As partidas de voleibol são transmitidas, via satélite, através das micro-ondas que se propagam na camada ionosférica da atmosfera, onde os sinais transmitidos sofrem menos interferências. Os canais abertos, ou pagos de TV, usam antenas com comprimentos de onda da ordem de centímetros, sendo necessário, para a captação do sinal das micro-ondas, o formato de parábolas vindas de satélites artificiais.

Os satélites artificiais são equipamentos colocados, por meio de foguetes, em uma órbita elíptica, tendo, como um dos focos, o centro da Terra. Os primeiros satélites postos em órbita foram o Sputnik I (4 out. 1957) e o Sputnik II (3 nov. 1957), lançados pelos soviéticos, e seguidos pelo Explorer I (31 jan. 1958), lançado pelos norte-americanos.



Os satélites são de grande importância para o mundo atual, sendo que somente os países desenvolvidos dominam a tecnologia de seus lançamentos. A maioria dos meios de comunicação utiliza os satélites como meio de propagação de sinais de rádio e televisão. As ondas eletromagnéticas são provenientes de uma estação geradora e lançadas para a órbita da terra, onde são recebidas por um satélite. Este, por sua vez, retransmite o sinal para uma segunda estação na terra, chamada receptora, muitas vezes, a milhares de quilômetros de distância da primeira.

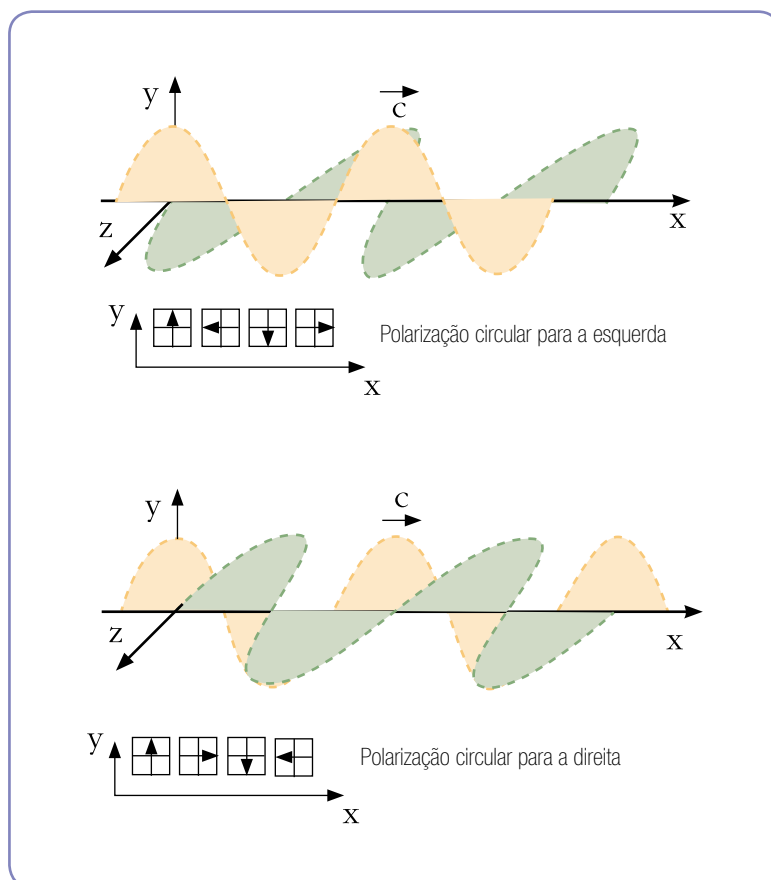
Estas inovações tecnológicas contribuíram muito para o que alguns historiadores chamaram de uma nova era. A televisão, ao levar as imagens instantaneamente a grandes distâncias, combina com os interesses do modo de produção capitalista, baseado no lucro, no consumo e na acumulação de capital.

Mas você sabe o que são ondas magnéticas?

Em 1865, o físico escocês Maxwell (1831-1879), apresentou quatro equações, conhecidas como "Equações de Maxwell". Essas equações produziam a unificação de tudo que era conhecido sobre eletricidade e óptica.

A partir dessas equações, Maxwell previu a existência das ondas eletromagnéticas, imaginando que elas combinavam tanto os campos elétricos como os campos magnéticos. Uma onda eletromagnética consiste de duas ondas: uma elétrica e outra magnética. As duas ondas oscilam perpendicularmente, uma em relação à outra, na mesma direção de propagação.

Experimente encher uma banheira ou uma bacia. Com a mão, empurre a água para cima e para baixo. Da mesma maneira uma carga elétrica em movimento cria uma onda eletromagnética, conforme figura abaixo:



No vácuo, todas as ondas eletromagnéticas têm a velocidade da luz, ou seja, 300 mil quilômetros por segundo.

As ondas eletromagnéticas são classificadas segundo a sua frequência e comprimento de onda em: ondas de rádio, microondas, infra vermelho, luz visível, raios ultra violetas, raios x e raios gama. Esse conjunto de ondas constitui o que chamamos de espectro de onda eletromagnética.

■ Televisão: um meio de comunicação de massa

Ao referirmo-nos aos meios de comunicação de massa, é importante saber que estamos tratando daquelas formas mais populares de divulgação das informações. A televisão, em especial, tornou-se um meio de comunicação de massa a partir do momento que o domínio da nova tecnologia possibilitou à maioria das pessoas acesso aos aparelhos de TV.



A televisão é uma destas formas de transmissão que atinge grande parte dos lares brasileiros, divulgando uma série de informações ideologicamente determinadas por seus programadores e/ou patrocinadores. Existe, por trás destas escolhas, uma série de critérios, que visam atingir às exigências de telespectadores e patrocinadores, além de interesses políticos e ideológicos como você pôde discutir, anteriormente, quanto à utilização do esporte para a disputa hegemônica entre Estados Unidos e União Soviética.

Nessa adequação da programação a ser exibida, o esporte ocupa local central, por vários fatores que contribuem aos objetivos da televisão. Que objetivos seriam estes? Por que o voleibol ocupa local de destaque? O que teria de proximidades com tais objetivos?

A mídia televisiva diversifica suas programações, objetivando adquirir sempre maior público. Para isso, cada emissora de televisão procura transformar as transmissões esportivas em atrações que beiram ao espetáculo. Um exemplo disso é a transmissão das Olimpíadas e da Copa do Mundo.

Estes eventos esportivos apresentam o confronto de culturas, com atletas de diversas partes do universo, representando um momento especial marcado por cores, movimentos, músicas, enfim, um prato cheio para o espetáculo, não acha?

Essa forma moderna de transmissão tem feito o telespectador ter a impressão de estar acompanhando o espetáculo no local onde está sendo realizado, dada a gama de possibilidades de visualização dos lances, sendo que, às vezes, em melhores condições do que aqueles que estão no local.

A televisão destina, ao esporte, horários diversificados de transmissão, procurando atender, quase sempre, a lógica mercadológica impos-

ta às transmissões. Essas transmissões compõem um quadro de programação, em que existem infinitudes de atrações, desde filmes até telenovelas.

Se observar a qualidade dessas transmissões, você verá que a televisão tem como aspecto principal a informação já bastante simplificada. Isso significa reportagens curtas, de fácil entendimento, e que proporcionem ao público uma sensação de agradabilidade ao assistir. Mas o que essas características têm em comum com o esporte em geral e, especificamente, com o voleibol?

Vejam: a programação da televisão não deve ser maçante ou entediante. Deve proporcionar ao público novas emoções e sensações a todo instante. O voleibol, assim como qualquer esporte, não possui enredo pré-definido, ou seja, não se sabe qual será o desenvolvimento completo do jogo (ainda que os resultados possam ser manipulados, mas aí só se saberia *a priori* o resultado dos acontecimentos por um pequeno grupo de “interessados”). Isso já atinge o objetivo voltado para a criação de novas sensações a todo momento, uma espécie de imprevisibilidade.

Outra questão interessante, que você pode perceber no voleibol e atinge as perspectivas da televisão, é a previsibilidade de tempo do jogo. Perceba na programação da televisão, tudo tem tempo estipulado, devendo seguir as determinações. Neste sentido, esportes que possuam uma previsibilidade são interessantes para a televisão. Já imaginou uma partida de tênis? Chega a durar 4 horas, como ficariam os quadros de programação geral da emissora?

Aqui inserimos apenas alguns comentários, que levem você a pensar conosco sobre este mundo, complexo, dirigido por um forte jogo de interesses que chega a determinar as regras do esporte, sem que os torcedores possam opinar.

Você se lembra de como eram as antigas regras do voleibol? Faça a comparação com as regras atuais, e acompanhe os reais interesses por trás das modificações.



Foto: IconeAudiovisual



PESQUISA

1. Consulte, nos meios de comunicação (jornal, rádio e televisão), a grade horária da programação e observe o percentual que cada emissora destina ao esporte. Em seguida, some o resultado total de todos os meios de comunicação que encontrou, transforme em minutos. Pesquise ainda quanto tempo custa um minuto de propaganda na televisão.

Depois reflita e responda: por que tanto tempo é destinado ao esporte? Terá esse fato alguma relação com os problemas sociais que o nosso país possui? Que papel teria o esporte neste contexto? O de propaganda comercial ou ideológica?



ATIVIDADE

2. Exponha as informações em edital escolar ou elabore um painel.
3. Liste os atletas que você se lembra de já terem feito comerciais anunciando algum produto na televisão. Depois, comente qual sua opinião a este respeito.

Voleibol à moda antiga



www.skc.fju

A principal característica do voleibol praticado antes das principais modificações de suas regras era sua dinamicidade. As partidas eram muito demoradas, o que ocasionava, ao esporte, uma certa dificuldade de expansão, já que sua popularidade dependia também de sua espetacularização através de um maior dinamismo.

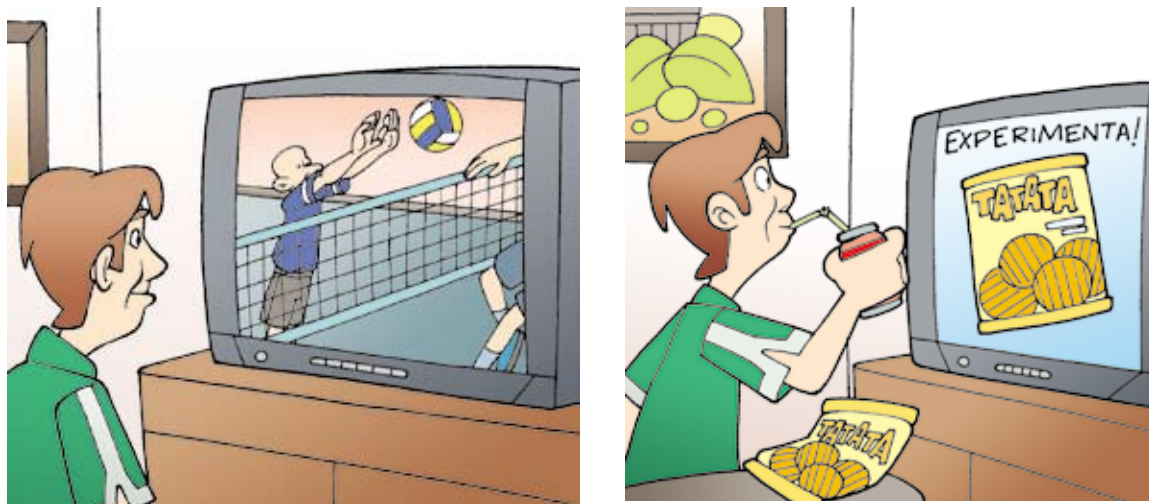
As regras deste esporte modificaram-se com o passar dos anos, refletindo inclusive às necessidades de seus participantes, bem como do conjunto da sociedade. A seguir, acompanhe atento algumas regras que vigoraram por muito tempo no voleibol e que atingiram os objetivos, de acordo com as necessidades da época.

- O sistema de vantagens aplicado ao voleibol era o principal problema aos interesses da televisão. O ponto era marcado somente quando a equipe recuperasse a vantagem e, logo em seguida, confirmasse a vantagem adquirida. Se você perceber, isso se tornava um grande problema, pois partidas chegavam a durar de 3 a 4 horas.
- Outra característica importante da constituição das regras neste momento é a possibilidade de tocar a bola com outras partes do corpo. Era permitido o contato com partes do corpo que fossem acima da cintura.
- O local destinado para o saque era restrito, a um espaço pré-estipulado, não sendo possível sua transposição.
- No saque, antes de 1984, era possível o seu bloqueio, sendo extinto já a partir das olimpíadas realizadas naquele ano em Los Angeles.
- Para a chamada recepção da primeira bola, não era permitido o contato com as mãos separadas umas das outras, caracterizando 2 toques.
- O saque, ao tocar a rede, era imediatamente anulado, dando a vantagem à equipe adversária.

Este conjunto de regras sofreu transformações que possibilitaram ao jogo uma maior dinamicidade e previsão temporal. Isso teve, na mídia, uma grande aliada.

■ A transição: o papel da mídia

O voleibol teve a oportunidade de ampliar sua “popularidade” por meio da espetacularização efetuada na televisão, e, com isso, divulgar os produtos dos novos patrocinadores que começavam a se interessar pelo esporte.



Vale questionar alguns pontos controversos a respeito da popularização do voleibol como segundo esporte mais praticado no Brasil: como explicar o fato de que alguns jogadores se mantêm por vários anos jogando pela seleção? Se este esporte é tão praticado em nosso país, não haveria outros jogadores de talento para renovar o time da seleção? O que contribui para essa lenta renovação?

De outra perspectiva, como explicar a pouca expressividade de nosso país nas olimpíadas? Será mesmo a falta de incentivo ao esporte? Como explicar um país como Cuba, arrasado pelos embargos econômicos impostos pelos Estados Unidos, ser superior ao Brasil no quadro de medalhas em uma olimpíada e ainda, mais recentemente, em julho de 2007, foi segundo colocado nos XV Jogos Pan-Americanos, realizados no Rio de Janeiro?

Mas voltemos à nossa intenção principal: analisar a mídia como elemento importante na transição do voleibol a um formato voltado ao espetáculo. Retomemos as discussões com estes quadros:

“De forma mais elaborada, Diniz e Cesar, da agência de publicidade Tops Sports Ventures, afirmam que o Voleibol apresenta uma situação estratégica para um esporte que tem a pretensão de inserir-se no campo dos negócios. Eles apontam (...) “atraentes” características básicas da modalidade. São elas: a “popularidade, garantindo público consumidor”, a “adaptabilidade à transmissões televisivas”, e a “estrutura do esporte organizada”. (DINIZ e CÉSAR citado por MARCHI JR., 2001)

“A mediação efetuada pela câmera televisiva construiu uma nova modalidade de consumo para o grande público: o esporte espetáculo.”

(Betti, 2002, p. 29.)

Nos textos acima, alguns termos são importantes para entendermos o processo de transição do esporte transformado em espetáculo por meio das mudanças de suas regras para “garantir o público consumidor”.



DEBATE

Em que termos a popularidade do voleibol o levou a garantir um público que consumisse seus produtos?

Para que o negócio fosse completo, havia a necessidade de organizar o esporte, a partir de campeonatos e eventos, cuja finalidade era colocar o voleibol no mercado como espetáculo rentável para os investidores e agradável, dinâmico aos espectadores.

Assim, o voleibol seguia suas transformações, atendendo às perspectivas do mercado e às exigências de ampliação e retorno financeiro.

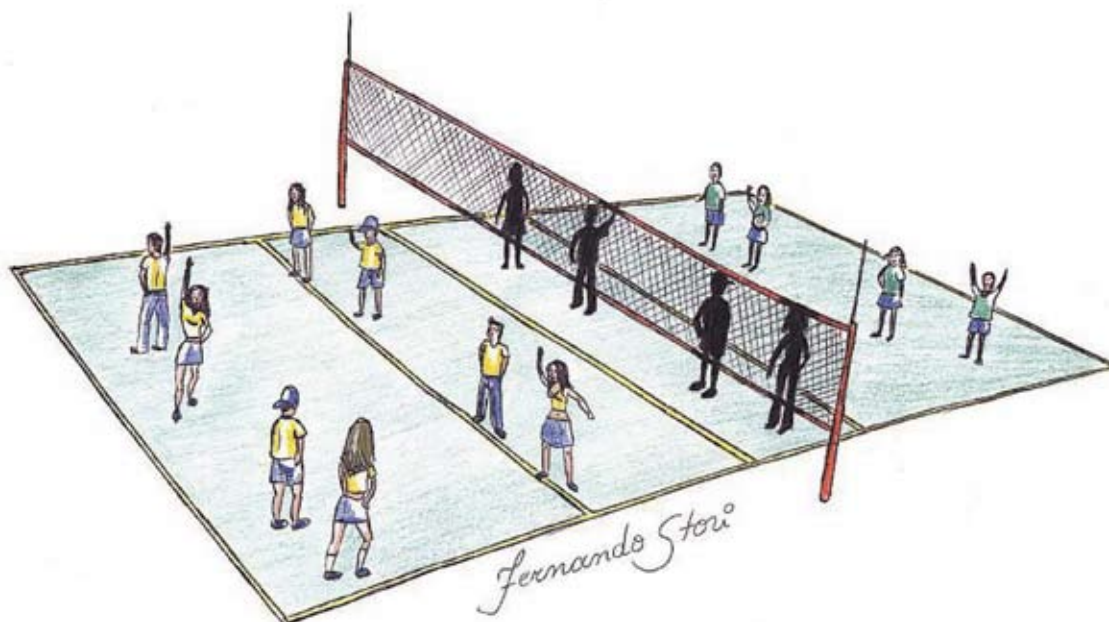
A partir das relações entre os clubes, confederações e organizadores de torneios vinculados aos interesses das emissoras de TV, o voleibol se transformou em esporte espetáculo, cujo objetivo tem por trás da diversão, e simples competição, o incentivo ao consumo de grandes marcas esportivas, produtos variados, formas e estilos de vida, modismos e idéias.

Nesse contexto, o voleibol, com a ajuda da televisão e o interesse de outros agentes envolvidos (dirigentes, técnicos, jogadores, etc.) passou de um esporte pouco conhecido, voltado para as classes mais abastadas, a um esporte “popular”, conhecido e praticado por pessoas de todas as classes sociais e de todas as regiões do Brasil. Tornou-se um empreendimento, marca registrada que rende milhões anualmente.



ATIVIDADE

1. Assistir a gravação de uma partida de voleibol, ou cenas do jogo, disputado com as regras anteriores. (Ex.: Final masculina nas Olimpíadas de 1992). Em seguida, propor um debate comparando as diferentes regras e discutir o por quê das mudanças;
2. Que tal organizar uma proposta de voleibol à moda antiga? Aqui você poderá seguir as primeiras regras, com as quais uma partida terminava em apenas 15 pontos, além do uso da “vantagem”. Como a proposta é que o jogo seja o mais popular possível, a rede poderá ser ajustada a uma altura menor, bem como a quadra poderá ser em tamanho a sua escolha. As regras poderão ser flexíveis. Como exemplo, poderia ser permitido o toque na rede, desde que não atrapalhasse a jogada do time oponente. A proposta é que se organize um festival, e isso pede música, acrobacia, invenção de novas maneiras de jogar, novos movimentos que podem ser realizados no voleibol, e até a invenção de novas regras.



■ O vôlei sob uma nova roupagem

Quando compramos uma nova roupa significa que aquela que tínhamos não nos serve mais, ou simplesmente, queremos inovar nosso vestuário. Quando tratamos da roupagem do vôlei, essa analogia torna-se um pouco mais complexa, porém, segue a mesma lógica. Se há uma nova roupagem, é porque a antiga foi substituída por não servir mais, ou porque se fez necessário uma inovação?

A trajetória do vôlei realmente tomou novos rumos quando foram iniciadas as parcerias com empresas. Uma nova roupagem foi elaborada, iniciaram-se as associações esportivas que proporcionam uma nova caminhada para essa modalidade esportiva.

De acordo com essa nova realidade, muitas mudanças aconteceram no contexto do vôlei. Os dirigentes trabalharam sob novas perspectivas, obtendo novas visões sob a forma de dirigir suas equipes em comparação aos primeiros campeonatos brasileiros. Fica evidente que a estrutura profissionalizante do vôlei não se estruturou de imediato, mas a maioria dos clubes se esforçou para isso. A criação do vôlei como forma de lazer dá lugar ao negócio, os empresários enxergam neste esporte possibilidades da divulgação de seus produtos.

A década de 80 foi primordial nessa passagem do vôlei ao mundo dos negócios. É o período de grandes contratos publicitários e da grande cobertura da mídia, assim como, de grandes premiações nos torneios internacionais. Foi uma época de adequação ao formato televisivo (MARCHI JR., 2001).

No conjunto das adequações, o tempo de partida deveria ser diminuído, para compor, de forma previsível, a programação da televisão.

Europei di pallavolo 2005 – Italia vs. Russia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Voleibol>>. Acesso em: 26 nov. 2007.



Assim foi introduzido um novo sistema de pontuação, no qual a vantagem é eliminada e passa a prevalecer a pontuação direta, ou seja, no sistema único de “tie-break”. As partidas teriam um maior número de pontos para que não terminassem tão rapidamente. Subiu para 25 o número de pontos necessários para a vitória de um “set”.

O voleibol foi, então, adequado à previsibilidade de tempo de partida, condição para tornar-se espetáculo televisivo. Isso não aconteceu ainda com o tênis, por

exemplo! É freqüente a exibição de partidas de tênis em TV “aberta”? O tênis é um típico esporte que não interessa à televisão, por não possuir uma previsibilidade, o tempo pode variar de uma, até quatro horas.

Cabe um questionamento sobre a divisão existente entre televisão aberta e a televisão fechada. Você saberia dizer qual o motivo desta divisão? Quem pode hoje, no país, ter em suas casas a televisão fechada (paga)? É evidente que o processo de elitização não ocorre somente no esporte de modo geral, ocorre principalmente na sociedade como um todo. O acesso às televisões fechadas é restrito àqueles que podem pagar por este entretenimento. Aos demais, resta a TV aberta e suas ofertas de diversão massificadas.

Outra exigência para que a espetacularização do voleibol se efetivasse, foi a necessidade de evolução técnica e tática dos jogadores, para que a bola não caísse rapidamente e a partida terminasse em pouco tempo. As regras neste momento foram alteradas com o objetivo de ajustar o jogo, de forma que o espetáculo fosse mais “belo” e suficientemente duradouro aos olhos do telespectador.

Ainda atendendo as necessidades de espetacularizar o voleibol, houve a inserção de bola colorida. Isso objetivava tanto facilitar a marcação do árbitro quanto a visualização e o acompanhamento do telespectador.

Outra alteração significativa, inserida para impor uma forma ainda mais espetacularizada, e que mexeu de forma direta no tempo de bola em jogo, foi a criação de um jogador com função específica, defender. O líbero foi criado para que a bola não tocasse o chão com tanta facilidade.

Com as novas regras, o saque pode tocar a fita, aumentando a expectativa. O técnico teve sua área ampliada para toda a extensão de seu lado da quadra, o que aumentou a interatividade entre público, técnico e jogadores.

O tempo destinado às equipes também sofreu alterações. O motivo pelo qual foi instituído o chamado tempo “técnico”, no oitavo e décimo sexto ponto, foi oportunizar o anúncio dos produtos dos patrocinadores para que possam vender suas imagens ao grande público. Essa alteração, provavelmente, tenha passado despercebida ao conjunto de espectadores, porém coloca, de maneira definitiva, o voleibol como um negócio muito interessante para os diversos investidores.

Assim, não houve uma preocupação com o esporte em si. Os capitalistas, donos dos meios de comunicação, imprimiram as novas regras ao voleibol para torná-lo mercadoria, de acordo com a exigência do mercado, sem levar em conta as opiniões dos espectadores, e muito menos dos antigos e atuais praticantes.



ATIVIDADE

1. Agora, organize um novo festival de voleibol em sua aula de Educação Física, mas, desta vez, seguindo a regra atual. Depois, elabore um relatório em seu caderno observando as seguintes questões:
 - a) Quanto tempo durou a aula?
 - b) Que dificuldade foi encontrada durante o jogo?
 - c) Quais foram as principais semelhanças e as principais diferenças da partida com as regras “antigas”, e da partida com as “novas” regras?



DEBATE

2. Utilizando-se das anotações do festival com as antigas regras, promova uma discussão em mesa redonda comparando as observações feitas entre os dois festivais. Você pode discutir, entre outras questões: quais regras facilitam mais o jogo? No que o jogo ficou mais dinâmico? Por quê?

A importância da crítica que estabelecemos aqui recai na análise que você pode fazer do voleibol como fenômeno social, e, como estabelecemos em todo o texto, vale não só para o esporte, mas para toda a sociedade. Reflita sobre todas essas questões, e retire daqui aquelas que o deixaram mais intrigado. Vá em busca de novos questionamentos, de soluções para as dúvidas que este texto deixou. Fica o desafio.

■ Referências Bibliográficas:

- BORDIEU, P. **Sobre a televisão**. Tradução. Maria Lucia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zelar, 1997.
- CHESMAM, C.; ANDRÉ, C.; MACEDO, A. **Física moderna**: experimental e aplicada. São Paulo: Livraria da física, 2004.
- Confederação Brasileira de Voleibol, **Regras oficiais de voleibol**. Rio de Janeiro: Ed.Sprint, 2005.
- CRUZ, G. de C. **Classe especial e regular no contexto da educação física**: segregar ou integrar? Londrina: UEL, 1997.
- HOBSBAWN, E. **A era dos extremos**: O breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MARCHI J. W. **“Sacando” o voleibol**: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 - 2000). 2001. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, São Paulo, 2001.
- Regras oficiais de voleibol 1995 -1997**. Rio de Janeiro: Sprint, s/d.

■ Documentos consultados *ONLINE*:

- www.diaadiaeducacao/educacaofisica/esportes Acesso em: 20 ago. 2005.
- www.trabajadores.co.cu/.../noticias/28/color.htm Acesso em: 08 nov. 2005.
- www.vivercidades.org.br/publicue/media/energiasolar1.jpg Acesso em: 08 nov. 2005.



EU FAÇO ESPORTE OU SOU USADO PELO ESPORTE?

■ Gilson José Caetano¹

O esporte escolar, muitas vezes, é um reflexo do esporte competitivo. Este divulgado e incentivado pelos meios de comunicação, que atendem anseios do mercado consumidor, fortemente ligado ao ideário do sistema capitalista.

Devemos entender tais propósitos – que estão postos de forma oculta, o que nos torna passivos e legitimadores desse sistema – para que possamos sair da condição de consumidores passivos e nos tornarmos entendedores da situação.

Dessa forma, como podemos observar as intenções da mídia, presentes nas transmissões do esporte? E como entender o que está por trás de tal discurso? Você seria capaz de diferenciar o esporte dito “escolar” daquele esporte veiculado pelos meios de comunicação?



¹Colégio Estadual Edite Cordeiro Marques. Turvo - PR
Escola Joanna Lechiw Thomé. Turvo - PR

Bola na trave não altera o placar
 Bola na área sem ninguém pra cabecear
 Bola na rede pra fazer o gol
 Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?

(...) Que coisa linda, é uma partida de futebol

Posso morrer pelo meu time
 Se ele perder, que dor, imenso crime
 Posso chorar se ele não ganhar
 Mas se ele ganha, não adianta
 Não há garganta que não pare de berrar

(...) Está rolando agora, é uma partida de futebol.

■ Música: É uma partida de Futebol. Composição: Samuel Rosa E Nando Reis

Quando pensamos em esporte na escola, pensamos diretamente na Educação Física. Esta disciplina tem-se apoiado na prática esportiva como forma de legitimar-se nos currículos escolares. O esporte praticado no meio escolar serve, principalmente, como forma de socialização, mas não é explorado em toda sua potencialidade transformadora.

Neste trabalho, procuraremos, por meio de diversos questionamentos, proporcionar maior entendimento a respeito do esporte competitivo: sua origem, evolução, identificação com o sistema capitalista, intenções da mídia presentes nas transmissões, e diferenciá-lo do esporte escolar para ampliar as perspectivas de uma prática pedagógica consciente. Queremos também que você entenda o que está por trás do discurso da mídia e sua real intenção quando o assunto é esporte.



ATIVIDADE

- Escolha um esporte qualquer e escreva, em aproximadamente 15 linhas, tudo o que você sabe sobre ele: surgimento, evolução, regras, curiosidades, entre outros.

■ Evolução do Esporte até a Profissionalização:

“O esporte que conhecemos hoje é fruto de profundas transformações sociais ocorridas com o advento da chamada Revolução Industrial na Europa dos séculos XVIII e XIX, com origens, sobretudo, inglesas.” (BETTI, 2004, p.17)

Para entender o processo histórico em que surgiu o esporte, tão apreciado pela sociedade contemporânea, é necessário compreender algumas das transformações sociais que ocorreram naquele contexto.

Entre os séculos XVI e XVIII, a sociedade européia era organizada em estamentos, ou seja, a posição dos sujeitos na hierarquia social era definida pelo seu nascimento. As pessoas que descendiam da nobreza tinham direitos e privilégios sociais muito maiores que o povo. Mesmo a burguesia, grupo social que se desenvolveu aos poucos, ao longo daquele período até conquistar o poder econômico, não gozava dos mesmos direitos que os nobres.

Essa situação passou a ser questionada mais intensamente, no século XVIII, pelos filósofos franceses do movimento iluminista. Estes filósofos opunham-se ao poder absolutista do rei, à intervenção deste na economia, aos privilégios do clero e da nobreza e defendiam a igualdade jurídica, a separação dos poderes e a liberdade econômica. As idéias desses pensadores influenciaram as revoluções que levaram a burguesia a conquistar o poder político, como a Revolução Francesa, ao final do século XVIII, e a organização política contemporânea. Veja o que Jean-Jacques Rousseau pensava a respeito da desigualdade entre os homens:



■ Jean Jacques Rousseau

Concebo na espécie humana duas espécies de desigualdade: uma que chamo de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Consiste esta nos diferentes privilégios de que gozam alguns com prejuízo dos outros, como ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por eles. Não se pode perguntar qual é a fonte da desigualdade natural, porque a resposta se encontraria enunciada na simples definição da palavra. Ainda menos se pode procurar se haveria alguma ligação essencial entre as duas desigualdades, pois isso equivaleria a perguntar, por outras palavras, se aqueles que mandam valem necessariamente mais do que os que obedecem, e se a força do corpo e do espírito, a sabedoria ou a virtude, se encontram sempre nos mesmos indivíduos em proporção do poder ou da riqueza: questão talvez boa para ser agitada entre escravos ouvidos por seus senhores, mas que não convém a homens razoáveis e livres, que buscam a verdade.

■ ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade*, 1775, p.12-13.

A burguesia, classe que passou a ter forte influência sobre as demais, utilizava-se da prática esportiva como forma de normatizar e disciplinar seus próprios filhos, a fim de prepará-los para saber controlar as tensões sociais. Ao mesmo tempo em que essa classe social buscava conquistar o poder político, consolidava-se seu poder econômico por meio da Revolução Industrial.

No século XIX, com as reivindicações da classe operária para redução das jornadas de trabalho, os trabalhadores obtiveram acesso a um tempo destinado ao lazer. Mas o que fazer nas horas vagas? Junto a isso, intensificou-se o processo de urbanização que criava espaços públicos. Mas como utilizar esses espaços de forma correta?

A classe trabalhadora conquistou, após inúmeros enfrentamentos, a redução da jornada de trabalho e alguns direitos como o sufrágio universal. Estas conquistas preocuparam a burguesia em relação à forma como os trabalhadores poderiam aproveitar o tempo de folga. Isso seria uma poderosa arma a ser utilizada contra ela mesma (burguesia), uma vez que com esse tempo de folga e com os espaços públicos disponíveis para os momentos de lazer, seria fácil a criação de movimentos sociais contra a classe dirigente.



Foto: J. Urban

Sufrágio Universal:

Está relacionado ao voto de todos os cidadãos não importando a classe social ou sexo: Modo de manifestar a vontade ou opinião num ato eleitoral ou assembléia, ato de exercer o direito a esta manifestação. (PINSKY, 2003, adaptado).

Nesse sentido, surgiu a importância de incentivar a classe trabalhadora a aderir à prática esportiva, como forma de ocupação do tempo livre, diminuindo as possibilidades de tensões sociais. “No entanto, o significado dessa prática para essas classes sociais era outro, o corpo foi o meio, caracterizando-se uma prática mais viril” (RODRIGUES, 2004).

Dentro dessa perspectiva, o esporte assumiu diferentes papéis e um deles foi de elemento de socialização (para a elite), tendendo a uma prática amadora. Já para a classe trabalhadora, o esporte era praticado de uma forma mais combativa, aproximando-se do que viria a ser, mais tarde, o esporte “profissional”. Você está entendendo como o esporte originou-se? Então vamos ver se é capaz de responder as questões abaixo:



PESQUISA

- Você e seus colegas deverão dividir-se em grupos encarregados de pesquisar determinada modalidade esportiva (aquela que for de interesse do grupo) quanto a: sua origem e evolução, ressaltando quando passou a ser uma modalidade praticada profissionalmente (criação de sua federação); e, se for o caso, quando a modalidade passou a ser um esporte olímpico.
- Ainda em equipes, pesquisem diferentes instituições sociais, como a escola, igreja, estado, clubes, associações, partidos políticos, entre outras, para saber de que forma essas instituições influenciam ou sofrem influências do fenômeno esportivo.



ATIVIDADE

- Após estas investigações, cada equipe deverá elaborar um painel demonstrando os principais dados coletados e apresentando-os aos demais colegas.
- Num segundo momento, cada grupo deverá relatar, por escrito, aquilo que julgou ser mais importante em todos os trabalhos apresentados, evidenciando a influência das mais variadas instituições sobre o fenômeno esportivo.

■ Surgimento do Esporte Espetáculo

A evolução do esporte até tornar-se “espetáculo” aconteceu de forma “natural”, pois, no sistema capitalista, um fenômeno aceito e incorporado tanto pela classe trabalhadora quanto pela classe dominante não poderia passar despercebido. Assim, o esporte, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, passou a ter conotações mercadológicas.

O esporte, na segunda metade do século XX, assumiu grande relevância social. Para muitos praticantes, esse fenômeno representava uma forma de status e, principalmente para as classes menos favorecidas, era o meio mais rápido de ascensão social.



ATIVIDADE

- Pesquise quantos atletas profissionais estão credenciados na CBF e compare esse total com a quantidade de atletas que são reconhecidos, tanto profissionalmente quanto financeiramente, no cenário esportivo nacional e internacional.
- Compare a diferença salarial de um atleta brasileiro, de renome internacional, com um jogador em início de carreira num clube qualquer da primeira divisão do futebol nacional.
- Faça um comentário crítico sobre as conclusões tiradas de sua pesquisa.

Sugestão de sítio de pesquisa: www.cbfnews.uol.com.br

Os meios de comunicação de massa contribuíram para a divulgação e ajudaram a criar essas “*falsas ilusões*”, valorizando o esporte e tornando-o uma mercadoria de consumo. Mas você sabe por que aconteceu isto? Para atender aos interesses de quem? Redija suas considerações.

Alguns pesquisadores escrevem sobre este tipo de desvirtuamento que o esporte foi submetido. Proni (1998, p. 93), com base nos estudos de sociólogos, argumenta que “(...) antes do domínio da televisão,

mudanças nas regras, estrutura e calendário foram introduzidos para aperfeiçoar o esporte ou incrementar a assistência das partidas. A partir do momento que o controle econômico se deslocou para a televisão, mudanças foram introduzidas para agradar os telespectadores ou gerar mais receita com propagandas”.

Um dos exemplos mais claros seria a questão da exploração da mídia sobre o voleibol, o qual teve suas regras alteradas em favor de interesses da televisão, como no caso da exclusão da “vantagem”, e também a inserção do “tempo da TV” que acontece sempre no oitavo e décimo sexto ponto de cada set. Para maiores esclarecimentos consulte o folhas: A relação entre a televisão e o voleibol no estabelecimento de suas regras. Será que isto também acontece com outros esportes?



ATIVIDADE

- Você concorda com a profissionalização do esporte? Justifique.
- E com a influência dos meios de comunicação no esporte? Justifique.



■ O Esporte como forma de Lazer Passivo

O lazer, inicialmente, tinha por objetivo diminuir as tensões presentes nas longas jornadas de trabalho.

Neste contexto, referimo-nos a uma forma de lazer denominado de “lazer passivo”, do qual os meios de comunicação, em especial a televisão, fazem uso com bastante propriedade, tornando os espectadores em potenciais consumidores da “indústria do lazer”.

“O espectador conecta a televisão para desconectar-se...” (ENZENSBERGER 1991, *apud* LOVISOLO, 2003, p. 247). A televisão utilizada como forma de lazer faz com que o ser humano se desconecte da realidade que o cerca, de seus problemas e viva intensamente esse tempo, o qual expressa um sentimento de “prazer”. Mas que prazer é esse?

Será que a televisão proporciona uma forma de alienação? E o telespectador que, nesses casos, encontra-se solitário, participando passivamente, não podendo tecer uma crítica ou reflexão ao que lhe é oferecido? Você toma por verdadeiro tudo que é transmitido nos meios midiáticos? O que terá acontecido no incidente com o Brasil na final da copa da França em 1998?

O esporte, dentro desse conceito de lazer, influencia os espectadores para a compra do “espetáculo-esportivo”. Essa relação entre o esporte e o consumismo pode se refletir de diversas formas, tais como:

- Compra de ingressos para assistir um evento esportivo;
- Investimentos de multinacionais em marketing esportivo;
- Matrícula de crianças em escolinhas esportivas com pais influenciados pela mídia;
- Compra de calçados e materiais específicos para a prática esportiva.



DEBATE

- Promova um debate em que todos devem colocar sua opinião sobre a influência da mídia nas práticas esportivas.



PESQUISA

- Pesquise quais são as formas de controle social além da mídia, e exponha a sua opinião se deve haver ou não alguma forma de controle social. Em caso afirmativo, que tipo de controle você sugere? Justifique.

A televisão e os meios de comunicação em geral, por influenciarem um grande público com proporções, muitas vezes incalculáveis, tornam-se produtores de verdades, criando crenças, ídolos e divulgando informações pertinentes aos seus interesses. Essa produção de idéias e valores é interpretada pelas pessoas como verdades absolutas, sem que haja uma reflexão crítica a respeito de tais modelos, contribuindo, assim, na formação de uma massa consumidora. Para aprofundar essa discussão, consulte o Folhas “Saúde é o que interessa! O resto não tem pressa!”.

■ O Esporte na Escola:

O processo de implantação da prática esportiva no ambiente escolar aconteceu, principalmente, na década de 1970, pois alguns anos antes desse período, poucas equipes nacionais conseguiram resultados expressivos no cenário esportivo internacional. Nesse aspecto, Betti (1991) aponta que:



“O esporte pareceu também ir ao encontro da ideologia propagada pelos condutores da Revolução de 1964: aptidão física como sustentáculo do desenvolvimento, espírito de competição, coesão nacional e social, promoção externa do país, senso moral e cívico, senso de ordem e disciplina”. (p. 161)

O esporte pareceu também ir ao encontro da ideologia propagada pelos condutores da Revolução de 1964: aptidão física como sustentáculo do desenvolvimento, espírito de competição, coesão nacional e social, promoção externa do país, senso moral e cívico, senso de ordem e disciplina. (BETTI, 1991, p. 161)

Entendia-se, na época, que para um país destacar-se mundialmente, tanto política como economicamente, era necessário destacar-se também nos esportes. Desse período advém, até os dias de hoje, a implantação do fenômeno esportivo associado à Educação Física escolar. O quadro a seguir retrata, em parte, o que se pensava a respeito do futebol no período da ditadura no Brasil e em outros países da América do Sul:

Os generais e o Futebol

“Em pleno carnaval da vitória de 70, o general Médici, ditador do Brasil, presenteou com dinheiro os jogadores, posou para os fotógrafos com o troféu nas mãos e até cabeceou uma bola na frente das câmaras. A marcha composta para a seleção, Pra Frente Brasil, transformou-se em música oficial do governo, enquanto a imagem de Pelé, voando sobre a grama, ilustrava, na televisão, anúncios que proclamavam: Ninguém segura o Brasil. Quando a Argentina ganhou o mundial de 78, o general Videla utilizou, com idênticos propósitos, a imagem de Kempes irresistível como um furacão.

O futebol é a pátria, o poder é o futebol: Eu sou a pátria, diziam essas ditaduras militares.

Enquanto isso, o general Pinochet, manda-chuva do Chile, fez-se presidente do Colo-Colo, time mais popular do país, e o general García Mesa, que havia se apoderado da Bolívia, fez-se presidente do Wilstermann, um time com torcida numerosa e fervorosa.

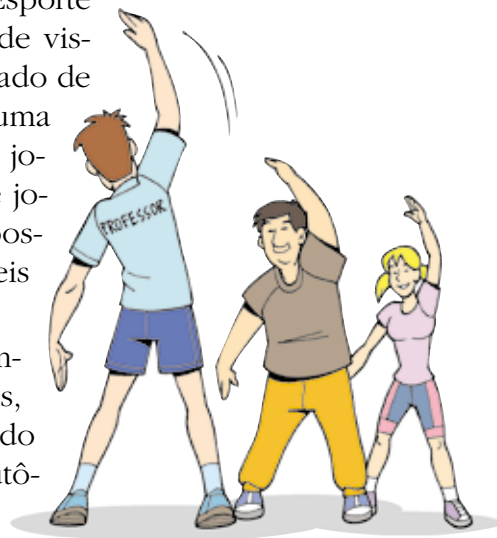
O futebol é o povo, o poder é o futebol: Eu sou o povo, diziam essas ditaduras.” (GALEANO, 2004, p. 136-137)

Atualmente, a razão de a Educação Física escolar apoiar-se em tal fenômeno está relacionada com a “crença comum de que a participação é um elemento de socialização que contribui para o desenvolvimento mental e social.” (LOY et al, 1978 citado por BRACHT, 1997, p.75). Os resultados obtidos pela política esportiva da ditadura podem ser considerados um desastre quase social.

Ao utilizar-se do esporte nas aulas de Educação Física, muitas vezes a “(...) escola tende a reproduzir os discursos e soluções apontadas pela mídia. Não promove um diálogo. Apenas reforça a obtenção de informação compacta e fácil em detrimento de uma reflexão crítica. Essa situação gera uma ausência de significados (...)” (GOMES, 2001).

O esporte escolar deve estar caracterizado como “Esporte Educação” e não como “Esporte na Escola”. Do ponto de vista prático, o esporte não pode ser negado, mas sim utilizado de forma que desperte no aluno interesse e prazer e tenha uma intencionalidade educativa, nunca o jogo pelo próprio jogo. Você não acha mais interessante jogar “com” do que jogar “contra”? Obtenha mais informações sobre esta proposta no Folhas de jogos intitulado “Competir ou cooperar: eis a questão”.

A prática esportiva deve propiciar a você uma compreensão mais ampla sobre as relações sociais, às quais, constantemente, somos submetidos. Para que, por meio do esporte, possamos entendê-las de forma mais crítica e autônoma, tornando-nos donos de nosso próprio entendimento.



PESQUISA

- Pesquise sobre o cenário político e econômico que envolvia o país no período que antecedia a Copa de 1970, quando o Brasil tornou-se tri-campeão mundial no futebol. Ressalte ainda elementos que identifiquem influências da política nacional sobre este acontecimento.

E então? Você já é capaz de responder ao problema inicial: “Você faz uso do esporte ou é usado pelo esporte?”



ATIVIDADE

Nesta atividade, tentaremos desviar o esporte das características competitivas, através de um enfoque cooperativo. O jogo chama-se “Handebol Cooperativo”. A seguir, explicitaremos como se desenvolve a atividade proposta.

- 1º: Divide-se a turma em equipes de 5 a 6 jogadores cada, organiza-se uma espécie de campeonato ou torneio, que pode durar uma ou mais aulas, dependendo do interesse da turma.
- 2º: O jogo é semelhante às regras do handebol, o que muda é a pontuação:
 - cada gol vale 1 ponto;
 - cada 10 passes consecutivos da mesma equipe valem 3 pontos;
 - cada assistência ao capitão vale 1 ponto;
 - cada gol do capitão, 5 pontos.

3º Cada equipe pode escolher um anjo (jogador de equipes que não estão jogando) para poder ajudar.
Obs: O anjo não pode fazer gols.

- Cada assistência do anjo que se converte em gol, vale o dobro.
- No final da atividade, discuta com seus colegas quais são os pontos positivos e negativos desta forma de jogar.

Sugestão: Você e seus colegas podem organizar um evento, junto à comunidade escolar, fazendo uso desta forma de jogo e criando outras que utilizem o princípio da cooperação. Lembre-se da importância de premiar igualmente todos os participantes como forma de incentivo e reconhecimento ao trabalho coletivo.

RETOMANDO

Agora que você já sabe um pouco mais sobre:

- Evolução e profissionalização do esporte;
- Esporte Espetáculo;
- Esporte como forma de lazer passivo;
- Esporte Escolar;

Você já formou sua opinião crítica a respeito do problema inicial:

Eu faço uso do esporte, ou sou usado pelo esporte?

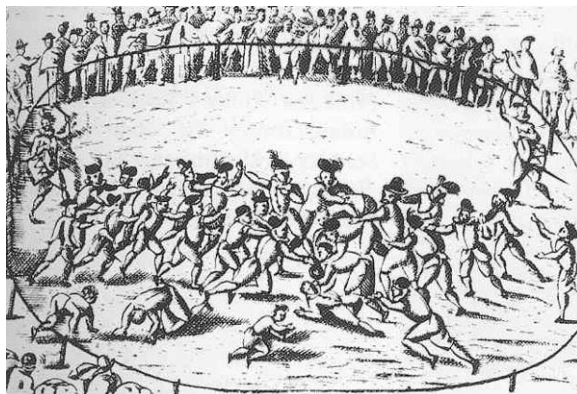
■ Referências Bibliográficas:

- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- _____. **Violência em campo**: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo. Ijuí: Unijuí, 2004.
- BOUDONN, R.; BOURRICAUD, F. **Dicionário crítico de sociologia**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1997.
- GALEANO, E. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- GOMES, P. B. M. B. Mídia, imaginário de consumo e educação. In: **Revista Educação e Sociedade**, Campinas/SP, v.22, n.74, 2001.
- LOVISOLO, H. Tédio e espetáculo esportivo. In: ALABARCES, P. (org.). **Futbologías-fútbol, identidad y violencia em América Latina**. Buenos Aires: E. CLACSO, 2003.
- PINSKY, J., PINSKY, C.B. (orgs). **História da cidadania**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- RODRIGUES, E.F.; MONTAGNER, P. C. **Esporte-espetáculo e sociedade**: estudos preliminares sobre a influência no âmbito escolar. Campinas: Unicamp, 2004.

■ Documentos consultados *ONLINE*

- ROUSSEAU, J-J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade**. 1755, p. 12-13.
- Disponível em: <<http://www.comunismo.com.br/desigualdades.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2005.

■ Jogos



■ Calcio fiorentino - Fußball in Florenz im 17. Jahrhundert

Falar sobre o jogo, enquanto manifestação da cultura corporal, significa traçar o que tal Conteúdo Estruturante foi desde sua constituição até a atualidade, para refletir sobre as possibilidades de recriá-lo por meio de uma intervenção consciente.

Os jogos existem desde a pré-história e seus registros indicam as mais variadas formas de jogar, nas diversas partes do mundo. Como forma de manifestação da cultura de povos na Ásia, na América pré-colombiana, na África, na Austrália e entre os indígenas das ilhas mais longínquas do Oceano Pacífico, foram encontrados jogos de expressão utilitária, recreativa e religiosa (RAMOS, 1982, p.56). Alguns jogos passaram por alterações e muitos deles vieram compor um elenco de modalidades que mais tarde foram disputadas nos Jogos Olímpicos da Grécia antiga. Este último evento tinha, em sua origem, como um dos princípios, a finalidade de aclamar os deuses do Olimpo.

Porém, muito anterior a este evento, desde o surgimento do homem, há registros de jogos, encontrados em paredes de cavernas espalhadas pelo mundo. Este fato retrata a necessidade que já se apresentava de dar aos momentos de luta pela sobrevivência (atividades como a caça e pesca) um caráter lúdico.

O jogo, analisado a partir dos fundamentos teóricos da Cultura Corporal, caracteriza-se pela espontaneidade, flexibilidade, descompro-

misso, criatividade, fantasia e expressividade, representadas de diversas formas, próprias de cada cultura. As regras existem sem a rigidez aplicada aos esportes, mas são previamente discutidas e combinadas pelos participantes, que poderão modificá-las ou não, de acordo com o interesse do grupo.

O jogo é uma atividade livre que deve ser realizada sem o caráter da obrigatoriedade. Possibilita a liberdade e a criação, permitindo o surgimento de outras formas de jogar, implica um sentido e um significado que, com o tempo, passam a fazer parte da cultura do grupo, comunidade, povo ou nação que o inventou. Você pode perceber isto se buscar um jogo que é típico em sua região, mas que poderá ter características diferentes ou nem existir em outra região do país.

Sua importância, enquanto Conteúdo Estruturante da disciplina de Educação Física, está na representação das raízes históricas e culturais de diversos povos, bem como as transformações ocorridas ao longo do tempo que possam ter causado modificações no modo como se joga determinado jogo em várias partes do mundo. É importante, também, considerar o jogo em seu processo de criação, recriação e readaptação, levando-se em conta as possíveis influências políticas, econômicas e sociais pelas quais tenha passado, dando-lhe uma nova configuração e uma compreensão crítica. Enfim, é uma produção humana que tem um “(...) significado dentro da produção coletiva dos homens vivendo em sociedade” (BRUHNS, 1996, p.29).

O jogo, enquanto fenômeno social, está relacionado aos processos de produção que aconteceram desde sua invenção. A integração entre as atividades relacionadas ao trabalho e o jogo se manifestavam possibilitando perpetuação de hábitos transmitidos de geração em geração. Você percebe o quanto os jogos tinham e têm um significado importante na vida dos seres humanos?

Com as novas possibilidades de desenvolvimento da economia, desde o final do século XVIII, e com a intensificação da produção industrial, os valores se modificaram, impondo alterações no modo e nas condições de vida. A classe dominante condenava as atividades populares, como os jogos, pois viam nelas uma ameaça à ordem imposta pelo modo de produção capitalista. Para a elite (econômica, política e

I

n

t

r

o

d

u

ç

ã

o

intelectual), o jogo, além de provocar “desvio de atenção sobre a vida santificada”, não contribuía para o restabelecimento das forças necessárias para a retomada do trabalho.

Percebendo as potencialidades desse caráter de insubordinação e de criação inerentes ao jogo, a classe dirigente procurou dar destaque ao esporte e minimizar a importância social do jogo. Nesse contexto, surgiu a padronização do esporte que objetivava disciplinar por meio da aceitação da idéia de que regras rígidas devem ser seguidas por todos, para o bem e a ordem social. Sobre esporte, você pode buscar informações interessantes no texto de apresentação desse conteúdo estruturante e seus respectivos Folhas.

Apesar das interferências históricas, políticas e econômicas, o jogo praticado atualmente ainda apresenta algumas características originais, especialmente quanto ao seu caráter lúdico e espontâneo.

Você já observou com que prazer as crianças, adolescentes e adultos jogam futebol na rua ou num espaço improvisado qualquer? Você e seus colegas jogam vôlei, basquete ou qualquer outra modalidade apenas para se divertir, criando regras próprias acordadas por todos? Será que, mesmo de maneira descontraída e sem regras rígidas, você não estaria jogando para competir? E com quem você estaria competindo: consigo mesmo para superar-se ou com o outro para provar quem é o melhor?

A competitividade se desenvolve ao longo da vida, de acordo com as experiências e a forma como somos estimulados a competir? Como era a competição antes do modo de produção capitalista? Até que ponto a competição que se estabeleceu na sociedade capitalista – em que a disputa pelas melhores posições sociais, econômicas e culturais – pode nos tornar individualistas, sem a preocupação com interesses coletivos? Será que a escola tornou-se um ambiente que também promove a competição egoísta, valorizando apenas aqueles que se sobressaem?

Uma forma de oportunizar a participação coletiva nas aulas, sem que a competição torne-se o principal objetivo, pode se dar através dos jogos cooperativos. Assim como outras formas de jogo, os jogos cooperativos também apresentam registros em vários continentes. Você poderá obter outras informações interessantes sobre esse assunto ao ler o Folhas: “Competir ou cooperar: eis a questão!”.

O jogo jogado e o jogo jogante, o que isso significa? Como pensar tal prática, relacionando-a a outros conceitos, sem perder o prazer de forma lúdica? Para entender a relação entre o jogo jogado e o jogo jogante, confira o Folhas: “O jogo é jogado e a cidadania é negada.”

Então, mãos à obra! Boa leitura e divirta-se realizando as atividades propostas! Lembre-se que as leituras do Livro Didático Público das demais disciplinas escolares certamente poderão ajudar você e seus colegas na compreensão dos vários problemas levantados nesses e em outros Folhas.



COMPETIR OU COOPERAR: EIS A QUESTÃO!

■ Cristiane Pereira Brito¹

Seria o ser humano naturalmente competitivo ou o meio o influencia para que se torne assim?

As relações sociais nos conduzem à competição, fazendo-nos provar, o tempo todo, que somos os melhores em alguma coisa?

Será que a escola tornou-se um ambiente que também promove a competição valorizando apenas aqueles que se sobressaem?

Os esportes e os jogos só se aplicam de maneira competitiva? É possível diferenciar o esporte do jogo?

¹Colégio Estadual André Andreatta. Quatro Barras - PR

Analisar a seguinte situação:

Um dirigente industrial, no momento de receber uma distinção honorífica da Academia do Comércio de uma determinada cidade, diz o seguinte:

“Desde minha entrada nesta companhia tem havido uma autêntica corrida entre os técnicos e o departamento de vendas. Os primeiros procuram produzir mercadoria em quantidade tal que o departamento de vendas seja incapaz de vendê-la completamente, enquanto os membros do segundo procuram vender tanto que os técnicos se vejam na impossibilidade de acompanhar o ritmo. Esta corrida jamais parou, às vezes, tendo uns à frente, outras, os outros. Tanto meu irmão como eu nunca consideramos o negócio como um trabalho e sim como um jogo, cujo espírito sempre nos temos esforçado por inculcar no pessoal mais novo”.



■ Fonte: HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1996. 4 ed., p. 223.

O exemplo dado retrata a forma como o mecanismo da competição se desenvolveu nas empresas, com a intenção de obter lucros cada vez maiores.

O capitalismo apresenta algumas características, sobre as quais você, possivelmente, já ouviu falar. Uma delas é a competição desenfreada pela conquista de mercado cada vez mais amplo no mundo globalizado. Outra característica é a exploração do trabalho com o objetivo de aumentar os lucros da empresa capitalista.



Podemos verificar tal exploração no salário recebido pelos trabalhadores. Os produtos do trabalho dos empregados geram, para a empresa, lucros cujo montante ultrapassa muito o valor dos salários que recebem. Para que continuem produzindo, cada vez mais, alguns patrões estimulam a competição entre seus empregados. Trata-se, então, de uma sociedade onde poucos ganham muito e muitos ganham pouco.

Esta mesma relação pode ser percebida no esporte. O esporte beneficia poucos oferecendo um espetáculo de entretenimento e diversão para muitos que lotam estádios e ginásios e pagam por isso. Os mandantes do mundo esportivo enriquecem ao explorar suas equipes subordinadas em competições municipais, estaduais, nacionais e internacionais. Delas são cobrados resultados, além imporem extensas jornadas de treinamentos.

Treinar e jogar são deveres do atleta, portanto, o tempo que ele gasta fazendo isso deve ser cada vez maior, para que o time seja sempre vitorioso – esta é a exploração sofrida por ele.

O jogo tem se transformado numa atividade competitiva institucionalizada, regida por um conjunto de normas e controlada por organizações que promovem o desenvolvimento das modalidades, atendendo aos interesses do modo capitalista de produção. Nos grandes eventos esportivos internacionais, pode-se dizer que a confraternização entre os povos acontece, mas a competição é um dos seus principais objetivos. Porém, quem são os maiores beneficiados com toda esta situação? Reflita sobre esta questão.

Para que a competição seja possível, é necessário que haja competidores. Tomando o esporte e a sociedade capitalista como referência para compreendermos um pouco da natureza humana quanto sua tendência à competição, veremos o que pensam alguns autores a respeito. Antes, realizem as atividades propostas:



ATIVIDADE



Junto com seus colegas, organize uma minicompetição que possa ser finalizada em, no máximo, duas aulas, com as seguintes características:

- todos de sua turma devem participar;
- evitem fazer o evento em data que já tenha outro programado. O momento deve ser apenas de sua turma;
- escolham um esporte que seja de conhecimento geral.

Determinem o tempo;

- formulem regras claras que não possam ser alteradas. A arbitragem será responsabilidade da organização;
- escolham um local apropriado e previamente preparado para a organização do evento;
- estipulem um prêmio para as equipes masculinas, femininas ou mistas que ficarem em primeiro lugar;
- a inscrição prévia é obrigatória, e deve ocorrer antes da data do evento. Organização é fundamental;
- promovam uma premiação especial ao aluno e à aluna que mais se destacarem durante a competição.

*Lembrem-se de motivá-los a participar. A propaganda é a alma do negócio.



PESQUISA

- Depois de concluída a competição, investiguem como os competidores se sentiram diante da realidade competitiva, solicitando que manifestem sua opinião quanto à clareza das regras e às possíveis injustiças cometidas pela arbitragem.

- Conversem com aqueles que não quiseram participar procurando identificar o motivo.
- Identifiquem como se sentiram as equipes que não foram premiadas e de que forma gostariam que fosse a premiação.
- Verifiquem se as pessoas que não quiseram participar diretamente da competição, de alguma forma, divertiram-se torcendo pelas equipes inscritas.
- Após colherem estes dados, montem um painel com o retrato escrito da competição, descrevendo, em duas colunas distintas, quais foram os fatos positivos e negativos que ficaram evidentes para o grupo; se houve os componentes socializador, igualitário e justo no decorrer do evento e se a competição, em si, atendeu aos interesses da turma ou apenas de alguns. Exponham o painel num local onde todos possam ter acesso às informações.
- Por fim, discutam, com o grande grupo, outras situações de competição que ocorrem nas relações sociais, fazendo uma análise crítica sobre a necessidade de sua existência ou não, utilizem argumentos para justificar seus pontos de vista.

■ Seria o ser humano competitivo por natureza?

A resposta a essa questão demanda, necessariamente, o esclarecimento prévio do conceito de natureza e, ainda, do conceito de cultura.

Marx ocupou-se da relação existente entre natureza e cultura na constituição do ser humano, argumentando, por exemplo, que os cinco sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão) são naturais, biológicos, mas são também culturais e sociais, em outras palavras, mesmo os sentidos ditos naturais são humanizados.

A formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui. O sentido constringido à carência prática rude também tem apenas um sentido tacanho. Para o homem faminto não existe a forma humana da comida, mas somente a sua existência abstrata como alimento; poderia ela justamente existir muito bem na forma mais rudimentar, e não há como dizer em que esta atividade de se alimentar se distingue da atividade animal de alimentar-se. O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum sentido para o mais belo espetáculo; o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar do mineral; ele não tem sentido mineralógico algum; portanto, a objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, é necessária tanto para fazer humanos os sentidos do homem quanto para criar sentido humano correspondente à riqueza inteira do ser humano e natural.

■ MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução (do alemão) Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 110-111.

Marilena Chaui também problematiza as noções de natureza e cultura aceitas de forma irrefletida pelo senso comum, a partir do questionamento da idéia de natureza humana. Existe uma natureza humana? A natureza humana é universal, é a mesma para todos nós? É possível

compreender nossos comportamentos e ações a partir de determinações de ordem natural? Se isso é possível, qual seria, então, o fundamento da natureza humana?

Segundo Chauí, a natureza:

(...) é constituída por estruturas e processos necessários, que existem em si e por si mesmos, independentemente de nós: a chuva, por exemplo, é um fenômeno meteorológico, cujas causas e cujos efeitos necessários não dependem de nós e que apenas podemos explicar.

Por sua vez, a cultura nasce da maneira como os seres humanos interpretam a si mesmos e as suas relações com a natureza, acrescentando-lhe sentidos novos, intervindo nela, alterando-a por meio do trabalho e da técnica, dando-lhe significados simbólicos e valores. Dizer que a chuva é boa para as plantas pressupõe a relação cultural dos humanos com a natureza, por intermédio da agricultura. Considerar a chuva bela pressupõe uma relação valorativa dos humanos com a natureza, percebida como objeto de contemplação, encanto e deleite. A chuva é natural; que seja boa ou bela, é uma avaliação ou interpretação cultural.

■ CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003. p.307.

O problema das tentativas de naturalização dos sentidos, dos valores, dos comportamentos e das ações humanas é que elas anulam a dimensão cultural e política da existência humana. Assim, na medida em que aceitamos essa ordem de determinações como sendo naturais e necessárias, portanto, independentes de nós, das nossas vontades e ações, geralmente nos submetemos a processos de dominação engendrados pela própria sociedade. É preciso compreender que a humanidade caracteriza-se pela natureza e pela humanização dessa natureza através da cultura e da história.

A partir dessa rápida análise dos conceitos de natureza e cultura, podemos retomar o nosso problema: o ser humano é naturalmente competitivo ou o meio o influencia para que se torne assim?

Segundo Huizinga (1996), espontaneamente as crianças realizam atividades lúdicas que, de caráter competitivo ou não, acontecem no ato de jogar. Sendo assim, parece natural o fato de que a competição, manifestada na ação do jogo, revele a necessidade do homem perpetuar sua cultura.

Para esse autor, desde as mais remotas civilizações, o jogo era utilizado em celebrações com os mais diversos fins. A importância de vencer está intimamente relacionada à sensação de superioridade, resultante do esforço conquistado. “O homem compete, essencialmente, pelas honras posteriores que a conquista lhe concede.” “[Entre os homens] a competição não se estabelece apenas ‘por’ alguma coisa, mas também ‘em’ e ‘com’ alguma coisa. Os homens entram em competição para serem os primeiros em força ou destreza, em conhecimentos ou riqueza, em esplendor, generosidade ou ascendência (...)” (HUIZINGA, 1996, p.59)





A influência cultural que se apresenta nas competições tem suas raízes manifestadas em países como a China, onde “na fase mais primitiva os clãs rurais celebravam as festas das estações por meio de competições destinadas a favorecer a fertilidade e o amadurecimento das colheitas. Quase todas as atividades assumiam a forma de competição ritual: atravessar um rio, escalar uma montanha, cortar árvores ou colher flores”. (ibidem, p. 62-63)

Por outro lado, a positividade da competição está em alguns motivos que movem os competidores, tais como: a necessidade de reconhecimento, a demonstração de superioridade de uns diante de outros e a superação dos limites individuais.

Você já passou por algumas discussões sobre competição e deve tentar evitar que este seja o único objetivo nas aulas de Educação Física. O jogo é parte da cultura e a competição é um dos elementos que o constituem, das civilizações mais antigas às mais modernas.



ATIVIDADE

- Você conseguiu perceber que as relações (conflito, consenso, imposição, sucesso, fracasso etc.) que se produzem numa atividade competitiva organizada são, de certo modo, reproduções da luta de classes e de lutas dentro de uma mesma classe?
- Quantas pessoas tinham o “controle” sobre o que acontecia durante o pequeno evento?
- Como você e seus colegas da organização se sentiram com o “poder” de controlar tudo?
- Analise os dois pontos de vista apresentados pelos autores (Huizinga e Chauí) e escreva o seu quanto à questão da competição.

E em nossa escola, como se configuram estas questões relacionadas à competitividade e natureza humana? Será que ela tornou-se um ambiente que também promove a competição sem limites? Vamos pesquisar sobre essas questões, para que não se tenham dúvidas sobre o assunto?



PESQUISA

Entreviste colegas de sua sala e de outras perguntando-lhes sobre as seguintes questões:

- Você percebe a existência da competitividade nas aulas de Educação Física?

- E nas demais disciplinas, a competição também ocorre?
- Em ambos os casos, se ocorrem a competição, ela é motivada por alunos ou por professores?
- O ambiente escolar é o local mais propício para que ocorra competição de qualquer natureza com o outro? Pode haver um tipo de competição onde o resultado não seja vencedor e derrotado?
- Reflita sobre os problemas levantados, tire suas conclusões e faça um relatório geral sobre o tema.

■ Jogo e esporte: tão diferentes assim?

Em que termos o esporte se diferencia do jogo? Será mesmo que são tão distintos quanto possa parecer? Ou são tão parecidos que os confundimos, tratando-os como sinônimos?

Pode-se dizer que o jogo se diferencia do esporte quando ao primeiro imprimimos um caráter lúdico, realizado por meio de uma atividade voluntária que pode ser modificada a qualquer tempo, interrompida a qualquer instante e transferida a qualquer hora. O jogo não deve estar sujeito a ordens ou regras rígidas, a não ser nos casos em que represente uma atividade cultural com a finalidade de perpetuação de hábitos dos mais diversos povos. Ou seja, o jogo tem como características marcantes a liberdade e o prazer.

Ao mencionarmos o lúdico como elemento diferencial entre esporte e jogo, cabe uma simples pergunta: o que é lúdico?

Vejamos o que alguns autores apontam sobre este conceito que em muito diferencia o jogo do esporte. É importante que você perceba o que aproxima estes autores sobre a profundidade deste conceito e o que os afasta, podendo assim, formar seus próprios conceitos.



■ www.diaadiaeducação.pr.gov.br

Lúdico ou atividade lúdica:

- Identifica-se o lúdico em diferentes esferas da vida social, considerando-o, fundamentalmente, como o jogo, uma atividade não séria, mas absorvente para o jogador, desligada de interesses materiais e praticada de acordo com regras de ordem (organização), tempo e espaço, e cuja essência repousa no divertimento. Sendo parte integrante da vida em geral, possui um caráter desinteressado, gratuito e provoca evasão do real (HUIZINGA, in: FENSTERSEIFER, P. E. e G.; Fernando J. (orgs). *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005., p. 270).



- Atividade lúdica: voleibol de praia Fonte: wikipedia (This file has been released into the public domain by the copyright holder, its copyright has expired, or it is ineligible for copyright. This applies worldwide).

- Algo concernente à cultura do homem, haja vista que é pelo jogo que a humanidade se desenvolve e é exatamente este fator que diferencia o homem dos animais, dando-lhe a possibilidade da autonomia e da criatividade (CHATEAU, in: FENSTERSEIFER, P. E. e G.; Fernando, J. (orgs). *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005. p. 270).
- Atividade lúdica pode ser entendida como prática das relações sociais, como produto coletivo da vida humana, podendo se manifestar no jogo, no brinquedo e na brincadeira, desde que possua características como desinteresse, seriedade, prazer, organização, espontaneidade (BRUHNS, in: FENSTERSEIFER, P. E. e G.; Fernando, J. (orgs). *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005. p.270).
- Contrapondo-se à autora acima, “justamente por não ser sério é que se torna importante”, pois o lúdico, enquanto exercício individual carregado de emoções, densidade, enigmas e significados, é algo que provoca o imaginário e a sensibilidade (Oliveira in: *Dicionário de Educação Física*, p.270).
- “É uma das essências da vida humana que instaura e constitui novas formas de fruir a vida social, marcadas pela exaltação dos sentidos e das emoções” (WERNECK, In: FENSTERSEIFER, P. E. e G.; Fernando, J. (orgs). *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005. p. 271).

Diferente do esporte, o jogo não deve estar vinculado à necessidade física ou ao dever moral de representar alguma instituição ou grupo. Nunca constitui uma tarefa, sendo praticado nas horas vagas. Algumas características poderão auxiliá-lo a compreender melhor o que coloca o jogo em situação distinta do esporte. Segundo Huizinga:



- Distingue-se do esporte pelo simples fato de que, ao se iniciar o jogo, pode ser finalizado a qualquer tempo;
- É construído de maneira coletiva e na medida em que é incorporado aos hábitos de determinado grupo, povo ou população, torna-se fenômeno cultural;
- Deve ser livre;
- O caráter social do jogo torna-o uma necessidade regular como se fosse um complemento, um hábito necessário na vida do jogador;
- É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com o qual não se objetiva obter lucro.

Você deve estar se perguntando: mas o que é o esporte, então? Veja o quadro abaixo e faça uma comparação com as origens do jogo e com o que você leu nas primeiras páginas deste trabalho em relação aos conflitos de classes e ao capitalismo, observando as relações que daí decorrem:

Esporte: entendido como uma prática motora/corporal:

- A) orientada a comparar um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos;
- B) regido por um conjunto de regras que procuram dar aos adversários iguais condições de oportunidade para vencer a contenda e, dessa forma, manter a incerteza do resultado;
- C) com regras institucionalizadas por organizações que assumem (exigem) a responsabilidade de definir e homogeneizar as normas de disputa e promover o desenvolvimento da modalidade, tem o intuito de comparar o desempenho entre diferentes atores esportivos (por exemplo, em nível mundial).

O esporte pode ser entendido como a transformação das atividades da cultura corporal das classes populares e da nobreza inglesa em práticas corporais pautadas pelas características do esporte anteriormente citadas. Esse processo iniciou-se no século XVIII, desenvolvendo-se mais intensamente no final do século XIX. Foi contemporâneo dos processos de industrialização e urbanização da Inglaterra, e nele tiveram papel fundamental as escolas públicas. A sua origem na Inglaterra é interpretada como um produto da ascensão da nova forma de organização social capitalista daquela época.

O processo de transformação de práticas corporais originadas em contextos não competitivos e, particularmente, não institucionalizadas em modalidades esportivas, assumindo os códigos do esporte de rendimento (comparação objetiva de desempenho, regras oficiais únicas, institucionalização, racionalização das práticas/treinamento na busca da maximização do desempenho), possibilita um grande referencial comparativo do que possa diferenciar o jogo do esporte.

■ FENSTERSEIFER, P. E. e G.; Fernando J. (orgs). *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005. p.170-173.

Já é possível, para você, diferenciar jogo de esporte? Entremos, então, no último questionamento apresentado.

■ Os esportes e os jogos só se aplicam de maneira competitiva?

Você compreendeu que em nosso cotidiano várias situações se manifestam de modo que temos que assumir papéis diferenciados, os quais nos conduzem, ou não, à competição? Em determinados momentos não temos como evitá-las, mas em outros, é possível trabalhar de maneira conjunta, buscando resultados benéficos a uma coletividade a partir da soma de forças (cooperação).

Se não podemos afirmar que o homem é naturalmente competitivo, podemos afirmar então que é naturalmente cooperativo? Mas seria também o jogo cooperativo, competitivo? Vamos discutir essas questões a seguir.

■ Jogos cooperativos: um exercício de convívio social

O jogo cooperativo é um contraponto ao espírito competitivo exacerbado pela sociedade capitalista. Nela, o fenômeno da competição



■ www.diaadiaeducação.pr.gov.br

se reproduz em vários setores da vida social e, segundo Brotto (2002), evidencia-se em lugares e momentos em que não seria necessária a busca desenfreada por sermos os melhores, como se esta fosse nossa única opção.

No jogo cooperativo, em contrapartida, há o favorecimento à promoção da auto-estima e a potencialização de valores e atitudes que melhoram o desenvolvimento da sociedade, tais como a solidariedade, a confiança e o respeito mútuo.

Os jogos cooperativos surgiram “há milhares de anos quando membros das comunidades tribais se uniam para celebrar a vida” (ORLICK, citado por BROTTTO, 2002, p. 47). Povos de várias regiões do mundo – Tasaday/África, Arapesh/Nova Guiné, Aborígenes/Austrália e índios Kanela/Brasil, entre outros – vivem ainda nos dias de hoje de maneira cooperativa, realizando tarefas conjuntas, distribuídas a todos os membros da comunidade. Cada membro destas comunidades trabalha em prol da coletividade em que vivem.

Os jogos cooperativos começaram a ser difundidos, no Brasil, na década de 80, quando foi fundada, em Brasília, a Escola das Nações. Nela, os embaixadores de outros países matriculavam seus filhos. A filosofia desta escola baseava-se na solidariedade, respeito mútuo e cooperação.

Nos anos seguintes, várias instituições passaram a trabalhar com esta concepção de jogo. Em 2001, aconteceu o 2º Festival de Jogos Cooperativos cujo tema foi “Construindo um Mundo Onde Todos Podem

VenSer”, sendo que o primeiro contanto ocorreu em 1999, no Sesc-Taubaté, com participantes do Brasil e da América do Sul.

Características dos Jogos Cooperativos

A principal característica do jogo cooperativo é sua forma de participação. As atividades são realizadas com o objetivo de proporcionar aos seus participantes a máxima diversão, sem preocupação em competir exclusivamente.

O jogo cooperativo proporciona, ainda, o trabalho com valores in-

comuns à atual sociedade, cujo objetivo é a competição exacerbada, a individualidade como única possibilidade. Trabalha, portanto, a diversidade e reconhecimento que uma disputa só é possível se considerarmos a coletividade.

Pode-se dizer que nos Jogos Cooperativos cada indivíduo representa, com suas características, uma força que contribui para que todos se sintam contemplados com o resultado final?

Vamos exercitar esta nova forma de viver o jogo?



Vamos exercitar esta nova forma de vivenciar o jogo?



ATIVIDADE

Pessoa Para Pessoa

*Para cooperar é preciso aproximar-se mais uns dos outros e da gente mesmo. Que tal jogarmos para diminuir a distância e desfazer as barreiras que nos distanciam?

- Participação: joga-se com um único grupo e com a participação ilimitada.
- Espaço: aberto ou fechado, compatível com o número de participantes e livre de obstáculos.
- Como fazer: reúnam toda a turma e comecem sugerindo a um colega que, em voz alta, diga como as ações devem ser feitas. Sugerimos chamá-lo de focalizador.
- O focalizador deve pedir que todos explorem suas possibilidades de movimentar-se de maneiras variadas pelo ambiente (passos largos, passos curtos, saltando em um pé só, rastejando, ou seja, use sua criatividade).
- Depois de alguns minutos, o focalizador deverá falar em voz alta duas partes do corpo (mão na testa, dedo no nariz, orelha com orelha, cotovelo na barriga, etc.).
- A este estímulo, todos deverão formar uma dupla e tocar, um no outro, as partes do corpo faladas pelo focalizador, o mais rápido possível, lembrando que você tocará em uma pessoa no local indicado e ela tocará você também no local indicado.
- Quando todos estiverem em duplas e tocando as partes faladas, o focalizador reinicia o processo, propondo a caminhada livre e criativa.
- Após 2 ou 3 dessas combinações, que devem variar, o focalizador pode dizer em voz alta o nome do jogo: “Pessoa para pessoa”.
- Nesse momento, todos – inclusive o focalizador – devem formar uma nova dupla e abraçar um ao outro, para garantir o encontro.
- Com a entrada do focalizador diretamente no jogo, poderá haver um desequilíbrio numérico: alguém poderá ficar sem par. Como resolver o problema? Uma possibilidade é trabalhar em duplas, trios, quartetos ou conforme o grupo sugerir, desde que não fique ninguém de fora. Outra sugestão é que aquele que não tiver dupla seja, por um curto período de tempo, o focalizador que irá reiniciar o jogo servindo ao grupo, ao invés de ser servido por ele, evitando-se o castigo ou a exclusão.

(*Esta atividade foi retirada do livro: Jogos Cooperativos de Fábio Otuzi Brotto, 2002, p. 131-132.)

Para você refletir e conversar com seus colegas:

1. Que dificuldades surgiram ao longo da atividade?
2. Estas dificuldades foram solucionadas? Como?
3. Quem participou com sugestões para a solução das dificuldades?
4. A maioria de nós tem dificuldades para tocar nas pessoas. Isso aconteceu? Por quê?
5. Como o grupo ajudou as pessoas tímidas a entrarem na brincadeira?
6. Faça uma comparação entre as diferenças desta atividade em relação à primeira que você fez.

Para que você perceba o quanto pode ser prazeroso fazer uma atividade que envolva ações cooperativas, aqui vai mais uma atividade que possibilita a interação com este tipo de jogo, fazendo com que você e seus colegas reflitam, um pouco mais, sobre o assunto:



ATIVIDADE

O Barco Cooperativo.

- Para realizar esta atividade, você e seus colegas irão precisar de canetas coloridas, papéis, vendas e algo para imobilizar os membros superiores.
 - Para iniciar a atividade, divida sua turma em grupos formados por cinco pessoas que deverão posicionar-se sentadas no chão. Caso alguém fique sem grupo deverá participar auxiliando uma pessoa que irá conduzir as ações. Esta pessoa poderá ser seu professor ou sua professora de Educação Física.
 - A tarefa é simples: desenhar um barco num tempo de 5 minutos.
 - Cada participante fará uma ação de cada vez, passando em seguida o desenho para o outro participante e assim por diante. Cada um, na sua vez, poderá fazer apenas um traço no papel, até que o desenho esteja concluído ou o tempo tenha acabado. Simples, não é?
 - Além de poder fazer apenas um traço por vez, os participantes também deverão ter as seguintes características individuais: o participante 1 é cego e só tem o braço direito; o participante 2 é cego e só tem o braço esquerdo; o participante 3 é cego e surdo; o participante 4 é cego e mudo e o participante 5 não tem os braços.
1. Para desempenhar estes papéis, o focalizador pede que os grupos escolham quem será 1, 2, 3, 4 e 5, entregando as vendas para os olhos e tiras de pano para amarrar os braços de quem for escolhido como número 5.
 2. Quando os grupos estiverem prontos, o focalizador iniciará a contagem do tempo, deixando que os grupos façam a atividade sem interrupção, permanecendo em silêncio até que o tempo se esgote.
 3. Todas as dúvidas que surgirem devem ser esclarecidas pelo próprio grupo e poderão ser retomadas posteriormente em discussão com o grande grupo.
 4. Após o jogo, cada grupo deverá apontar quais foram as dificuldades encontradas, os desafios superados e as formas de cooperação colocadas em prática.

Dica: inicialmente, vocês podem fazer esta atividade sem que ninguém represente os papéis propostos com as necessidades especiais apresentadas. Depois de se familiarizar com a atividade, num segundo momento, daí sim seria interessante distribuir os papéis que cada um deverá desempenhar.

Lembre-se de que usar a criatividade é fundamental em todos os momentos da atividade.

(**Esta atividade foi enviada para a Revista dos Jogos Cooperativos, 3 ed., 2003, p.21, por Ana Paula Perón e passou por algumas alterações.)

Nosso objetivo, nesse Folhas, foi lhe possibilitar a análise e a reflexão sobre o problema que levantamos inicialmente. Encerramos provocando-lhe, mais uma vez, com o texto abaixo, de Fábio Otuzi Brotto:



“Exercitando no Jogo e no Esporte a reflexão criativa, a comunicação sincera, a tomada de decisão por consenso e a abertura para experimentar o novo, todos podem descobrir que são capazes de intervir positivamente na construção, transformação e emancipação de si mesmos, do grupo e da comunidade onde convivem. (BROTTO, Fábio Otuzi. *Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como exercício de convivência*. Santos: Projeto Cooperação, 2001, p. 63)

Referências Bibliográficas:

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos**: o jogo e o esporte como exercício de convivência. Santos: Projeto Cooperação, 2001.

_____. **Jogos cooperativos**: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. São Paulo: Cepeusp, 1995 / Santos: Projeto Cooperação, 1997 (ed. Renovada).

BROWN, G. **Jogos cooperativos**: teoria e prática. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

BRUHNS, H. T. O jogo nas diferentes perspectivas teóricas. In: **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano VIII, nº 9, Dezembro/1996.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

FENSTERSEIFER, P. E. e G.; Fernando, J. (orgs). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

IWAYA, M. Instituição escolar. In.: **Livro Didático Público de Sociologia**. Curitiba/PR: Secretaria de Estado de Educação do Paraná, 2006.

LOVISOLO, H. O princípio da cooperação. In: **Conferencia Brasileira do Esporte Educacional**. Rio de Janeiro, 1996.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução (do alemão) Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

PINTO, L. M. S. de M. Sentidos do jogo na educação física escolar. In: **Revista Motrivivência**, Florianópolis, ano VIII, nº 9 Dezembro/1996.



O JOGO É JOGADO E A CIDADANIA É NEGADA

■ Fabiano Antonio dos Santos¹

Se você fosse convidado a participar de um filme cujo roteiro fosse buscar um tesouro perdido, toparia o desafio?

E se a história girasse em torno da busca da chamada cidadania, e, ao invés de um filme, você protagonizasse um jogo: “Em busca da cidadania perdida”? E se esse jogo fosse diferente de tudo que já tenha visto ou praticado, constituído de estações referentes a elementos relacionados à cidadania?

Você saberia dizer, prontamente, de onde vem o termo cidadania? E mais, saberia identificar quem são os atuais cidadãos de sua cidade? O que significa ser cidadão? Quais questões estão ocultas no conceito de cidadania?

É justamente a partir dessas questões que o convidamos a fazer parte do elenco desse jogo bastante diferente e intrigante. No entanto, algumas informações são fundamentais para sua participação efetiva.

¹Colégio Estadual Padre João Wislinski. Curitiba - PR

■ O grande jogo

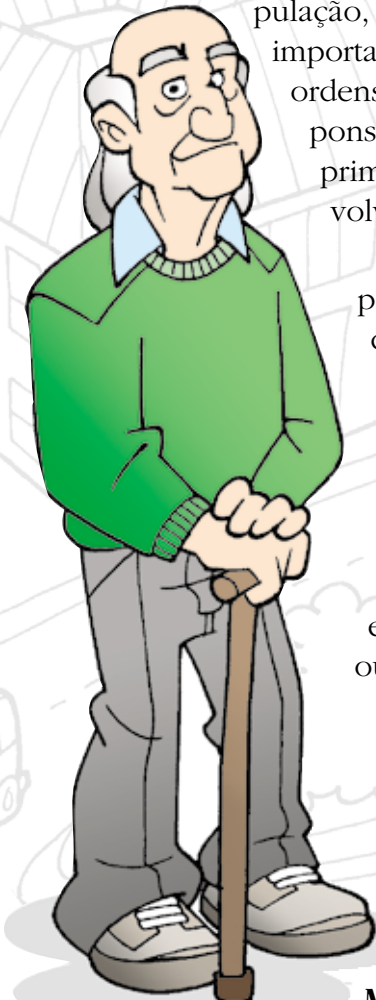
O jogo será constituído por três estações que você percorrerá com seus colegas com a finalidade de realizar os desafios propostos. A cada estação realizada, você deverá dirigir-se à próxima, até que tenha transcorrido todas as três. A turma deverá ser dividida em três equipes e cada uma deverá ter um nome.

O enredo da nossa história começa numa região onde viviam muitas pessoas advindas de diversas localidades, unidas por um único ideal: descobrir o paradeiro da cidadania. As pessoas que ali viviam estavam bastante desorientadas, cansadas das ordens absurdas do chefe daquela região e decididas a retirá-lo do poder. Para tanto, era preciso que a cidadania fosse recuperada, conforme alertou o grande mestre da região: “Somente quando o povo descobrir sua identidade, terá condições de reconquistar o poder. E isso só ocorrerá quando encontrarem a cidadania”.

As leis criadas pelo poderoso chefe não consideravam a população, mas atendiam somente os interesses de algumas pessoas importantes. A população mais pobre era obrigada a cumprir as ordens sem questionar, sob a justificativa de que todos eram responsáveis pelo bom desempenho da região por meio do cumprimento dos deveres impostos pelo grande chefe, os quais envolviam leis e regras visando à ordem.

É importante ressaltar que essas medidas eram tomadas por um grupo de pessoas que se reuniam em locais fechados, quase sempre sem a participação do povo e que as leis e regras visavam aos interesses da elite. Era costumeiro, naquela região, que o salário da população pobre fosse decidido pela elite, o que fortalecia as desigualdades.

Para que nossa história continue, é preciso que você destaque da turma alguns personagens: o mestre, que será o condutor da atividade e dará as orientações para as equipes. Sugerimos que este personagem seja seu professor ou sua professora.



Mestre



O/A Homem/Mulher do tempo: terá o papel de ficar na estação da História da cidadania. Será o responsável por julgar as equipes quando cumprirem a prova determinada para tal estação.



O chefe: deverá impedir que o objetivo do jogo seja atingido. Para tanto, deverá elaborar leis que confundam os participantes dos outros grupos.

Aluno/a de Educação Física: será o responsável para julgar as equipes que passarem pela segunda estação com o objetivo de cumprir a prova.



O grande Cidadão: Será responsável por julgar as equipes que passarem pela estação referente aos direitos e deveres.

Agora que você já sabe como será nossa história, que personagens serão necessários para que o jogo se realize, é hora de conhecer um pouco sobre a cidadania, e alguns dos elementos que a constitui. Iniciamos nossa viagem no tempo, da Grécia Antiga até o período Contemporâneo, passando pela Idade Média e ainda pela Revolução Francesa. Antes disso, o convidamos a conhecer o jogo jogado e o jogo jogante.

■ O Jogo jogado e o jogo “jogante”

Talvez você se pergunte o que um jogo teria a ver com a cidadania. Façamos uma comparação pensando num jogo que envolva muitos jogadores. Podemos compará-lo com as relações que se estabelecem entre os grupos e as classes de uma sociedade. Tanto para os participantes do jogo quanto os das diferentes classes sociais há regras a serem seguidas, lógicas pré-estabelecidas, valores considerados importantes, etc. Essas coisas já estabelecidas organizam o “jogo jogado” (FALCÃO, 2006). Quando queremos mudar as regras, as lógicas, e propor novos valores, temos que criar o “**jogo jogante**”, aquele que pressupõe uma transformação no jogo jogado ou na organização social dada.

Tendo como perspectiva mecanismos que possibilitem a transformação do jogo jogado, propomos que se elabore, aos poucos, o jogo jogante – aquele que ainda está em construção e transformação.

Discutir sobre o conceito de cidadania e suas faces tem estreita relação com o jogo jogado, porém é fundamental, se quisermos jogar o jogo jogante, visualizar formas alternativas de viver na atual sociedade.

Se você estabelecer a relação do jogo jogado com a prática corporal, terá como visualizar o que estamos falando. Pense num jogo que, por princípio, tenha como características a exclusão e o individualismo (valores bastante difundidos no jogo jogado pela atual sociedade). Tal jogo, ou brincadeira, poderia ser a simples dança da cadeira. Quem não senta a tempo na cadeira, sai do jogo, certo? No entanto, se procurarmos introduzir, nesta brincadeira, valores que possam se manifestar no jogo jogante – aquele que ainda está por vir –, teremos condições de torná-lo mais interessante, possibilitando a participação de todos, sem que nenhum jogador fique à margem das ações tomadas. Poderia, portanto, tirar uma cadeira, ao invés de um jogador, fazendo com que as pessoas chegassem a um acordo a fim de que todos continuassem na brincadeira.

Este exemplo deixa mais clara a relação entre o jogo jogante e o jogo jogado? Qual seria a nova lógica do jogo/dança das cadeiras? Qual seria o sentido da dança? O que se pretende com tais formas de se jogar, e o que isso representa na atual sociedade?

A partir de agora, o jogo começa para valer, esperamos que você esteja preparado para essa aventura, aproveite, corra bastante, divirta-se e aprenda um pouco mais sobre “a cidadania perdida”!

■ Primeira estação: Que História é essa de Cidadania?

O conceito de cidadania possui amplo significado, abrangendo várias dimensões, as quais vêm se constituindo ao longo dos anos. Você sabia que é possível distinguir uma cidadania para o indivíduo e outra para a coletividade?

A cidadania individualizada trata dos direitos e dos deveres de cada indivíduo, remetendo aos direitos civis e políticos. Seu surgimento se deu nos séculos XVII e XVIII, com a ascensão da burguesia ao poder, na Europa Ocidental, e com a Revolução Francesa de 1789. Surgiu graças à nova organização social, voltada para a valorização do indivíduo em detrimento da antiga organização social que impossibilitava um processo de singularidade. A cidadania individual pressupõe liberdade e autonomia dos indivíduos, impera a livre competição, havendo “respeito” por parte de todos à livre expressão.

Esse tipo de cidadania precisa de um árbitro que faça mediação na sociedade. Tal função é, segundo os liberais, ocupada pelo Estado. O que se destaca é a luta por direitos civis expressada, principalmente, pela conquista do direito de voto. Então, o que você pensa sobre esse conceito de cidadania? Qual a relação desse conceito com o período histórico que ele surgiu?

Outro conceito apontado para a cidadania trata de sua perspectiva coletiva. Seu surgimento remonta às origens do cidadão da pólis grega, principalmente em Atenas nos séculos VI a IV a.C. Para ser considerado cidadão, era necessário ser descendente, até a 3ª geração, de homem e mulher ateniense. Outra exigência era ser homem. Ao serem considerados cidadãos, os homens podiam participar diretamente da formulação de projetos, leis, bem como gestar a pólis por tempo determinado.

Outra forma de se compreender a cidadania coletiva remonta a contemporaneidade, e está vinculada às classes sociais. No modo de produção capitalista, o conceito de cidadania vincula-se aos interesses de classe, tendo como grande objetivo, principalmente a partir do liberalismo, organizar a sociedade de maneira que as desigualdades sociais sejam camufladas ou amenizadas. As concepções de liberdade e igualdade vêm servindo, historicamente, para que as desigualdades e as arbitrariedades da classe dirigente sejam encobertas.



■ Pólis Grega

<http://pt.wikipedia.org>

Pólis Grega: “Ela pode ser definida como uma ‘comunidade autônoma politicamente,’ uma cidade-estado, ainda que estes conceitos não exprimam perfeitamente todas as suas características, pois além de sua independência política, a pólis ideal deveria ser auto-suficiente no plano econômico.” (FLORENZANO, 1982, p. 24)



■ IV Congresso Nacional do MST

www.mst.org.br

LIBERALISMO: “Um sistema que afirma, convictamente, que o mundo seria melhor – mais justo, racional, eficiente e produtivo – se houvesse livre iniciativa, se as atitudes econômicas dos indivíduos (e suas relações) não fossem limitadas por regulamentos e monopólios estatais. Uma doutrina que prega a necessidade de desregularizar e privatizar as atividades econômicas, reduzindo o Estado e as funções bastante definidas. Estas funções constituem apenas parâmetros bastante gerais para as atividades livres dos agentes econômicos. São três, basicamente: a manutenção da segurança interna e externa, a garantia dos contratos e a responsabilidade por serviços essenciais de utilidade pública.” (MORAES, 1997, p.03)

No Brasil Imperial (1822-1889), eram considerados cidadãos aqueles que possuíam número considerável de terras e de escravos e, posteriormente, aqueles que detinham propriedades. Há um ponto importante que você deve se atentar: na história do conceito de cidadania, o termo em princípio, foi utilizado como forma de distinção entre cidadãos e não-cidadãos.

Há, pois, no pensamento burguês, uma nítida separação entre proprietários e não-proprietários. Só os proprietários é quem têm direito à plena liberdade e à plena cidadania. Aos não-proprietários cabe uma cidadania de segunda ordem; enquanto cidadãos passivos, têm direito à proteção de sua pessoa, de sua liberdade e de sua crença, porém não são qualificados para serem membros ativos do soberano. (BUFFA, 2002, p.27)

Atualmente o discurso oficial fala de igualdade de oportunidades e da liberdade como valores importantes na busca da plena cidadania. Resta saber quem possui liberdade real para gozar das oportunidades, visto que tanto o número de favelas quanto o número de pessoas miseráveis aumentam a cada dia nas cidades e no campo.

Ser cidadão na atualidade, segundo o discurso oficial, parece estar ao alcance de qualquer um, pois, perante a lei, todos somos iguais. No entanto, essa igualdade deve ser buscada por meio do esforço individual. Propagandas sobre a responsabilidade individual em busca da cidadania são anunciadas diariamente com objetivos bastante confusos a princípio.

■ Segunda Estação – Cidadania: inclusão excludente?

A história oficial sempre foi aquela contada pelos vencedores. Assim, o discurso sobre o “descobrimiento” do Brasil (1500) ou as vitórias dos grandes comandantes, como Alexandre (356-323 a.C.) e Napoleão Bonaparte (1769-1821), têm destaque perante a versão dos vencidos e humilhados.

No Brasil, com a abolição da escravatura em 1888, ocorrida tanto por pressões dos próprios escravos, quanto do capitalismo inglês, estabeleceram-se, aos poucos, relações tipicamente capitalista; entre elas, o trabalho assalariado.

Para que a posse da terra não saísse das mãos da elite, criaram-se mecanismos legais que dificultavam ao novo cidadão o acesso à propriedade privada. Um exemplo foi a Lei de terras de 1850, que tornou a posse ilegal, exigindo, daqueles que ocupavam

as terras, o título registrado e elevando muito o valor das propriedades rurais. Assim, para se tornar proprietário de terras, era preciso ter muito dinheiro em mãos, o que impossibilitava os pobres e os ex-escravos de tornarem-se donos de áreas rurais.

Vale lembrar de que a propriedade capitalista, na época, estava sustentada por valores liberais, como: liberdade, fraternidade e igualdade. Ora, se liberdade era um valor universal naquela época, como explicar que alguns teriam possibilidades de possuir terras e outros não? Simples, pelo conceito liberal de cidadania. Somente possuiriam terras aqueles que se enquadrassem nas determinações necessárias ao que se entendia por cidadão. Dessa forma, ficavam de fora desse conceito os trabalhadores que possuíam tão somente seus braços para trabalhar. Devido a isso, ser cidadão naquele momento era um privilégio de alguns e não de outros.

Pode-se fazer um paralelo entre exclusão social e as práticas corporais de suas aulas de Educação Física. Digamos que hoje sua aula é de qualquer esporte, seja futebol, voleibol, enfim, qualquer dos chamados “bols”. Se você é um grande praticante, teve uma vasta experiência motora nesta modalidade, logo fica entusiasmado, já que terá oportunidade de praticar o que mais gosta de fazer. Por outro lado, seu colega, que não teve a mesma oportunidade de experimentar esta modalidade, seja por falta de interesse ou qualquer outro motivo, não terá o mesmo entusiasmo, certo?

Imagine agora a cena da aula se construindo, você começa a jogar. Antes disso, logicamente escolhe os melhores colegas, aqueles que como você tiveram oportunidade de praticar a mesma modalidade, adquirindo habilidades motoras condicionantes com sua prática. A aula começa, você joga por 40 minutos, chega a cansar, suar, e pede para descansar um pouco. Termina a aula e você pensa: “puxa vida, hoje eu joguei bem. Nossa, como joguei!”.



■ CÂNDIDO PORTINARI, *Café*, 1935, óleo sobre tela, 130x195 cm; Museu Nacional de Belas Artes; Rio de Janeiro.



Parece-lhe uma cena normal, natural, sem maiores implicações, correto? Ainda pode perguntar o que esta história tem a ver com o princípio comentado acima sobre a exclusão, na concepção de cidadania elaborada no início do capitalismo em nosso país. Bem, vamos retroceder um pouco a fita e lembrarmos dos personagens dessa história.

Havia você, um belo praticante da modalidade esportiva, mas havia também aquele/a seu/sua colega que não teve contato suficiente com a modalidade, lembra? Pois bem, agora preste atenção na versão dele/a da aula de Educação Física:



Bem, ele/a chegou no local onde a Educação Física ocorreria, estava ao seu lado, observou você escolher os/as melhores/as jogadores/as e, sabendo que não seria escolhido/a, dirigiu-se a um local para se sentar e observá-lo/a jogar. Ele/a ficou toda a aula sentado/a, sem oportunidade para jogar, excluído/a de toda a prática desenvolvida nos 40 minutos que você jogou.

Mas como você tem argumento para tudo, deve responder: “Sim, mas ele/a não jogou porque não quis, e tem mais, ele/a é ruim mesmo”. Ou “mulher não sabe jogar, só serve para assistir, torcer por nós”.

Contrariamente aos seus argumentos, acreditamos que este/a seu/sua colega não domina os movimentos básicos do jogo por não ter oportunidade. As pessoas se constroem, ou seja, são o que são, em função das oportunidades que tiveram e têm.

Exclusão do cidadão, exclusão do aluno, será que a vida imita a arte? Será que são meras coincidências? Ou são fatos que estão colocados na sociedade e na aula de Educação Física e não conseguimos vê-los com criticidade?

O discurso sobre exclusão/inclusão social tem, hoje, uma força de ilusão que acoberta as dificuldades que a humanidade tem encontrado para sobreviver. Na maioria das políticas públicas implantadas no

Brasil, nas últimas décadas, a idéia de inclusão é tão somente um mecanismo para amenizar desigualdades e minimizar a força política dos discursos sobre exclusão. Exemplos podem ser retirados do desporto de rendimento e da prática corporal.

Tais manifestações são importantes para constatar as prioridades dadas às políticas desportivas, como, por exemplo: o significado de um pan-americano, de uma medalha olímpica ou uma copa de futebol perto do estado de abandono de praças e escolas, em verdadeiro estado de miséria material, falta de equipamentos, de profissionais qualificados. Os elevados investimentos nos grandes eventos esportivos e a espetacularização dos mesmos fazem com que a população se “esqueça” das necessidades de sobrevivência e dedique-se às atividades de lazer.

■ Terceira Estação: Direitos e deveres

Vincula-se, atualmente, o conceito de cidadania ao ato de corresponder às responsabilidades do indivíduo quanto à execução de deveres e reivindicações de direitos. Você já ouviu dizer que um bom cidadão deve cumprir deveres e lutar por seus direitos? Mas se levarmos em conta quais deveres temos para cumprir ao longo de nossas vidas e com quais direitos podemos contar, veremos que as coisas não são tão simples nem tampouco equitativas.

A idéia e o discurso sobre direitos e deveres foram mecanismos criados para justificar práticas de cidadania e ocultar desigualdades. Esse discurso dá a impressão de que todos estão em igualdade de condições e, para se tornarem cidadãos, é preciso, apenas, que todos cumpram seus deveres e usufruam de seus direitos.

Porém, como você já deve imaginar, nem sempre os direitos são ofertados de igual forma para as diferentes classes sociais, muito menos são exigidos, delas, os deveres.

[...] o Brasil, país capitalista, caracteriza-se por ser uma sociedade autoritária e hierarquizada, em que os direitos do homem e do cidadão simplesmente não existem. Não existem para a elite, de vez que ela não precisa de direitos porque tem privilégios. Está, pois, acima deles. Não existem para a imensa maioria da população – os despossuídos -, pois suas tentativas de consegui-los são encaradas como problemas de polícia e tratadas com todo rigor do aparato repressor de um Estado quase onipotente. (BUFFA, 2002, p.28)

O que, na verdade, aparece como forma de equivaler as desigualdades, torna-as mais evidente, marcadas por profundas desigualdades sociais. Por exemplo, a famosa igualdade jurídica, baseada na constituição de leis e regimentos, em muitos casos, amplia a dimensão da cidadania construída para poucos. Pesquise, em jornais e revistas, notícias de casos reais que exemplifiquem essa afirmação sobre a cidadania jurídica.



■ Urna eletrônica

“O voto é considerado um direito para os cidadãos com determinada idade. Porém, o que se configura, na realidade, é mais um dever inculcido na forma de um direito, destinado a população em geral.”



ATIVIDADE

Agora que já conhece alguns dos aspectos que envolvem o conceito de cidadania, resta, ainda, elaborar as provas que serão desenvolvidas pelo restante da turma. Lembre-se de que o jogo deve possibilitar uma (re)interpretação dos fatos, e a criatividade é fundamental. As estações precisam ter relação com as discussões feitas nesse Folhas. Deve-se:

- contemplar as distintas maneiras de conceituar cidadania, e como este conceito serve na atualidade para ocultar as visíveis desigualdades;
- conter uma atividade que incentive a discussão sobre inclusão e exclusão e o que isso significa em nossa sociedade;
- discutir criticamente as diversas armadilhas que os preceitos sobre os direitos e deveres apresentam.

Como possibilidades de provas, você poderá verificar tais questões em sua escola, comunidade, ou até mesmo na sua cidade. Poderá, também, realizar pesquisas, cumprir tarefas práticas, testar seus amigos de escola, enfim, criar atividades que não se encerram em uma aula, mas envolvem uma série de pessoas, o que tornaria o jogo ainda mais interessante.

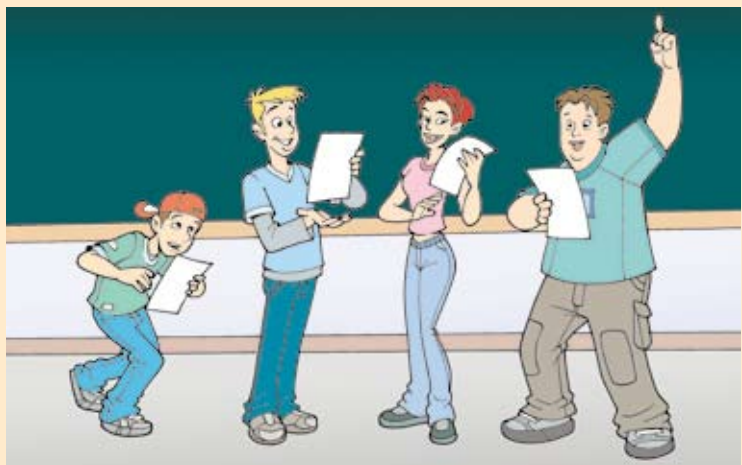
Ao final do jogo, terá condições de verificar que a chamada cidadania está muito próxima e, ao mesmo tempo, distante de sua realidade e que sua busca pode estar ao alcance de todos, inclusive ao seu alcance.

Sugestão de provas

As provas propostas estão colocadas aqui apenas a título de exemplo. Cabe a você, juntamente com seus colegas e professor, criar outras provas. Como poderá notar, as atividades devem ser dinâmicas, fazendo com que você mobilize sua equipe o mais rápido possível para que a prova seja cumprida.

Primeira estação

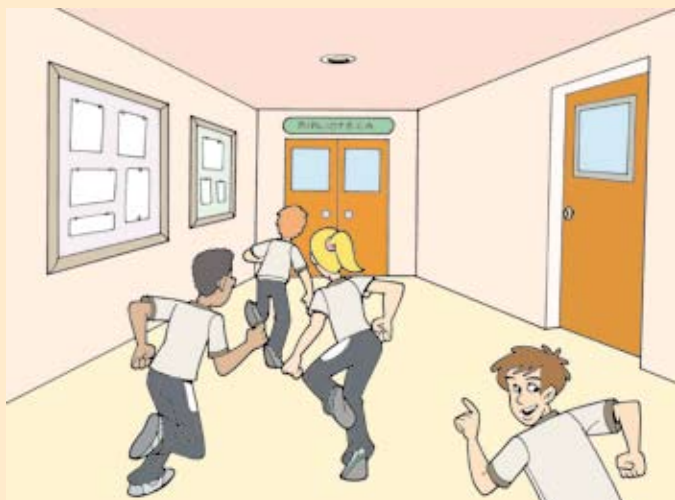
Como a proposta da primeira estação é discutir os aspectos históricos da cidadania, poderia ser realizada uma prova pautada nos jogos de interpretação. Poderia elaborar um roteiro de imagens, com objetivo de instrumentalizar a interpretação. Por exemplo, se o roteiro de imagens for sobre a cidadania coletiva, será interessante buscar aquelas que mostrem movimentos sociais com reivindicações, seja de ordem econômica e/ou cultural. Você, de posse das imagens, se reunirá com sua equipe e as interpretará. O/A Homem/Mulher do tempo será responsável por julgar o cumprimento ou não da prova.



Segunda estação

Poderá ser organizado um festival esportivo, cujo foco seria a competição em sua forma mais excludente, e, logo em seguida, alternativas para essa prática corporal, com ênfase na inclusão/cooperação. O objetivo seria organizar as duas formas o mais rápido possível.

Outra atividade poderia consistir em uma entrevista rápida com qualquer pessoa externa a turma sobre o que conhece a respeito da cidadania e como entende tal conceito. O responsável por julgar tais atividades é o/a aluno/a de educação física.



Terceira estação

Procurar, em sua escola, o que há sobre os direitos e deveres de alunos, professores e funcionários. Isso poderia ser uma prova para se cumprir. Seria interessante, ainda, que você procurasse, na biblioteca de sua escola, referências em livros, revistas e jornais sobre os direitos e deveres imputados ao cidadão.

Referências Bibliográficas:

- ARAÚJO, A. M. C. (org.) **Trabalho, Cultura e Cidadania**. São Paulo: Scritta, 1997.
- BUFFA, E. Educação e cidadania burguesas. In: BUFFA, E.; ARROYO, M.; NOSELLA, P. (Orgs). **Educação e a cidadania: quem educa o cidadão?** 10 ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da nossa época) p. 11-30.
- FALCÃO, J. L. C. O jogo da capoeira em jogo. In.: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 2, p. 59-74, janeiro, 2006.
- FLORENZANO, M. B. **O mundo antigo: economia e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GOHN, M. G. **História dos movimentos sociais e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. São Paulo: Loyola, 1995.
- MORAES, R. C. Corrêa de. Liberalismo e Neoliberalismo: uma introdução comparativa. In: **Revista Primeira Versão**, Campinas-SP, nov/1997.

■ Ginástica



■ CÂNDIDO PORTINARI. *Meninos brincando*, 1955. Óleo sobre tela; 60 X 72,5 cm; Coleção Particular; Rio de Janeiro.

Você sabia que a ginástica surgiu no século XIX como forma de “educar o corpo”? É isso mesmo! Você está convidado a viajar na história da ginástica para conhecer um pouco mais sobre este Conteúdo Estruturante.

Então vamos viajar para a Europa e dar uma “paradinha” no século XIX. Neste período, a ginástica tinha finalidade de constituir um corpo saudável, afastando-o das doenças que cresciam juntamente com a população dos grandes centros urbanos. A ginástica foi usada como prática de poder das elites perante a nova classe pobre urbana, e sob a condição de ciência, buscou posicionar o corpo de forma retilínea, utilizando, para tanto, da anatomia, da fisiologia, da higiene, dentre outras áreas desta natureza. Ela se constituía numa forma de educar gestos e comportamentos, tão necessários para a ordem social daquela época.

Foram criados os chamados métodos ginásticos em diferentes países. Para melhor compreender a importância destes métodos, veja os Folhas intitulados: “O circo como componente da ginástica” e “Ginástica: um modelo antigo com roupagem nova? Ou uma nova maneira de aprisionar os corpos?”.

Você saberia responder como a ginástica é apropriada pela sociedade capitalista? E como chegou ao Brasil? Para isso, é necessário lembrar que o Brasil, no século XIX, sofria influência européia e também passava por algumas transformações, como, por exemplo, o crescimento das cidades devido à ampliação da sociedade capitalista.

Havia, então, a necessidade de fazer com que as pessoas se adequassem ao novo modelo econômico vigente. Para isso, medidas foram tomadas e a ginástica foi fundamental na aplicação dos preceitos de moralidade e para instaurar a ordem social naquele momento histórico.

O principal responsável por implementar a ginástica aqui no Brasil foi Rui Barbosa. Importante figura na história brasileira, realizou estudos relacionados à saúde do povo brasileiro, empregando a ginástica como fator decisivo para tal objetivo. Desta forma, e com este objetivo, a ginástica chegou às escolas, da mesma forma que fora pensada para a saúde coletiva do povo brasileiro e com forte influência da instituição militar.

Como as aulas de ginásticas começaram a ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física? Como é atualmente a ginástica da escola?

Da mesma forma que outros Conteúdos Estruturantes, a ginástica deve ser pensada de acordo com as necessidades da escola, para não ser reduzida e submetida aos modelos dos jogos olímpicos e das grandes competições destinadas à modalidade. Mas será que a ginástica se resume a esta modalidade? Que outras formas a ginástica podem ser apresentadas?

Se disséssemos que a ginástica está relacionada ao circo, você acreditaria? Pois é verdade, e para conferir esta possibilidade de praticar ginástica de forma divertida, leia o Folhas que discute o circo.

E o seu corpo? Como você viu, a ginástica surge com objetivos de regular o corpo conforme padrões estabelecidos pela elite dominante, certo? Será que os modelos de ginástica do século XIX são diferentes daqueles que temos hoje? Vamos discutir esta e outras questões no Folhas: “Ginástica: um modelo antigo com roupagem nova? Ou uma nova maneira de aprisionar os corpos?”.

E os atletas que praticam ginástica, como são seus corpos? Talvez você responda que são corpos perfeitos, “sarados”, porém, no fundo, são corpos que estão no limite de suas funções, suscetíveis a diversas contusões. Os benefícios da prática da ginástica para seu corpo podem ser muitos, desde que sejam respeitados seus limites. Para melhor compreender as relações entre a prática da ginástica e os segredos de seu corpo, consulte o Folhas: “Os segredos do corpo.”

Como você deve ter percebido, a ginástica aqui apresentada deve estar relacionada com a realidade escolar, o que significa adequação de atividades e formas de encaminhamento que contemplem a diversão e a importância de estarmos atentos às questões que se referem ao corpo.

Esperamos, a partir de agora, que você incorpore cada uma das personagens que serão apresentadas, sejam elas circenses ou não. Dessa forma, chegará ao final desses Folhas conhecendo um pouco mais sobre história, sobre o corpo como mercadoria e sobre a ginástica.

E

D

U

C

A

Ç

Ã

O

F

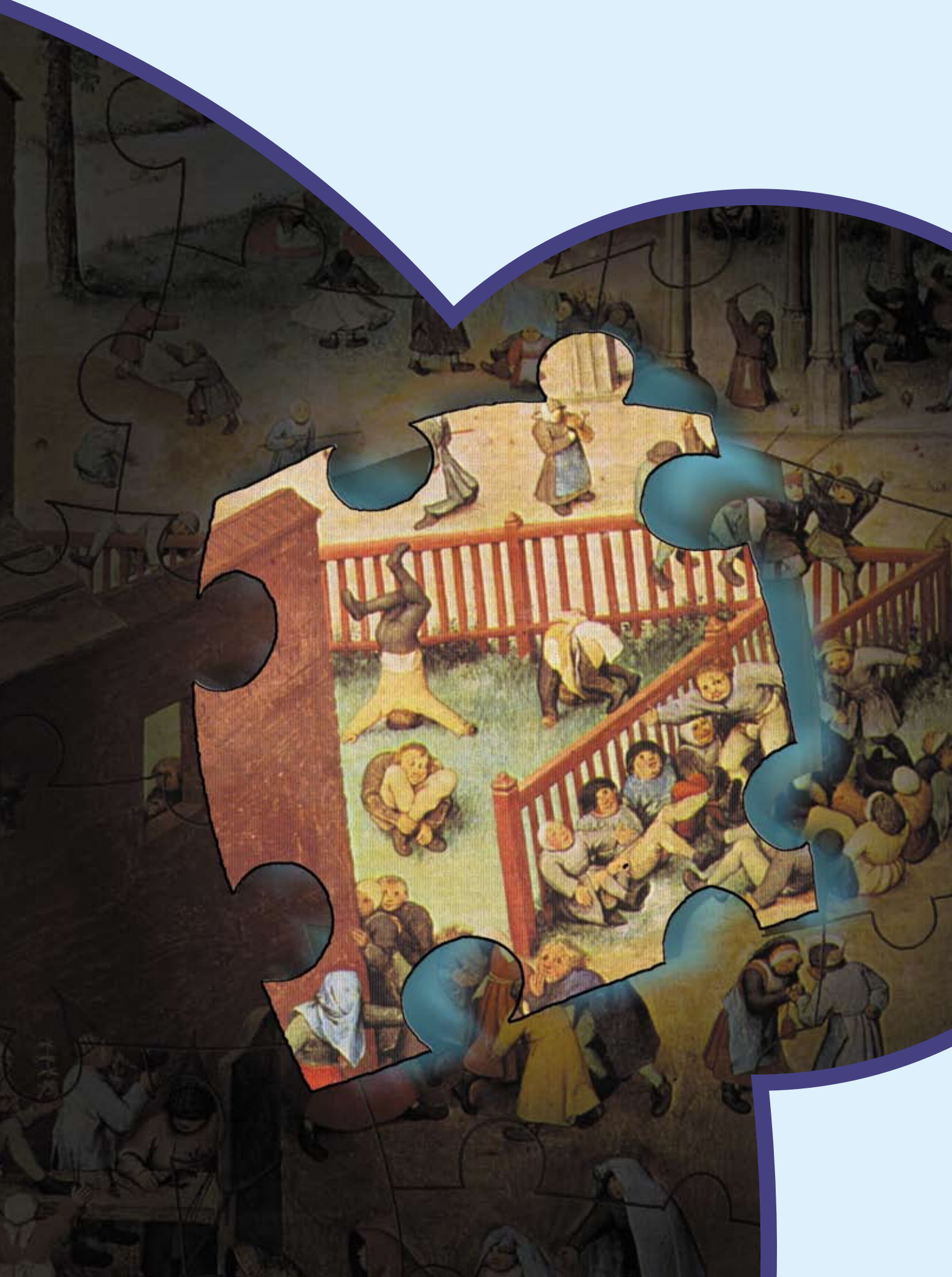
Í

S

I

C

A



O CIRCO COMO COMPONENTE DA GINÁSTICA

■ Felipe Sobczynski Gonçalves¹

Certamente você já ouviu falar sobre Ginástica, mas já se preocupou em refletir sobre: como ela se originou? Quais são suas diferentes vertentes? A quem ela interessava? Quais são suas influências em nossas atividades cotidianas?

Neste Folhas, discutiremos com você uma das possibilidades da ginástica a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física. Para que nossos diálogos sejam profícuos, mergulharemos numa história em que os personagens principais serão vocês, alunos. Para que nosso espetáculo seja divertido, alegre, mas, ao mesmo tempo, sério e reflexivo, precisaremos da dedicação de todos, de uma ação coletiva.

■ A ginástica entrando em cena

Antes de abrirmos as cortinas e acendermos as luzes para que o espetáculo comece, necessitamos compreender como ocorreu o desenvolvimento da Ginástica, e que marcas ela imprime no corpo.

A ginástica veio tornar real e visível aquilo que Carmen Lúcia Soares chama de “corpo educado”. Compõe, também, o denso registro de saberes que se constituem a partir da tomada do corpo como objeto de cuidados. Vejamos quando e onde tudo isso começou.

“O ‘corpo educado’ é o resultado da paciente e lenta elaboração de formas distintas de intervenção dirigida do exterior com a intenção de atingir a alma humana”. (SOARES, 1997, p. 6)

No séc. XIX, na Europa, a Ginástica passou a ter um caráter de cientificidade, consolidando-se como um dos mais importantes novos códigos de civilidade. Essa atividade teve total influência na “educação do corpo”, pois reformava completamente o corpo, o qual passou a ostentar uma simetria como nunca teve antes. Para aquele momento histórico, interessava o corpo disciplinado, educado e modelado para as novas necessidades sociais.

“O corpo reto e o porte rígido comparecem nas introduções dos estudos sobre a Ginástica no século XIX. Estes estudos, carregados de descrições detalhadas de exercícios físicos que podem moldar e adestrar o corpo imprimindo-lhe este porte, reivindicam com insistência seus vínculos com a ciência e se julgam capazes de instaurar uma ordem coletiva. Com esses indícios, a Ginástica assegura, neste momento, o seu lugar na sociedade burguesa” (SOARES, 1997, p. 8)



■ Circo Beverly Lilley. Acrílico. Sarasota. High School, Flórida, EUA.

A prática da Ginástica realizada simultaneamente em vários países da Europa, especialmente na Alemanha, Suécia, Inglaterra e França, ao longo de todo o século XIX, fez nascer o chamado Movimento Ginástico Europeu. Esse movimento se constituiu a partir das relações cotidianas, dos divertimentos e festas populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares, bem como dos passatempos da aristocracia.

Para que esse movimento tivesse aceitação e passasse a fazer parte da educação dos indivíduos, além de possuir o princípio de ordem e disciplina coletiva, deveria romper completamente com seu núcleo primordial que era o divertimento. A ginástica passou a se destacar nos círculos intelectuais, quando se tornou científica e despertou o interesse da burguesia. Essa classe social utilizaria a ginástica como um instrumento disciplinador de posturas, ações e gestos, que contribuiria para que os indivíduos adquirissem noções de economia de tempo, de gasto de energia e de cultivo à saúde. Como nesse período as indústrias ganhavam força, era preciso que fosse apresentada ao trabalhador uma atividade de caráter ordenativo, disciplinador e metódico – a Ginástica.

Em contraposição aos interesses da burguesia europeia do século XIX, mas contemporâneas a ela, os artistas realizavam práticas corporais descompromissadas, simples espetáculos em feiras e circos, onde palhaços, acrobatas, gigantes e anões despertavam, na população, vários sentimentos, entre eles, o assombro e o medo.

Antes de discutirmos essa contraposição, façamos o seguinte exercício:



PESQUISA

1. Procure, em jornais ou revistas, qual é o modelo de padrão corporal apresentado hoje pelos meios de comunicação de massa (a televisão, o rádio, as revistas, os jornais). Observe se existem relações com o código de civilidade na Europa do século XIX no que diz respeito à ginástica. Discuta em grupos com seus colegas e monte um painel com as reportagens escolhidas. Em seguida, apresente para a turma.

■ Circo!!! E isso é ginástica?

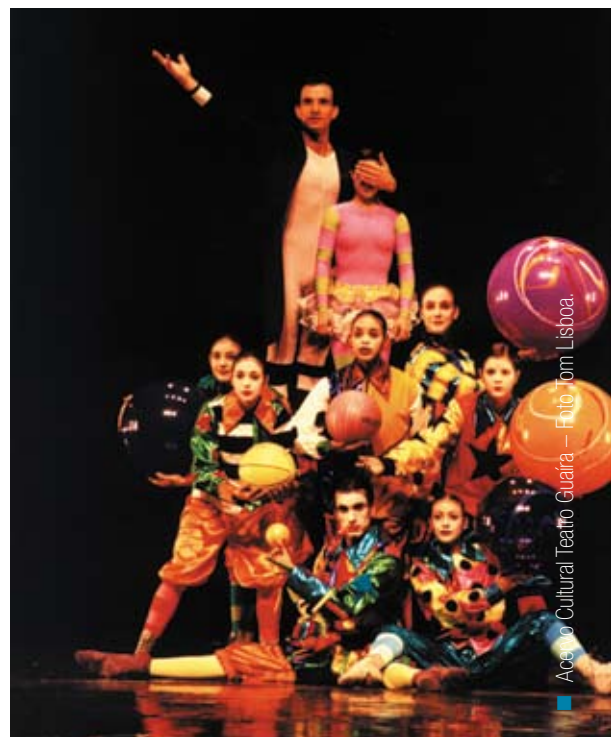
Ao entrarmos no mundo mágico do circo, precisamos entender um pouco melhor suas origens e desenvolvimento.

Não podemos datar com exatidão quando a atividade corporal circense foi originada, no entanto, Torres, ao citar Ruiz, coloca que

“... o remoto ancestral do artista de circo deve ter sido aquele troglodita que, num dia de caça surpreendentemente farta, entrou na caverna dando pulos de alegria e despertando com suas caretas, o riso de seus companheiros de dificuldades” (RUIZ, R. *apud* TORRES, A. *O Circo no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, Editora Atrações, 1998, p.13)

De acordo com Castro (1997), os primeiros registros sobre artes circenses foram encontrados na China, em pinturas de quase 5.000 anos onde aparecem acrobatas, contorcionistas e equilibristas. A acrobacia, por exemplo, era uma forma de treinamento para os guerreiros, cuja função social exigia agilidade, flexibilidade e força.

No entanto, as raízes da arte circense se fazem presentes em toda antiguidade clássica, desde os hipódromos da Grécia antiga até o grande Império Egípcio. Nas pirâmides do Egito, os primeiros sinais dessa arte estão gravados em desenhos de domadores, equilibristas, malabaristas e contorcionistas.



Para melhor compreensão do que estamos comentando, assista ao filme: “Gladiador” (2000, EUA, direção: Ridley Scott)

Contudo, foi na Europa que o circo ganhou força e se desenvolveu. Os espetáculos tomaram impulso no Império Romano, em anfiteatros cujas apresentações mais tarde seriam classificadas como atividades circenses. A importância e a grandiosidade desses espetáculos podem ser demonstradas pelo Circo Máximo de Roma (40 a.C). No lugar em que esse Circo se instalava, foi criado, mais tarde, o Coliseu, que comportava mais de 87 mil espectadores e apresentava excentricidades como gladiadores, animais exóticos, engolidores de fogo, entre outros.

Porém, os espetáculos realizados no Coliseu tornaram-se sangrentos, com cristãos jogados às feras e isso teve como consequência uma redução no interesse pelas artes circenses. No final do Império Romano, os artistas circenses passaram a se apresentar, então, em locais públicos, como praças e feiras (CASTRO,1997).

De acordo com Soares (1998), o circo no Renascimento deslocava os habitantes das vilas e cidades de suas rotinas simples que envolviam apenas trabalho e descanso. O circo rompia com a ordem estabelecida ao proporcionar, sobretudo, diversão e encantamento ao público. Era uma arte do entretenimento.

O circo se apresentava como uma atividade de grande fascínio na sociedade europeia do século XIX. O corpo era o centro do espetáculo das “variedades” apresentadas pela múltipla atuação de seus artistas. Pode-se dizer que o circo surgia como a encarnação do espetáculo moderno e seu sucesso era inegável nas diferentes classes sociais que assistiam ao mesmo espetáculo, embora em dias e horários diferentes.

■ Mudanças no circo contemporâneo? Para quê e para quem?

Hoje podemos dizer que além dos circos itinerantes e dos circos tradicionais ou circo família, temos o circo contemporâneo.

Diversos fatores levaram a mudanças na organização e administração do circo. Inicialmente quem dirigia os circos eram as famílias de artistas. Pai, avô, tios, filhos e sobrinhos eram responsáveis por tudo, desde a infra-estrutura e montagem até o espetáculo. O mundo da família circense era circunscrito pela lona do circo.

Com o surgimento dos grandes centros urbanos e com o desenvolvimento tecnológico, apareceram novas formas de entretenimento, como a televisão, cinema, teatros, parques de diversão, e o circo foi perdendo espaço e público. Para Torres (1998, p.45), “na verdade o circo adaptou-se aos novos tempos do *mass media*” (aos meios de comunicação de massa). “Tornou-se performático”, mas sem esquecer a maioria das atrações de antigamente. É preciso destacar, no entanto, que os

Para melhor entendimento do conceito “*mass media*” ou mídia de massa, veja o Follas: “Ginástica: um modelo antigo com roupagem nova? Ou uma nova maneira de aprisionar os corpos?”.

circos pequenos que se apresentam principalmente nas cidades do interior ainda mantêm as antigas “tradições”.

Quanto aos que se adaptaram aos novos tempos, a primeira mudança que ocorreu foi na relação familiar. Os filhos dos proprietários dos circos passaram a se dedicar aos estudos e trabalhar como administradores do circo, não mais como artistas. O circo tornou-se uma grande empresa.

Duas conseqüências decorreram dessas mudanças: a primeira é que os novos “empresários” têm do circo uma visão menos sentimental. Para eles o circo é um negócio que tem que dar lucro. A segunda é que, para suprimir a demanda de artistas, já que as famílias circenses agora cuidam da administração, surgiram as escolas de circo, que formam novos artistas. Estes não fazem parte da família e a relação que se estabelece é de patrão e empregado.

Da mesma forma que um funcionário que vende sua força de trabalho, o artista de circo trabalha por um salário. Sua força de trabalho tornou-se, também, mercadoria.

Com essas mudanças, observamos uma perda das características culturais originais do circo, pois não se tem mais a transmissão familiar dos conhecimentos circenses, salvo em algumas exceções.

As mudanças ocorridas na administração do circo moderno ajudaram também a criar uma nova categoria de circo, conhecida como “novo circo”. Na opinião de Baroni (2006), o circo contemporâneo se caracteriza por uma mescla de práticas, das quais podemos destacar a dança, o teatro, a técnica, a estética e os elementos da tecnologia como luz e som. Trata-se de um modelo artístico de circo em que não basta ser hábil, mas é preciso que se conte algo. Para sua efetiva realização, os artistas precisam ser polivalentes. O modelo mais expressivo deste tipo de circo é o canadense *Cirque du Soleil*.

Veja o Folhas: “O futebol para além das quatro linhas”.

Para Marx, “o valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário gasto para sua produção” (2001, p. 60)

■ Hoje tem circo? Tem sim senhor!

Reeeeeeeeeespeitável público!... A partir de agora, vocês não serão mais espectadores, mas farão parte do espetáculo. Não podemos esquecer que devemos refletir sobre aquilo que estamos realizando e relacionar com a nossa sociedade.

Vocês estão prontos para entrar no picadeiro? Para enfrentar a platéia que está ansiosa pelo show? Convido então os primeiros artistas a entrarem em cena: **Os Malabaristas!!!**



■ SEURAT, GEORGES. *O Circo*, 1891. Óleo sobre tela, 180 x 148 cm; Louvre, Paris (ou museu do Louvre)

Antes de mais nada, é preciso esclarecer que há uma enorme diversidade de malabares e o número de combinações possíveis para esta prática é infinita e depende exclusivamente do gosto e da habilidade do malabarista. São inúmeros os tipos de materiais e objetos para malabares, dentre eles: as bolinhas, as claves, os aros, o diabolo, devil stick, véu ou lenços, etc.

Neste Folhas, nós nos preocuparemos em demonstrar tanto a construção como a seqüência básica com as bolinhas, devido à utilização de material alternativo e barato.



ATIVIDADE

Para a construção das bolinhas, necessitamos de alguns materiais: 9 bexigas; 300 gramas de painço (comida de piriquito); 2 garrafas pet (uma servirá de funil) e 1 tesoura. Seqüência:

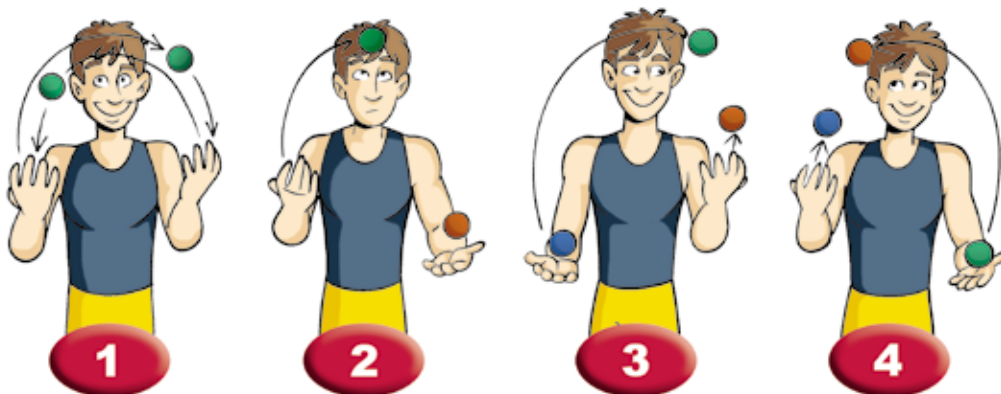
1. corte uma das garrafas pet, deixando-a como um funil;
2. coloque 100gr de painço na outra garrafa pet, utilizando o funil;
3. prenda uma bexiga no gargalo da garrafa e faça com que o ar que está dentro da garrafa vá para dentro da bexiga, transferindo o painço na seqüência;
4. retire todo o ar da bexiga e amarre-a;
5. corte as outras duas bexigas, mais ou menos na altura do gargalo e encape a primeira bolinha;
6. faça o mesmo com o restante do material e utilize sua criatividade para dar mais brilho às bolinhas.

Após a confecção das bolinhas, passaremos à prática do malabarismo.

Na seqüência, temos algumas instruções para que você aprenda o malabarismo estilo cascata com 3 bolinhas. Este serve de ponto de partida para outros truques mais complexos, tanto de bolinha como aros, claves, lenços, etc.

TUTORIAL

Você deverá iniciar com uma bola, lançando-a na altura dos olhos (1). Depois de ter realizado com certa facilidade, passaremos para a fase seguinte, com duas bolas: jogue a **1ª** e, quando ela estiver no ponto mais alto, lance a **2ª**. (2). Agora começa a dificultar, pois realizaremos com três bolas: a **1ª** e a **3ª** estão na mão direita. A **2ª**, na esquerda. Lance a **2ª** quando a **1ª** chegar ao ponto mais alto (3). Quando a **2ª** chegar ao alto, lance a **3ª**. (4).





ATIVIDADE

1. Agora que você aprendeu a seqüência básica, procure realizar diversas variações, tanto com o número de bolinhas como com seus colegas, o importante é usar a criatividade.
2. Procure trabalhar com outros materiais que você tiver facilidade de encontrar, como, por exemplo, lenços e véus.



PESQUISA

1. Não se esqueça de que além da atividade prática, precisamos fazer algumas reflexões. Procure encontrar algo sobre o histórico dos malabares e observe se tem alguma relação com o surgimento do circo, faça um quadro comparativo



ATIVIDADE

1. Podemos observar, cotidianamente nos grandes centros urbanos, crianças, jovens e adultos, artistas ou não, realizarem malabarismos nos semáforos. Discuta, em pequenos grupos, sobre a resignificação dessa cultura popular e quais são as conseqüências desse processo para população em geral.
2. Faça uma análise sociológica da questão anterior, fazendo uma discussão a partir dos aspectos políticos, econômicos e socioculturais.

■ Para além dos feitos solitários construídos em solidão

“Sua arte, muito cobiçada exatamente pelo excesso de ousadia, é constantemente associada a uma idéia que propõe um mundo às avessas, um mundo ao contrário. Um mundo redondo como o circo. Neste lugar, tudo gira: as pessoas, os objetos” (SOARES, 2001, p. 39).

“A arquitetura do circo, arredondada, com sua arena central, permite que o olhar passeie por todos os lados [...]. Este palco centrado se oferece cheio de luz, de ação. As roupas que seus artistas usam também causam um impacto especial. São cheias de brilho que se acentuam com seus gestos ágeis e fortes” (ibid).

A partir desses dois textos de referência, vocês saberiam dizer de quem estamos falando? Exatamente, os próximos artistas a entrarem em cena, são os **Acrobatas!!!**

Esses artistas com suas acrobacias, ou seja, saltos, cambalhotas e piruetas, que buscam o alto, o baixo e o vazio, causam impacto, estranheza, encantamento e despertam o medo.



■ PORTINARI, CANDIDO. *Picadeiro*, 1957. Desenho a grafite/papel, 34,5 x 49cm (aproximadas); Rio de Janeiro, RJ. Coleção particular, Rio de Janeiro

Para Carmen Lúcia Soares, “(...) há no corpo desses artistas, no espetáculo que eles oferecem, algo convulsivo, de feérico que vive e se expressa em outra lógica. Algo que se opõe à domesticação do corpo que é submisso à razão instrumental. (...) Seus saltos são como gritos num escuro existencial e político de uma sociedade mergulhada no cinzento da indústria e da fábrica, na miséria ambulante das sociedades” (SOARES, 2001, p. 36-37).

Podemos dizer que os acrobatas e as acrobacias, da mesma forma que o mundo do circo e das feiras, citados anteriormente, são completamente diferentes, pois não temos condições de prever o que realizarão na seqüência de suas apresentações, vivenciamos assim momentos de surpresas.

Nesse instante, gostaríamos de propor algumas atividades relacionadas com o tema, para podermos superar nossos medos, no intuito de deixarmos nossas limitações no que se refere às acrobacias.



ATIVIDADE

1. Rolamento para frente (cambalhota para frente):

É um exercício simples para você aprender a cair e não se machucar, além disso, melhora sua flexibilidade e agilidade. Para este exercício, pode utilizar colchões, colchonetes, tatames ou até mesmo um gramado. **Seqüência:**

- 1.1 Fique agachado, com os braços estendidos em frente do corpo. Evite manter o corpo relaxado e os braços flexionados;
- 1.2 Inicie o movimento desequilibrando o corpo para frente. Apóie as mãos no colchão. Eleve os quadris e, ao mesmo tempo, comece a empurrar o colchão, mas sem estender as pernas, que devem estar unidas;
- 1.3 Dê um impulso com os pés, sem esticar as pernas, e empurre o corpo para frente. Encoste o queixo no peito para não deixar que a cabeça toque o colchão. Procure não separar as pernas, nem apoiar a cabeça no colchão;
- 1.4 Para fazer com perfeição o movimento, mantenha o corpo como uma bola. As pernas devem estar unidas e flexionadas até o fim do movimento. Só as costas devem tocar o colchão. Não estique as pernas;
- 1.5 Mantenha as pernas encolhidas e, após completar o giro, toque o solo com os calcanhares. Estenda os braços para frente a fim de auxiliar o movimento. Apóie-se na ponta dos pés e permaneça agachado. Procure não completar o movimento com as pernas abertas. Não use as mãos, nem cruze as pernas para se levantar.

2. Rolamento para trás (cambalhota para trás). **Seqüência**

- 2.1 Fique agachado de costas para o colchão, apoiando-se na ponta dos pés, os braços dobrados e as mãos sobre os ombros. As palmas devem estar voltadas para cima. Evite apoiar-se sobre todo o pé;

- 2.2 Desequilibre o corpo para trás, encostando os quadris no colchão. Mantenha a boca fechada e o queixo encostado ao peito. Encolha as pernas. Assim seu corpo ficará como uma bola. Não lance as costas sobre o colchão antes de lançar os quadris;
- 2.3 Assim que suas costas tocarem o colchão, coloque também as palmas da mão sobre o colchão.
- 2.4 Quando os quadris estiverem no alto, você deve usar os braços para auxiliar o movimento. Assim você evita que a cabeça toque o colchão. Mantenha o corpo como uma bola;
- 2.5 Após completar o giro, apóie-se na ponta dos pés e volte à posição agachada com os braços estendidos para frente.

3. Parada de três apoios (Elefantinho).

A parada em três apoios serve para que você treine o equilíbrio em posição invertida e faz com que músculos importantíssimos sejam exercitados. **Seqüência:**

- 3.1 Fique agachado de frente para o colchão, apoiando-se na ponta dos pés e com o braço estendido para frente;
- 3.2 Ajoelhe-se e apóie as mãos no colchão ao lado dos joelhos. Não coloque as mãos mais para frente;
- 3.3 Mantenha a cabeça ereta e encoste a parte superior da testa no colchão. As mãos e a cabeça devem formar um triângulo. Não coloque a sua cabeça muito próxima às mãos, pois assim você não terá sustentação;
- 3.4 Com as mãos e a cabeça apoiadas no colchão, eleve os quadris até atingir a posição vertical. As pernas devem estar encolhidas. Não lance os quadris mais para trás, pois assim você se desequilibrará;
- 3.5 Assim que o tronco estiver na vertical, estique vagarosamente as pernas para cima. Mantenha as pernas unidas;
- 3.6 Torne a encolher as pernas. As duas ao mesmo tempo. Encoste a ponta dos pés no colchão e volte à posição inicial.

4. Roda ou Estrela

Apesar de ser aparentemente simples, este exercício exige uma seqüência pedagógica antes de partimos para a execução completa.

A roda ou estrela é um exercício que lhe dará maior coordenação muscular, equilíbrio, agilidade e flexibilidade. Como diz o nome, neste exercício você imita uma roda em movimento. **Seqüência:**

- 4.1 Fique de frente para o colchão, corra, estenda os braços para cima e, ao mesmo tempo, avance a perna esquerda. Não deixe de elevar os braços para cima;
- 4.2 Apóie-se na perna esquerda, incline-se para frente e vire o corpo de lado. Levante a perna direita;
- 4.3 Apóie a mão esquerda no colchão, lance a perna direita para cima e, em seguida, lance a esquerda. Imediatamente apóie a mão direita no colchão. Não flexione os braços;
- 4.4 Continue o giro com as pernas separadas. Não deixe de elevar as pernas verticalmente;
- 4.5 Seguindo o impulso, desequilibre o corpo para a direita. Não deixe que o corpo se desequilibre para frente ou para trás. Mantenha as pernas separadas;
- 4.6 Toque o solo com a perna direita e, ao mesmo tempo, tire a mão esquerda do solo;

- 4.7 Coloque-se em pé, aproveitando a velocidade do giro. Mantenha as pernas e os braços separados, formando a figura de um X;
- 4.8 Fique na posição fundamental.

Essa é a progressão para o aluno destro, lembre-se que para o aluno sinistro ou canhoto, o lado de referência é invertido.

Obs: Faça os exercícios somente na presença do professor, todas as atividades a serem desenvolvidas requerem segurança para que não ocorram acidentes.

5. Existem várias possibilidades de trabalharmos com as acrobacias e nas questões anteriores observamos uma delas. Agora se organizem em grupos de no máximo cinco integrantes e procurem fazer algumas exibições acrobáticas. Iniciem as exibições individualmente.
6. Procurem discutir qual é a melhor forma de superar o medo, de se arriscar na execução das acrobacias, para isso, vocês devem realizar “pirâmides” humanas. Essas exibições devem ser para dois ou mais executantes.

“Um dos gestos mais freqüentes de sua arte corporal é a roda, a permutação constante entre o alto e o baixo, entre a terra e o ar. O gesto veloz da roda faz com que o corpo do acrobata se transforme em esfera, parecendo, para quem vê, não ter começo nem fim, revelando-se, assim, como numa fugaz unidade com o mundo, um relampejar de glória, um élan vital, um potencial de deformação expressiva” (SOARES, 2001, p. 35)

■ Deformação do rosto? Mais um artista no palco principal

“Segundo BAKHTIN (1987), na Idade Média e no Renascimento, o riso se manifestava de várias formas, opondo-se à ‘cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época’, é o cômico fazendo parte da cultura popular. Dentro dessas manifestações, faziam parte do carnaval, ritos e cultos cômicos os bufões tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos tipos e categorias. O riso no contexto de Rabelais tem função de libertar a sociedade da lógica dominante do mundo. Ele transforma a seriedade, propondo significados que permeiem as trocas da tonalidade da rigidez à comichade, com caráter de renovação, de morte ao antigo. No cômico, a morte não aparece como uma oposição à vida, mas como uma fase necessária para a renovação. É de alguma maneira o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, cria uma espécie de segunda revelação do mundo através do jogo e do riso”. (BAKHTIN apud WUO, 2000).



■ PORTINARI, CANDIDO. *Circo*, 1957. Pintura a óleo/tela, 61 x 73,5cm; Rio de Janeiro, RJ. Coleção particular, São Paulo, SP.

A partir do texto de Ana Elvira Wuo, qual é o próximo artista a entrar em cena? Daremos mais algumas dicas: vivemos numa sociedade marcada pelo caráter de seriedade, onde o riso pode ser considerado uma forma de transgressão da rigidez social. Nosso artista brinca com os valores ditos oficiais e com as diversas instituições, veste roupas diferentes e usa maquiagem que ocasionam verdadeiras transformações em seu rosto.

Acredito que você não tenha mais dúvida para responder. Chamamos agora para o picadeiro: o **Palhaço!!!**

Esse artista tem grande conhecimento de si próprio, o que possibilita a auto-crítica e o melhoramento como ser humano. Da mesma forma que os outros artistas, ele também pode ser considerado milenar.

Apresenta as características mais comuns do seres humanos, mas de forma exagerada. Ao mesmo tempo em que é ingênuo, é esperto, considerado um personagem carismático e bondoso, mas que pode revelar seu lado mal. O palhaço muitas vezes deixa de lado a moral, os conceitos pré-estabelecidos e brinca com o homem, pois consegue ter um olhar “de fora”, ele procura também apontar os seus próprios defeitos, mostrando que conhece a si mesmo.

É a partir dessas características que consegue trabalhar com a magia contagiante do riso.

Existem palhaços de diversos tipos e categorias, dentre eles, podemos citar:



| CARA BRANCA | MÍMICO | AUGUSTO | VAGABUNDO | AUGUSTO EUROPEU |
|--|--|---|--|--|
| Considerado o mais elegante e metido. Sua forma de apresentação é cheia de números que exigem habilidade e treino. Quando assistimos aos espetáculos, ele é o responsável por atirar a torta – e nunca recebe uma na cara. | Esse palhaço tem uma característica que os outros não têm. Ele nunca fala e, para se comunicar, usa as mãos e o corpo para contar histórias engraçadas. A maquiagem termina na linha do queixo, deixando o pescoço descoberto. | Este palhaço é o mais clássico. É sempre vítima do palhaço de cara branca e nunca faz nada direito. Veste-se com roupas largas, peruca, além de maquiagem e nariz vermelho. | O palhaço vagabundo foi inspirado em moradores de ruas da Europa. Sua maquiagem é uma barba falsa e usa roupas rasgadas ou com remendos. | Ficou popularizado por realizar trabalhos em hospitais. Não usa fantasia (só o nariz), mas escolhe peças lúdicas, como macacão ou suspensório. Para melhor visualização desse palhaço, assista ao filme: Path Adams - O Amor é Contagioso. (EUA, 1998). Direção: Tom Shadyac |



ATIVIDADE

1. Ser um palhaço não é nada fácil. Para poder atuar, o artista precisa “incorporar” o personagem. Discuta com seus colegas qual seria o palhaço (categoria) que melhor você representaria e procure construir em conjunto uma apresentação. Seja criativo e lembre-se de que o corpo também fala.
2. O palhaço é um dos personagens mais carismáticos do circo, ou muitas vezes é o que dá mais medo. Procure representar os cinco palhaços que foram categorizados. É muito importante que você trabalhe com sua expressão corporal.



DEBATE

1. Uma proposta de reflexão para este momento é sobre o preconceito sofrido por palhaços, sendo seu trabalho artístico muitas vezes desvalorizado. Como já nos referimos anteriormente, nossa sociedade está pautada pelo modo de produção (exploração) capitalista, donde podemos inferir que existem pessoas privilegiadas e pessoas não tão privilegiadas assim; e nesse contexto, existem várias formas de preconceito. Faça em sua turma um debate sobre as diversas formas de preconceitos e monte um quadro para melhor visualização dos alunos.

Sugestão de Leitura: BOLOGNESI, Mário. *Manifesto dos Palhaços*. Disponível em: <<http://www.cicerosilva.com.br/node/4>>. Acesso em: 03 out. 2007.

■ O mundo inimaginável do circo!!! Desvelando o que acontece por trás das cortinas

Entraremos num assunto de extrema importância, mas que muitas vezes é negligenciado nas escolas, nas conversas com amigos, nos jornais, no rádio ou na televisão. Realizaremos algumas reflexões sobre a exploração de animais no mundo do circo.

Ligamos a TV e lá estão os programas infantis mostrando animais de circos como se fossem bem tratados e felizes. Eliana é a que mais apresenta circos com animais em seu show e não tem pudor em mentir para as crianças. Ela sabe que os animais são maltratados. Já recebeu inúmeros e-mails de telespectadores. Xuxa e Gugu glorificam o Circo Beto Carrero, como se fosse diferente dos circos menores.

Não permitiremos que nossas crianças cresçam se divertindo à custa de animais humilhados, escravizados e constantemente torturados. Não é possível se domar animais selvagens sem surrá-los, sem estabelecer uma relação de medo e dor. O fato dos animais estarem presos, enjaulados e acorrentados, deveria bastar para que não freqüentássemos circos com animais.

Circos do passado apresentavam aberrações como atração. O mundo evoluiu e esses números foram eliminados; os romanos jogavam seres humanos para os leões, como forma de entretenimento. Cultura evolui. Até quando vamos ter que ver animais em circos, em sociedades civilizadas? Até quando vamos permitir que se continue explorando criaturas inocentes em nome de tradição e cultura?

Pelos artistas, sempre e incondicionalmente.

Pelo fim de animais em circos.

Esta é uma Campanha da **ANIDA**

Associação Nacional pela Implementação dos
Direitos dos Animais

Animais de Circo como você nunca viu. Disponível em: <<http://www.animaisdecirco.org>> Acesso em: 26 nov. 2007.

Para entendermos um pouco mais sobre a exploração dos animais, veja como os elefantes são tratados para realizarem as apresentações no circo.

Elefantes Cativos: O treinamento de elefantes é apenas a segunda parte da tortura, pois os procedimentos que vão desde a captura até o animal chegar num zoológico ou num circo, estão além da nossa compreensão. Passam semanas privados de alimentos, são colocados de cabeça pra baixo para que o coração seja comprimido e, conseqüentemente, para que sintam dor, são amarrados sentados em gaiolas onde não podem se mexer, tudo isso enquanto apanham e levam choques.

Esse é o procedimento “normal” para se capturar um elefante, seja na África ou na Ásia. Os ataques acontecem quando o animal não suporta mais o stress do cativeiro (site: www.animaisdecirco.org).



■ MADÚ. Fotos cedidas pela AILA (Aliança Internacional do Animal. Criadora da campanha “Circo Legal não tem Animal”).

Sabemos que essa é a realidade em muitos circos, no entanto, vivemos um momento importante na campanha contra a presença de animais em circos. Há projetos de lei que pedem a proibição de circos com animais em todo Brasil.

Veja reportagens sobre o assunto:

LEI PROÍBE USO DE ANIMAIS EM CIRCOS EM SP

Quem descumprir a lei pode ser multado em R\$ 1.500. Em caso de reincidência, o valor será dobrado.

São Paulo - A Câmara Municipal de São Paulo derrubou o veto ao projeto de lei 862, que proíbe o uso de animais em apresentações de circo. Com isso, a lei foi aprovada e entra em vigor 90 dias após sua publicação no Diário Oficial. O projeto de lei que impede os circos de usar animais foi apresentado pelo ex-vereador Roger Lin (PSB) em 2003 e, apesar de aprovado na Câmara, tinha sido vetado pelo prefeito José Serra. Na quarta-feira, o projeto voltou à Câmara e o veto foi derrubado.

Com isso, fica proibido o uso de animais de qualquer espécie em apresentações de circo e congêneres na cidade de São Paulo.

Quem descumprir a lei pode ser multado em R\$ 1.500. Em caso de reincidência, o valor será dobrado e o circo pode ter sua licença de funcionamento cassada.



Escrito por Carolina Massaro

■ Fonte: Agência Estado, 16.06.05

PAULO DELGADO DEFENDE CRIAÇÃO DA LEI DO CIRCO

O deputado Paulo Delgado (PT-MG), presidente da Comissão de Educação e Cultura, disse nesta quinta-feira (11), durante seminário de “Regulamentação da Atividade Circense no Brasil: Lei do Circo”, que a “regulamentação da atividade circense deve proteger e valorizar o trabalho milenar do setor no país”. Segundo ele, é preciso que a legislação do circo fique em sintonia com os direitos dos animais, para evitar descuidos e irregularidade no tratamento dos bichos que fazem apresentações artísticas. Representantes de várias entidades debateram o exercício da atividade nesta quinta-feira, na comissão.

Para a representante da Associação Nacional pela Implementação dos Direitos dos Animais (ANIDA), Renata de Freitas Martins, a Lei do Circo deve ser criada, mas devem ser proibidas apresentações de animais durante os espetáculos. “Apoiamos a regulamentação das atividades circenses, resguardando a proibição de animais nos circos. Não podemos admitir os riscos de maus tratos com os animais que, muitas vezes, vivem em locais impróprios e sem as devidas condições higiênicas”, disse.

Já a diretora da Associação Protetora dos Animais do Distrito Federal (ProAnima), Simone Gonçalves de Lima, disse que a utilização de animais nas apresentações artísticas dos circos é um abuso contra a natureza animal. Durante o debate, a ProAnima colocou uma faixa alertando para o abuso contra os animais “O circo ensina a criança a rir da dignidade perdida dos animais”.

De acordo com a presidente da Associação Brasileira de Circos (Abracirco) Saionara Power, a associação defende a criação de normas para os animais do circo. Segundo ela, assim como em qualquer outra profissão, existem pessoas que cometem erros. “Somos contra maus tratos com os animais, mas também somos contra a generalização dessas práticas. Existem muitos circos que cuidam bem de seus bichos”, disse.

Escrito por Edmilson Freitas

■ Fonte: A Agência Informes (Liderança PT na Câmara Federal), 11.08.05

É importante ressaltar que não devemos ser contra os circos e sim a favor do respeito aos animais. Devemos ser a favor do circo moderno com artistas criativos e de talento. Um circo sem animais sofridos, explorados e subjugados.



www.aiala.org.br

■ Fotos cedidas pela AILA (Aliança Internacional do Animal. Criadora da campanha "Circo Legal não tem Animal".



DEBATE

1. Elabore com a turma um júri simulado. Dividam-se em duas equipes, elejam 5 pessoas que deverão compor o júri. Os demais, divididos em duas equipes, farão a defesa das duas visões apresentadas sobre a utilização de animais no circo. É importante que o júri não julgue quem será o vencedor, mas sim, quais foram os melhores argumentos de cada equipe.

Antes de finalizarmos este Folhas, não podemos deixar de comentar que o circo, com todas as suas atividades e hoje, principalmente, com o discurso espetacular e esportivo, traz à tona a dura realidade enfrentada pela maioria dos artistas circenses, que ao mesmo tempo que são heróis no picadeiro, não passam de equilibristas na corda bamba da vida, na luta pela sobrevivência.

Dessa forma, *Reeeeeeeeeespeitável público!...* Chegamos ao fim de nossas atrações. Agora vocês têm condições de montar um espetáculo para toda a escola, escolhendo o apresentador, os malabaristas, os acrobatas, os palhaços, enfatizando a virtuosidade humana contra a exploração, os maltratos e o uso de animais em circos.

Nada impede que acrescentem apresentações artísticas variadas, para além das tradicionais circenses. Isso vai depender da criatividade de cada um de vocês. Desejamos a todos um bom espetáculo!

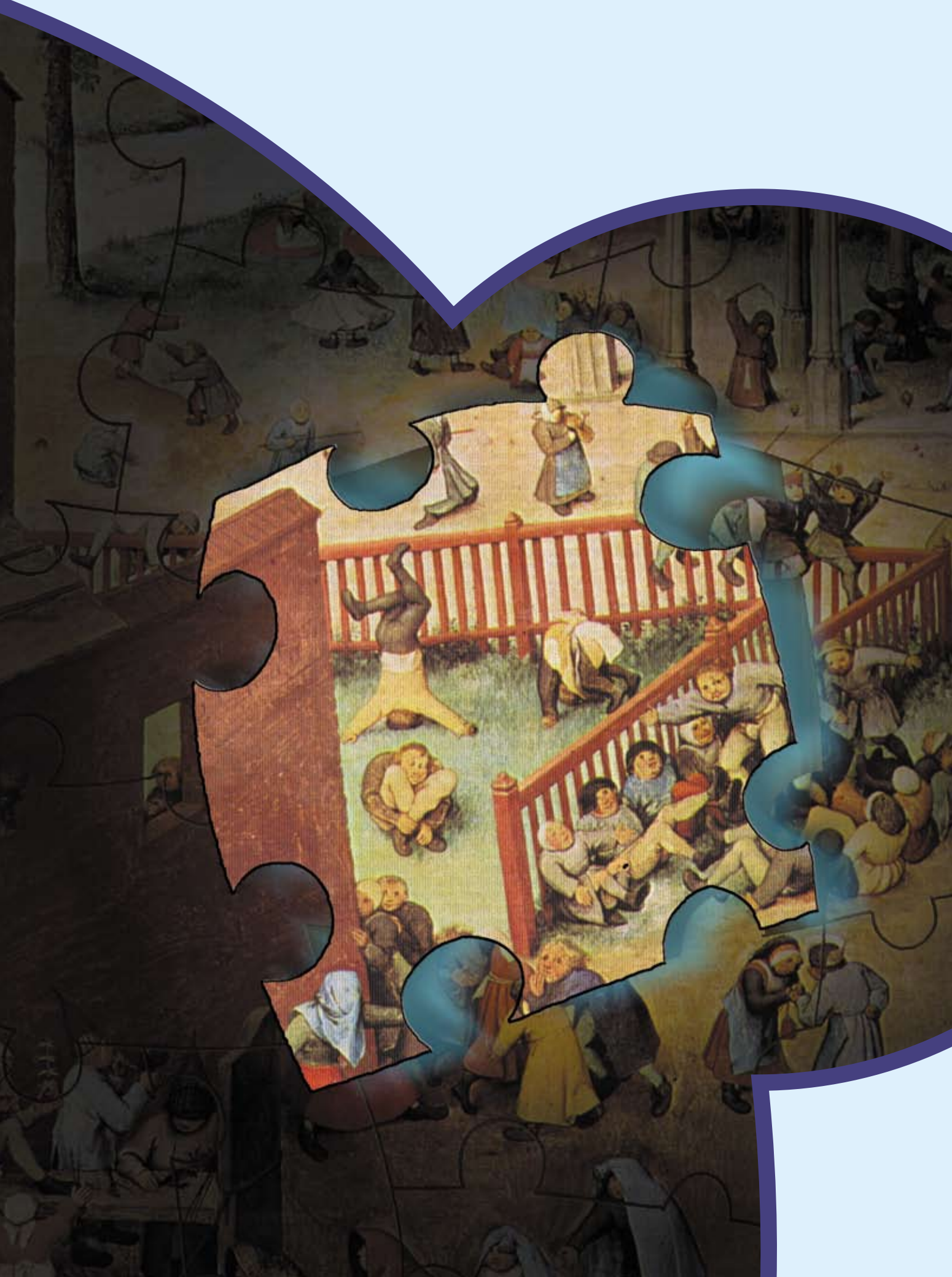
Referências Bibliográficas:

BARONI, J. F. Arte circense: a magia e o encantamento dentro e fora das lonas. In: **Pensar a Prática** v.9, n.1. p 81-99. Goiânia, 2006.

CASTRO, A. V. **O circo conta sua história**. Rio de Janeiro: Museu dos Teatros – FUNARJ, 1997.

MARX, K. **O Capital**: Crítica da economia política. 18 ed. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SOARES, C. L. Imagens do corpo "educado": um olhar sobre a ginástica do século XIX. In: FERREIRA NETO, A. (org). **Pesquisa Histórica na Educação Física**. 1 ed. Vitória: 1997, v.2, p. 05-32.



GINÁSTICA: UM MODELO ANTIGO COM ROUPAGEM NOVA? OU UMA NOVA MANEIRA DE APRISIONAR OS CORPOS?

■ Claudia Sueli Litz Fugikawa¹

Estamos inseridos numa sociedade fundamentada nos valores do capitalismo, em que a lógica do mercado é o consumo, cuja preocupação está em fixar indústrias pautadas no lucro e criar meios que tornem a vida moderna mais confortável.

Com a suposta intenção de “melhorar a vida” das pessoas, nos aspectos materiais e tecnológicos como nos aspectos fisiológicos, biológicos e anatômicos, também surgem produtos variados - desde alimentos até as intervenções cirúrgicas - que visam a correção de supostas imperfeições.

¹Colégio Estadual Bom Pastor. Curitiba - Pr

Frase muito conhecida, retirada dos contos infantis, filme “Branca de neve e os sete anões”. Branca de neve e os sete anões. (1937, EUA, direção. DAVID HAND)

■ “Espelho, espelho meu... existe alguém mais bela do que eu?...”

Vivemos numa sociedade em que tudo o que está ao nosso redor interfere, de certa forma, nossos pensamentos e nossas ações. O círculo de amigos, a religião, as relações sociais, as relações no trabalho, a influência da mídia são alguns dos fatores que nos tornam o que somos.

Somos sobrecarregados de informações que nos influenciam, e isso se reflete no modo como nos relacionamos no mundo.

Neste sentido, as diferentes indústrias desenvolvem pesquisas e novas tecnologias tentando alcançar um número cada vez maior de consumidores.

“Engenharia genética, cirurgia a laser, transplantes, silicones, alimentos transgênicos esteróides anabolizantes compõem um instrumental contemporâneo diversificado, que vai redimensionando o corpo numa velocidade espantosa, ao mesmo tempo em que o torna radicalmente contingente”. (VIRILIO 1996, *apud* FRAGA in SOARES, 2004, p. 63)

Assim, pela padronização do consumo, que determina vontades e vaidades, nós acabamos perdendo uma das características fundamentais do ser humano que é a singularidade.

As gordurinhas localizadas, as estrias, as celulites, as rugas compõem o rol de aspectos indesejados que não são bem vistos ao nos referirmos à questão da aparência. O mercado de consumo, atento a esses aspectos, desenvolve mecanismos e produtos para satisfazerem as necessidades criadas por essa mesma lógica de consumo, principalmente para aquelas pessoas que nunca estão satisfeitas com a própria aparência.

Todas essas supostas imperfeições são alvo de enormes investimentos da indústria de cosméticos e das academias, que criam variados artefatos, cada vez mais sofisticados, com o objetivo de adaptar os corpos às exigências da sociedade.

Será que atingir este “ideal” de corpo ditado pela mídia é fácil?

O caminho a ser percorrido por aqueles que almejam o modelo ideal de corpo não é simples. Ao contrário, exige muita vigilância e sacrifícios numa “árdua rotina de exercícios” e outros meios artificiais de luta contra a balança e contra o espelho.

Que motivos nos levam a mudar a própria aparência? Até que ponto essa vontade de mudar é movida por vaidade própria?

Provavelmente, as respostas a estas questões seriam diferentes para homens e mulheres. Segundo estudo realizado por Vaz (2004), em academias de ginástica em Florianópolis, as mulheres descrevem as

formas corporais ideais da seguinte maneira: preocupam-se principalmente com o fortalecimento dos membros inferiores e com o abdome.

Já as respostas a estas questões por parte dos homens referem-se à constituição (corporal) física bem delineada, ou seja, aqueles homens fortes, do tipo “saradão”, barriga “tanquinho” ou, em outros termos, homens musculosos com um volume (tônus) muscular aumentado principalmente nos membros superiores.

Esta imagem “ideal” de corpo, desejada por algumas pessoas, está baseada exclusivamente na aparência e, para reforçar essa idéia, há várias personalidades famosas na mídia que têm a sua imagem intensa e constantemente veiculada como modelo de “corpo perfeito”.

Ainda conforme o mesmo estudo de Vaz (2004), alcançar tais “contornos corporais ideais”, sem intervenções artificiais como bisturis, utilizando apenas a prática de atividade física, não é assim tão fácil. Isso significa que não é com a prática de uma atividade física realizada uma vez ou outra que será possível chegarmos às formas corporais descritas anteriormente.

Pois bem, é preciso muita “malhação” e sacrifícios, o que faz com que algumas pessoas travem “batalhas” incessantes e incansáveis com a balança, com o espelho, com dietas e os exercícios físicos, sem contar as dolorosas incisões cirúrgicas, para aqueles com possibilidades financeiras que buscam resultados mais rápidos.

Os sacrifícios são considerados válidos para se obter um corpo “sarado” e estão associados a uma “malhação” bem sucedida. Tal malhação é, muitas vezes, confundida com a sensação de dor. Quantas vezes ouvimos as pessoas dizendo que fizeram ginástica e não sentiram “dor”, então a prática dessa atividade não deve ter tido efeito.

Estas são questões idealizadas pela grande maioria da população? Ou será que essas são apenas preocupações de uma parcela da população, que tem condições financeiras de pagar para ter acesso a tais práticas?

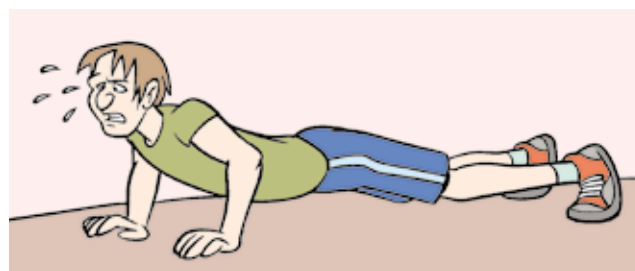
Quantas pessoas se submetem às dietas malucas, exercícios frenéticos ou até a medicamentos proibidos ou duvidosos para perder alguns “quilinhos”?

E você, já parou para pensar no que gostaria de “melhorar” nessa ou naquela parte do seu corpo? Até que ponto tais preocupações não seriam fruto da influência daqueles padrões divulgados pela mídia?

Afinal de contas, o que significa o termo mídia de massa? Giddens (2005, p.367) esclarece que o significado de mídia de massa é decor-



■ Figura 1



■ Figura 2



rente do fato desse tipo de mídia alcançar uma quantidade enorme de pessoas. Assim, jornais, TV, revistas, internet, rádio são alguns exemplos de mídia de massa que influenciam a opinião, atitudes e comportamentos da maioria da população.

Tudo isto é criado por esse mesmo mercado com a intenção de vender mais, ou seja, criando falsas necessidades de consumo em uma parcela grande da população.



■ Prisioneiros da vaidade: o corpo como vítima...

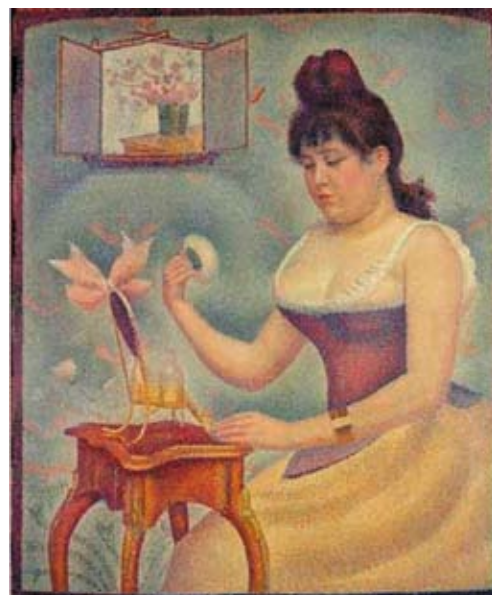
Como vimos até aqui, existe uma séria preocupação com o corpo. Você já parou para pensar se essa é uma preocupação que surgiu apenas no século XX e início do século XXI? Se voltarmos um pouco na história, vamos observar que esta não é uma preocupação tão nova.

Por volta do século XVII até a segunda metade do século XVIII, valorizava-se a “imobilidade corporal”. Esta era extremamente necessária e determinava a diferença entre aristocracia e a burguesia da classe trabalhadora. Nesse sentido, SOARES lembra que a imobilidade:

“Reinava absoluta nas terapêuticas destinadas a endireitar o que se considerava torto. Cruzes de ferro, tutores, alavancas para distensão corporal, espartilhos compunham o arsenal destinado a colocar a morfologia no molde. Corpos empertigados e eretos, que correspondiam ao ideal da nobreza, deveriam ser moldados tal como bonecos em argila: uma massa inerte à espera da pressão externa. Portanto, quanto menos movimento, mais eficiente seria a correção das deformidades”. (SOARES, 2003, p. 82)

Dessa forma, o corpo deveria exibir um aspecto firme, no qual o modelo ideal era o “retilíneo”. Para atingir esse modelo, os espartilhos eram artefatos amplamente utilizados entre as damas da sociedade aristocrata e burguesa. Este artefato dificultava a mobilidade dos corpos. “O espartilho, portanto, era um artefato destinado não só a endireitar, mas, também, a denotar uma diferença de classe, uma vez que, ao usá-lo, qualquer esforço era impossível. A moda, assim, marcava mais claramente uma distinção entre a elite e o povo” (SOARES, 2003, p. 82).

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), um dos mais célebres filósofos do século XVIII, se preocupava com a educação, em especial da criança. Ele argumentava que o homem nasce bom e que as instituições, na medida em que são más, o corrompem, por isso, deveria haver “um retorno à natureza”. Rousseau acreditava ser importante despertar nas crianças os gestos simples e tratá-las como crianças e não como adultos em miniatura; desde as roupas utilizadas até a forma de educá-las. Dessa forma, a criança teria liberdade nos gestos e movimentos tendo a possibilidade de seguir seu próprio ritmo.



■ Georges Seurat. *Jovem mulher maquiando-se*. 1888-90. Óleo sobre tela, 95 x 79 cm. Galeria Instituto Courtauld, Londres.



■ Georges Seurat. *Um domingo à tarde na grande Jatte*, 1884-86. Óleo sobre tela, 206 x 305 cm. Instituto de Arte de Chicago.

Rousseau somou-se a pessoas especializadas e importantes dessa época, como médicos e pedagogos, que questionaram e criticaram o uso do espartilho, objeto tão prestigiado pelas mulheres. Essas críticas foram fundamentais para derrubar a utilização desse objeto, considerado uma “prensa de corpos”. (FONTANEL, *apud* SOARES, 2003, p. 82)

A partir desses questionamentos, os estudos de Soares revelam que Georges Demeny (1850-1917), biólogo e pedagogo francês, afirmava a importância de “hábitos saudáveis” e estes deveriam ser desenvolvidos por meio de exercícios físicos adequados e bem dosados, desde a infância. Pois acreditava que quanto mais cedo se iniciasse nessa “arte fundada sobre a ciência do movimento”, mais eficientes seriam seus resultados (SOARES, 2003, p. 83).



■ Georges Demeny (1850 – 1917)

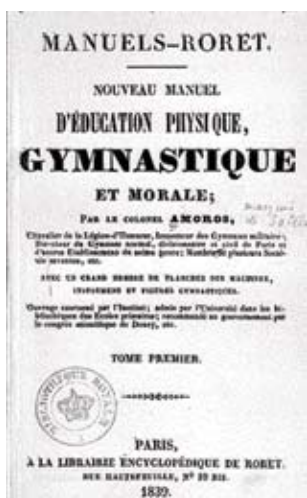
Mas qual é a relação disso tudo, especificamente, com a ginástica, que é um dos conteúdos estruturantes da disciplina de Educação Física? Qual é o motivo de estarmos nos referindo a essas questões de consumo e da mídia?

Podemos dizer que há uma íntima relação entre todos esses aspectos destacados anteriormente, pois era por meio do exercício físico e da ginástica, que se modelava o corpo.

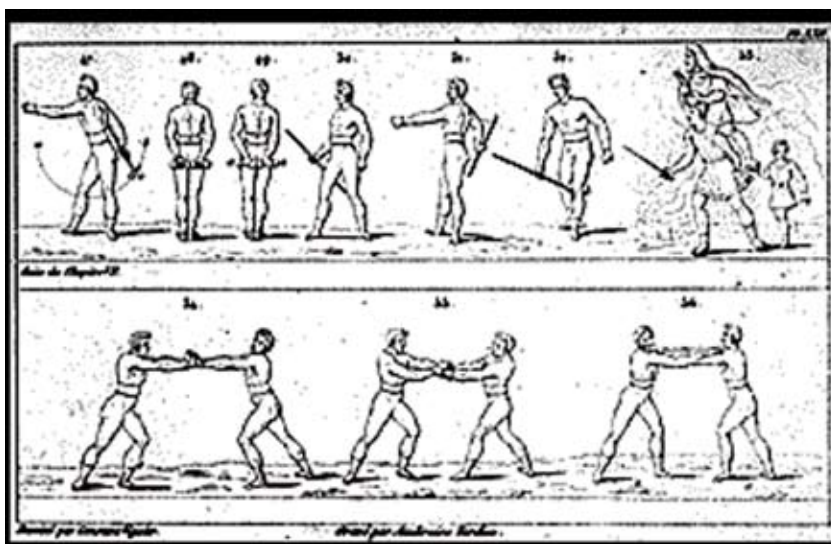
Para entendermos isso, e continuarmos desatando os nós, precisamos esclarecer os seguintes pontos: qual é o período histórico a que nos referimos? De qual ginástica estamos falando? Qual é o papel da escola como coadjuvante neste processo?

Vamos fazer um recorte histórico, considerando o século XIX e a Europa marcada pelo processo fabril. Com isto, ocorre uma redefinição nos padrões estabelecidos em relação à sociedade, ao trabalho e ao homem.

“(…) este é o momento no qual começa a existir uma ampliação dos direitos políticos aos não proprietários, ao mesmo tempo em que o tema da democracia passa a ser incorporado. A Revolução de 1848 faz surgir uma legislação trabalhista e o direito de organização dos trabalhadores em sindicatos”. (WARDE *apud* SOARES, 2001, p. 46)



www.diadiaeducacao.pr.gov.br



■ Novo Manual de Educação Física, ginástica e moral do Coronel Amoros. Paris, Livraria Enciclopédia Roret, 1939, 3 volumes. Paris, BnF, França.

Em meio ao processo de industrialização, começaram também a surgir mais problemas relativos à saúde dos trabalhadores, como: doenças, alto índice de mortalidade, vícios posturais, vícios em geral.

A burguesia tinha claro a importância e a necessidade da “força física do trabalhador” (SOARES, 2001, p. 48). Assim, a preocupação com o corpo tornava-se cada vez mais evidente, pois havia a necessidade do tra-

balhador suportar a fadiga provocada pelo excesso de horas trabalhadas e pelas condições precárias das instalações industriais. O corpo constituía-se como importante instrumento para o trabalho. O objetivo era “acentuar sempre a utilidade dos gestos executados, sem, contudo, alterar as condições de vida e de trabalho”. (SOARES, *apud* GONZÁLEZ, 2005, p. 278)

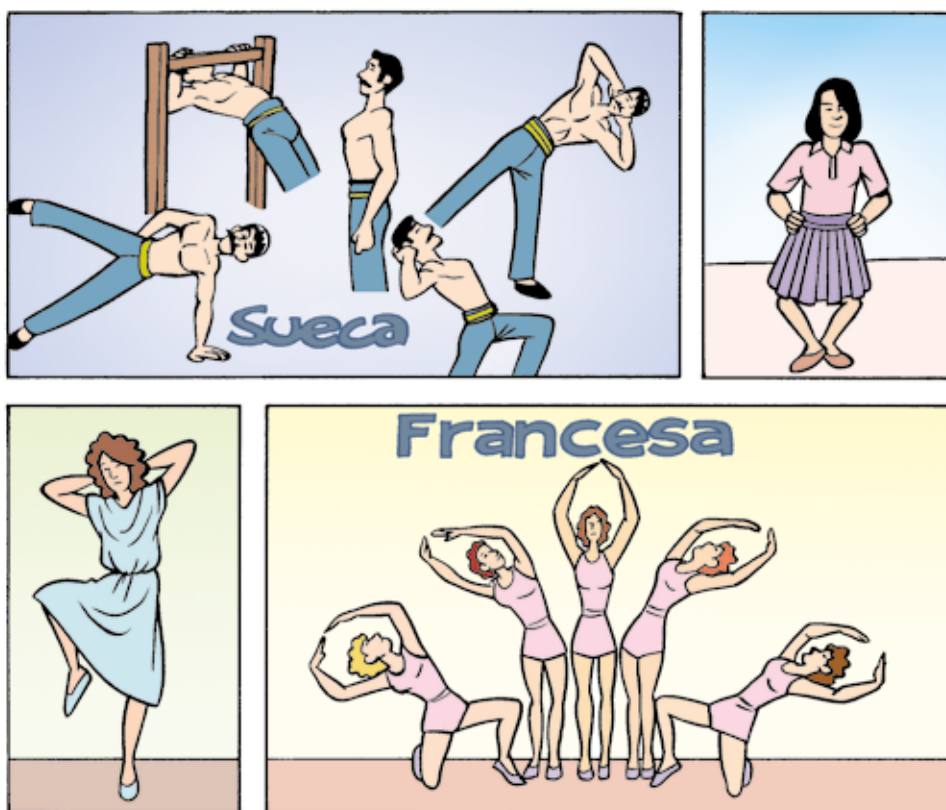
Qual seria então, o procedimento para que o trabalhador continuasse a desempenhar suas funções profissionais? A necessidade de desenvolver um mecanismo que contribuísse para essa finalidade manifestou-se na valorização da ginástica, no cenário da sociedade industrial, como atividade física que seria capaz de corrigir vícios posturais decorrentes das atitudes adotadas no trabalho.

Além disso, a ginástica e seus exercícios tinham um caráter disciplinador extremamente necessário à “ordem fabril” e à “nova sociedade industrial”.

Os exercícios físicos, denominados de “métodos ginásticos”, foram encarados de diferentes formas nos países da Europa, tais como: França, Suécia, Dinamarca e Alemanha. Cabe observar que, a ginástica e seus exercícios tinham um caráter disciplinador necessário à ordem fabril e à nova sociedade industrial.



■ Interior de uma fábrica durante a revolução industrial – indústria têxtil - na Inglaterra (século XVIII). <http://www.suapesquisa.com/industrial>



■ Ginástica: um método na escola? Ou uma maneira de disciplinar os corpos?

Vamos falar dos métodos ginásticos e quando esses passaram a ser organizados no âmbito escolar, constituindo assim a chamada “ginástica”.



ATIVIDADE

A turma deverá se dividir em grupos e sortear um dos métodos ginásticos. Os principais métodos de ginástica são: alemão, sueco, francês e dinamarquês. Cada grupo irá apresentar as características e os exercícios do método sorteado, bem como realizar uma pesquisa de aprofundamento sobre os mesmos.

Mas quando os métodos ginásticos passaram a ser trabalhados no espaço escolar? De acordo com os estudos de Soares, podemos compreender que:

“Um primeiro esboço de sistematização científica da atividade física fora do mundo do trabalho, genericamente denominada ginástica, que tem seu lugar na Europa no início do século XIX e traz em seu interior as noções de vigor, energia e moral vinculadas a sua aplicação. Constituem um conjunto sofisticado de prescrições e justificativas elaboradas a partir de conhecimentos científicos acerca da educação do corpo.” (SOARES *apud* GONZÁLEZ, 2005, p. 278)

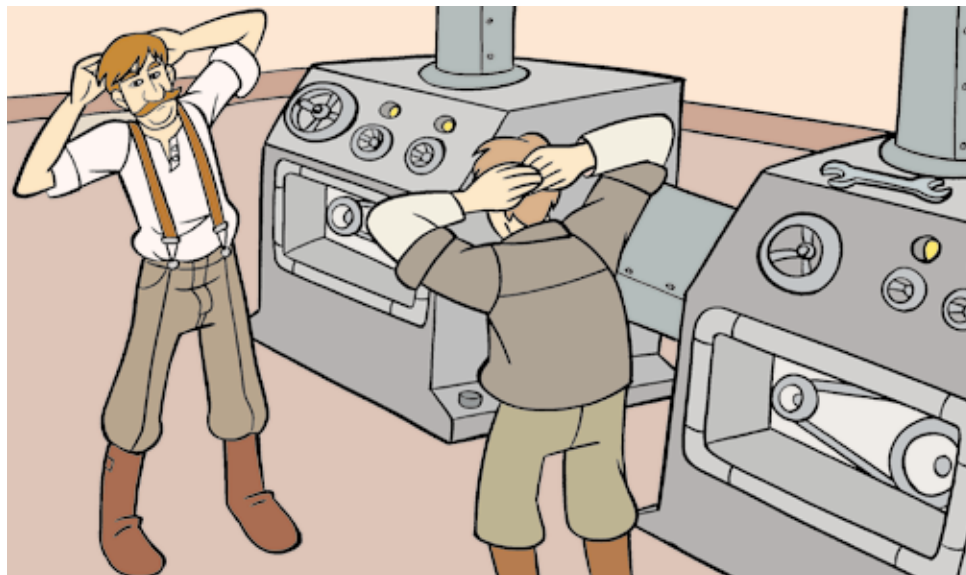
Com a afirmação de Soares, é possível compreender que, no início do século XIX, tivemos, na escola, as primeiras formas organizadas de exercícios físicos, denominados mais tarde de ginástica. O objetivo dessa atividade era a “educação do corpo”, para formar corpos com “porte rígido”, “reto” e uma “altivez de postura”. Para tanto, havia a preocupação com a técnica e com a repetição de movimentos. Além disso, acreditava-se ainda que havia uma relação direta entre “a ginástica e o desenvolvimento do caráter da moral e da virtude” por meio da valorização do vigor físico, da energia e da moral. (SOARES, 1998, p. 21)

É nesta época que o corpo começa a ser objeto de novas regras, de novos códigos e de novas práticas. Para tanto, utilizava-se de técnicas de ginástica, que resultaram num novo universo de gestos e de performances.

O exercício físico transforma-se em uma atividade precisamente codificada, cujos movimentos se apresentam em detalhes e os resultados se calculam. Os estudos do corpo eram voltados para conhecê-lo biologicamente, buscava-se estudá-lo em aspectos como: a anatomia, a fisiologia, a mecânica e a termodinâmica. O vigor e o funcionamento adequado do corpo eram fundamentais no que se refere ao desenvolvimento da moral, tão necessária para a convivência em sociedade. No entanto, havia a necessidade de organizar rigorosamente os exercícios físicos, pois estes eram instrumentos importantes que contribuiriam para uma maior eficiência no trabalho.



■ Ginásio parisiense de Amoros, fundador da escola normal de ginástica militar e civil onde a formação era baseada sobre as práticas espetaculares e utilização intensiva dos aparelhos.



Na sociedade industrial, o exercício físico tinha uma função relevante, que era a de corrigir vícios posturais provenientes dos hábitos adquiridos no trabalho. Somando-se a isso, também a questão médica, a ginástica tinha cunho disciplinador, visto ser essencialmente necessária, pois contribuía para a “ordem fabril e a nova sociedade.” (SOARES, 2001, p.52)

Estamos nos referindo aos aspectos da ginástica na Europa, mas como esse processo de inserção da ginástica se deu no Brasil?

No Brasil, houve forte influência do processo de industrialização e a implantação da ginástica foi muito semelhante ao que ocorreu na Europa. Foi a partir “dos conhecimentos e das teorias” construídas na Europa, que, no Brasil, os médicos reorganizaram um novo modelo de ginástica para a população brasileira.

A proposta pedagógica era baseada nos estudos da anatomia e da fisiologia – “retirada do interior do pensamento médico higienista” (SOARES, 2001, p.71). Havia uma certa preocupação com questões que se referem à saúde, à higiene e ao corpo dos indivíduos.

O “pensamento médico higienista” passou a organizar a escola como um todo, desde a sua “arquitetura até o conteúdo curricular, tudo era minuciosamente pensado, “tempo e espaço, a alimentação (...) tudo passou a ser determinante na metodologia utilizada” (SOARES, 2001, p.77). A propósito, você sabe o que significa o pensamento médico higienista?

“(…) movimento social que envolveu intelectuais de diversas áreas, tais como Medicina, Engenharia, Arquitetura, Educação, Educação Física e outras, que tinham como objetivo promover novos hábitos saudáveis para o aprimoramento da saúde individual e coletiva. Surgiu em um contexto de crescimento do capitalismo industrial, manufatura e grande indústria, na Inglaterra, França e Alemanha”. (GÓIS JUNIOR, *apud* GONZÁLEZ, 2005, p. 227)

O movimento médico higienista tinha interesses ideológicos em tornar a ginástica conteúdo escolar, pois por meio da escola seriam atendidas as exigências das novas demandas sociais e históricas.

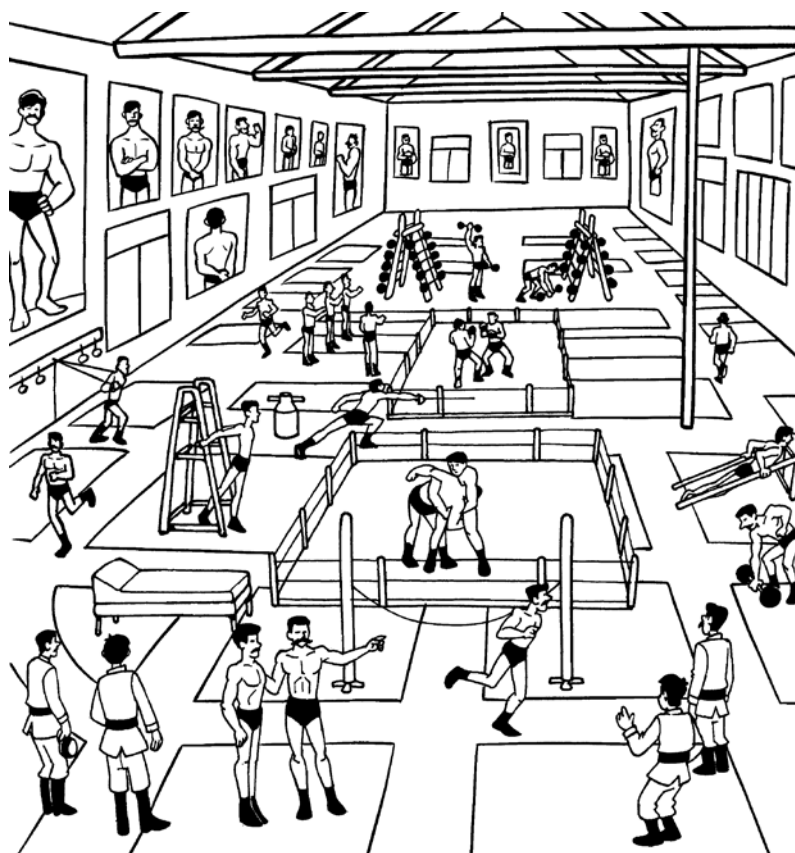
Valorizou-se normas e costumes que contribuiriam para a promoção de hábitos saudáveis. Dessa forma, havia a necessidade de criar um mecanismo para prevenir e tratar as doenças advindas desse novo processo, para que o trabalhador suportasse as condições de trabalho oferecidas; e, ao mesmo tempo, disciplinar os corpos, desde a infância, com hábitos saudáveis.

Assim, transferia-se para o indivíduo a responsabilidade sobre a sua saúde e liberava-se o Estado dessa incumbência.

Desse modo, os exercícios físicos ganharam espaço nas escolas brasileiras, pois se configuravam como elementos significativos que contribuía para a “nova ordem em formação”, cuja importância estava em disciplinar o espírito, o corpo e a moral. Essas novas demandas advinham com o surgimento do capitalismo.

Para tanto, a disciplina ministrada na escola era denominada de ginástica, e tinha suas bases fundamentadas nos princípios e métodos ginásticos europeus.

Podemos perceber, ao longo da história da ginástica, que a preocupação com as “formas modelares de educar e cuidar do corpo” não é algo novo. Algumas vezes essa preocupação aparece com mais intensidade; outras vezes, com menos, dependendo das intenções ideológicas que estão em jogo.





ATIVIDADE

A turma deverá ser dividida em grupos e elencar as variações de ginástica que podemos encontrar atualmente. Cada equipe será responsável por pesquisar uma dessas variações de ginástica. O objetivo é verificar quais são as semelhanças dessas ginásticas atuais com aquelas já destacadas durante o texto. Cada grupo irá demonstrar os exercícios de cada uma delas.

Escreva um texto, ou promova um debate com a turma, respondendo o seguinte questionamento: existe relação entre a prática da ginástica de academia no modelo contemporâneo com a idéia de “educar e cuidar do corpo” no século XIX?

O poder da mídia nos leva a procurar artificios, como se fossem “elixires” que irão operar verdadeiros milagres em nosso corpo, a fim de termos contornos corporais ideais.

Deixamos de nos preocupar ou nos importamos pouco com as conseqüências e com os riscos que possam ocorrer com o uso indiscriminado e sem orientação adequada de determinados artefatos. O que impera é o fato de conseguirmos alcançar o tão almejado contorno corporal idealizado. “Tudo se passa como se, em nossos dias, as transformações do corpo estivessem mais na moda do que nunca, enquanto os limites do que é certo e errado, falso e verdadeiro, natural e artificial tivessem sido completamente relativizados” (SANT’ANNA, 2001 *apud* SOARES, 2005, p. 59).

Para saber mais sobre esse assunto, leia o Folhas “Saúde é o que interessa, o resto não tem pressa”.



Todas as questões destacadas nesse Folhas são importantes para refletirmos sobre as nossas atitudes, não só em relação à ginástica, mas também a qualquer atividade física, antes de aderirmos ingênuo ou cegamente aos apelos da mídia.

Se você está em busca de uma performance baseada no exagero, no sacrifício que te leva a fazer mais exercícios, mais abdominais, mais peitorais, mais dorsais, dietas malucas, tomar anabolizantes, remédios para emagrecer... CHEGA!!! Você precisa parar para pensar sobre tais questões.

É importante considerar que existem aspectos positivos quando estamos praticando a ginástica ou alguma atividade física. Mas tão importante quanto praticar a ginástica é refletir se esta atividade nos traz prazer e satisfação. Além disso, não só a atividade física, como a ginástica, pode nos satisfazer, visto que as coisas simples do nosso cotidiano também são relevantes, como um dia ensolarado, uma conversa com os amigos e tantas outras “coisas” singelas.

Quando estamos realizando uma atividade física, tanto nas aulas de Educação Física quanto em outros locais, seja ela uma simples caminhada, ou a luta, ou o esporte, ou a ginástica, é importante considerar que cada um de nós traz consigo as suas histórias individuais e essas precisam ser respeitadas. Além disso, precisamos estar alertas para não cairmos nos apelos intencionais da mídia na busca por um “corpo perfeito”.

■ Referências Bibliográficas

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. In: **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 2 ed. Campinas, Autores Associados, 1998.

_____. **Educação física**: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: CARVALHO, Y. M. de; RÚBIO, K. (org.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 53-74.

_____. (org.). **Corpo e história**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, Coleção educação contemporânea, 2004.

_____. Práticas corporais: invenção de pedagogias? In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (orgs.). **Práticas corporais**: gênese de um movimento investigativo em educação física. Florianópolis: Naambu Ciência & Arte, v. 1, 2005. p. 43-61.

SOARES, C. L. & FRAGA, A. B. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes. In.: **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 2 (41), maio/ago, 2003.

VAZ, A. F. ; HANSEN, R. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. In.: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n.1, p. 77-90, set. 2004.

■ Obras consultadas *ONLINE*

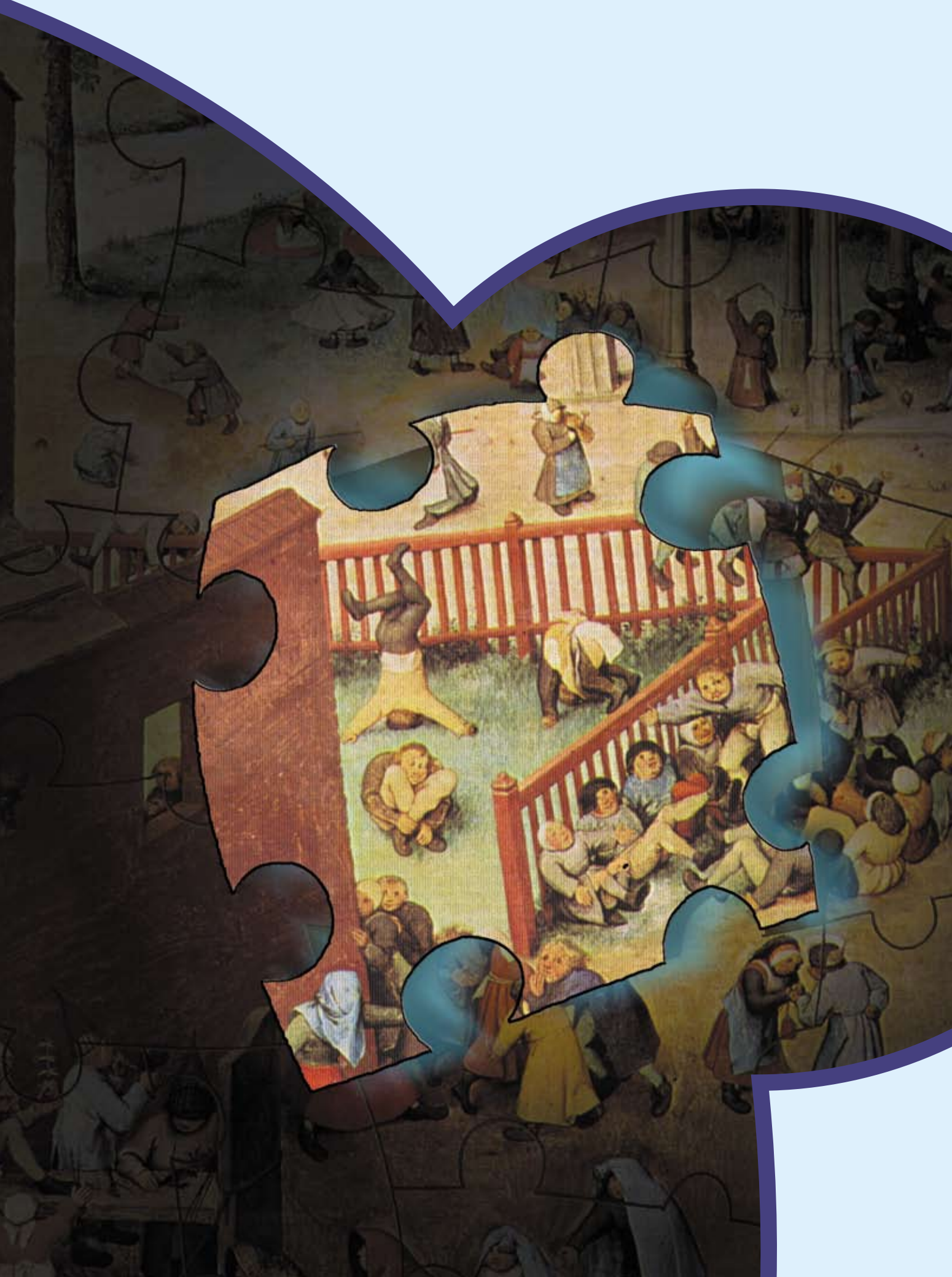
[http:// www2.ac-lille.fr/patrimoine-caac](http://www2.ac-lille.fr/patrimoine-caac)

<http://www.wikipedia.org>

<http://www.suapesquisa.com/industrial>

■ Filme

Branca de Neve e os sete anões. (1937, EUA, direção: David Hand). Desenho que aborda a história de uma linda princesa chamada Branca de Neve, cuja beleza causava inveja na rainha, que era a sua madrasta.



SAÚDE É O QUE INTERESSA! O RESTO NÃO TEM PRESSA!

■ Gilson José Caetano¹

Você se lembra deste jargão usado em um programa humorístico transmitido por uma grande emissora nacional?

Segundo o que a mídia veiculava em termos de padrões de beleza estética, esse personagem, na época, representou o “boom” pela procura de academias em todo o país.

Será que a atividade física dá conta de proporcionar saúde aos seus praticantes? Outros fatores poderiam influenciar as condições de saúde de cada um de nós? Que fatores seriam estes? Mas, na verdade, o que é ser saudável? E “o resto não tem pressa”, o que pode ser?

¹Colégio Estadual Edite Cordeiro Marques. Turvo - Pr
Escola Joanna Lechiw Thomé. Turvo - Pr

Os meios de comunicação de massa, freqüentemente, orientam as pessoas sobre os benefícios que a prática regular de exercícios físicos pode oferecer. Dentre eles, citamos os mais comuns:

- Redução de peso e emagrecimento;
- Combate à hipertensão arterial;
- Prevenção da osteoporose;
- Ajuda a controlar os níveis de colesterol;
- Redução da ansiedade e depressão;
- Combate o estresse e ajuda a melhorar o humor.

Segundo Matsudo (1998, p.7), apenas 30 minutos diários de atividades físicas “podem representar o limiar para a população em geral adquirir o Passaporte para a Saúde”. De acordo com essa visão, “só não é saudável quem não quer, pois pouco tempo de práticas “físicas” seriam o suficiente para adquirir os possíveis benefícios para as pessoas que queiram e possam aderir a esse movimento”. Mas para você, hoje, adiantaria ter um passaporte para qualquer país e não ter condições financeiras de usufruí-lo? Como assim? Irei explicar melhor:

Você sabe como resolver seus problemas de saúde, mas você pode fazê-lo? Dispõe de 30 minutos diários para fazer exercícios e espaços adequados para sua prática?

Você sabe qual é o percentual da população mundial que não tem por hábito a prática regular de atividades físicas? “(...) perto de 80% das pessoas se recusam a realizar esforços físicos sistemáticos para aumentar a potência ou para conservar a saúde” (LOVISOLO, *apud* NOGUEIRA & PALMA, 2003, p. 106). Qual sua explicação para este fato?

■ Ser ou não ser (saudável): eis a questão

O modelo de sociedade em que vivemos (capitalista) vê o homem, e sua força de trabalho, como uma ferramenta essencial para a produção; dessa forma, segundo alguns autores, as pessoas com estilo de vida saudável (ativo) aumentam a eficiência e produtividade, reduzem as faltas no trabalho, assim, auxilia as empresas a diminuir os gastos e aumentam os lucros (KIMIECIK e LAWSON *apud* MATIELLO JUNIOR e QUINT, 1999, p. 869). Nesse sentido, ser saudável é uma exigência do sistema econômico em que estamos inseridos.

Existem os que entendem que ter hábitos saudáveis está relacionado ao estilo de vida. Para adquirir este estilo de vida, devem-se adotar algumas condutas. Você poderia indicar que condutas seriam estas?

Mas será que as pessoas que levantam às 5 horas da manhã, andam uma hora e meia de ônibus, trabalham mais de dez horas diárias, retornam para suas casas e ainda dão conta dos afazeres do lar e dos fi-



lhos, precisam fazer atividades físicas? Será que podemos considerá-las sedentárias?

As atividades físicas propiciam uma série de adaptações metabólicas, cardiorespiratórias e músculo-ósteoarticulares que produzem benefícios ao bom funcionamento geral dos sistemas do corpo humano.

Para que nosso corpo esteja bem, é necessário que façamos escolhas que atendam aos nossos interesses, sejam prazerosas, sejam cotidianas, e possibilitem a ampliação das relações sociais.

Para ampliar a discussão, vejamos as definições de alguns termos:

Atividade Física: Qualquer movimento corporal, produzido pelos músculos esqueléticos, que resulta em gasto energético maior do que os níveis de repouso. (CASPERSEN et al, *apud* NOGUEIRA & PALMA, 2003, p. 107).

Exercício Físico: É toda atividade física planejada, estruturada e repetitiva, que visa à melhoria e à manutenção de um ou mais componentes da aptidão física. (CASPERSEN et al, *apud* NOGUEIRA & PALMA, 2003, p. 107).

Esporte: É fruto de uma evolução que se realizou entre os séculos XIII e XIV. Na França, já no século XIII, era usada a antiga palavra *desport*, que deriva de *depórter*, a qual se relacionava com os meios de transcorrer agradavelmente o tempo: recreações, jogos, etc. Também na Inglaterra do século XIV, este termo manteve o mesmo significado, sendo traduzido como *sport*. Eram jogos e exercícios adaptados à nobreza e sua condição social, designando, assim, um certo modo de vida. (NOGUEIRA & PALMA, 2003, p. 107).

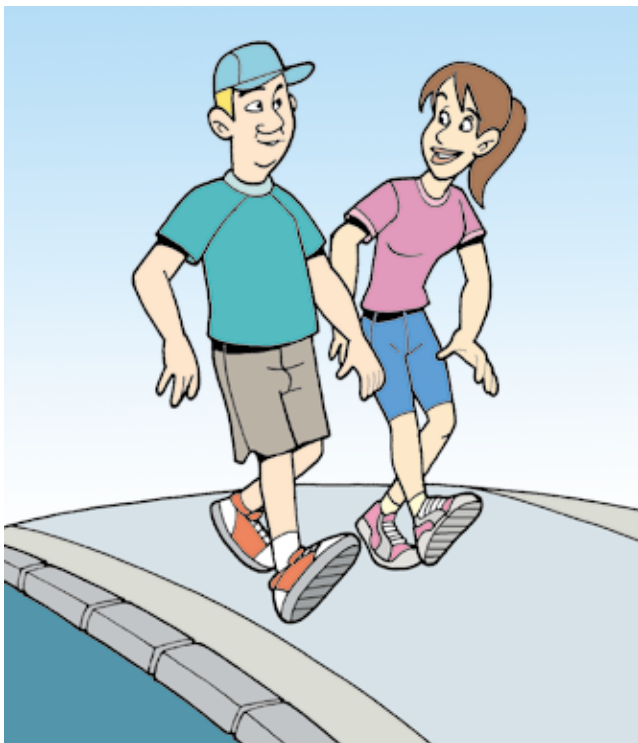
A par das definições, qual delas você acredita ser mais abrangente? Será que a expressão atividade física refere-se mesmo aos exercícios físicos e aos esportes?

Você concorda que as atividades físicas fazem bem à saúde? Para você, o que é saúde? Tente definir antes de continuar.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde é “um estado completo de bem-estar físico, mental e social e não a simples ausência de doença ou enfermidade”.

Na VIII Conferência Nacional de Saúde (1986), saúde foi definida como: “resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso aos serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida”.

Em se tratando de saúde, o documento que referencia todas as discussões modernas é a Carta de Ottawa. Nesse documento, resultado da I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa, Canadá, em novembro de 1986, foram definidas as princi-



países em termos de promoção da saúde, a qual é entendida como o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde.

Os pré-requisitos para a promoção da saúde ficaram definidos como sendo: paz; habitação; educação; alimentação; renda; ecossistema estável; recursos sustentáveis; justiça social e equidade.

Paim e Almeida (apud NOGUEIRA e PALMA, 2003) apontam que, lamentavelmente, a maior atenção foi e é dada às intervenções para mudanças de comportamento individual e pouco à estratégia política populacional, indicando a opção de modificação dos hábitos considerados de risco, tais como: o fumo, o sedentarismo, a dieta, etc.

Como você pode notar, definir saúde é algo muito complexo e, para dimensionar isto, basta

tomar, por exemplo, a dimensão social. Podemos medir com exatidão o bem-estar social? Claro que existem vários indicadores sociais, como: renda *per capita*, coeficiente de mortalidade, expectativa de vida, poluição ambiental, IDH, entre outros. Mas você sabe o que significam todos estes indicadores? Veja o quadro a seguir:

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano (ou HDI, UN *Human Development Index*, em inglês). O IDH é, das formas de medir o desenvolvimento social dos países, a considerada mais equilibrada. Além dos critérios econômicos, como PIB, renda per capita, etc., são analisados outros critérios de caráter social, como as taxas de mortalidade e natalidade, a longevidade, a taxa de analfabetismo, etc., e também critérios ligados às liberdades cívicas, como o grau de liberdade de imprensa que existe em cada estado, por exemplo. O índice varia de zero (nenhum desenvolvimento humano) até 1 (desenvolvimento humano total). Um IDH de até 0,499 significa baixo desenvolvimento humano, um IDH de 0,5 até 0,799 significa desenvolvimento humano médio e, quando o índice ultrapassa 0,8, o desenvolvimento é considerado alto.

Renda per capita: é um indicador que ajuda a saber o grau de desenvolvimento de um país e consiste na divisão da renda nacional (produto nacional bruto menos os gastos de depreciação do capital e os impostos indiretos) pela sua população. Por vezes o produto interno bruto é usado.

Coeficiente de mortalidade: é um dado estatístico do número de óbitos para cada mil habitantes em uma dada região. Por ser um dado fortemente afetado pela longevidade da população, não é significativo demograficamente.

Expectativa de vida: esse indicador mostra a quantidade de anos que uma pessoa nascida naquela localidade, em um ano de referência, deve viver.

Poluição ambiental: é a liberação de substâncias químicas ou agentes contaminantes em um ambiente, prejudicando os ecossistemas biológicos ou os seres humanos.

■ Fonte: <http://www.wikipedia.org>. Acesso em: 03 nov. 2005.



ATIVIDADE

- Em sua opinião, o que é ter saúde? Você tem saúde? Justifique.
- Pesquise sobre a expectativa de vida há 30 anos e como está hoje.
- Quais eram as principais causas de morte e quais são atualmente?
- No seu município, as políticas públicas preocupam-se em oferecer maneiras diversificadas de práticas esportivas que atendam a população como um todo (crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos)?

■ Atividade Física é Saúde! (?)

Para o senso comum, atividade física é saúde. Não só a atividade física, mas principalmente os esportes, os exercícios físicos, pois basta ligarmos a TV, abrirmos um jornal, folharmos uma revista e até mesmo passearmos pelas ruas da cidade, que encontramos vários elementos identificando a associação entre as diversas formas de atividade física e a promoção da saúde.

Mas você sabe de onde vem tal associação?

Essa associação entre a prática regular de atividades físicas e a saúde advém desde a Antiguidade. Um dos exemplos mais comuns é a famosa frase grega “Mens sana in corpore sano”, que significa “Mente sã em corpo sã”.



DEBATE

- Será que a atividade física como fator isolado pode promover a saúde?
- Se esporte é saúde, como devemos tratar do uso do doping, além do grande número de pessoas afastadas devido a lesões esportivas, não deixando de falar dos casos de morte súbita de atletas?
- Ser magro é saudável? Devemos fazer uso de dietas e sacrificar nosso corpo em busca de um corpo “sarado”?
- Qual é a sua opinião sobre aquelas pessoas chamadas de atletas de final de semana, que só praticam alguma forma de atividade física no final de semana, e que acabam ficando com o corpo todo doído? Esse tipo de atividade traz algum benefício? Por quê?

■ A influência da mídia na prática de atividades físicas



Um olhar crítico sobre as informações que nos bombardeiam, através dos vários mecanismos de comunicação utilizados para “convencer” a população sobre a importância de praticar atividades físicas, deve basear-se numa profunda análise das intenções reais que podem estar implícitas.

Observe que os vários tipos de mídia, como os jornais ou a televisão, têm uma ampla influência sobre nossas experiências e sobre a opinião pública, não apenas por afetarem nossas atitudes de modo específico, mas por serem, muitas vezes, o único meio de acesso ao conhecimento do qual dependem muitas atividades sociais (GIDDENS, 2001 p.367).

Desse modo, a tomada de decisão sobre a prática de atividades físicas pode ser influenciada por um modismo, reforçada por jargões, como o que apresentamos no título deste Folhas, e não por uma necessidade consciente de buscar um estilo de vida mais ativo e mais saudável.

Já para aquela parte da população que, por vários motivos, não adere a esse movimento de busca da saúde por meio de exercícios, os meios de comunicação têm outro tipo de apelo, com um marketing que apresenta várias formas para adquirir um corpo bonito e saudável. Basta pegarmos algumas dessas revistas sobre a prática de atividades físicas e logo encontramos em suas capas receitas milagrosas, como: “perca 5 kg por semana sem esforço” ou “reduza 5 cm de cintura comendo de tudo e sem esforço”, e outra “trabalhe seu abdômen sentado em frente da TV, comendo pipoca, e terá o resultado de 500 abdominais em apenas 10 minutos”.

Você identifica quem são os maiores beneficiados com a veiculação destas propagandas?

Algumas empresas utilizam-se da imagem de ídolos esportivos com a intenção de dar mais credibilidade a seu produto. Esses atletas são representações do mito moderno, utilizados como “modelo” de corpo perfeito e de sucesso, vinculando-se o produto apresentado à sua imagem. Aqui devemos esclarecer o que é mito e mito moderno. Veja o quadro a seguir:

Mito: do grego *mýthos*, significa palavra, discurso, ação de recitar, mensagem, anúncio. Relata grandes eventos, grandes feitos dos antepassados, dos deuses, dos heróis. E, quando o mito é contado, merece adesão por parte daqueles que ouvem: é verdadeiro e deve ser aceito como tal. Distingue-se da lenda, considerada uma narrativa não verdadeira.

Mito moderno: refere-se ao mito do super-herói, da estrela de cinema, do grande desportista, etc. Observe-se que, no caso dos mitos modernos, os ídolos despem-se do caráter sagrado, como no mito primitivo. Não são deuses nem espíritos que viveram em tempos remotos, mas “seres humanos de carne e osso” ou figuras oriundas da literatura, do cinema, das histórias em quadrinhos, etc. – da imaginação fabuladora, portanto -, que têm a capacidade de realizar os mais íntimos desejos de seus cultuadores. Movido por aspirações íntimas, premido por necessidades de todos os tipos, convocado pela propaganda a adquirir um determinado status, desejoso de se afirmar perante os outros, mas limitado economicamente, intelectualmente, em talento ou pelas próprias circunstâncias, o homem vê-se incapaz de atingir aquilo a que aspira ou o que dele se cobra. Temos aqui os ingredientes básicos para a vivência mítica: alguém realiza os anseios de fama, glória, riqueza, status, etc. Dá-se, no caso, um processo de aproximação entre o homem e o ídolo. O ídolo realiza, de fato ou virtualmente, aquilo que ele, o homem, não consegue realizar. Os ídolos são criados da noite para o dia e são facilmente substituídos por outros. Acrescente-se a isto o alto faturamento financeiro no caso da mitificação de uma banda de música ou de um jogador de futebol, só para citar alguns exemplos. Os meios de comunicação produzem e destroem os “ídolos” da noite para o dia. (HRYNIEWICZ, 2002).



ATIVIDADE

- Em dupla, monte um painel, com recortes de revistas que trazem receitas milagrosas para ficar em forma.
- Após observar e analisar todos os painéis, escreva em seu caderno uma crítica para dois produtos que apresentem resultados diferentes à obtenção do corpo perfeito.

Em equipes, de até 5 componentes, selecione quatro grandes ídolos esportivos, dois masculinos e dois femininos. Analisem e respondam às questões:

- a) Por que essas pessoas se tornaram ídolos?
- b) Elas aparecem em propagandas ou comerciais divulgando produtos para a “promoção” da saúde? Em que tipo de veículo midiático?
- c) Vocês acreditam que os produtos oferecidos atingem o objetivo proposto em todas as pessoas da maneira como é veiculado? Por quê?
- d) Analisem todo o contexto em que são veiculadas as propagandas com “fórmulas milagrosas” para ter boa forma física e saúde, onde aparecem esses ídolos, e apontem a que interesses servem, justificando seus pontos de vista.
- e) Promovam um debate para discutir as conclusões alcançadas.

■ Atividade Física e Saúde – Ampliando o Enfoque

Para termos saúde não basta apenas praticarmos algum tipo de atividade física regularmente, pois saúde envolve, além do comprometimento pessoal, políticas públicas e medidas sociais que atendam às reais necessidades dos indivíduos.

Algumas medidas sociais adotadas em vários programas de políticas públicas tendem a transferir a responsabilidade da saúde pública para os indivíduos. Como exemplo desses fatos, citamos um estudo de Ferreira, que analisa a proposta do programa Agita São Paulo. Esse programa orienta as pessoas idosas a aproveitar “as filas dos bancos ou correios para fortalecer os músculos do abdome e das pernas”. Argumenta-se que não é preciso um espaço específico para fazermos exercícios, podemos aproveitar aquele momento na fila do ônibus, que ficamos parados em posição incorreta, ou aquele deitado na frente da televisão, mas, como lembra o autor já citado:

(...) esse tipo de orientação parece aceitar as filas em bancos como coisa natural (...) a existência de filas, principalmente para idosos, é inaceitável (...). As filas nos bancos não têm razão de ser e podem ser minimizadas (senão extintas), por exemplo, com o aumento dos postos de trabalho, medida em geral que não interessa aos donos de bancos. (FERREIRA, 2001 p.47).



www.fiocruz.br

■ Água de beber

A idéia de que para adquirir hábitos saudáveis é necessária a adesão a clubes e academias deve ser superada, uma vez que o acesso a parques, praças e espaços propícios para a prática regular de atividades físicas não requerem nenhum tipo de investimento a mais de seus adeptos. Porém, tornar esses espaços em condições de uso para que toda a população possa usufruir, é de responsabilidade dos órgãos públicos.

A atividade a seguir, apresenta uma composição de Gabriel O Pensador, que faz uma série de críticas ao descaso das autoridades quanto à saúde. Leia atentamente e, depois, faça a atividade proposta.

Sem Saúde

Composição: Gabriel O Pensador / Memê / Fabio Fonseca

Me cansei de lero lero

Dá licença mas eu vou sair do sério

Quero mais saúde(...)

Que calamidade!

Dos bebês que nascem virados pra lua e conseguem um lugar na maternidade

A infecção hospitalar mata mais da metade

E os que sobrevivem e não são seqüestrados devem ser tratados com todo o cuidado

Porque se os pais não têm dinheiro pra pagar hospital uma simples diarreia pode ser fatal

- "Come tudo, meu filho, pra ficar bem forte"

(Ah, mãe! Num agüento mais farinha!)

- "Mas o quê que tu quer? Se eu num tenho nem talher?" (...)

- "Eu ia fazer a tal da 'autopsia' mas eu não tenho faca de cozinha!"

Tá muito sinistro! Alô, prefeito, governador, presidente, ministro, traficante, Jesus Cristo, sei lá...

(...) Onde é que eu vou parar?

Numa clínica pra idosos? Ou debaixo do chão?

E se eu ficar doente? Quem vem me buscar?

A ambulância ou o rabeção?

Eu tô sem segurança, sem transporte, sem trabalho, sem lazer

Eu num tenho educação, mas saúde eu quero ter

(...) Já paguei os meus impostos, não sei pra quê?

Eles sempre dão a mesma desculpa esfarrapada:

"A saúde pública está sem verba"

E eu num tenho condições de correr pra privada

Eu já tô na merda.



ATIVIDADE

Após a leitura do trecho da música "Sem Saúde", elabore uma pesquisa sobre a saúde pública no Brasil e, como conclusão, compare os fatos encontrados na pesquisa com o apontado na letra da música.

■ Por que trabalhar conceitos de Atividade Física e Saúde nas aulas de Educação Física?

Devemos pensar em atividade física não como uma obrigação para termos saúde, mas sim como uma atividade que nos traga prazer, alegria, contribuindo para o próprio bem estar.

A atividade física deve ser encarada sob diversos aspectos e não somente pelo enfoque biológico, anatômico, biomecânico, nutricional ou

fisiológico. Devemos discuti-la sobre outros aspectos, pois, como afirma Ferreira (2001) “(...) o exercício, o esporte e aptidão física não são fenômenos meramente biológicos, mas também sociais, políticos, econômicos e culturais. Para compreendê-los, em toda sua essência, temos que ser capazes de analisar criticamente todos esses determinantes”.

Para ampliar essa conversa, que tal uma atividade de pesquisa?



ATIVIDADE

Cada grupo ficará responsável por trabalhar com um dos seguintes temas:

- Jogos (intelectivos, dramáticos, mímicos, cooperativos, etc.);
- Esportes (coletivos, individuais, de aventura, radicais, etc.);
- Ginásticas (de academia, corretivas, rítmicas, artísticas, etc.);
- Danças (folclóricas, de salão, populares, clássicas, etc.);
- Lutas (judô, caratê, capoeira, etc.).

Cada grupo deverá realizar uma pesquisa detalhada de seu tema, analisando-o de diversas formas, como:

- Sua origem e evolução histórica;
- Aspectos biológicos relacionados (anatomia, biomecânica, fisiologia, nutrição);
- Relações sociais (saúde, sexualidade, diversidade cultural, ética, meio ambiente, etc.);
- Interferência política.

Depois de realizada a pesquisa, cada grupo apresentará seu trabalho aos demais alunos, utilizando-se de recursos como vídeos, cartazes, etc.

Obs: seria interessante que, depois de concluídas as apresentações em sala, cada equipe fizesse uma atividade prática para que todos pudessem vivenciar possíveis maneiras criativas de trabalhar com os temas abordados nos trabalhos.

■ Ginástica Geral: uma possibilidade interessante de se fazer atividade física

Você observou, ao longo do texto, a problemática que envolve a saúde, identificando em que medida os esforços para mantê-la dependem de nós e em que medida os órgãos públicos devem assumir sua parcela de compromisso com a sociedade. Torna-se necessário apontarmos um caminho, entre as várias possibilidades, de fazer uma atividade física que promova a eliminação gradativa do sedentarismo.

A ginástica, com suas várias modalidades, tem se apresentado como uma forma interessante, com baixo custo e prazerosa, de se fazer atividade física, uma vez que você pode fazê-la num local público (par-

ques, praças, bosques, etc.), de acordo com o seu tempo livre. Dentre as várias modalidades de ginástica, que possivelmente você conhece, abordaremos aqui a ginástica geral. Você já ouviu falar algo sobre a ginástica geral?

A ginástica geral é uma das possibilidades da Cultura Corporal que pode ser praticada por qualquer pessoa em qualquer idade, desde que não apresente nenhum tipo de restrição médica. Essa atividade surgiu do interesse de pessoas, como o então presidente da Federação Internacional de Ginástica (F.I.G), o belga Nicolas J. Cuperus (1953) e do holandês Jô Sommer, idealizador da Gymnaestrada, que demonstravam interesse maior nas apresentações de ginástica sem caráter competitivo.

Gymnaestrada é um evento de ginástica geral em que vários países fazem suas apresentações sem a preocupação de competir uns com os outros. O objetivo dessas apresentações tem relação com a cultura de cada país e a troca de informações sobre a ginástica geral como instrumento de aprimoramento humano.

A ginástica geral é uma modalidade que se fundamenta em outras atividades da Cultura Corporal, como danças e jogos, trabalhados de maneira livre e criativa. Ela apresenta vários objetivos, dentre os quais citamos:

- Oportunizar a valorização do trabalho coletivo, sem deixar de valorizar a individualidade;
- Benefícios gerais ao corpo;
- Quando praticada coletivamente, proporciona a integração e a socialização. (Fonte: www.cbginastica.com.br. Acesso em: 04 abr. 06.)



Gymnaestrada: é um termo criado a partir de duas origens: “*gymna*” alude à “ginástica” e “*strada*” refere-se à “caminho”, determinando o significado “caminho da ginástica”. Disponível em: <www.cbginastica.com.br> Acesso em: 04 abr 2006.



ATIVIDADE

- Como a ginástica geral pode ser praticada com ou sem materiais, individual ou coletivamente, juntamente com outros colegas, você poderá elaborar um programa com diversas atividades envolvendo jogos e danças que possibilitem a prática desta modalidade na escola ou fora dela.
- É interessante trabalhar de formas variadas onde você e seus colegas possam fazer as atividades num primeiro momento sem material, utilizando músicas e criando vários tipos de movimentos; e, num segundo momento, inserir materiais conhecidos, como: bolas, arcos, bastões, fitas ou alternativos elaborados por vocês mesmos ou por outros colegas.

* Lembre-se dos objetivos propostos pela ginástica geral e divirta-se com seus colegas.

Agora que você já teve acesso a um conjunto de informações sobre atividade física e saúde, vamos rever o problema inicial.

Se nos sentirmos responsabilizados pela busca da “saúde”, que “é o que interessa”, não devemos cobrar, do Estado, ações que atendam as necessidades sociais básicas, já que “o resto não tem pressa”?



■ Referências Bibliográficas

BASBAUM, L. **Alienação e Humanismo**. São Paulo: Global Editora, 1984.

CARVALHO, Y. M. A Relação Saúde/Atividade Física: Subsídios para sua Desmistificação. In.: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, set./1992.

FERREIRA, M. S. Aptidão Física e Saúde na Educação Física Escolar: Ampliando o Enfoque. In.: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, jan./2001.

FONTE, S. S. D. LOUREIRO, R. A Ideologia da Saúde e a Educação Física. In.: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, jan./1997.

HRYNIEWICZ, S. **Para filosofar hoje**: introdução e história da filosofia. 5. ed. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2001.

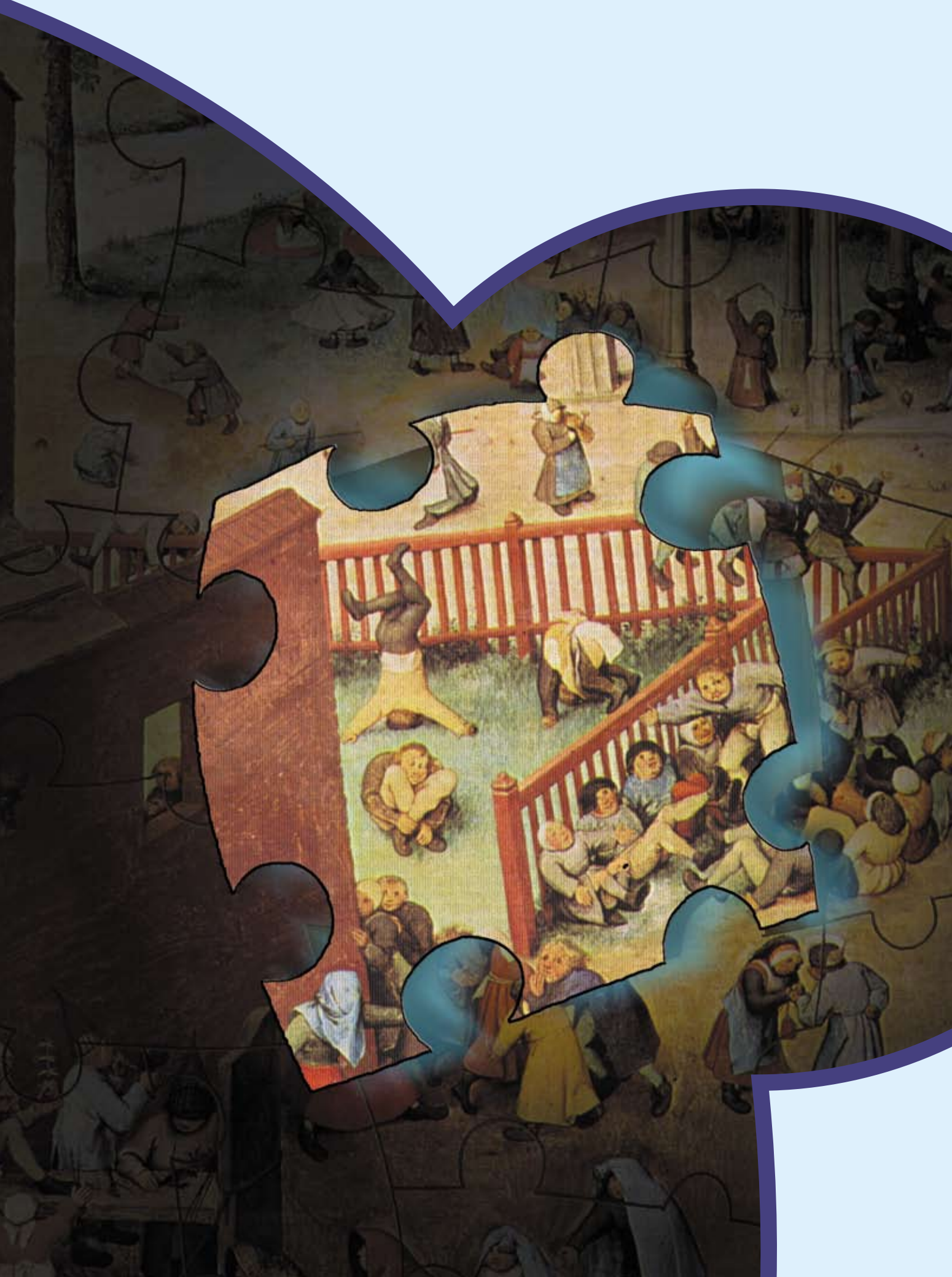
LEWIS, A. In: SILVA, B. (Org.). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

LOVISOLO, H. **Atividade Física, educação e saúde**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

MATSUDO, V. K.R. **Programa Agita São Paulo**. São Paulo: Celafics, 1998.

NOGUEIRA, L.; PALMA, A. Reflexões acerca das políticas de promoção de atividade física e saúde: uma questão histórica. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, maio/2003.

QUINT, F. O.; MATIELLO J. E. O gosto amargo do exercício como remédio nas pedagogias do medo e da culpa. In: **Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Caderno 3, v. 21, n. 01, Florianópolis : CBCE, 1999, p. 867-872.



OS SEGREDOS DO CORPO

■ Mauro José Guasti¹

Freqüentemente, pensamos o corpo somente em seu aspecto individualizado, como se a saúde fosse algo “separado” do corpo, não é? Pensar o corpo como instrumento de afirmação pessoal, que é exibido, transformado e consumido e que não tem pudor ou inibição, pode ter impacto na vida individual como na vida social das pessoas?

Nesse sentido, nos resta desvelar alguns dos segredos desse corpo, que envolve o sujeito e a sociedade. Você seria capaz de identificar quais seriam tais segredos? Venha conosco nesta viagem, em que muitas questões serão reveladas, desde aspectos relacionados à saúde, bem como práticas corporais relacionadas à ginástica e à expressão corporal.

¹Colégio Estadual Angelo Gusso. Curitiba - PR
Colégio Estadual Santa Cândida. Curitiba - PR

Aminoácidos essenciais são aqueles que o organismo humano não consegue sintetizar. Assim, somente podemos adquiri-los pela ingestão de alimentos, vegetais ou animais.

As proteases são exemplos de enzimas específicas produzidas por células especializadas do sistema digestório.

Neurotransmissores: participam da transmissão dos impulsos nervosos para os músculos na realização do movimento.

Para ilustrar: Nos exercícios da ginástica artística, no qual o atleta precisa de uma explosão rápida do movimento, é recomendada a ingestão da glicose.

■ Analisando o primeiro segredo: a saúde

Ao pensarmos o corpo de forma fragmentada, torna-se necessário lembrarmos algumas questões relacionadas à alimentação, vitais para o funcionamento do nosso organismo. O equilíbrio na ingestão de nutrientes garante a saúde do nosso corpo. Proteínas, hidratos de carbono, lipídios, vitaminas e sais minerais são os nutrientes contidos nos alimentos que consumimos diariamente.

As proteínas mantêm a estrutura e o funcionamento dos organismos vivos, regulam a contração muscular, a produção de anticorpos, a expansão e a contração dos vasos sanguíneos para manter a pressão arterial normal. Mas onde elas se originam? Ao ingerirmos alimentos ricos em proteínas, estamos fornecendo aminoácidos essenciais para o processo de síntese proteica. Portanto, o corpo precisa que determinados alimentos sejam ingeridos para que possam ser absorvidos.

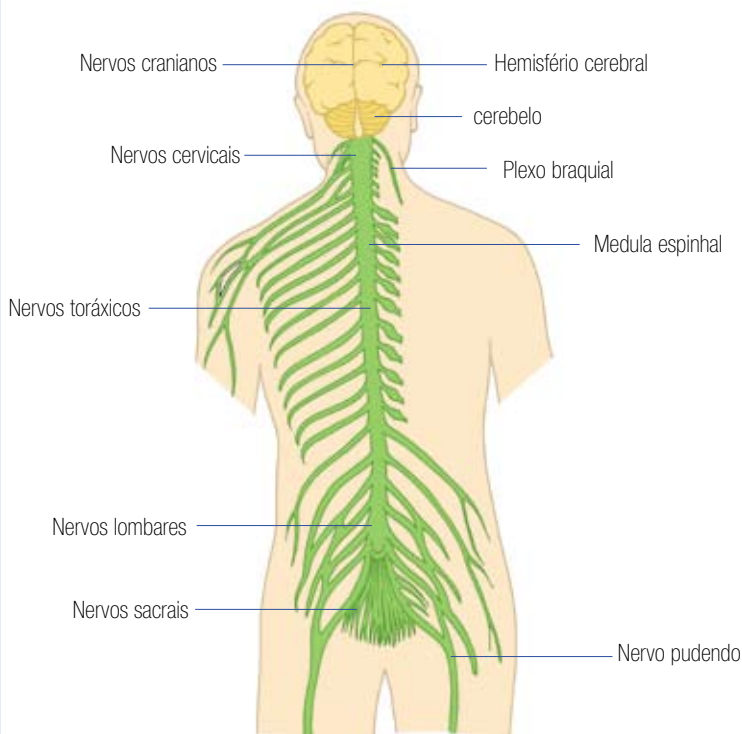
Mas se ingerimos proteína, por que o nosso corpo realiza síntese protéica? Se você estudou a síntese protéica, já sabe que isso acontece porque as células humanas possuem proteínas específicas diferentes daquelas fornecidas pelos seres vivos que são base da nossa alimentação, como exemplo, temos: a carne de frango, de gado, a alface, o milho. Uma vez ingerida, a proteína desses seres vivos passa pelo processo de digestão. As macromoléculas protéicas são transformadas em moléculas menores pela ação das enzimas digestivas (proteases).

Além das proteínas, outros nutrientes são importantes para a manutenção da nossa saúde, por exemplo: os hidratos de carbono e os lipídeos.

Os hidratos de carbono, representados pelos açúcares, têm função energética. No sistema nervoso central, formado pelo encéfalo e pela medula espinal, a glicose é o principal substrato energético.

A glicose é estimulante de neurotransmissores e é armazenada nos músculos e no fígado. No momento em que o corpo precisa realizar determinado movimento, ela é transformada em adenosina trifosfato (ATP) num processo conhecido como respiração celular.

Sistema Nervoso Central e periférico



Mas você poderia estar pensando: a respiração não é um processo que ocorre por trocas gasosas? Observe que estamos falando do processo de respiração celular nos músculos que, neste caso, envolve a combustão da glicose produzindo ATP. No entanto, como se trata de combustão, o oxigênio inspirado também está envolvido nesse processo.

Os lipídios, mais conhecidos como gorduras, são encontrados na maioria dos alimentos. Você já deve ter ouvido falar que gordura faz mal à saúde. Mas o excesso ou a falta de qualquer nutriente é prejudicial. Os lipídios são tão importantes quanto as proteínas e os hidratos de carbono, pois, além de servirem como reserva energética, são constituintes essenciais da membrana celular, estão envolvidos nos processos de produção hormonal, de assimilação de proteínas e vitaminas, além de serem parte do preenchimento estrutural do corpo.

As vitaminas, também conhecidas como nutrientes reguladores, são substâncias químicas presentes em pequenas quantidades nos alimentos e são indispensáveis para o desenvolvimento do nosso corpo, participando do controle metabólico da atividade biofísica cotidiana.

Assim como as vitaminas, os sais minerais funcionam como “co-fatores” do metabolismo no organismo, sem eles as reações metabólicas ficariam tão lentas que não seriam efetivas. Os sais minerais desempenham funções reguladoras vitais em nosso corpo, como: manter o equilíbrio de líquidos, controlar as contrações musculares, oxigenar a musculatura e regular o metabolismo energético. O Sódio (Na⁺) e o Potássio (K⁺), por exemplo, também participam na condução de impulso nervoso.

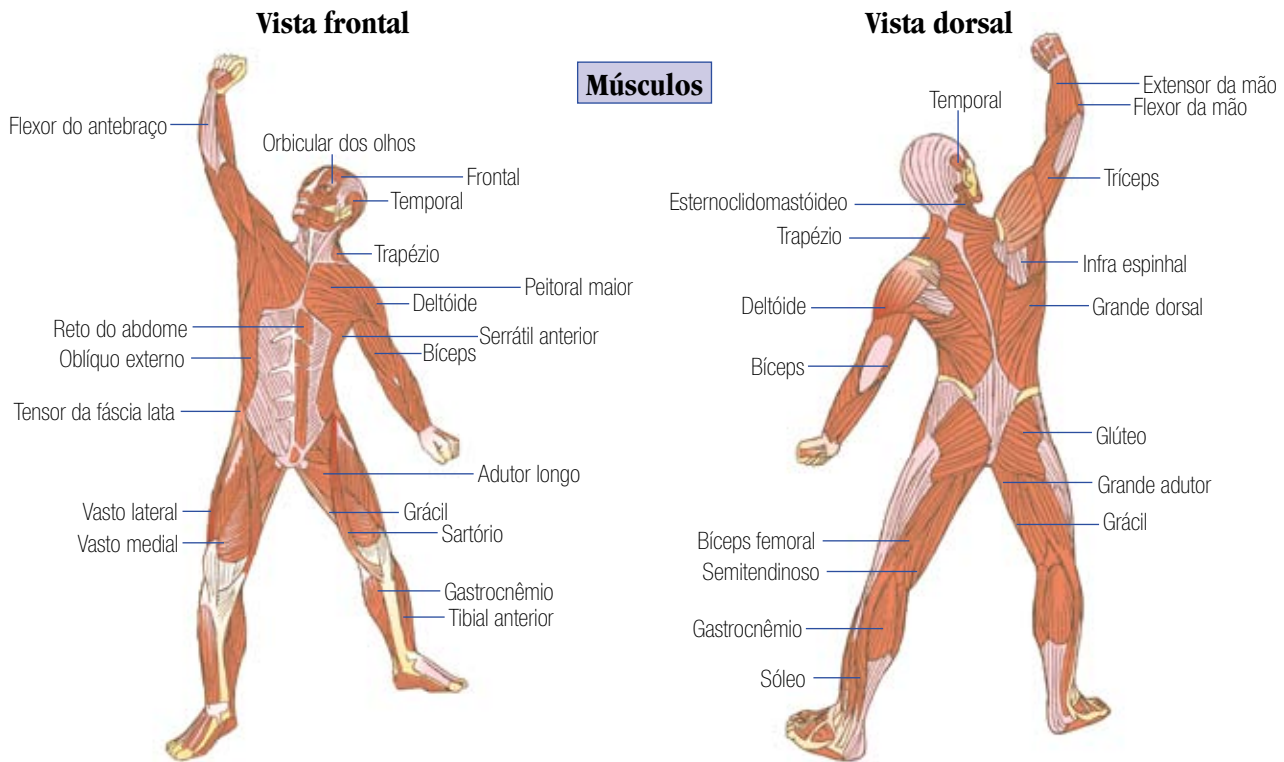
Além de tudo o que já foi citado, não podemos deixar de falar da água. Ela é fundamental para o equilíbrio do corpo, pois é indispensável ao metabolismo. Suas funções contribuem para: Digestão; absorção e transporte de nutrientes; serve de solvente para líquidos orgânicos e de meio para inúmeros processos químicos; auxilia no controle da temperatura corporal; é imprescindível à formação dos tecidos orgânicos, fornecendo a base para o sangue e todas as secreções líquidas (lágrimas, saliva, sucos gástricos, entre outros), que lubrificam os órgãos e articulações. Além disso, a falta de água no corpo altera o equilíbrio hidrossalínico, causando a desidratação.

Além das questões de hábitos alimentares, há ainda outras implicações relevantes para a promoção da saúde, pois esta não depende única e exclusivamente da mudança dos comportamentos dos indivíduos, mas, sobretudo de políticas sociais voltadas para o aprimoramento das condições de higiene e saúde. É de suma importância que sejam desenvolvidos programas de orientação preventiva, obras de saneamento básico e outras estratégias que ofereçam condições básicas de higiene e saúde para a população, o que contribui ainda para redução das desigualdades sociais.

Criar essas políticas depende só da vontade individual? Diante de todas essas questões, temos que refletir: a produção de alimentos é suficiente para todos? Por que algumas pessoas têm uma boa alimentação e outras têm uma alimentação tão precária que causa doenças e até a morte?

Após toda essa discussão, o que você acha de praticar as atividades na sua aula de Educação Física? Vamos experimentar alguns exercícios que envolvam velocidade, resistência, força, equilíbrio, flexibilidade, agilidade, coordenação e ritmo.

Com a prática de exercícios, você poderá: estimular a produção de alguns aminoácidos que melhoram a ação protetora do sistema imunológico; estimular o desenvolvimento das fibras musculares que compõem os diversos músculos do corpo; melhorar o condicionamento físico e a capacidade cardiorespiratória. Mas não se esqueça de que o exagero e a sobrecarga na prática desses exercícios, ao invés de benefícios, poderá causar sérios problemas nas articulações, nos tendões e, principalmente, na musculatura.



As articulações, como os joelhos e tornozelos, são as que mais sofrem lesões, provocadas por exercícios que as sobrecarregam ou pela falta de preparo dessas articulações para absorver adequadamente os grandes impactos, tais como os grandes saltos e as mudanças bruscas de direção.

Você já viu ou ouviu reportagens que tratam de atletas de alto rendimento, aqueles profissionais do esporte que sofrem com as consequências da intensidade dos treinamentos físicos? Para responder essa questão, é importante realizar a atividade sugerida a seguir.



PESQUISA

Faça uma pesquisa, em jornais, em revistas, na Internet, sobre os atletas da ginástica artística. Procure reportagens de atletas da ginástica que necessitaram parar as suas atividades para tratamento físico e fisioterápico. Responda as questões:

- Quais foram as causas, as lesões ocorridas, que levaram esses atletas pararem seus treinamentos?
- Quantos desses atletas já tiveram lesões graves que necessitaram de intervenção cirúrgica e de um longo período para reabilitação? Justifique as seguintes questões:
 - Será que, na busca para “quebrar” recordes ou superar limites, esses atletas não estão exagerando nos treinamentos, indo além do que o corpo pode suportar?
 - Será que o fato de ser um atleta de alto rendimento significa ter uma boa saúde?

■ Analisando o segundo segredo: o ser social

O que você acha de continuarmos nossa busca por compreender os segredos do corpo? Até agora você teve condições de perceber o quanto é importante sua alimentação, certo? Mas será que é possível falar em hábitos alimentares num país que possui uma quantidade enorme de pessoas com uma alimentação restrita a ponto de passar fome?

Importa destacar que o corpo não se restringe a fragmentos, o que significa não entendê-lo somente em seus aspectos biológicos, mas também considerando sua relação com o meio social, com as possibilidades de lazer, com a necessidade de trabalhar, enfim, com a sociedade na qual vivemos. É freqüente pensarmos o corpo de forma fragmentada, isto é, biológica e fisiologicamente. Isso resulta no entendimento de que a saúde é algo intrínseco a esse corpo. Pensar no corpo de forma mais ampla pode ter impacto tanto na vida individual como na vida social das pessoas.

Nas últimas décadas, mudanças econômicas têm afetado profundamente a compreensão de corpo e diretamente a possibilidade de conscientização, por parte da população, do lugar que seus corpos ocupam na sociedade.

Descobrir os segredos do corpo perpassa essas questões, e aponta para o entendimento de que ele em si “(...) é isento de dicotomias, ou seja, ele é único e não é menos importante que a mente ou o intelecto. É preciso entender que um corpo é inteiro, e não separado em partes” (SANCHES NETO; LORENZETTO, 2005, p. 141).

Sabendo que os corpos são únicos, isto é, singulares, a próxima atividade foi sugerida com o objetivo de levar você a compreender que existem diferenças entre os vários indivíduos e, nesse sentido, que os corpos podem expressar diferentes formas, de acordo com os vários modos de se relacionar com o mundo.



ATIVIDADE

“CASA DE ESPELHOS”

O objetivo desta atividade é demonstrar que as percepções sobre seu corpo são únicas, e que sua individualidade deve ser respeitada em todos os aspectos, independente da forma assumida.

Organizem-se em dois grupos, dispostos um em frente ao outro. Um grupo será os espelhos da “casa de espelhos”; e o outro, será os visitantes desses. Quando você estiver no grupo composto por espelhos, deverá fazer diferentes formas que o corpo do colega pode assumir, como, por exemplo: magro, gordo, alto, baixo. Os colegas do grupo dos visitantes passarão por todos os espelhos. Logo após, os papéis serão invertidos.

Organizem um debate e comentem o que foi vivido na atividade. Além disso, discutam: o que significa respeitar a individualidade? Como transpor os limites do preconceito?

Obs: Essa atividade poderá ser encaminhada com música.



Ao procurarmos compreender por que o corpo é visto fora de sua totalidade, ou seja, o corpo sem alma, sem influências sociais ou culturais, fica evidente que tal abordagem é uma constante histórica.

Desde os gregos se outorga ao corpo o caráter de instrumento em mãos da razão. O corpo é, antes de tudo, matéria, distinta e oposta à não-matéria entendida como razão, amor, inteligência, espírito, alma, etc. Desde Parmênides se concede à não-matéria um status superior, o status do ser. A matéria, em troca, resulta um obstáculo para a transcendência do ser, obstáculo que, sem proibição, em grande parte da visão grega, é capaz de ser domesticado a tal ponto de “colaborar” com a razão. Este é o papel que em parte se ensina na Ginástica ou arte do Gimnastés. (CARBALLO; CRESPO, 2003)

Esta visão dualista, entre espírito e matéria, permaneceu nos séculos XVII e XVIII, quando o corpo passou a ser visto e entendido a partir da extensão da razão. Entretanto, continuava-se a entender o corpo como simples organismo, composto de matéria.

Atualmente, o debate sobre o corpo ganhou amplitude, fornecendo importantes ferramentas para compreendermos os seus segredos, de forma que ele não seja fragmentado, como ocorreu ao longo da história.

Estamos vivendo numa sociedade cada vez mais excludente, e isto acaba refletindo no estilo de vida que levamos. Com este modo de vida tão atribulado, sobra pouco tempo para o lazer e outras atividades. Desse modo, não é de se estranhar quando você escuta os seguintes comentários: “vivemos uma vida muito corrida”, “não temos tempo para fazer nada”. A vida é repleta de obrigações e compromissos, deixando-nos pouco tempo para valorizar “coisas” simples do nosso cotidiano.

Com este novo estilo de vida, cresce também os problemas relacionados ao corpo e à saúde. Nesse sentido, as doenças relacionadas à contemporaneidade da sociedade capitalista, como stress, depressão e tantas outras, são decorrentes do excesso de horas de trabalho, o qual se constitui como a única alternativa de sobrevivência das pessoas. Fazendo com que essas não tenham tempo e espaço para fazer outras “coisas”, como o lazer.

Dessa forma, como fica a saúde das pessoas?

■ Analisando o terceiro segredo: o corpo na história da arte

O corpo, como já anunciamos, foi objeto de preocupação ao longo da história, diferenciando-se, em determinados momentos, de acordo com os objetivos e parâmetros estabelecidos histórica e socialmente.

Será que um corpo belo significa necessariamente um corpo saudável? A busca pelo corpo belo é sinônimo de saúde? Como inserir as discussões sobre a saúde nesta busca?

Os gregos acreditavam que os exercícios físicos eram uma forma de expressão da imortalidade, tornando o homem um herói, um semideus “(...) em pleno equilíbrio e harmonia, dentro da mais perfeita compreensão do ser humano. O adestramento do corpo constituía um meio para a formação do espírito e da moral” (RAMOS, 1982, p.101).

A partir da citação anterior, você pode deduzir que os exercícios físicos constituíam-se em prática significativa na cultura grega. Esses eram praticados pelos gregos ao longo da vida, desde a mais tenra idade até a velhice, por ambos os sexos. Por isso os gregos foram considerados modelos de beleza humana. Aristóteles, escritor de mérito, assim descreve o grego: “Espáduas largas, coxas grossas, peito aberto e porte harmonioso, sem predominância do abdômen, capaz de romper o equilíbrio do corpo e prejudicar o desenvolvimento do espírito”. (RAMOS, 1982, p.102)

Para melhor compreender algumas das discussões sobre a saúde, ver Folhas: “Saúde é o que interessa? O resto não tem pressa!”



■ Discóbolo de Míron, c. 450 a.C., cópia romana em mármore da original de bronze do escultor de Myron, altura 155cm, Museo Nazionale Romano, Roma, Itália.

Uma das principais esculturas gregas é o Discóbolo (homem arremessando disco 405 a. C.) que reflete o dinamismo dos atletas nas estátuas.

Assim, “(...) na Grécia Antiga, na Antiguidade Clássica, mais ou menos no século V, a arte que lá se fazia pretendia expressar um ideal de beleza e vida através de composições nas quais predominassem a simetria, o equilíbrio e a proporcionalidade.” (COSTA, 1999, p.25)

A harmonia e o equilíbrio corporal eram materializados nas esculturas, as quais procuravam retratar o corpo belo e atlético. Essas obras refletem o conceito de beleza corporal predominante naquele momento.

É possível constatar essas questões nas esculturas desse período, por exemplo, o “Discóbolo”, século V a.C., do escultor Míron, procurava retratar as formas humanas com equilíbrio e perfeição nas formas corporais. As figuras esculpidas pareciam reais, tamanha a busca pelo perfeito equilíbrio entre expressão, proporção e “movimento”. Este era obtido por meio do princípio em que o apoio do peso do corpo se dá numa das pernas e o restante do corpo segue este mesmo alinhamento, dando a ilusão de uma figura surpreendida no movimento (STRICKLAND, 2003).

Os padrões de beleza foram representados pelos artistas dessa época, como Policleto (escultor grego), que criou uma representação geométrica (cânone: teoria das proporções) de equilíbrio nas estátuas que deveriam ter sete vezes e meia o tamanho da cabeça.

Na Grécia antiga, a pessoa que tivesse conhecimento sobre a higiene e a medicina, chamado de “ginasta”, era o médico desportivo que cuidava da saúde e orientava a educação corporal daquele que praticava os exercícios. Ele tinha um auxiliar denominado de pedótriba, que seguia à risca todas as suas orientações e ensinava os exercícios às pessoas. “Os exercícios gímnicos compreendiam as práticas feitas em estado de nudez, geralmente de caráter desportivo, a fim de dar ao indivíduo saúde, harmonia de formas, força, resistência e beleza.” (RAMOS, 1982, p.109)

Que semelhanças existem entre a forma de cultuar o corpo no período grego com os dias atuais? Como você pode interpretar a busca pelo corpo belo?

Espelho, vaidade, beleza, malhação, dieta, e tantas outras palavras definem a necessidade e/ou vontade de estar bem, de procurar uma pseudo-saúde.

No período clássico (segunda metade do século II a.C.) da história grega, surge a estátua da mulher nua (nem sempre se teve como mulher padrão aquela de corpo esguio). Antes desse período, as mulheres eram esculpidas vestidas.



■ Vênus de Milo, c. 200 a. C. mármore, altura 202 cm; Museu do Louvre, Paris, França.



ATIVIDADE

Organize com seus colegas, uma listagem de atividades de ginásticas que podem ser realizadas de forma gratuita. Escolha, dentre essas atividades, as que mais lhes proporcionarão prazer e bem estar. Elas devem estar relacionadas com a saúde coletiva. Fotografe cenas do cotidiano que representem formas de se exercitar ou realizar atividades físicas.

Na impossibilidade de acesso à uma máquina fotográfica, pode-se conseguir as imagens em recortes de revistas, desenhos manuais, entre outros.

Com essas informações, vamos trabalhar as atividades escolhidas e analisar os resultados finais, sempre levando em consideração a importância do seu corpo.

Esse trabalho deverá ser realizado durante o ano todo, lembrando-se que o exercício acontece sempre de forma agradável e não como castigo ou obrigação.

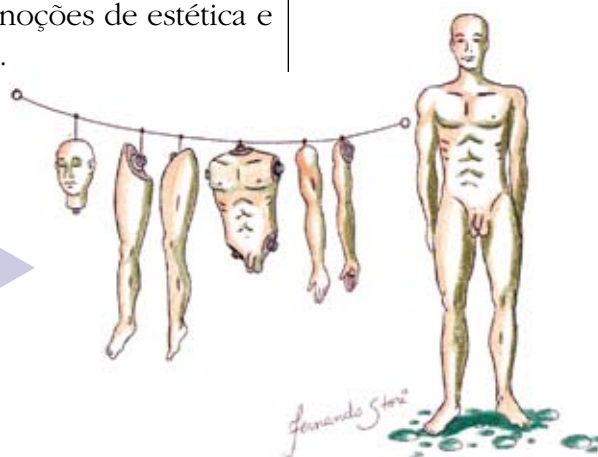
Os cuidados com a estética corporal são, quase sempre, veiculados pela *lógica capitalista de mercado*, principalmente as academias especializadas em estética e beleza. Como você pode fugir dessa lógica? Como cuidar do corpo sem que para isso seja necessário pagar? A saúde pode estar desligada da lógica capitalista?

Quando discutimos sobre os aspectos que envolvem nosso corpo, logo temos em mente as partes visíveis que o compõem: braços, pernas, cabeça, entre outras. Mas seria somente isso? Conhecemos nosso corpo? Como podemos entendê-lo sem fragmentá-lo? Somos somente um conjunto de músculos, ossos e órgãos? Como ficam as diferenças do corpo de uma pessoa para outra? Sabemos que somos seres únicos e indivisíveis. Então, como fazer para convivermos com essas diferenças?

A sociedade nos apresenta conceitos e formas de nos comportarmos, que se adequam aos seus interesses (comércio e beleza a serviço do lucro). Quando você define se as pessoas estão fisicamente bonitas ou não, aí está implícita a idéia de corpo ligado às noções de estética e lógica de mercado que comentamos anteriormente.

Para melhor compreender a lógica capitalista de mercado, ver Folhas: "O futebol para além das quatro linhas".

Por que insistimos em fragmentar nosso corpo?



E se você tivesse que olhar de outra forma para o seu corpo, para além da dimensão estética, como seria? Essa nova visão de corpo estaria voltada para a auto-estima acima de tudo?

Ainda considerando este novo (re)pensar corporal, é importante reconhecer os próprios limites e as próprias possibilidades de praticar uma atividade física sem qualquer padrão pré-estabelecido.

■ Analisando mais um segredo: a totalidade

“Em uma sociedade que se mostra altamente racional e, ainda, alicerçada em certo dualismo (corpo/mente), com predomínio das atividades mentais, é intrigante a presença de um interesse por tudo que diz respeito ao corpo e por tudo que diz respeito à aparência a ser apresentada em público”. (SILVA, 1999, p. 09).

Para melhor compreensão sobre o que significa divisão técnica do trabalho, consulte o Folhas de história: “O mundo do trabalho contemporâneo.”

A que dualismo a autora se refere? Por que ainda persiste a fragmentação entre o corpo e a mente?

Na sociedade capitalista, a divisão do trabalho separa as ações de planejamento ou projeto, feitos por alguns, das ações de execução, feita por outros. Na atividade industrial, a produção passou a ser planejada por uma determinada classe social (força mental) e executadas por outra (força física), reforçando assim a separação entre corpo e mente.

Neste quadro de desigualdades sociais e intelectuais está a contradição da valorização extrema do corpo e, conseqüentemente, a necessidade das pessoas serem aceitas em determinados meios sociais graças a sua aparência física.

Há uma grande oferta de produtos para que o objetivo dessa aceitação seja alcançado. Você pode observar essas questões a partir da venda de esteróides e anabolizantes, de um número elevado de livros sobre dietas, de cirurgias plásticas estéticas e eletivas (por escolha), etc. (ANZAI, 2000).

Impregnado pelas relações sociais de ordem capitalista, o corpo sofre com as modificações relacionadas à ordem de mercado. Será que vale a pena essa busca, muitas vezes, sem medir conseqüências de ordem física e econômica, para se ter um corpo perfeito?

Para Vaz (2003, p.67), “a Indústria cultural possui importante influência na perspectiva de um corpo perfeito, estabelecido através de um padrão tipificado, de acordo com a estética corporal moldada para esta sociedade. Essa tipificação massifica o corpo e o torna mercadoria a ser modificada de acordo com os interesses de mercado”.

A partir da perspectiva de corpo, apresentada no tempo histórico em que vivemos, é importante que você tenha consciência de que seu corpo é reflexo de um conjunto de fatores biológicos e sociais, e

que romper com a visão estética, apresentada acima, pode passar, primeiramente, pelo reconhecimento de sua individualidade, tornando-se singular. Através desse reconhecimento, você começará a ter uma imagem de seu corpo que não tenha no mercado um reflexo. Para conhecer melhor o seu corpo, faremos a atividade a seguir.



ATIVIDADE

Essa atividade proposta tem como objetivo principal proporcionar um momento de reflexão sobre as diferentes formas de ver os corpos e seus significados.

Material a ser utilizado: folhas de papel sulfite, tesoura, cola, lápis e cartolina.

Solicita-se que cada aluno(a) sorteie um papel no qual estará escrito uma parte do corpo (Ex.: cabeça; braço esquerdo; perna direita; etc.). Posteriormente, o(a) aluno(a) deverá desenhar, numa folha de papel sulfite, a parte do corpo sorteada. Em seguida, serão recortadas e coladas em uma cartolina todas as partes do corpo desenhadas, com o objetivo de construir uma figura humana.

Ao final, comentam-se o(s) resultado(s), discutindo sobre as diferentes visões de corpo, isto é, por que cada um pensa o corpo de forma diferente? Será que existe um modelo de corpo? Quem ou o que define este modelo?

Vimos que a beleza instigada pela indústria cultural é uma realidade, mas não é primordial para nortear a vida das pessoas. Os cuidados, em sua totalidade, deverão ser sempre considerados. Saber entender e lidar com tudo isso pode contribuir para que os segredos do corpo deixem de ser mistérios inatingíveis e se tornem realidade concreta.

Referências Bibliográficas

ANZAI, K. O corpo enquanto objeto de consumo. In.: **Revista Brasileira de Ciências do Espore**, v.21, n. 2-3, Jan./ Maio de 2000.

CARBALLO, C.; CRESPO, B. **Aproximaciones al concepto de cuerpo**. Florianópolis: Perspectiva, v. 21, n. 01, p.229-247, jan/jun. 2003.

CARVALHO, Y. M. de; RÚBIO, K. (org.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 74.

COSTA, C. **Questões de arte**: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético. São Paulo: Moderna, 1999.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte**: do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: Ibrasa, 1982.

SANCHES NETO, L.; LORENZETO, L.A. Conhecimento sobre o corpo. In: SILVA, Ana M. (org.) Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. In: **Cadernos CEDES**, Ano XIX, nº 48, agosto/1999.

STRICKLAND, C. **Arte comentada**: da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

VAZ, A. F. **Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea**: notas para reflexão. Pro-posições, v.14, nº 2, p. 61-75, maio/ago. de 2003.

■ Obras Consultadas

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A.(orgs). **Educação Física na escola**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, p. 141, 2005.

Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

REVERBEL, O. **Oficina de teatro**. Porto Alegre: Kuarup, 1993.

■ Documentos Consultados ONLINE

<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/saúde.html>. Acesso em: 05 jan. 2006.

<http://www.ufrgs.br/psiq/breve.PDF>. Acesso em: 10 fev. 2006.

<http://www.saudeemmovimento.com.br>. Acesso em: 10 fev. 2006.

<http://www.esportes.terra.com.br/interna>. Acesso em: 20 fev. 2006

<http://www.greciaantiga.org/art>. Acesso em: 03 dez. 2005.

I

n

t

r

o

d

u

ç

ã

o

Lutas

Falar sobre as lutas como manifestação da Cultura Corporal significa traçar o que tal Conteúdo Estruturante foi desde sua constituição até a atualidade, para refletir sobre as possibilidades de recriá-las por meio de uma intervenção consciente.

As lutas sempre estiveram presentes na história da humanidade nas atitudes ligadas às técnicas de ataque e de defesa; e vinculadas à instituição militar, além de serem consideradas, por alguns povos, como sabedoria de vida.

Há, portanto, uma concepção teórica na origem das lutas. No entanto, com o desenvolvimento e disseminação, os aspectos técnicos das lutas passaram a apresentar maior importância em relação aos princípios filosóficos que as fundamentavam. Como consequência, emergiram as federações e confederações, atribuindo status de esporte às lutas.

Assim, as concepções filosóficas das lutas ficaram relegadas a segundo plano, havendo uma preocupação excessiva com os princípios esportivos e os aspectos competitivos. Você sabe por que isso aconteceu? Quais foram os processos que influenciaram essa transição?

O Conteúdo Estruturante Lutas não é comum nas aulas de Educação Física. Você se lembra de ter realizado atividades e discussões a respeito das lutas nessas aulas? Quais lutas foram trabalhadas?

Ao não considerar as Lutas na prática pedagógica, ao descartá-las como conteúdo da disciplina de Educação Física, o currículo escolar desconsidera esta importante manifestação da Cultura Corporal e prejudica a formação do aluno.

A partir desse Conteúdo Estruturante, esperamos que você aprenda a distinguir as origens, as histórias, as formas de pontuação e os golpes existentes em algumas lutas. Espera-se que, além de apreciar as lutas, você possa aprender alguns golpes em suas relações com o estado de equilíbrio/desequilíbrio e as consequentes quedas.



■ THEREZ A TOSCANO. *Capoeira*, 2004. Acrílico sobre tela, 60X80 cm. Fez parte da Exposição Brasil Invejável Paraíso realizada neste mesmo ano no Aeroporto Internacional Tom Jobim e no Metrô Rio.

Você deverá desenvolver uma visão crítica sobre as lutas, sendo capaz de diferenciar uma luta que tem concepções teóricas vinculadas a uma sabedoria de vida, e que foi organizada a partir de uma fonte histórica, de uma briga que acontece na rua ou nos estádios de futebol.

Desenvolverá, ainda, uma visão de totalidade sobre as lutas, ou seja, considerará quais são suas influências em nossa sociedade, como se deu o processo de esportivização e como elas se transformaram em mercadoria. Para compreender um pouco mais sobre esportivização e mercadorização das lutas, leia os Folhas “Judô: a prática do caminho suave” e “O futebol para além das quatro linhas”.

Ao conhecer as lutas no âmbito geral, esperamos que você tenha acesso a elas, pois se trata de um Conteúdo Estruturante da Educação Física construído historicamente, da mesma forma que os demais (ginástica, esporte, jogos e dança). Seu professor, nesse sentido, é convidado a tratar pedagogicamente esse Conteúdo Estruturante por meio do qual, coletivamente, você e seus colegas identificarão os elementos significativos centrais.

Após essa identificação, por meio da experiência, da prática, do estudo e da reflexão, alunos e professores devem conversar para melhor apreender o conhecimento referente às lutas, e às possíveis influências que elas sofreram nos diferentes períodos históricos. Você saberia dizer que influências foram essas? Você consegue imaginar como ocorreu esse processo?

As lutas devem ser observadas a partir de uma concepção ampliada. Os lutadores devem concentrar-se em combater qualquer tipo de opressão, discriminação e não lutarem entre si. Deve-se, também, lutar pela construção de uma sociedade justa, livre e igualitária.

Tão logo você tenha percorrido os caminhos da constituição, consolidação e significado atual das lutas, resta, ainda, pensar como este Conteúdo Estruturante se insere no espaço escolar. Assim, será importante sua participação no processo de (re)criação das atividades a serem constituídas a partir das lutas. Esperamos que você seja mais do que um mero receptor de informações e que possa, a partir de suas experiências e das experiências de seus colegas, modificar a forma como as lutas são trabalhadas na escola, para que um dia elas sejam compreendidas de uma maneira mais crítica na sociedade. Dessa forma, iniciaremos nossas lutas. Estão prontos? Então vamos lá!!!

E
D
U
C
A
Ç
Ã
O

F
Í
S
I
C
A



CAPOEIRA: JOGO, LUTA OU DANÇA?

■ Sérgio Rodrigues da Silva¹

“Paraná uê, Paraná uê, Paraná”.

“Paraná uê, Paraná uê, Paraná”.

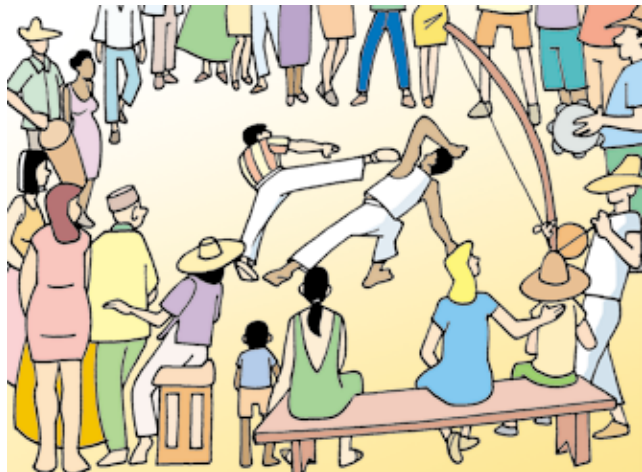
No Paraná tem Capoeira?

Falando nisso, você já jogou, quer dizer, já lutou,
ou melhor, já dançou Capoeira?

Afinal, a Capoeira é um jogo, luta ou dança?

Inicialmente, conheça um dos conceitos de luta, pois poderá ajudá-lo a responder, mais tarde, o problema acima:

“Um dos significados de luta, segundo o dicionário Aurélio, é lutar no sentido de obter o que deseja, ir à vida. Neste caso, a liberdade”. (FERREIRA, 2005)



■ Roda de capoeira

Existem evidências sobre o nascimento da Capoeira relacionado com a luta dos escravos africanos pela libertação de trabalhos forçados (africanos trazidos pelos Portugueses para o trabalho escravo no Brasil). Ribeiro diz que: “Ouviram-se falar de Capoeira durante as invasões holandesas, em 1624, quando escravos e índios, aproveitando-se da confusão gerada, fugiram para as matas. Os negros criaram os quilombos, entre os quais o famoso Palmares, cujo líder Zumbi era capoeirista, o mais forte e ágil”. (RIBEIRO, 1992, p. 26)

Você considera que a Capoeira, como tem sido praticada hoje, mostra esse lado pela busca da liberdade que proporcionou no princípio?

Você concorda que é possível considerar que a capoeira favorece, aos praticantes, uma boa condição física? Por quê?

E ainda, é possível resgatá-la enquanto manifestação cultural e interpretá-la de maneira diferente como foi no seu surgimento?

■ A capoeira como expressão de luta pela liberdade

A roda de capoeira poderá ser feita em qualquer ambiente, seja em salão, praça, área coberta ou descoberta, ou em quadras de esporte, desde que não forneça riscos aos capoeiristas.

Antes de vivenciar os movimentos alegres na roda de capoeira, os praticantes preparam o corpo com movimentos ginásticos que proporcionam um ganho de flexibilidade para a execução dos golpes e das acrobacias.

Quando avançam no desenvolvimento da prática, de acordo com a avaliação do mestre, os capoeiristas passam pelo batismo ganhando um cordão que representará seu desenvolvimento, o qual será mudado de cor após cada nível conquistado.

O desenvolvimento do capoeirista, ou seja, o seu aprendizado, é expresso pelos seus movimentos na roda de capoeira, que são sincronizados e organizados, de acordo com a música do berimbau, atabaque e pandeiro.

CORDÕES

A identificação hierárquica dentro do grupo Beribazu é a seguinte:

- Corda Azul, Azul-Marrom, Marrom, Marrom-Verde e Verde – Aluno;
- Corda Verde-Amarela – Estagiário;
- Corda Amarela – Monitor;
- Corda Amarelo-Roxa – Instrutor;
- Corda Roxa - Contramestre (Professor);
- Corda Vermelho e Roxa – Mestrando;
- Corda Vermelha - Mestre Edificador;
- Corda Branca - Mestre Dignificador.

O capoeirista participa da roda de capoeira jogando com muita vivacidade e descomprometimento dos movimentos, os quais podem ser técnicos ou não.

Por isso, a Capoeira é uma modalidade que pode ser vivida dentro e fora da escola, como uma atividade da cultura corporal, pois: “A capoeira, como educação física, faz parte da nossa história; contribui na formação de valores das crianças, jovens e adultos [...]” (SANTOS, 1990, p. 29).

■ A história da capoeira

Entre as muitas discussões sobre a história da capoeira, consta que ela foi criada no Brasil, pelos escravos africanos, no início da colonização portuguesa. (Veja caixa ao lado)

Em meados do século XVI, os escravos eram transportados da África para o Brasil, ‘empilhados’ em navios, trazendo apenas sua cultura: tradições, hábitos, costumes, religiões e danças.

“Devido aos trabalhos forçados, os negros se rebelavam, fugiam para um local seguro onde encontravam outros fugitivos e acabavam formando comunidades, denominadas de quilombos, que surgiam como uma forma de resistência às condições de trabalho escravo”. (REIS & GOMES, 1996, p. 9).

Dentre essas comunidades, destacou-se o Quilombo de Palmares, situado na Serra da Barriga, no Estado de Alagoas, liderado por Zumbi. Palmares chegou a reunir mais de 20 mil escravos, índios, mulatos e libertos incluídos no grupo.

Os escravos dos quilombos se organizavam e trabalhavam em prol da liberdade desejada por eles. Como dificilmente tinham armas de fogo, ou qualquer espécie de instrumento para defenderem-se dos senhores que contratavam os capitães-do-mato para recapturarem os fugitivos, passaram a utilizar-se de certa dança guerreira, de cultura Africana, muito praticada por eles, que deu origem à Capoeira.



■ Zumbi dos Palmares

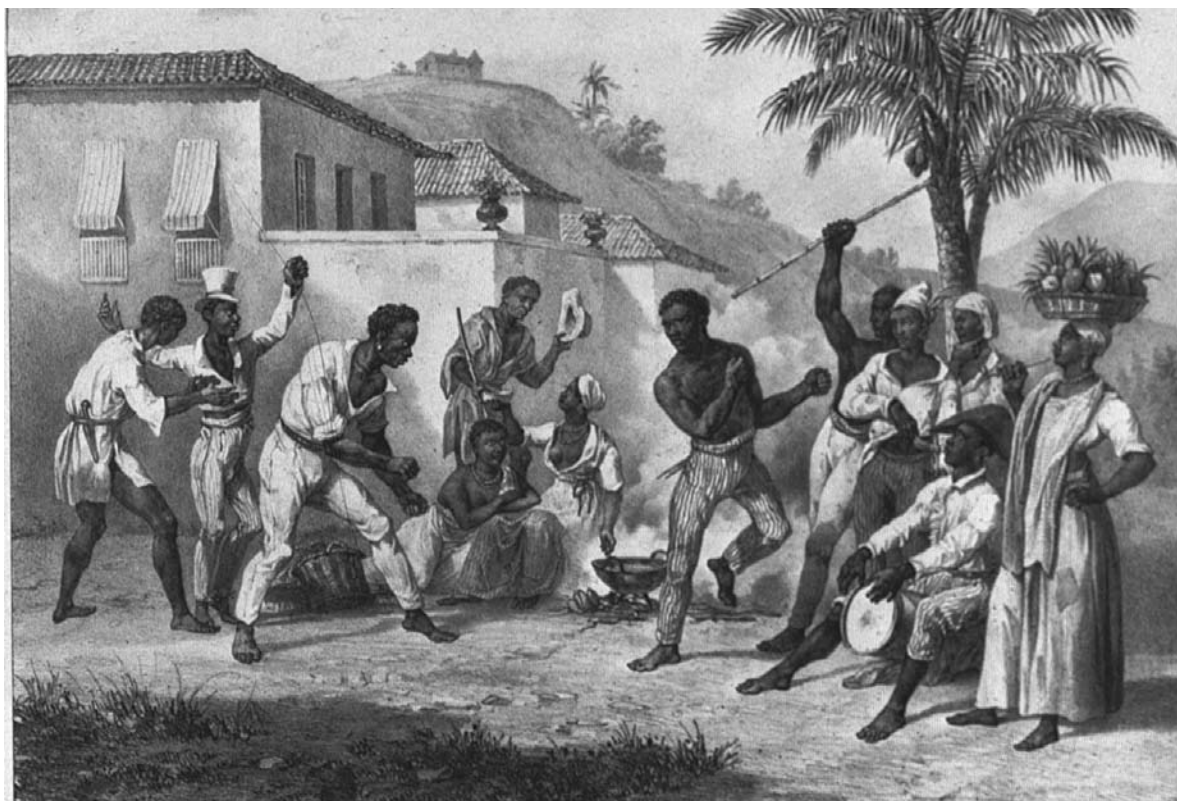
“Existe um sem número de histórias e mitos sobre esse assunto. Porém, por enquanto, só há pistas sobre seu surgimento, nas quais vários historiadores, no decorrer dos tempos, vêm reescrevendo sua trajetória. Não há ainda uma data estabelecida ou um local que possa ser apontado como seu berço. O que temos de concreto é que esta manifestação – que é um misto de luta, dança, brincadeira, teatralização, jogo, enfim... - vai ter sua origem a partir do tráfico de escravos”. (SILVA, 2001, p. 132-133).

- A propósito, você sabe o que é quilombo? Quilombo eram grupos de escravos fugidos. (REIS & GOMES, 1996, p. 10).

- Existem outras interpretações para a palavra quilombo. Que tal investigar?

“[...] os escravos africanos não possuindo armas suficientes para se defenderem dos inimigos, senhores de engenhos, e movidos pelo instinto natural de preservação da vida, descobriram no próprio corpo a essência da sua arma: a arte de bater com o corpo, tomando como base as brigas dos animais, suas marradas, coices, saltos e botes, aproveitando ainda as suas manifestações culturais trazidas da África para criarem e praticarem a capoeira”. (SANTOS, 1990, p. 18).

■ Observe a imagem a seguir:



Fonte: <http://ca.wikipedia.org>

■ RUGENDAS, Johann Moritz. *Jogar Capoeira* (Domínio Público). Litografia, 1835.

Uma contribuição da arte:

O artista Johann Moritz Rugendas, que veio ao Brasil pela primeira vez a convite do Barão Georg Heinrich von Langsdorff numa expedição científica, enviada pela Rússia, produziu uma série de obras (em torno de 6.000) que retrata vários aspectos de nosso país, sendo uma de suas obras “Jogar Capoeira” (veja a imagem acima). No seu trabalho, o jogo com as tonalidades de cinza produz um sombreado suave que realça, com delicadeza, o vigor dos corpos. O **sfumato* condiz com a postura serena dos escravos e o conjunto adquire um ar harmônico e tranquilo. O jogo de claros e escuros ajuda a dar graça e movimento às representações. A sucessão de áreas mais ou menos iluminadas confere ritmo às ***litografias* feitas por Rugendas. Os corpos não aparecem propriamente como tais e funcionam antes como anteparos onde a luz incide com maior ou menor força, produzindo uma dinâmica variada. É a utilização graciosa e pitoresca dos cinza que diferencia de outros autores que retrataram o Brasil no período escravista.

■ Fonte: NAVES, R. *A forma difícil: ensaios sobre a arte brasileira*. São Paulo. Ática, p.110-111, 1996.

**Sfumato*: Numa mesma cor, passagem do tom claro ao escuro e vice-versa.

■ Fonte: HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss*, p. 1216, 2001.

***Litografia*: processo de reprodução que consiste em imprimir sobre papel, por meio de prensa, um desenho executado com tinta graxenta sobre uma superfície calcárea ou uma placa metálica.

■ Fonte: HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss*, p. 1772, 2001.



PESQUISA

- Você pôde observar o quadro “Jogar Capoeira” e fazer uma leitura dessa obra de arte. Pesquise em que contexto sócio-histórico esse quadro foi pintado. Cite fatos importantes que aconteceram no Brasil em 1835 e faça uma ligação com o surgimento da capoeira.



ATIVIDADE

No texto que aborda as técnicas utilizadas por Rugendas, você leu a seguinte informação: “No seu trabalho o jogo com as tonalidades de cinza produz um sombreado suave que realça, com delicadeza, o vigor dos corpos. O *sfumato condiz com a postura serena dos escravos e o conjunto adquire um ar harmônico e tranqüilo. O jogo de claros e escuros ajuda a dar graça e movimento às representações”. Você concorda com o que está posto? Discuta com seus colegas e professor.

Assim, é possível entender a necessidade dos escravos defenderem-se e lutarem por seus ideais. Dessa forma, surge a Capoeira.

“Luta, jogo, dança? A pergunta continua no ar, enquanto a capoeira, aplaudida, perseguida, cultivada, ultrajada, vai atravessando os anos. A execução requer uma roda, quase sempre um semicírculo, e uma orquestra de berimbaus, com seus caxixis e pandeiros, acrescida por reco-recos, agogôs e atabaques” (MIANNA, 1981, p. 27)

Pode-se compreender que a Capoeira é uma manifestação da cultura brasileira e dentre as modalidades esportivas é a única de origem nacional.

É possível compreender a Capoeira enquanto uma dança e expressão da arte?

Segundo Ferreira (2005), a dança apresenta uma forma técnica própria em que se desenvolve um sentido de liberdade de expressão e de movimentos, é uma seqüência de movimentos corporais executados de maneira ritmada, em geral ao som de música.

A dança presente na roda de capoeira contribui para manifestar, ainda mais, a presença desta arte criativa firmada no seio da cultura negra.

Com relação ao quadro Jogar Capoeira de Rugendas, apresentado anteriormente, se você desconhecesse o título e o que o autor quis expressar, será que você saberia interpretá-lo?

Com a propagação da Capoeira, os escravos cada vez mais ganhavam força e se organizavam. Por outro lado, as autoridades também passaram a adotar medidas de prevenção contra os rebeldes – assim eram chamados os praticantes de Capoeira.

Amplie seus conhecimentos:

Neste mesmo ano, Rui Barbosa, conselheiro no governo do general Deodoro da Fonseca, mandou queimar toda documentação existente referente à escravidão no Brasil. (SANTOS, 1990, p.17).

Investigue o que o levou a proceder desta maneira.



■ Mestre Bimba

Será que a Lei Áurea indenizou os escravos pelo trabalho realizado? Ou ficaram abandonados a própria sorte? Investigue quais eram as propostas de indenização dos abolicionistas.

Com o passar dos anos, percebeu-se que houve aumento da resistência dos negros com grande destaque para a propagação e difusão da Capoeira.

“De acordo com Vianna, “(...) em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, acontece a abolição do trabalho escravo no Brasil. Alguns escravos ficaram sem ocupação e tiveram que passar a viver independentes, enquanto outros continuaram trabalhando nas fazendas, recebendo pagamento pelos serviços prestados”. (VIANNA, 1970, p. 215).

Diante do receio da população por causa da prática da Capoeira e, em alguns casos, pelo seu uso indevido, em 1890, proibiram os praticantes de fazerem apresentações de exercícios de agilidade e destrezas corporais nas ruas e praças públicas, com base no Código Penal da República.

Apesar de ser reprimida e proibida, a Capoeira passou de pai para filho, geração a geração. Sua prática e seus ensinamentos não se perderam, espalhan-

do-se por todo o Brasil.

Após a abolição, fatos importantes, como a introdução dos imigrantes no trabalho agrícola em substituição ao trabalho escravo, ocorreram na economia e na política do Império, no processo de desescravidização. A Capoeira, aos poucos, deixou de ser recriminada, fixando-se como expressão do folclore nacional e como um importante instrumento da cultura brasileira.

No governo provisório de Getúlio Vargas (1934-1937), visando conquistar a simpatia do povo, foi liberada a expressão das manifestações populares, por meio de um convite feito ao capoeirista Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba) para uma apresentação no Palácio do Governo.

Nesta época, esse ato teve um efeito valoroso, a Capoeira perdia as características de luta marginal e vadiagem, e a popularização desta cultura se firmava com a abertura da primeira academia de Capoeira do mundo. Sobre esse assunto, Falcão comenta que: “Com a criação da Capoeira Regional, Mestre Bimba conquista autoridades e profissionais liberais para conseguir e manter esta conquista, o referido Mestre retira a Capoeira do terreiro e a coloca em recinto fechado, nas academias, possibilitando a participação de camadas sociais superiores”. (FALCÃO, 1995, p. 175)

A partir daí, a Capoeira vem se firmando como uma forma de expressão cultural popular enraizada na história do Brasil, “... vinculada a fatos e episódios da história do Brasil que, certamente, lhe con-

cedem a peculiaridade de poder agregar, de forma inter-relacionada, aspectos históricos, socioeconômicos e culturais que se refletem e se reatualizam na sua própria prática, dando-lhes novos sentidos e significados”. (FALCÃO, 2003, p. 69).

A propósito, você já consegue responder a questão inicial de nossa conversa? A capoeira é um jogo, luta ou dança? Pense um pouco e continue a leitura.

■ Benefícios da capoeira

Para que você compreenda a Capoeira em seu contexto histórico-cultural e como uma das possibilidades da cultura corporal, é necessário avançar um pouco mais e conhecer os benefícios que ela traz, embora saibamos que você, provavelmente, já conheça alguns.

Então, como usufruir dos benefícios da sua prática?

Quando observamos uma roda de Capoeira com todo o seu “gingado”, suas acrobacias, seus movimentos rápidos e destreza, utilizadas na sua prática, inclusive o condicionamento físico e a flexibilidade necessárias, devemos observar toda beleza destes movimentos e como os dois capoeiristas se compreendem, parecendo conversar através dos gestos dentro da roda.



Saiba mais: “Na roda, o capoeira é livre para jogar como e quando quiser, sem pretensão de obter qualquer lucro. A partir desse enfoque, a capoeira reflete o sentido de uma atividade descomprometida, à vontade, sem objetivos práticos e imediatos. Vista sob a ótica do jogo, ela consegue atender a necessidade de fantasia, utopia, justiça e estética e, ainda, desperta o gosto pelo inesperado, pelo imprevisível. [...]. Num jogo malicioso e mandingueiro, os movimentos corporais parecem ser inteligíveis e decifráveis somente pelos seus executores, que, muitas vezes, não se dão conta do expediente que improvisaram durante o mesmo”. (FALCÃO, 2003, p. 67).

É importante entender que o envolvimento nesta prática poderá trazer muitos benefícios para a saúde e o desenvolvimento da cultura corporal, ampliando a compreensão da realidade sócio-histórica brasileira. Para aqueles que praticam a capoeira, a melhoria da auto-estima ocorre pelo fato de que o corpo, de acordo com o grau de intensidade utilizado, poderá ficar mais delineado e forte.

Vários golpes podem ser utilizados como forma de autodefesa e as rodas promovem a socialização.

Cabe comentar ainda que, como a maioria das modalidades esportivas, a prática da Capoeira proporcionará um bom condicionamento físico. Se realizada pelo menos três vezes por semana, durante aproximadamente uma hora, promoverá a queima de calorias, desenvolverá a força muscular, resistência física e flexibilidade de seus praticantes.

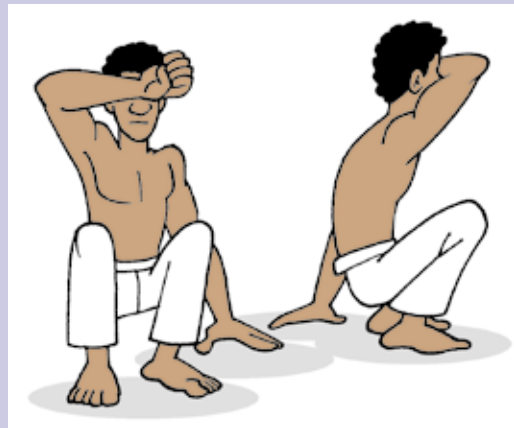
Você poderá investigar outros benefícios assistindo a uma apresentação e entrevistando um capoeirista.

Assim, a vivência da cultura corporal nas aulas de Capoeira, através dos movimentos lentos ou rápidos, comandados pela música representada pelo berimbau, pandeiro e atabaque, contribui para o desenvolvimento da capacidade aeróbica e anaeróbica de seus praticantes.

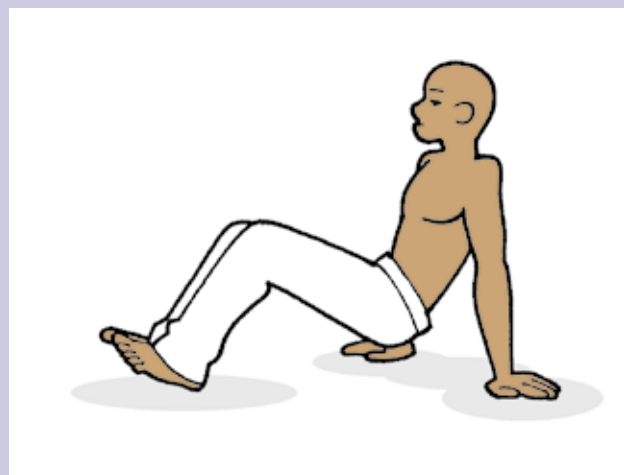
Música representada pelo berimbau? O que é? Será que você e seus colegas conseguem confeccionar alguns berimbaus? Esses instrumentos são usados por algum grupo musical que vocês conhecem? E os golpes, quais são os principais? Vamos ver alguns a seguir.

Cocorinha

É uma esquivada na qual o praticante se abaixa de frente para o adversário, com os braços protegendo o rosto.

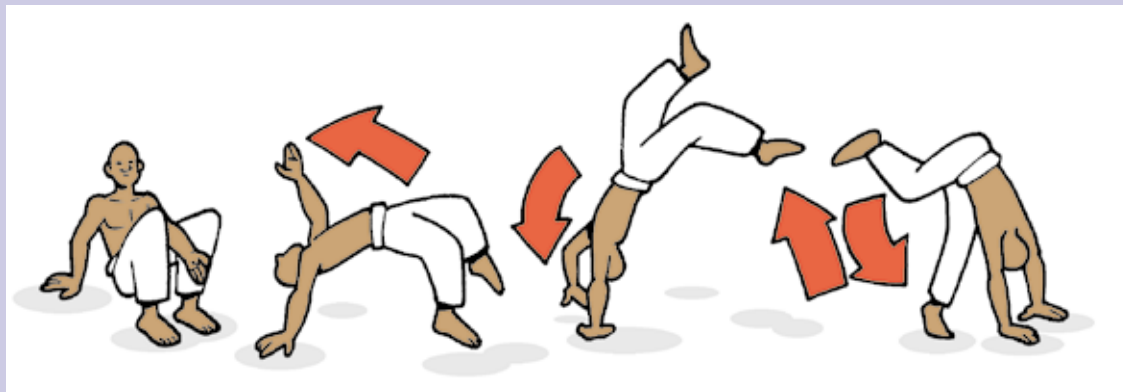


Queda de Quatro: É uma esquivada em que o praticante desce ao solo, para trás, e se apoia nas duas mãos, ficando portanto com um total de 4 apoios ao solo: as duas mãos e os dois pés. Se o capoeirista se locomover nesta posição, dá-se o nome de ARANHA.



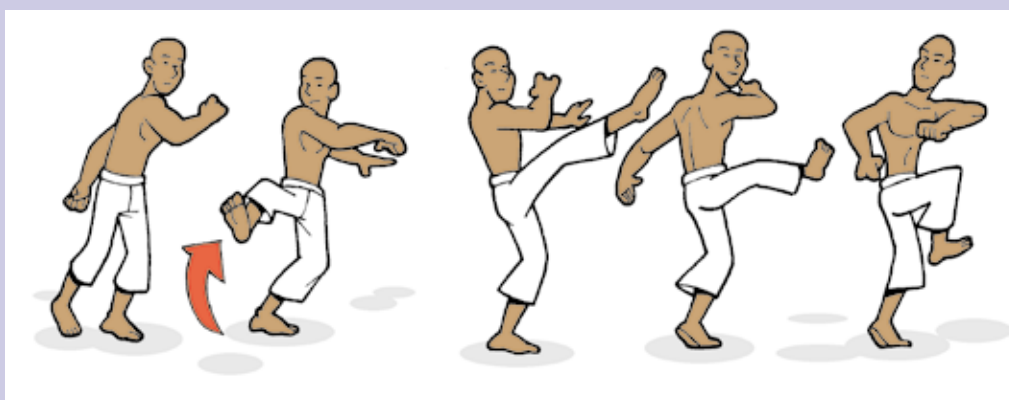
Macaco

Consiste na aplicação de um salto para trás, cujo movimento inicia-se com o agachamento, e a colocação da mão no chão, para trás, e próxima ao corpo. Dá-se um impulso no corpo para trás e executa-se um giro completo, terminando o movimento com a perna oposta a da mão que tocou primeiro o chão.



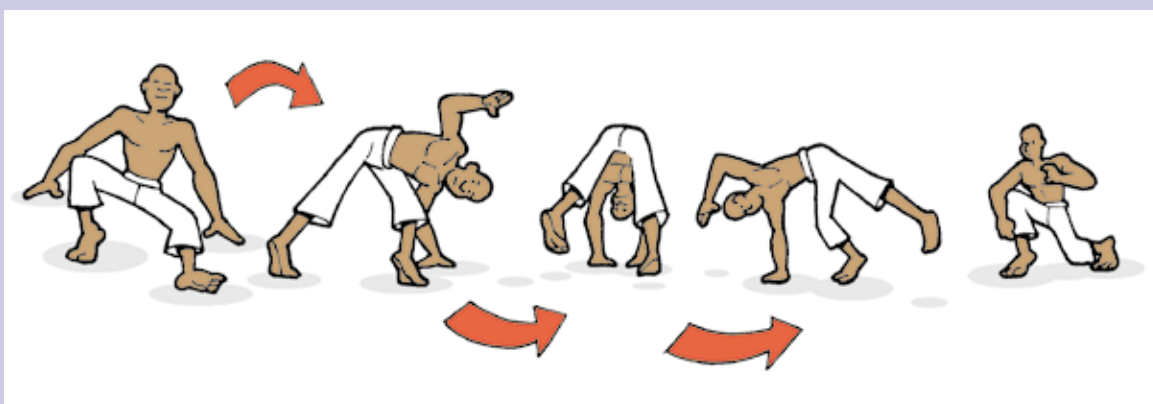
Meia Lua de Frente

Consiste em lançar a perna de trás, esticada, num movimento de rotação, de fora para dentro. A parte que toca o adversário é a parte interna do pé.



Meia Lua de Compasso

É um golpe no qual o praticante agacha-se sobre a perna da frente, e com a outra perna livre, faz um movimento de rotação, varrendo na horizontal ou diagonal. Quando inicia-se o movimento de rotação, as duas mãos vão ao solo para melhor equilíbrio. Atinge-se o adversário com o calcanhar.



Negativa

É uma esquiva que o praticante faz descendo ao solo apoiado em uma das pernas e com a outra esticada. As duas mãos vão ao chão, sendo que, se estiverem do lado da perna esticada, sua característica é quase que exclusivamente de defesa, porém se as mãos estiverem para o lado da perna dobrada, propicia ao executor a oportunidade de aplicar uma rasteira logo em seguida. Em uma de suas variações, quando as mãos estiverem viradas para o lado da perna dobrada, elas poderão não ir ao solo, permanecendo à altura do rosto e do tórax, em posição de defesa.

**ATIVIDADE****Confecção de Berimbau:**

Materiais Utilizados: 1 Biriba crua; Pau Pereiro ou Candeias (verga, Arco de madeira) ou um cano de PVC flexível; 1 Cabaça cortada à altura do primeiro terço da parte anterior e perfurada em dois pontos; 1 Bambu com 40 cm de comprimento (para servir de baqueta); 1,80m de Arame (retirado de um pneu de carro); 1 Xexo (pedra ou dobrão) ou medalha ou moeda; 1 pedaço de couro de sapato (diâmetro: o mesmo que uma tampa de garrafa).

Etapas para confecção:

Primeiro passo:

Preparar a verga ou o cano de PVC para fixar o arame;

Segundo passo:

Fazer o “pezinho” para fixar o arame, ou seja, colocar o couro de sapato na parte superior do berimbau, pregando-o com um prego de 2,50 cm. Se a opção for utilizar um cano de PVC, o “pezinho” para fixar o arame pode ser feito com pedaços de cabo de vassoura, fixados nas extremidades do cano.

Terceiro passo:

Fixar a cabaça à verga ou cano de PVC, utilizando um pedaço de barbante.

A partir daí, é só desfrutar! O acabamento final fica por conta da criatividade de cada um!

Para desenvolver esta atividade você poderá convidar um capoeirista que auxilie na confecção do berimbau.

Que tal você e seus colegas convidarem um grupo de capoeiristas para virem ao colégio fazer uma apresentação? Vocês poderão fazer uma aula prática e programar, pelo menos, mais duas aulas ou encontros, para uma melhor compreensão dos movimentos e de seus significados.

Você acha que já sabe o bastante sobre a Capoeira? Então vejamos se responde as questões a seguir:



ATIVIDADE

- Os movimentos de ginga têm um significado? Qual?
- É possível perceber a existência de um diálogo entre os capoeiristas gingando? De que forma? Isso é expressão corporal? Por quê?
- Existe harmonia entre o toque do berimbau e os movimentos realizados pelos capoeiristas? Por quê?
- Os movimentos e as acrobacias são semelhantes a algum tipo de ginástica que conhecemos? Quais? Explique.

Muito bem! Após ter realizado seus estudos sobre a Capoeira, feitas as atividades teóricas e práticas, será que você já tem uma resposta para os problemas levantados inicialmente? Leia os boxes abaixo e amplie ainda mais seus conhecimentos:

“Luta: Combate corpo a corpo, sem armas, entre dois atletas que, observando certas regras, procuram derrubar um ao outro. Qualquer tipo de combate corpo a corpo.” (FERREIRA, 2005)

“Jogo: Atividade física ou mental organizada por um sistema de regras que definem a perda ou o ganho. Brinquedo, passatempo, divertimento”. (FERREIRA, 2005)

Dançar é a arte de movimentar o corpo em um certo ritmo, ou seja, é a arte de mover o corpo segundo uma certa relação entre tempo e espaço. “(...) é um meio de expressão e de comunicação complexo, que envolve valores, portanto, a cultura.” (SIQUEIRA, 2006, p. 72)

Para saber mais sobre o conceito de jogo, leia o Folhas: “Competir ou cooperar: eis a questão”, p. 67.

Agora responda: afinal, a Capoeira é um jogo, luta ou dança?

Uma vez que você já sabe um pouco mais sobre este elemento da cultura corporal, poderá analisar as contradições pelas quais a Capoeira passou, ao longo dos anos, compreendendo como esta cultura se espalhou pelo Brasil aumentando o número de praticantes que reconhecem seus benefícios. Veja o quadro a seguir:

Para saber mais:

“Um dos caminhos para exercitar essa reatualização histórica é, sem dúvida, uma consistente análise crítica da capoeira em sua trajetória. Não no sentido de retornar aos ‘velhos e bons tempos’, pois qualquer tentativa nesse sentido seria um ‘retorno transformado’, mas no sentido de compreendê-la melhor e implementar novos horizontes para a mesma. Afinal, a capoeira é um palco de tensões, onde forças reprodutoras e transformadoras coexistem dinamicamente”. (FALCÃO, 2003, p.70).

AMPLIANDO OS CONHECIMENTOS

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003

Mensagem de veto Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA faz saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos. 26-A, 79-A e 79-B:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileiras.

■ Fonte: <<http://www.ensinoafrobrasil.org.br>> Acesso em: 16 Jul. 2005.

Enfim, a Capoeira já tem conquistado seu espaço, atravessando fronteiras, chegando a inúmeros países, e no Brasil, diariamente, reúne seus adeptos para praticá-la e difundi-la como uma expressão do folclore nacional, da cultura corporal e, principalmente, como um instrumento educativo importante para a consciência da nossa cultura.

**PESQUISA**

1. Pesquisa *in loco* sobre as condições da prática da capoeira hoje e o que difere de antigamente.
 - a) Quais os nomes dos golpes utilizados na roda de capoeira atualmente? Comente.
 - b) E o que esses golpes representam cultural e historicamente?
 - c) Existem outros tipos de cultura nas quais eles também são contemplados? Quais? Os nomes desses golpes são diferentes? Por quê?
 - d) Os golpes são sincronizados apenas com o propósito de “diálogo” entre os capoeiristas ou usados para atingir o oponente? Explique.
 - e) Podemos perceber algum tipo de movimento, golpe ou acrobacia que oferece risco(s) às articulações? Quais? Por que eles são praticados?

Referências Bibliográficas:

- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- FALCÃO, J. L. C. O processo de escolarização da Capoeira no Brasil. In.: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria: v. 16, n.3, p. 173-182, Maio /1995.
- _____. Unidade Didática 2: Capoeira. In: KUNZ, E. (Org.). In.: **Didática da educação física**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio – dicionário eletrônico**. Versão 3,0. séc. XXI, 2005.
- REIS, J. J. e GOMES, F. dos S. **Liberdade por um fio: história dos quilombos do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RIBEIRO, A. L. **Capoeira terapia** / Desenhos de Jair B. M. Pereira. 3. ed. Secretaria de Esportes, Brasília, 1992,
- SANTOS, L. S. **Educação: educação física - capoeira**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1990.
- SILVA, P. C. da C. Capoeira e Educação Física: uma história que dá jogo...primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. In.: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 1, p. 131-145, Set. 2001.
- SOARES, C. E. L. **A Capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Campinas: Ed. Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001.
- VIANNA, H. **História do Brasil**. v. 2, 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1970.
- _____. **Folclore Brasileiro: Bahia**. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, Rio de Janeiro, Portinho Cavalcanti Editora Ltda, 1981.

Documentos consultados ONLINE:

- BRASIL. Ministério da Educação. **LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**. Estabelece a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Disponível em: <<http://www.ensinoafrobrasil.org.br>> Acesso em: 16 Jul. 2005.



JUDÔ: A PRÁTICA DO CAMINHO SUAVE

■ Felipe Sobczynski Gonçalves¹

Certamente você já ouviu falar sobre lutas ou, mais especificamente, sobre o judô. Já se preocupou em refletir sobre como essa luta se originou? Quem foi seu fundador? Qual é a teoria que está por trás dessa prática? A quem ela interessava? Quais são suas influências em nossa sociedade? Como essa luta pode contribuir para a formação de alunos mais responsáveis, reflexivos e críticos? Como se deu sua espetacularização?



■ Lance Cpl. Scott M. Biscuiti. Judô, 2005. Domínio Público

Antes de iniciarmos mais um Folhas, precisamos enfatizar a necessidade de nos concentrarmos e dedicarmos a essa nova tarefa. A partir desse momento, entraremos no DOJÔ, local de total empenho, responsabilidade e interesse.

O Dojô “[...] é um ‘lugar da iluminação’. É um cosmo em miniatura, onde entramos em contato conosco mesmo – com nossos medos, reações e hábitos [...]. É um lugar onde podemos aprender muito em pouco tempo, quem somos e como reagimos ao mundo. Enfim, é o lugar onde estudamos as artes marciais, um lugar sagrado onde devemos respeito” (HYAMS, 1979, p.14).

Procuraremos, neste Folhas, demonstrar como o Judô pode ser trabalhado e como podemos contemplar alguns problemas que o envolvem.

Para que nossos diálogos sejam proficientes, precisamos da dedicação de todos, pois dessa forma poderemos atingir nossos objetivos.

■ Como se originou?

Antes de entrarmos propriamente na história do Judô, faz-se necessário uma breve introdução sobre seu fundador, Jigoro Kano.

Jigoro Kano nasceu no dia 28 de outubro de 1860, em uma pequena cidade chamada Mikage, situada perto de Kobe (Japão). Jigoro Kano era um jovem estudante que sofria por sua debilidade e frágil constituição física. Não pesava mais que 50kg, media 1,50m e essa condição o tornava vítima de atos de brutalidade de outros estudantes. Todavia, ele se dispôs a superar o desafio.

Iniciou na prática das artes marciais quando tinha dezessete anos. Estudou muito e com grande persistência, o que lhe deu condições de criar o Judô, uma nova forma de luta com técnicas, regras e princípios próprios, que valoriza a defesa e não o ataque.

Quando falamos do surgimento de uma determinada prática corporal, precisamos ter em mente que ela não aparece do acaso. De acordo com Orozimbo Cordeiro Júnior (1999), toda prática corporal, e dentre elas o jiu jitsu, surge a partir de determinadas necessidades sociais enfrentadas pelos seres humanos, em um dado contexto histórico e influenciada por fatores econômicos, políticos, culturais.

O judô, como prática corporal, então, não nasceu por “geração espontânea” das idéias de Jigoro Kano, mas tem sua origem no jiu jitsu. Por isso deve ser ensinado e compreendido como algo que resulta de um processo de síntese de múltiplas determinações históricas.

No contexto histórico feudal, marcado pela tirania dos latifúndios, a luta entre camponeses e samurais envolvia golpes de morte. Os camponeses não dispunham de espadas para lutar contra os samurais e, para se defenderem, foi necessário que



www.wikipedia.org

■ Jigoro Kano (Domínio Público)



desenvolvessem uma luta de manifestação corporal coletiva, no caso, o Jiu-Jitsu.

■ O Judô e seu florescer

As novas condições materiais concretas trazidas pela modernidade foram responsáveis pelo surgimento do judô. Com a emergência do capitalismo, o Japão passou por um processo de modernização e urbanização. Com isso, teve contato com outros povos, além da superação do sistema feudal e da era dos Samurais; dessa forma, não havia mais razões de se realizar lutas com golpes de morte. Além disto, a modernidade trouxe outras leis, outras formas de justiça - a polícia - e, enfim, uma nova necessidade histórica para o povo japonês: o convívio urbano. A partir da nova realidade social, surgiu uma nova prática corporal: o judô.

Seu precursor, Jigoro Kano, pensou numa luta que mantivesse as tradições culturais japonesas, mas que se adequasse aos novos tempos, nos quais não fazia mais sentido lutar até a morte.

“Jigoro Kano buscou nas raízes do Jiu Jitsu os fundamentos do judô, procurando desenvolver uma luta que buscasse utilizar os movimentos agressivos do adversário a seu favor, desequilibrando-o, projetando-o ou mesmo imobilizando-o. Por último, Jigoro Kano buscou dar um sentido educacional para o judô, tanto assim que o governo japonês introduziu sua prática nas escolas públicas” (CORDEIRO Jr, 1999, s/p).

“Para destituir o judô do caráter agressivo e contundente, também foram introduzidas, nesta luta, técnicas de queda e rolamento que visavam a amortecer o impacto do corpo com o solo. Não machucar o oponente é um princípio educativo fundamental do judô” (Ibid).



DEBATE

1. Procure conversar com seus colegas e com o(a) professor(a) sobre qual é o sentido das lutas em geral em nossa sociedade, no bairro em que você reside; não se esqueça de refletir sobre as lutas de gangues e de torcidas de futebol.
2. Como observamos, o Judô tem desde sua origem uma preocupação educacional e sem violência. Procure discutir a participação das meninas na aula de judô.
3. Se o Judô não é uma luta para machucar e as quedas devem ser amortecidas, por que meninos e meninas não podem estar juntos nas aulas?

■ No Brasil...

Sobre a chegada do Judô no Brasil, são poucas as fontes de pesquisas que subsidiem um aprofundamento do assunto. Mas temos

pesquisadores preocupados com esses elementos, como o professor Cordeiro Jr (1999), que faz uma análise do judô de maneira diferenciada da presente literatura dominante sobre o tema.

Durante as décadas de 20 e 30, o Brasil iniciou seu processo de modernização. Já tinha superado o colonialismo, o imperialismo e o trabalho escravo, mas era ainda um país de população predominantemente rural e com a economia baseada na agricultura.

A partir dos anos de 1930, o país começou a industrializar-se e adquirir vida urbana. O capitalismo urbano industrial tomava força entre nós. Neste contexto, os movimentos migratórios que se iniciaram com a abolição e a necessidade de mão-de-obra agrária continuavam trazendo imigrantes que se instalavam nas cidades.

Entre os grupos de imigrantes, vieram os japoneses e, com eles, o judô chegou ao Brasil. No início, o judô era uma forma de matar as saudades da terra natal, isto é, uma maneira dos japoneses manterem suas tradições e sua identidade cultural.

Posteriormente, quando alguns destes imigrantes, já cidadãos e trabalhadores brasileiros, ficaram desempregados, sem fonte de renda e sem poder sustentar suas famílias, surgiram as primeiras academias de judô no Brasil. Elas apareceram como espaço onde esses imigrantes podiam ensinar algo que conheciam bem – o judô –, fazendo disto um meio de sustento para suas vidas. Com isso, muitos brasileiros começaram a aprender o judô. Os filhos dos imigrantes japoneses, nascidos no Brasil, também ajudaram a difundir esta luta entre nós.

■ O suave ato de lutar

As condições objetivas da sociedade japonesa possibilitaram o surgimento desta prática corporal, que a partir das concepções de Jigoro Kano começou a delinear-se como uma luta cujos fundamentos essenciais são as projeções, o jogo entre desequilíbrio x equilíbrio, as imobilizações, as quedas e os rolamentos.

Assim, o ensino das técnicas e fundamentos do judô não ocorre de forma isolada e estática, mas sim dentro de um contexto sócio-cultural, que lhe dá sentido e significado histórico. Para melhor compreensão, vamos pensar no exemplo dado pelo professor Cordeiro Jr (1999).

“(…) as quedas e rolamentos possuem um significado histórico, qual seja: eliminar as contusões traumáticas e contundentes do antigo jiu jitsu que visava à morte do oponente. Assim, ser projetado ou projetar sem que ninguém saia machucado é parte integrante da luta do judô, que, portanto, só pode ser bem praticada quando aprendemos corretamente como defender nosso corpo e o dos outros praticantes através da correta execução de quedas e rolamentos, enquanto formas de amortecer o impacto de nosso corpo no Dojô” (s/p).

■ O Judô como manifestação na era Meiji

O Judô se constitui como um dos elementos da cultura corporal. Já sabemos de sua origem no Japão em 1882 por Jigoro Kano, que por meio de sua escola, o Kodokan, possibilitou uma grande disseminação desse método de luta. Posteriormente, Kano realizou a divulgação de sua luta/arte para o restante do mundo.

Já sabemos também que o Judô é uma espécie de derivação do Jiu-Jitsu. Isso ocorreu no momento histórico em que o Japão entrava na Era Meiji.

“A abertura dos portos japoneses, em 1865, provocou intensas transformações do ponto de vista político-social, marcando a era Meiji, quando foi abolido o sistema feudal; houve rejeição da cultura e das instituições antiquadas; os conhecimentos dos países ocidentais foram introduzidos e ocorreu acentuado declínio da prática das artes marciais no país. O Jiu-Jitsu não foi exceção, pois as escolas ficaram privadas das subvenções dos clãs e, ainda, a modernização das forças armadas levaram essa arte marcial a ser considerada parte do passado e em total decadência”. (FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, 2005).

Era Meiji

É bastante significativa essa era, porque foi o retorno do poder imperial no Japão. O poder executivo estava nas mãos dos Takugawas, o país dividido em feudos, muita inflação e miséria desoladora.

Nos fins do período de Edo, o governo de Takugawa já estava em decadência. Com a divulgação do estudo dos clássicos nipônicos e com a difusão dos conhecimentos sobre os assuntos estrangeiros, surgiram críticas contra o Feudalismo. Já naquela altura, os samurais que constituíam a classe parasitária se encontravam em crise econômica, ao passo que a burguesia comercial ia progredindo proporcionalmente à decadência daqueles (Figura-1).

O empobrecimento econômico e moral levou os guerreiros a desforrarem sobre os lavradores, impondo-lhes tributos forçados e fora de norma para satisfazerem sua sede de domínio. Com isso, a vida rural tornou-se impossível, aumentando cada vez mais a diferença entre proprietários e os não proprietários. Isso motivou novas rebeliões dos camponeses em todo o território japonês.

Em 1867, o poder foi entregue nas mãos do jovem Imperador Meiji.

A Era Meiji teve início no final do século XIX com Meiji Tenno (1852-1912) - Mutsuhito para os ocidentais. Foi marcada pela supressão do feudalismo através de uma série de mudanças que visavam a adotar técnicas da Revolução Industrial. Entre as mudanças mais importantes, temos: a extinção dos feudos e dos privilégios pessoais através da reforma agrária e da reformulação da legislação do imposto territorial rural; criação de universidades; formação de um gabinete parlamentar (1885); e a promulgação da constituição (1889), que instaurou a monarquia constitucional.

Os partidários do antigo regime rebelaram-se (1874-1877) contra a perda de poder, o que exigiu grandes gastos militares. A conseqüente situação de inflação e a política deflacionária adotada pelo governo caracterizaram um período de crise no Japão, em especial no setor rural. Uma das soluções adotadas foi a emigração, até então proibida.

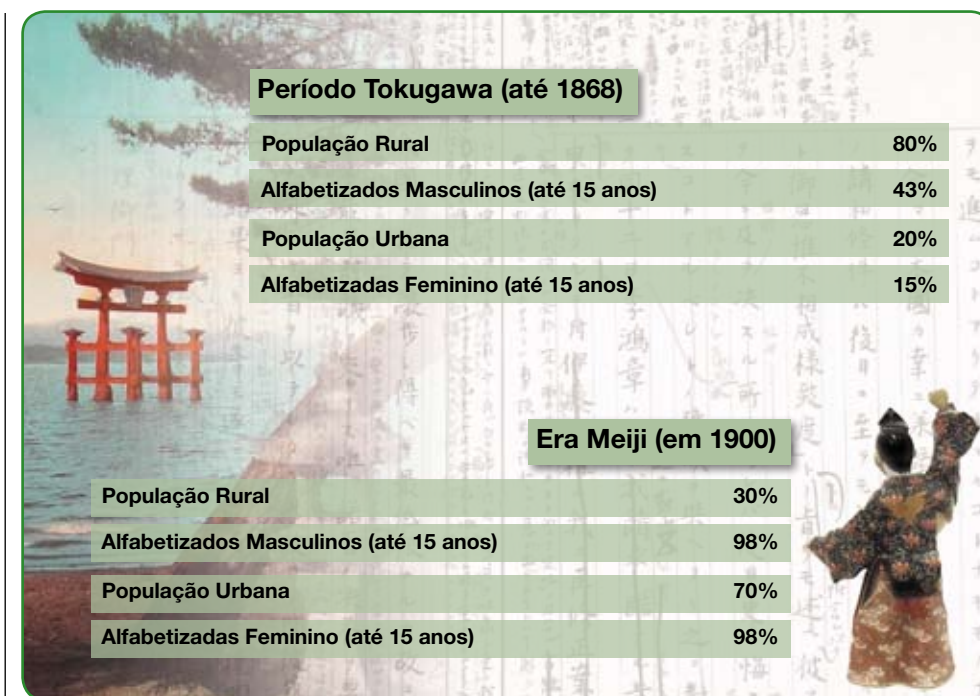
O Judô serviu para fortalecer o ânimo de uma nova era para o povo japonês. O novo governo procurou “corrigir” os costumes feudais, adotando a cultura Ocidental.

Porém, o povo japonês não perdeu sua característica guerreira, até que duas bombas atômicas mudassem completamente suas idéias.

A era Meiji foi de 1868 a 1912. Depois veio o período de Taisho, 1912 a 1926. Sucedeu a era Shōwa, 1921 a 1989.

É gigantesca a importância do Período Meiji para o povo nipônico. Convém lembrar que a imigração japonesa para o Brasil começou nesta era. E com ela, os primeiros professores de Judô vieram ao Brasil.

■ Fonte: modificado de www.paranajudo.org.br



■ Figura-1 Fonte: CORDEIRO Jr (1999)

■ O Judô e o esporte espetáculo

O esporte espetáculo é um produto típico da cultura ocidental. Ele é fruto da modernidade capitalista e visa o lucro, o máximo rendimento industrial e tecnológico, anseia a dominação da natureza (via ciência) e o domínio político como alicerce da exploração econômica. Resulta também de uma secularização da vida social, afinal os antigos jogos e festividades medievais, por exemplo, celebravam as colheitas, festas religiosas e outros. O esporte, no entanto, elimina estas características religiosas e rurais, tomando-se um protótipo da vida urbana e sem vínculos religiosos (CORDEIRO Jr, 1999).

As características apresentadas acima foram pouco a pouco incorporadas pelo judô na medida em que ele e a cultura japonesa, em grande parte, ocidentalizavam-se. O judô, no Japão, ligava-se às mais profundas raízes da cultura de seu povo, mas a partir do contato com a cultura ocidental, tornou-se um esporte de alto rendimento, entrando para as olimpíadas e sendo universalizado.

Não podemos negar que essa universalização contribuiu para que o judô viesse a enriquecer a cultura corporal de vários outros povos do mundo. Além disso, como espetáculo esportivo, passou a ser parte da programação da televisão, ganhou espaço nos jornais e revistas esportivas, produziu ídolos e, desse modo, chegou a países cujo universo cultural é muito diferente do Japão, como é o caso da Alemanha e do Canadá.

O judô entrou numa Olimpíada pela primeira vez em 1964, em Tóquio. Infelizmente a escassez de pesquisa e produção de conhecimento a esse respeito, no âmbito da Educação Física brasileira, não nos permite uma análise mais aprofundada dos motivos que fizeram com que o judô fizesse parte tardiamente das olimpíadas.

“Contudo, baseando-nos na própria história do esporte em geral, podemos cogitar a possibilidade de uso político-ideológico do judô como esporte? Sim, pois como sabemos, durante o período de auge da Guerra-Fria (anos 50, 60 e 70) as potências mundiais (EUA e URSS) e seus aliados fizeram do campo esportivo um verdadeiro ‘campo de batalha’, no qual a supremacia olímpica simbolizaria a supremacia política e ideológica do capitalismo ou do socialismo. Ora, a entrada do judô reforçaria o ‘bloco’ capitalista, ainda mais sendo o Japão uma grande força mundial neste esporte. Há também o fato de a Olimpíada ter sido no próprio Japão, o que pode ter motivado a entrada do judô no olimpismo. O fato é que, tendo se tornado esporte de rendimento, o judô incorpora os processos de seleção e especialização de atletas, o treinamento desportivo exaustivo, o doping (...). E, assim, seu sentido histórico-cultural original é deixado de lado em muitos países ocidentais que, desde então, passaram a preocupar-se exclusivamente com os aspectos técnicos e de rendimento atlético do judô. O único interesse no judô passou a ser as medalhas olímpicas, e não o conhecimento de suas raízes na cultura nipônica; a obrigação de vencer a todo custo e não o prazer de lutar judô. Virou trabalho de atletas e dirigentes ‘amadores’ e profissionais. E, por fim, o judô, acompanhando a trajetória do esporte em geral, passou a sofrer um forte processo de comercialização, com a compra e venda de material e equipamento para judô” (CORDEIRO Jr, 1999, s/p).

Nesse sentido, podemos observar que o esporte moderno, em geral, passou desde sua origem por várias transformações e a mais recente delas impôs características mercantis ao mesmo. Nessa direção, não devemos esquecer que o judô também foi influenciado por esse processo. Essa mercantilização do esporte é decorrente da forte influência e poder dos meios de comunicação de massa e da expansão da indústria do entretenimento.

De um lado, o progresso tecnológico dos meios de comunicação de massa possibilitou que as informações chegassem a um maior número de pessoas, nos pontos mais remotos do planeta e em tempo real. Do outro, a necessidade de ocupação do “tempo livre” do ser humano propiciou a criação da indústria do entretenimento.

Dentre os meios de comunicação de massa, a televisão é a que exerce maior influência sobre a população. Marchi Jr (2005, p.154) citando o sociólogo francês Pierre Bourdieu, afirma que: “a televisão está

articulada em torno de um espaço de exibição narcísica, em que seus interlocutores tendem a minimizar a criticidade dos espectadores. Os produtores culturais necessitam de ouvintes, leitores e espectadores, os quais potencializam o consumo de produtos, além de viabilizarem futuras investidas mercadológicas.”

“O espetáculo não é um transitar ensandecido de conteúdos saídos de emissoras em busca de receptores, mas o novo estágio das relações sociais. As imagens, antes de mensagens, são mercadorias – mercadorias que revelam a própria face do capital. O capitalismo se converte num modo de produção de signos – não mais de coisas. [...] É como modo de produção que o espetáculo pode ser compreendido. É como imagem que o capital se manifesta” (BUCCI, 2003, p. 27).

Antigamente, os judocas competiam de Kimono branco e o que os diferenciava era somente uma faixa vermelha e outra branca, definidas por sorteio. No entanto, no final da década de 90, para atender aos interesses da mídia televisiva, um dos judocas passou a vestir branco e o outro azul. Essa mudança na regra foi justificada pela necessidade de melhor visualização dos competidores nas transmissões pela televisão.



PESQUISA

1. Agora que você já observou como se deu o processo de mercadorização do judô, seria interessante que conhecesse como os atletas de judô se preparam para uma competição, como é seu processo de treinamento desportivo. Como sugestão para essa atividade, toda a turma poderia visitar uma academia.
2. Procure em sua escola alunos que praticam alguma forma de luta. Faça uma entrevista para identificar qual luta praticam, como são as aulas, como são os professores e quais os objetivos de cada luta. Monte um roteiro prévio com questões a serem analisadas: a violência nas lutas, os golpes principais, as regras, a hierarquia, a mudança de faixas, o respeito, a concentração, se existe ou não competição e outras que você julgar necessárias. Apresente os resultados para seus colegas e compare com aqueles apresentados por outros alunos.



ATIVIDADE

1. Se possível, realize, junto com seu professor e colegas, um torneio, simulando uma competição oficial com pesagem, divisão por categorias, por faixas, divisão por sexo, etc. Depois seria interessante que cada aluno colocasse no papel quais foram as dificuldades encontradas, quais os sentimentos, as impressões e outras questões que julgar serem relevantes.

Esporte-Espetáculo

Transmitido mundialmente pela televisão, o esporte tornou-se um dos vetores da globalização. Sua ideologia disfarça seu caráter político, a monetarização generalizada dos “valores” esportivos, fraudes e trapaças de todos os tipos e, sobretudo, doping maciço em todos os estágios.

■ Fonte: www.pfilosofia.pop.com.br



ATIVIDADE

1. A partir do texto citado acima, construa, com seus colegas, um cartaz sobre o esporte-espetáculo, discutindo o seu significado. Para essa atividade, não há necessidade de encontrar entrevistas somente sobre o judô, vocês podem fazer sobre as diversas lutas existentes. Depois da construção, apresente-o para a turma.

■ Conhecendo elementos do Judô

Os treinos e as competições de judô são realizados no DO-JO que pode ser uma sala ou um ginásio formado de TATAMES. Estes inicialmente eram compostos por esteiras especiais de palhas de arroz, sendo posteriormente substituídos por espuma sintética de borracha ou então raspas de pneus, com 2m x 1m de medida.

Na prática do judô existe uma escala de pontuação. Para as técnicas desenvolvidas pelo judoca, que resultam na queda do adversário, é considerada a seguinte escala:



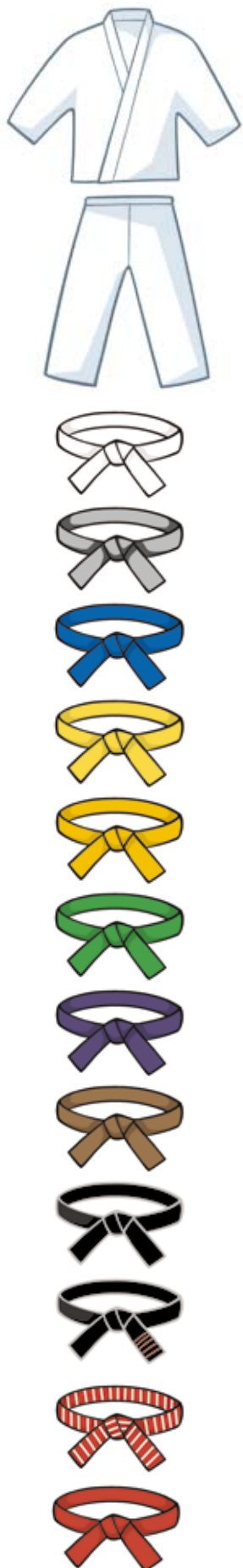
■ Tatame

www.recsportis.tamu.edu

| PONTOS | PENALIDADES |
|--------------------------------------|-------------------------------|
| Ippon (Ponto Completo) | Hansoku-make (Violação grave) |
| Waza-ari (Quase o ippon, meio ponto) | Keikoku (Violação séria) |
| Yoko (Quase waza-ari, vantagem) | Chui (Violação) |
| Koka (Quase yoko, vantagem pequena) | Shido (Pequena violação) |

O Koká caracteriza-se pela queda do adversário na posição sentado, além da imobilização de 10 a 14 segundos; o Yukô, pela queda lateral, corresponde à imobilização entre 15 e 19 segundos; o Waza-ari, pela queda encostando a metade das costas no chão (golpe semi-perfeito), com imobilização entre 20 e 24 segundos e o Ippon caracteriza-se pela queda com a totalidade das costas no chão (projeção perfeita).

O judoca pode conquistar um Ippon e encerrar a luta das seguintes maneiras: imobilizando seu oponente por 25 segundos com as costas



inteiras no tatame; com o acúmulo de dois Waza-ari; com a desistência do adversário; ou com o acúmulo de quatro faltas.

A vestimenta para a prática do judô denomina-se JUDO-GUI, que se compõe de três peças: SHITABAKI (calça), WAGUI (paletó) e OBI (faixa).

O judo-gui deve ser folgado e permitir a máxima mobilidade ao judoca, preservando seu bem-estar, sem limitar sua ação.

Pela cor da faixa (obi) identifica-se o nível de desenvolvimento e conhecimento do judoca. Hoje, no Brasil, a seqüência das faixas é a seguinte: inicia-se pela faixa branca e sucessivamente vem a cinza, azul, amarela, laranja, verde, roxa, marrom e preta. O judoca somente chega à faixa preta quando já conquistou o espírito do judô, quando por meio do treinamento, estabeleceu o alicerce e já assumiu um novo modo de vida.

Na faixa preta existe uma nova classificação: o DAN. Existem dez dans. Até o 5º dan a faixa é preta e a cada dan conquistado, acrescenta-se um risquinho vermelho na ponta da faixa. Do 6º ao 8º Dan, a faixa é vermelha e branca e é chamada de rajada ou coral, KO-DAN. No 9º e 10º Dan, a faixa é vermelha. A faixa preta, então, seria o início da vida de um judoca e não o fim, como muitos acreditam.

O RITSUREI é o cerimonial de saudação ao companheiro, feito no início de cada treino, como demonstração de respeito.

Um outro importante ritual de respeito realizado pelos judocas é a reverência, que estes fazem frente ao retrato de Jigoro Kano, presente em todas as academias de judô. Esse cumprimento frente à figura do líder é chamado SHOMEN-NI-REI. A saudação feita ao sensei é o SEN-SEI-NI-REI

■ O Judô em destaque: fundamento e técnicas básicas

Nesse item serão apresentadas algumas técnicas, mas você e seu professor têm autonomia para escolherem outras técnicas, podendo acessar alguns sites como, por exemplo:

www.meutatame.com.br;

www.judobrasil.com.br.

www.judoinfo.com

Antes de conhecermos alguns golpes, mas sem finalizá-los com queda, precisamos aprender alguns exercícios educativos para não corrermos o risco de nos machucarmos. Veja alguns exemplos realizados nos estudos de Cordeiro Jr:

1. Rolando para frente (Zenpo kai tem)



fig 1



fig 2



fig 3

A partir da seqüência das figuras, procure observar em cada uma delas o posicionamento das mãos, das pernas e da cabeça. Faça, em seu caderno, anotações de cada um dos posicionamentos.

2. Queda para frente (Mae Ukemi)

A partir da seqüência das figuras, repare, na figura 1, o posicionamento da coluna/braços, a ação dos braços e o posicionamento das pernas. Já na figura 2, observe o posicionamento da cabeça/pescoço e do tronco. Faça, em seu caderno, anotações de cada um dos posicionamentos. Procure escrever como o judoca saiu da primeira posição para a segunda.



fig 2



fig 1

3. Queda para trás (Ushiro Ukemi)



fig 1



fig 2

A partir da seqüência das figuras, observe o posicionamento da coluna, mãos/braços, pernas e cabeça nas duas figuras. Faça anotações de cada um dos posicionamentos. Procure escrever como o judoca saiu da primeira posição para a segunda.

4. Queda para o lado (Yoko Ukemi)

A partir da seqüência das figuras, examine, na figura 1, o posicionamento das mãos e dos pés. Na figura 2, observe o posicionamento do tronco e das pernas. Já na figura 3, verifique o posicionamento da cabeça/pescoço, costas e mãos. Faça anotações de cada um dos posicionamentos.



fig 1



fig 2



fig 3

■ Golpes

Antes de aprender a executar qualquer golpe, a primeira lição é jamais soltar o companheiro com quem está praticando, para que não ocorram acidentes. Para executar os golpes completos, até o companheiro ir ao solo, é preciso que tenha um tatame ou colchão para amortecer a queda, caso contrário, é preferível que se faça apenas a técnica em pé.

Para fazer as aulas de judô, o ideal seria utilizar o uniforme (*kimono*), mas quando isso não for possível, os alunos devem usar blusas de manga comprida para que possam fazer a pegada com mais segurança.

Ao executar os golpes, seria interessante que a dupla tivesse mais ou menos o mesmo peso e a mesma altura para facilitar a dinâmica.

Todos os golpes de projeções devem ser treinados para os dois lados igualmente.



O-soto-gari

Primeiramente, com a mão direita, segure a blusa na altura do ombro do companheiro. Com a outra, segure a manga da camisa do lado oposto. Em seguida, coloque o pé direito atrás do joelho do companheiro e desequilibre-o para trás. Não se esqueça: você **não pode** soltar seu companheiro. Procure fazer do outro lado e depois troque as funções da dupla.



O-goshi

Utilizando-se da mesma pegada inicial da projeção anterior, inicie o golpe virando-se de costas para o companheiro e “encaixe o seu quadril” no quadril dele. Fique na ponta dos pés e procure tirá-lo do chão. Cuidado para não se desequilibrar.



De-ashi-harai

A pegada no kimono ou na blusa é a mesma que as anteriores. Nessa projeção você deverá “varrer” o pé que está avançado do seu companheiro, realizando um desequilíbrio lateral.



Hiza-guruma

A pegada na roupa do companheiro é a mesma. Nesse golpe você deverá desequilibrar seu companheiro para trás e para lateral, o pé de quem executa o golpe deve estar na altura do joelho ukê (quem “recebe” o golpe).



Sassae-tsurei-komi-ashi

Da mesma forma que as técnicas anteriores, a pegada é a mesma. O desequilíbrio é idêntico ao Hiza-guruma, mas o pé deve estar em forma de colher, na altura do pé do ukê.



Ouchi-gari

A pegada é a mesma das anteriores. Esse golpe é chamado de grande gan-



Ippon-seoi-nague

Para executarmos essa técnica, o desequilíbrio deve ser efetuado para cima e para frente; o braço em forma de muque (observação: a articulação do braço de quem executa deve encaixar na axila do ukê); as costas devem ficar coladas ao peito do ukê.



Uki-goshi

Esse golpe é parecido com O-goshi, mas a projeção é de meio quadril e não de quadril inteiro. Quem executa deve agarrar a faixa por baixo do braço do ukê.

■ Para terminar a conversa por hora

Agora que vocês já discutiram, refletiram sobre a construção social do judô, seria interessante finalizarmos esse Folhas enfatizando que as lutas não se referem somente ao combate corporal, como relatamos no início dessa discussão. Existem conflitos que estão presentes em todas as dimensões sociais e podem ser vivenciados de variadas formas.

No contexto da sociedade capitalista, os combates são permanentes e necessários, sejam eles de ordem social, política ou econômica, que demandam a inserção, participação e o engajamento de todos na LUTA por uma sociedade mais justa e igualitária.

■ Referências Bibliográficas:

BUCCI, E. **Muito além do Espetáculo**. Ciclo de Conferências, Teatro Sesc da Esquina: Curitiba, 26 ago. a 25 set. 2003.

CORDEIRO Jr, O. **Proposta teórico-metodológica do ensino do judô escolar a partir dos princípios da pedagogia crítico- superadora: uma construção possível**. Goiás: UFG, 1999. Memórias de Licenciatura.

DELIBERADOR, A. P. **Judô: metodologia da participação**. Londrina: Lido, 1996.

HYAMS, J. **O Zen nas Artes Marciais**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1979.

MARCHI Jr, W. O processo e resignificação do voleibol a partir da inserção da televisão no campo esportivo. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.26, n. 2, p. 149-162, janeiro 2005.

MONTEIRO, L.M. **O treinador de judô no Brasil**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

SCAGLIA, A. J.; CAZETTO, F. F.; LOLLO, P. C.; MONTAGNER, P. C.; PAES, R.R. O jogo como meio, o 'tecnicismo' de cara nova: o caso do judô. In.: **Revista Digital**. Año 10 · N° 92 Buenos Aires, Enero 2006.

VIRGILIO, S. **A arte do judô**. Campinas, SP: Papirus, 1986.

■ Documentos consultados ONLINE:

FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ. **História do Judô**: noções da história. São Paulo. Disponível em: http://www.fpj.com.br/historia/historia.php?id=historia_judo01.htm. www.fpj.com.br. Acesso em: 22 fev. 2006

www.judobrasil.com.br. Acesso em: 15 fev. 2006.

www.paranajudo.org.br. Acesso em: 20 fev. 2006

www.pfilosofia.pop.com.br. Acesso em: 25 jan. 2006

www.meutatame.com.br. Acesso em: 30 jan. 2006

www.meutatame.com.br. Acesso em: 30 jan. 2006

www.fpj.com.br. Acesso em: 22 fev. 2006

I

n

t

r

o

d

u

ç

ã

o

■ Dança

A dança é uma das formas mais antigas de expressão do ser humano. Você pode até pensar: mas como isso é possível? Claro que não com as mesmas características que encontramos atualmente. Os gestos e movimentos expressados na dança eram espontâneos, naturais e instintivos, embora assumissem papéis diversos com intencionalidades e interesses diferentes em cada momento histórico.

Isto pode ser confirmado ao longo da história, através de registros das mais variadas formas de manifestações da dança, seja nas pinturas rupestres feitas pelo homem primitivo, nos momentos de festejos – como nas festas da colheita, nas cerimônias religiosas, nas celebrações de bodas – e até mesmo em funerais (CAMINADA, 1999).

Estas manifestações foram modificadas, influenciadas pela cultura e pela tradição de cada povo, submetidas às regras rígidas. Devido a isso, as danças assumiram características mais formais, utilizando-se da técnica desde a sua formação em pares, círculos, colunas, entre outras formas, e aumentaram a preocupação com a estética dos gestos.

Dessa forma, as danças assumiram características próprias, representando a diversidade cultural de diferentes povos, transformando-se em formas específicas de explicação da realidade. Mesmo que em graus diferentes, as danças orientam as práticas do ser humano, as relações estabelecidas com o trabalho, com a cultura e com a própria organização social, materializando-se num espetáculo de cores, gingas, ritmos e sons.

Entretanto, apesar de estarmos cientes da complexidade desse tema, uma vez que ele apresenta elementos que merecem um aprofundamento, optamos por citar algumas das formas de dança que temos registro: dança primitiva, dança grega, danças medievais, danças renascentistas, balé, dança moderna, dança contemporânea, danças folclóricas e danças populares.



■ Francisco de Goya y Lucientes. *O enterro da Sardinha*. 1746-1828. Óleo em tela, 82,5 x 62 cm. Museu: Real Academia de Belas Artes de San Fernando, Madri, Espanha.

Você poderia se perguntar qual é o sentido de transportar para a escola essas manifestações corporais representadas pela dança? A resposta para este questionamento se justifica pela importância de vivenciarmos, (re)conhecermos e desmistificarmos papéis que foram atribuídos de maneira estereotipada à dança, valorizando a sua riqueza cultural.

Assim, o espaço escolar e seus freqüentadores são parte de um contexto social mais amplo, onde os sujeitos trazem e expressam, em suas ações diárias, características que foram assimiladas e reconstruídas ao longo da vida.



■ Pieter Bruegel. *Os camponeses dançam grande*. 1567. Óleo em tela, 80 X 115 cm Museu Kunsthistorisches, Viena, Áustria.

A escola, portanto, é um espaço social importante em nossas vidas, e, como em outros ambientes, ela também recebe influências de diversos fatores, históricos culturais e sociais, que são determinados pelos interesses e pelos objetivos dos grupos que detém o poder.

É também no espaço escolar que nós construímos e “escrevemos” a nossa história de vida, a nossa individualidade e nossas relações sociais. Neste processo dinâmico de influenciar e ser influenciado, de ensinar e aprender, estão os conhecimentos científicos que cada disciplina possui, os quais contribuem com a formação dos indivíduos. Dessa forma, uma das disciplinas integrantes do currículo escolar é a Educação Física, a qual se propõe a pensar a dança – um de seus Conteúdos Estruturantes – sob múltiplos olhares.

I
n
t
r
o
d
u
ç
ã
o

Desse modo, é importante vivenciar no âmbito escolar as mais diversas possibilidades de expressão corporal, desde as formas mais simples, espontâneas ou livres até as mais elaboradas e formalizadas. Sendo assim, propõe-se trabalhar com a dança como meio para reconhecer e compreender o universo simbólico que ela representa, utilizando o corpo como “suporte da comunicação”. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 83)

Além disso, pode-se observar nas escolas que este tema é pouco valorizado, principalmente se comparado à significativa influência das práticas esportivas, ficando o mesmo relegado a um segundo plano ou até mesmo esquecido como possibilidade de trabalho com a Cultura Corporal.

De acordo com SARAIVA (2005), a dança pode se constituir numa rica experiência corporal, a qual possibilita compreender o contexto em que estamos inseridos. É a partir das experiências vividas na escola que temos a oportunidade de questionar e intervir, podendo superar os modelos pré-estabelecidos, ampliando a sensibilidade no modo de perceber o mundo.

Então cabem alguns questionamentos: por que a dança é pouco praticada na escola? Quando dançamos na escola, é apenas por ocasião de algumas datas comemorativas? As apresentações organizadas nos eventos da escola não se limitam a reproduzir coreografias “prontas” veiculadas pelos principais meios de comunicação de massa? Quantas vezes são possíveis organizar, dirigir e modificar as próprias coreografias?

A proposta deste livro didático, nesta disciplina, é pensar, discutir e problematizar essas e outras questões sobre a dança escolar como uma das possibilidades curriculares de exploração da chamada Cultura Corporal. Nesse sentido, o desafio lançado aqui é o de tratar a prática da dança articulada à reflexão numa perspectiva contrária a simples reprodução de movimentos.

Como lembra REZENDE (1990), nós somos a síntese do mundo em que vivemos; esse mundo é um “campo de relações sociais historicamente construídas”, e a dança nasce de um contexto e com ele interage, “contrapondo-se, concordando e apresentando idéias,” manifestando-se através da Cultura Corporal. (REZENDE, 2005, p.62)

O Folhas intitulado “Quem dança seus males...” procura refletir a influência da cultura e da indústria cultural na dança, destaca também as questões que se referem ao ritmo, ao conceito de dança, à razão de dançarmos pouco no espaço escolar, à resistência de meninos em participarem de atividades expressivas através da dança. Propõe algumas possibilidades de encaminhamento para este Conteúdo Estruturante nas aulas de Educação Física.

O Folhas: “Influência da mídia sobre o corpo do adolescente” discute em que medida os meios de comunicação de massa influenciam a tomada de decisão dos adolescentes, de maneira que passam a consumir produtos e a adquirir hábitos que estão na moda, a exemplo de algumas danças que acabam por denegrir a imagem da mulher, frente ao apelo sexual que expressam.

A dança se constitui como elemento significativo da disciplina de Educação Física no espaço escolar, contribuindo para desenvolver a criatividade, sensibilidade, entre outros aspectos. Além disso, ela é de fundamental importância para refletirmos criticamente sobre a realidade que nos cerca, contrapondo-se ao senso comum.

O Livro Didático Público, baseado no formato Folhas, não tem a pretensão de abordar todos os aspectos de cada Conteúdo Estruturante. Por fundamentar-se na autonomia e na capacidade intelectual do professor, o formato Folhas não esgota os assuntos abordados e permite que muitas outras questões sejam contempladas nas práticas e realidades locais, atendendo as demandas próprias de cada escola e sua comunidade.

Fica aqui uma contribuição para repensarmos o Conteúdo Estruturante da Dança no espaço escolar e, em especial, nas aulas de Educação Física, como elemento fundamental da Cultura Corporal.



QUEM DANÇA SEUS MALES...

■ Claudia Sueli Litz Fugikawa¹, Mauro Guasti²

Será que as pessoas que dançam estilos de música, como apresentado na foto, questionam-se sobre o significado político e cultural dessas danças? Ou será que elas simplesmente aderem ao estilo bem como à padronização de comportamentos para se inserirem em determinados grupos sociais?



Foto: Levy Ferreira

■ Adolescentes dançando "Funk".

¹Colégio Estadual Bom Pastor - Curitiba - PR

²Colégio Estadual Angelo Gusso - Curitiba - PR

Colégio Estadual Santa Cândida - Curitiba - PR

Você já ouviu no rádio, ou em outros meios de comunicação de massa, músicas como a que está escrita logo abaixo ?

“Cardápio do Amor”

Tati Quebra Barraco

Composição: Mc Tati / DJ Raphael / DJ Magal / DJ Washington / DJ Cabide / DJ Meteoro

“(…) com vários tipos de delícias você tem provar/se pedir café completo tu vai comer todinho/com chantilly nesse corpinho vou lambear ele todinho/na hora da refeição se tiver sua carne/(…) Cardápio do Amor “.

■ CD: Tati Quebra Barraco/ 2000/Pipos Records. Disponível em: <<http://www.tatiquebrabarraco.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

Qual a sua percepção ao ler um texto organizado na forma de uma letra de música, ao observar uma imagem e ao ver alguém dançando?

Vamos responder rapidamente a estas questões. Os olhos começam a ler o texto, a ver a imagem, a ver os gestos de uma pessoa se movimentando e a decifrar sons agradáveis ou não.

Ao ler o texto, os nossos olhos são conduzidos da esquerda para a direita, decifrando os códigos ali colocados e, aos poucos, vão sendo revelados os seus sentidos. Uma fotografia, um desenho, uma gravura ou uma imagem também precisam de uma leitura. Uma imagem pode ser olhada de diferentes perspectivas, a partir de qualquer ponto, passando por ela em diversas direções. A composição das imagens – as superfícies, as manchas, as linhas, os traços – também demonstra a forma de pensar de quem a produziu.

É possível “ler” os gestos? E o que podemos “ler” neles? Quando você observa gestos expressados pelo corpo dançando, estes se revelam rapidamente. Se observarmos atentamente esses gestos, veremos que eles estão repletos de sentidos, emoções e técnicas que se apresentam harmoniosamente. Os gestos, assim como o texto, a fotografia, a gravura, também apresentam significados. Por isso é possível ler os gestos. Portanto, a letra de uma música ou os gestos expressados pelo corpo que dança também apresentam intenções que podem ser decifradas.

Partindo dessa idéia, aí vai um convite para tentarmos decifrar alguns dos códigos que poderão ser revelados neste universo impregnado de gestos, sons e ritmos - dança. Então vamos começar a nossa empreitada!

Falaremos um pouco sobre o ritmo. Algumas vezes em nosso cotidiano, ao ouvirmos uma música, ela pode soar de forma prazerosa ou não, dependendo do momento que estamos vivendo, fazendo-nos lembrar situações. Caso essa música nos remeta a uma boa recordação ou nos cause prazer, podemos sentir o nosso próprio corpo movimentando-se, e talvez até mesmo dançando ao ritmo da melodia.

Todo o gesto expressado por meio da dança é carregado de significados, intenções, emoções, técnica e espontaneidade, por vezes acontecendo de maneira isolada, outras vezes em harmonia. É importan-

te compreender as possibilidades desses significados sendo necessário refletir sobre eles.

Assim, alguns sons, ou mais especificamente alguns ritmos musicais, acabam nos envolvendo e por vezes reagimos a eles nos movimentando. Ou será que ao ouvir um samba ou um ritmo envolvente você nunca se pegou batucando? Ou pelo menos com vontade de fazer isso?

É claro que não devemos entender este gesto de maneira determinista, ou seja, atribuir-lhe um poder autônomo como se a música fosse capaz de nos envolver quase que de maneira “divina”, “apoderando-se” de nós, de tal forma que nos impeça de agir de acordo com a nossa própria vontade.

A música nos influencia na medida em que nos “transporta” para outras dimensões da imaginação e da memória, mas isso depende da história de vida de cada um e do contexto social e cultural em que nós estamos inseridos, que nos faz sermos como somos e pensar como pensamos.

É importante compreender as possibilidades que estão implícitas nas músicas e nas danças, sendo necessário também refletir sobre as intenções que elas trazem para buscar novos significados para elas, pois somos nós que comandamos e nos deixamos “transportar” pelos sentidos.

■ A dança como reprodutora de modelos...

Imagine a seguinte situação: o rádio está ligado e toca uma música que gostamos, começamos nos envolver com o ritmo desta música e, dependendo da situação, começamos a acompanhar seu ritmo batendo com a mão em algum objeto, nosso pé começa a chacoalhar ou bater no chão e outros movimentos corporais podem estar acontecendo quando estamos envolvidos pelo ritmo da música, e isso nos causa prazer.

Observe os gestos que você está realizando: Será que eles são espontâneos ou representam movimentos vinculados pela mídia ou aprendidos por meio do convívio com outras pessoas?

Considerando essas questões, recorreremos a Gehres, o qual explica que é possível identificar dois aspectos científicos que permeiam a dança escolar:

(...) uma denominada de “dança como movimento” e outra “dança como arte”. A primeira “ênfatisa os aspectos”anátomo-fisio-psico-sócio-cinesiológicos” do movimento” e expressam comportamentos observáveis daqueles que dançam. A segunda vertente contesta a primeira por entender “a arte como produto e produtor do mundo sociopolítico-histórico-cultural”, pois

além de ser uma “tensão física que se transforma em tensão sócio-histórico-político-cultural e vice-versa, representam expressão/criação de homens e mulheres que se constroem no conflito entre classes, etnias, gêneros, religiosidades, racionalidades. (GEHRES, *apud* GONZÁLEZ et al 2005, p. 124).

Na perspectiva da “dança como movimento”, essa prática é entendida apenas como uma seqüência de movimentos embalados por um ritmo, que envolve extensões-flexões e uma série de outros movimentos corporais possíveis de serem analisados e mensurados pelas mais diversas razões. Além de todas essas questões, a dança trabalhada nesta perspectiva desconsidera que temos interesses e motivações diferentes e faz com que lhe seja atribuído um sentido muito pessoal, expressando sentimentos e emoções.



■ Di Cavalcanti. *Baile Popular Carnaval*, 1972. Óleo sobre tela, 89 x 116 cm; Acervo Banco Central do Brasil, Brasília.

Já na perspectiva da “dança como arte”, além desses elementos citados anteriormente, a dança pode ser entendida como uma forma de expressão e apropriação do mundo. Neste caso, não haveria somente uma preocupação com a perfeição do gesto, mas principalmente com o seu significado e este entendido como uma construção que se efetiva nas relações sociais, históricas e culturais que as pessoas mantêm umas com as outras.

Para compreendermos melhor essa idéia, vamos recorrer à sociologia, ciência que estuda o homem na sociedade, definindo o que pode ser entendido como cultura, ou seja; “(...) as formas como os homens vão compreendendo, representando e se relacionando com vários elementos componentes de sua existência: o trabalho, a religião, a linguagem, as ciências, artes e política.” (COELHO NETTO, 1997, p. 165).

Assim, basta imaginarmos uma pessoa da cultura oriental e que desconhece o ritmo de samba e uma brasileira da cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente “dos morros cariocas”, impregnada culturalmente por este ritmo. Imagine essas duas pessoas dançando ao ritmo do samba no carnaval do Rio de Janeiro.

Seria fácil identificar qual delas tem mais afinidade com os movimentos desse estilo de dança? Provavelmente você diria que é a brasileira. No entanto, os aspectos anatômicos, fisiológicos e biológicos que constituem o ser humano não são os mesmos? Então o que as diferencia na forma de expressão do movimento?

O que as diferencia são os aspectos culturais que estão arraigados nos seus movimentos, que variam de cultura para cultura, que se constituíram historicamente e se expressam por meio dos hábitos que reproduzimos.

Para aprofundar ainda mais essa discussão, podemos também nos remeter à Clifford Geertz, quando o autor descreve o conceito de cultura a partir de estudos da antropologia. Para o autor:

a cultura é a própria condição de vida de todos os seres humanos. É produto das ações humanas, mas é também processo contínuo pelo qual as pessoas dão sentido às suas ações. Constitui-se em processo singular e privado, mas é também plural e público. É universal, porque todos os humanos a produzem, mas é também local, uma vez que é a dinâmica específica de vida que significa o que o ser humano faz. A cultura ocorre na mediação dos indivíduos entre si, manipulando padrões de significados que fazem num contexto específico. (GEERTZ, *apud* DAÓLIO, 2004, p. 07).

Cabe lembrar que, dentro de cada cultura, existem outras “culturas” que podem determinar outros padrões de costumes. Logo, cultura é apreender as determinações, os valores, as normas e as éticas. Além disso, as pessoas se apropriam destes elementos culturais resignificando-os, o que faz da cultura algo vivo, objeto de confrontos, conflitos e contradições constantes.

E o ritmo? Será que tem alguma relação entre o ritmo e a cultura? O ritmo também é influenciado pelos aspectos culturais, portanto, pode ser compreendido tanto no sentido individual como coletivo, pois ele está presente em tudo, determinando uma das formas de como nos expressamos e interagimos no mundo.

O ritmo pode ser produzido de diversas maneiras – pois este se constitui como uma série de movimentos ou ruídos que ocorrem no tempo a intervalos regulares, com acentos fortes ou fracos. Podemos observar alguns exemplos, tais como: sons de uma metrópole, sons de uma construção, sons do meio rural, sons da natureza, sons feitos pelo nosso corpo, sons produzidos pelo homem por intermédio de instrumentos musicais, que num arranjo harmônico entre melodia e ritmo constituem a música, entre outros sons. No entanto, nem sempre os sons produzidos no nosso cotidiano podem ser cadências rítmicas agradáveis, como é o caso de ruídos provocados pelo som de uma furadeira.

Os ritmos produzidos nos grandes centros urbanos são provenientes de uma vida cadenciada pela pressa e pelas necessidades geradas em um mundo organizado em torno do trabalho, ou seja, conforme Saraiva:

Muitas vezes, supervalorizamos um ritmo que é fruto das relações sociais e submetemo-nos a esta construção/invenção. O ritmo frenético das grandes cidades em que as pessoas se vêem subordinadas parece igualar o ser humano e a vida humana ao funcionamento de uma máquina que não tem tempo a perder. Não raro, a idéia de homem e mulher bem sucedidos é acompanhada desse ritmo. A pressa, a falta de tempo para resolver todas as tarefas/trabalhos que somos incumbidos a realizar diariamente são valores já absorvidos coletivamente e que condicionam e limitam a percepção/sensibilidade para a “escuta” dos ritmos que estão em nós, que são ignorados na grande maioria das vezes e que cada um de nós poderia desenvolver e/ou refinar, seja através da dança, seja por meio de outra arte que desperte para tal percepção. (SARAIVA *apud* SILVA, 2005, p. 118-119)

Estamos vivendo numa sociedade cada vez mais concorrida, veloz, ágil e impaciente e isto acaba se refletindo no estilo de vida que levamos. Com este estilo de vida tão atribulado, sobra pouco tempo para realizarmos as atividades mais simples. Enfim, não podemos perder tempo. E nessa dinâmica, sobra pouco tempo para resolvermos todas as “tarefas”, sejam elas de ordem pessoal ou profissional. Com isto, acabamos constantemente comentando: “vivemos uma vida muito corrida” e/ou “não temos tempo para fazer nada”. Dessa forma, a vida anda cheia de obrigações e compromissos, deixando-nos pouco tempo para valorizar “coisas” simples do nosso cotidiano.

Essa corrida frenética é muito comum na vida das pessoas dos grandes centros urbanos, os quais acabam condicionando-as e limitando-as, fazendo com que sejam envolvidas com o ritmo de tudo o que está ao redor, com isso, acabam ignorando o próprio ritmo.

A escola parece ser o espaço ideal para o desenvolvimento da sensibilidade e do reconhecimento do ritmo vital inerente ao ser humano, utilizando-se dos elementos constituintes da dança numa ação educativa.

Leia o que Jeandot diz sobre ritmo vital:

O ritmo vital é marcado por tensões e relaxamentos energéticos sucessivos, condicionados no dia-a-dia por nossa movimentação e por nosso ritmo fisiológico. Essa noção rítmica instintiva, a que se mesclam elementos sensoriais e afetivos, constitui a base de nosso senso de equilíbrio e harmonia, essencial para que nos situemos no mundo e percebamos seus limites e contornos. (JEANDOT, 1990, p.26).

Se o ritmo está vinculado ao equilíbrio e a harmonia individual, portanto internalizado, seria de fundamental importância, compreendermos como isso acontece e por que isso acontece em nosso cotidiano. Assim estaríamos nos descobrindo e também aprendendo a perceber o ritmo do outro, o qual pode ser diferente do meu. Não seria este um dos papéis da dança na escola?

Para dançarmos nem sempre será necessário nos preocuparmos com movimentos pré-estabelecidos, mas também é importante conhecer e experimentar esses movimentos pré-determinados, uma vez que também aprendemos a partir da reprodução de modelos. Esses modelos podem servir de referência para um aprendizado escolar, mas, acima de tudo, devem possibilitar uma reflexão, no sentido de resignificá-los, e esta pode ser uma das formas de se fazer uma re-leitura e uma análise das representações estilizadas e simbólicas que são produzidas pela dança.

Você já prestou atenção nos estilos de dança, como o axé, o rap e o funk, entre outros, nos quais os gestos são sugeridos, determinando a forma de expressão dos grupos que dançam esses estilos? Muitas vezes, quando as pessoas estão dançando, acabam se preocupando com a execução das coreografias, o que impede a reflexão sobre as mensa-

gens veiculadas pelas letras das músicas e sobre os movimentos corporais, “muitas vezes apelativos”, sugeridos nestas coreografias. Não que isto seja um problema, posto que neste momento há uma identificação com o grupo e um prazer proporcionado pela capacidade de reproduzir com o máximo de perfeição tais gestos. Poderá vir a ser um problema se a escola não for um local que oportunize a reflexão sobre o significado daquilo que é imposto pela cultura de massa, objetivando padronizar atitudes, condutas e pensamentos.



Então, vamos voltar à problematização inicial deste Folhas, que traz um recorte de uma letra de música funk, muito difundida entre os jovens, mas que nos faz pensar sobre a desvalorização do corpo e traz um forte apelo à sexualidade, dando a eles um sentido pejorativo. Muitas vezes, não nos damos conta desses aspectos, pois estão condicionando o nosso modo de vida de acordo com o grupo ao qual procuramos pertencer.

A partir dos questionamentos realizados anteriormente, vamos experimentar a seguinte atividade:



ATIVIDADE

1. Escolha uma música que você gosta e deixe seus movimentos serem levados pelo ritmo que ela está sugerindo. Perceba que, provavelmente, se for uma música com coreografia pronta, automaticamente você se colocará a repetir os movimentos pré-estabelecidos.

Agora, experimente fazer movimentos diferentes dos já estabelecidos para aquele estilo.

Você sentiu dificuldades? Por que temos dificuldades para elaborar novos movimentos para danças cujas coreografias já estão padronizadas?

2. Você conhece a letra da música que acabou de dançar? Procure refletir sobre ela, desenvolvendo um texto, com no mínimo 15 linhas, descrevendo aquilo que você entendeu sobre a música.



A não reflexão sobre o movimento o torna mecanizado/automatizado, e romper com isto não é tão fácil, não é?

Pois essa é a lógica da indústria cultural que é fruto do sistema capitalista, no qual estamos inseridos. E o objetivo é a venda de mercadorias produzidas em série e em larga escala, que muitas vezes movimentam cifras fabulosas, como é o caso, por exemplo, de muitas músicas, CDs, filmes, clipes, entre outros.

Os consumidores dessas mercadorias são convencidos de que precisam e devem comprá-las pelos meios de comunicação de massa, que criam a falsa necessidade nas pessoas de consumir esses produtos. A propaganda cria necessidades e faz com que a maioria das pessoas não reflitam, tornando-as consumidoras passivas dos produtos divulgados. Isso acontece, também, com muitas danças, criadas apenas para atrair o público a consumir os produtos que a elas se vinculam.



A proposta, neste momento, é refletir sobre a questão das mensagens veiculadas por uma dessas músicas.

“Cardápio do Amor”

Tati Quebra Barraco

Composição: Mc Tati / DJ Raphael / DJ Magal / DJ Washington / DJ Cabide / DJ Meteoro

“(…) com vários tipos de delícias você tem provar/se pedir café completo tu vai comer todinho/com chantilly nesse corpinho vou lamber ele todinho/na hora da refeição se tiver sua carne/(…) Cardápio do Amor “.

■ CD: Tati Quebra Barraco/ 2000/Pipos Records.

Disponível em: <http://www.tatiquebrabarraco.com.br/>. Acesso em: 20 nov. 2005.

Observe, no trecho selecionado, os vários sentidos que podem ser dados a ele. A ambigüidade da interpretação é óbvia, e todos entendemos o que está sendo dito com essa frase, não é? Você já parou para pensar na mensagem veiculada por essa letra? No que se refere ao corpo e à sexualidade, o que está explícito?

Esta letra de música é um dos exemplos dos estilos musicais que estão, constantemente, sendo veiculadas nos meios de comunicação, e que aumentam a audiência das emissoras de rádio, TV e outros veículos de comunicação.

Você poderia pensar que as letras dessas músicas são apenas jogos de palavras e que elas não podem influenciar o nosso modo de ser, pensar e agir. Mas não é bem assim, visto que de tanto ouvi-las, acabam banalizando nosso entendimento, tornando nossos comporta-

mentos naturais e comuns. Além disso, elas limitam a nossa forma de expressão, inclusive a corporal, tornando certas atitudes e comportamentos naturais.

Vale lembrar o significado do termo expressão corporal:

(...) uma prática pedagógica que trabalha o movimento como arte – (do movimento), num elo entre técnica e criatividade. A prática pedagógica da expressão corporal valoriza o perscrutar da inventividade; permite várias interpretações dos movimentos, diversas formas de fazê-los; desperta sentimentos diferentes, torna os sujeitos especiais, porque lhes mostra que estão vivos e são capazes de criação, propiciando, assim, uma ruptura com as práticas estreitas da imitação. (SCHWENGBER, *apud* GONZÁLEZ et al, 2005, p.193).

Vamos relembrar as coreografias criadas para os bailarinos executarem durante seus shows, principalmente quando se trata dos estilos musicais como o funk e o axé. De acordo com os autores Sborquia e Gallardo (2002, p. 112), normalmente as coreografias se constituem de movimentos que “vulgarizam” e expõem o corpo, enfatizando “movimentos copulatórios e muito sugestivos”. Tais comportamentos podem sugerir que estamos vivendo numa sociedade cuja única preocupação está na busca do prazer e da satisfação pessoal, “mesmo que seja a qualquer preço”, ou um preço muito barato, mascarando outras dimensões como a beleza, a arte, o prazer e a estética, por exemplo.

Devemos repetir coreografias como esses estilos de danças? Devemos dançar conforme a música? Ou será que é possível dançar considerando as experiências que cada indivíduo viveu, tendo em conta o grupo ao qual pertence, suas possibilidades de movimento e expressando-se de maneira própria?

O entendimento do senso comum, superficial e simplista de compreender a realidade, é veiculado intencionalmente pela mídia, na exploração da repetição dos movimentos coreografados para determinado estilo de música.



Existe uma razão pré-determinada para isto, lembrando o que dizem Sborquia e Gallardo (2002, p. 106):

É preciso ter claro quais as finalidades da indústria cultural ao veicular determinadas danças e quais são os significados que ela representa na sociedade.

Conforme esta afirmação e tudo o que foi exposto anteriormente, existe uma intencionalidade atrelada à divulgação intensa desses estilos de danças e músicas. Com esse estímulo constante da mídia, as danças passam a ter gestos padronizados na sua execução, relegando, a segundo plano, qualquer tipo de manifestação individual, possibilidades de demonstrações criativas de sentimentos e emoções.

Mas, nesta perspectiva, iremos destacar uma outra forma de entendimento em relação à dança, considerando a seguinte definição:

Expressão, através dos movimentos do corpo organizados em seqüências significativas de experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica. (GARAUDY, *apud* SARAIVA, 2003, p.82)

Este autor entende a dança com muito mais complexidade do que uma simples repetição de gestos e modelos de coreografias veiculados intencionalmente pela mídia, visto que, a maneira como as pessoas se expressam é muito própria e está diretamente atrelada à história cultural e social na qual estão inseridas.

Por que, então, não experimentamos novas alternativas de movimentos, novas formas de dançarmos diferentes ritmos e nos expressarmos de outras maneiras? Ao considerarmos todos esses aspectos, estaremos respeitando o ritmo individual, que constitui a nossa própria história. Estaremos, também, entendendo as possibilidades e limitações de cada um, o que favorece o aprendizado de novas experiências com a dança.

Conforme esclarece Gehres, a dança pode ser entendida como:

(...) uma tensão – contração/expansão, armazenamento e liberação de energia – física (bioanátomo-fisiológica) que é tensão humana (sociopolítico-histórico-artístico-cultural), sendo verdadeiro também o seu contrário. (GEHRES, *apud* GONZÁLEZ et al, 2005, p. 124).

Dessa forma, conforme a citação anterior, o fato de executarmos um gesto por meio de contrações e expansões de movimento não significa que esteja se negando os aspectos sociais, históricos e culturais presentes nesses mesmos movimentos, e o inverso disso também é verdadeiro. Dessa forma, a dança pode significar tanto um movimento compreendido no campo biológico, como uma representação de um movimento culturalmente construído.

Nesse momento, ressaltaremos, de forma sucinta, os aspectos biológicos que podem ser estimulados pela dança, destacando que é possível sentirmos no próprio corpo os efeitos fisiológicos considerados benéficos a partir desta atividade. Esses efeitos são resultantes de um processo de adaptação do organismo, variam de indivíduo para indivíduo e podem levar minutos ou até mesmo horas para ocorrer, dependendo da intensidade do esforço realizado, dos objetivos que se busca com esse esforço, da regularidade que se está praticando, das condições de saúde e do estilo de vida que cada um tem.

Dentre esses aspectos positivos, Fox (1986, p. 407) aponta os seguintes:

- a) no sistema cardiovascular, com a elevação da frequência cardíaca e pressão arterial;
- b) no sistema respiratório, com o aumento do consumo de oxigênio;
- c) no músculo esquelético, com alterações de tipos de fibras musculares, aumento de força;
- d) no sistema endócrino, na atuação dos hormônios (tiroxina, cortisol e do crescimento), os quais exercerão efeitos sobre os órgãos.

A segunda questão apontada na definição de dança, conforme o que foi citado acima, fala de uma “tensão” que é “humana” e, se estamos caminhando nesta perspectiva, perceberemos que ela é fruto também dos enfrentamentos sociais, políticos, históricos, artísticos e culturais.

Assim, para efeitos pedagógicos, ressaltamos a importância da dança no campo sociopolítico, entendendo que este se dá pela relevância da mesma como um dos conteúdos da Educação Física escolar e que se encontra pouco valorizada neste meio. Isto se deve ao fato de que não “são determinantes as possibilidades expressivas de cada aluno (...) imprimindo nele um determinado pensamento/sentido/intuitivo da dança para favorecer o surgimento da expressão espontânea”, (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 82).

Então: **Por que dançamos pouco na escola? O Brasil não é um dos países que mais se manifesta por meio da dança?**

A dança é um elemento significativo em nossa cultura, não é mesmo? Podemos encontrar exemplos significativos dessa manifestação, como: no carnaval, no carnaval fora de época do Nordeste, na festa do bumba-meu-boi em Parintins, nas comemorações juninas de diversos Estados, nos festivais de dança em Joinville, nas academias de dança espalhadas por todo o país, entre outros.

Além de todas essas formas de manifestações de dança e da sua presença na nossa cultura, ainda assim, ela pouco integra o cotidiano escolar. São muitos os significados que a dança pode representar em nossas vidas e na



■ Festival de Parintins

sociedade. Dessa forma, é importante analisar esses significados e dar novos sentidos a eles. De acordo com o Coletivo de Autores (1992), “considera-se a dança uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem. Pode ser considerada como linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, dos hábitos, da saúde, da guerra, etc.” (p. 82).

■ A dança como produtora de significados...

Será que estamos dançando pouco na escola pelo fato de estarmos valorizando pouco a livre expressão e a criatividade no que se refere aos aspectos da dança? Será que ao dançarmos na escola, estamos simplesmente imitando aquelas coreografias “criadas” para determinadas músicas?

Muitas vezes, a exposição do corpo frente ao grupo nos remete também a uma idéia de reforço da “incompetência” em relação à falta de coordenação perante os colegas, por não conseguirmos repetir perfeitamente os gestos. Dependendo da situação vivida, pode ser motivo de “gozação” dos colegas na escola, ou fora dela. E reconhecer as dificuldades, enfrentar o medo, a vergonha, a inibição, o machismo, e tantas outras questões, não é tarefa fácil para ninguém. Hoje, quem tem “coragem” para enfrentar esta situação? Pois se determinou socialmente que para “saber” dançar é preciso repetir os modelos pré-estabelecidos e padronizados de movimentos. Na escola, acabamos reproduzindo o que é estabelecido na sociedade.

Uma possível causa de dançarmos pouco na escola se refere à questão da “liderança” do grupo. Quando um dos colegas domina perfeitamente os movimentos e assume o “status” de organizador do mesmo, aqueles que não dançam bem se sentem inibidos. Entendendo esse “status” como processo de socialização – identificação com um determinado grupo. A socialização é o principal canal para a transmissão da cultura e da formação de grupos, como a família, a escola e grupos de amigos. (GIDDENS, 2005, p.42).

Tais aspectos revelam a resistência que acabamos desenvolvendo em relação a vivenciar a dança como expressão da arte e movimento. Eco adverte no seu artigo:

(...) a música de consumo é um produto industrial que não mira a nenhuma intenção de arte, e sim à satisfação das demandas do mercado. Podemos acrescentar que as danças da mídia também não possuem nenhuma intenção de arte, visando apenas às demandas de mercado (ECO, *apud*, SBORQUIA e GALLARDO, 2002, p.112).

Existe um aspecto ideológico ao não considerarmos importante a própria experiência com a dança, a descoberta de outros movimentos

e até mesmo de novas possibilidades de cada pessoa, sem que esses movimentos estejam vinculados às coreografias intensamente divulgadas pela mídia.

Essa é a lógica da indústria cultural que trata a dança como produto a ser vendido, a qual depende das demandas do mercado e deixa de considerar a produção histórica e cultural das mais variadas formas de dança. Será possível romper com essa lógica de massificação do movimento? Se considerarmos nossa própria experiência como forma de expressão e reflexão crítica da repetição gestual, esta poderá ser uma maneira para romper com essa lógica?

Essa idéia não se refere às danças folclóricas, que visam explorar e preservar as manifestações culturais, transmitidas pelas diferentes gerações e que mantêm as tradições - elemento fundamental no reconhecimento dos saberes populares.

A dança, na perspectiva escolar, não objetiva o rendimento técnico, a execução perfeita do gesto, mas deve ser vista como elemento que contribui para a reflexão e a crítica. Isto não significa ser contrário ao ensino da técnica ou tão pouco negá-la, não a ensinando. É importante a aprendizagem das mais variadas possibilidades de movimentos e esses também podem ser aprendidos por meio das técnicas. Mas também é preciso “ler”, analisar, comentar e criticar as mensagens simbólicas, os significados que estão impregnados e permeiam os aspectos da dança.

Ao analisarmos, refletirmos, observarmos e discutirmos sobre os sentidos e significados, tanto positivos quanto negativos, estaremos vendo de diferentes ângulos as questões da dança. Esses são dados importantes que servem de referências, os quais contribuirão para reelaborarmos o nosso próprio conhecimento e as nossas crenças, enfim compreendermos por meio da dança a realidade social da qual fazemos parte.

Portanto, ao percebermos a dança dessa forma, confrontando as tradições históricas com as formas atuais de movimentos, vivenciamos uma prática corporal que nos permite dar um sentido próprio às coreografias.

Se voltarmos um pouco no tempo, constataremos que a dança surgiu da necessidade do homem demonstrar, por meio do movimento do corpo, suas emoções; os gestos eram criados procurando representar as diversas ocasiões que estavam sendo vividas. Ao longo do tempo, foram modificando-se conforme a época e os interesses. Os movimen-



■ Dança Folclórica Polonesa 1998 – Acervo Centro Cultural Teatro Guaira.

tos são formas de linguagem que transmitem determinados significados. Por isso, os movimentos, na dança, incorrem em alguma padronização. É isto que significa a dança como linguagem - movimentos coreografados ou improvisados, mas que possam ser entendidos em sua intencionalidade.

É importante reconhecer, compreender e refletir sobre o universo simbólico que a dança representa. Além disso, torna-se necessário vivenciar no espaço escolar as mais diversas possibilidades de expressão corporal, desde a dança na sua forma mais simples, espontânea e livre até as danças mais elaboradas e formalizadas, onde o movimento consciente e expresso por meio do corpo se constituirá como “suporte da comunicação”.

A dança, entendida como cópia ou interpretação de movimentos e ritmo inerentes ao ser humano, é tão antiga quanto o homem. Pouco a pouco, começou a ser submetida a regras disciplinares e a assumir o aspecto de uma cerimônia formal; instalou-se a preocupação com a coordenação estética dos movimentos, até então naturais e instintivos do corpo (...). (CAMINADA, 1999, p.01)

É importante considerar que há possibilidade de realizarmos movimentos conforme a nossa própria história, deixando fluir os sentimentos, criando outros movimentos, a partir do que foi experienciado.

Vamos organizar um debate em sala de aula. Para isso, precisamos ter em mãos alguns dados.



DEBATE

Converse com pessoas da família ou da comunidade, que tenham idade dos seus avós, e questione: como a dança era praticada por essas pessoas quando eram jovens e tinham a sua idade? Qual era o significado da dança para essas pessoas? O contato com a dança era somente no espaço escolar ou em outros locais? Quais eram as problemáticas enfrentadas? Como era a participação das pessoas? Qual era o estilo musical ouvido e dançado?

Atualmente, como você pratica a dança? Qual é o significado dos movimentos, gestos, para as pessoas que a praticam?

Com essas informações, podemos organizar um fórum de discussões. Vamos dividir a turma em três grupos. Um grupo defenderá a ideia da dança enquanto manifestação cultural, para isso, há a necessidade de elaborar argumentações e estratégias de convencimento.

O outro grupo será contrário a essa ideia e deverá argumentar para convencer aos colegas. O terceiro grupo será mediador das discussões. Cada grupo utilizará o gesto, o movimento, para a defesa dos seus posicionamentos.



■ Acervo Centro Cultural Teatro Guaíra.

E aí, será que já é possível respondermos: por que dançamos pouco?

Há outro aspecto, vinculado à idéia de que “dançar é coisa de mulher”. Quais são os elementos que nos levariam a pensar assim?

Cultural, social e historicamente, incorporamos e assumimos determinados comportamentos tidos como comuns e naturais. Dependendo do meio cultural, entende-se que para o homem não “combina” dançar, porque a dança é também uma forma de expressão de sentimentos e demonstrar afetos e emoções não cabe ao universo masculino. Entretanto, o contrário também é verdadeiro para algumas culturas, pois os homens dançam, e isso representa uma forma de manifestação significativa e relevante para eles.

Procurando exemplificar essa questão, destacamos que muitas famílias estimulam os seus filhos a práticas físicas com características mais voltadas à menina ou ao menino. Desde pequena, a menina é estimulada a dançar ou a outra prática física que envolva a música, o ritmo, como: o balé, a ginástica rítmica desportiva, a ginástica artística e outras. E o menino é incentivado a praticar esportes, em geral com bola ou lutas.



■ Acervo Centro Cultural Teatro Guaíra.



Diante desse relato rápido, podemos ilustrar esta questão recorrendo à ficção. A sugestão é assistir, em grupo, ao filme *Billy Elliot* (2000, Inglaterra, direção: Stephen Daldry).

O filme se passa na Inglaterra, na cidade de Durhan, em 1984. Mostra a cultura dessa cidade pequena que tem como base a mineração. Contrasta com o mundo artístico focado pela dança e, mais especificamente, o ballet clássico. O referencial dos habitantes da cidade não era outro senão a mineração – base, subsistência, ideal e causa. No entanto, o conflito é travado quando um garoto de 11 anos, Billy Elliot, descobre a possibilidade de dançar, e se encontra capaz, satisfeito e envolvido pela sensação de prazer, alívio e “válvula de escape”. Vive, então, crises existenciais e pressões psicológicas e sociais, pois a aceitação do homem dançante não é boa socialmente e é agravada ainda mais pelo seu estilo de dança, balé, ser aceito socialmente apenas para meninas e pela cultura local de que todos os homens deveriam um dia ir trabalhar nas minas de carvão. Mas a presença na memória, no sangue e na personalidade que Billy guardava de sua mãe já falecida era uma marca muito profunda, como a seguinte frase escrita por ela numa carta: “Meu filho, seja sempre você mesmo”. O menino fez aulas de balé escondido, apoiado pela sua professora, e se tornou um grande bailarino.



ATIVIDADE

A partir da sinopse anteriormente apresentada, vamos discutir em pequenos grupos as seguintes questões:

Qual era o significado da dança para o personagem principal, na cultura que ele estava inserido? Qual é a relação das meninas com a dança e dos meninos com o boxe? O que o personagem teve que enfrentar para poder realizar seu sonho?

Vamos discutir essas questões no grande grupo. Cada equipe apresentará os pontos de vista – o que foi consenso, o que foi polêmico – e fará uma comparação com a atualidade.

Dramatize a experiência de alguém que não consegue dançar e é obrigado a fazê-lo em determinadas circunstâncias. Como você se sentiu ao dramatizar um colega com dificuldades? Provavelmente, não tenha sido uma experiência boa. Quantas vezes nos colocamos no lugar do outro e tentamos entender o que ele está sentindo? E qual é a nossa atitude nesta situação?

Algumas questões para pensar: quantos de nós temos mais afinidade com a dança? Teríamos tomado a frente da situação, elaborando a coreografia segundo a própria história e o domínio corporal, ou copiaríamos os movimentos conhecidos por meio dos programas de televisão e de shows? E esses colegas, com menor domínio corporal na dança, será que procurariam interferir e contribuir?



ATIVIDADE

Aí vai um convite para você. Vamos organizar uma proposta de dança diferente na sua escola, uma mostra. Mas para que essa proposta seja efetivada, é importante que os grupos discutam e elaborem coletivamente os critérios que serão seguidos. Os grupos deverão considerar os seguintes objetivos:

- discutir, eleger um tema que possibilite nortear as apresentações;
- expressar uma mensagem utilizando uma música de um cantor que faz a crítica do tema;
- escolher os estilos de danças, tais como: da cultura popular, danças de salão, danças técnicas e danças folclóricas;
- discutir e apresentar aspectos como: características mais marcantes, situar as danças escolhidas no contexto cultural, explicar as indumentárias, entre outras questões necessárias;
- discutir a letra da música escolhida, pois ela também precisa refletir sobre o tema;
- assegurar a participação de todos os envolvidos;

- g) discutir e organizar a formação coreográfica, direcionando também a aprendizagem dos colegas que sentirem mais dificuldades;
- h) criar movimentos a partir das características dos componentes do grupo;
- i) possibilitar a interação e a intervenção dos colegas com mais dificuldades nas coreografias do seu grupo;
- j) dar significado às coreografias criadas, ousando, experimentando e sugerindo movimentos, tentando se reconhecer nos movimentos elaborados.

Nesta perspectiva, a dança poderá assumir um papel de linguagem social, mais dinâmica, oportunizando aqueles que estão praticando a (re) criação de movimentos, a expressão de desejos, sentimentos, idéias, enfim, a transmissão de mensagens. Sendo assim, a dança escolar passa a ter um papel efetivo, mais significativo e diferente daquele veiculado pela mídia atualmente.

Nesse sentido, concorda-se com Hanna, quando faz a seguinte citação em relação à dança:

Ela é tanto um fenômeno artístico, como expressivo, comunicativo, humano, que se entrelaça com outros aspectos da vida humana, como o sistema de comunicações, de crenças de aprendizagem, de relações sociais e políticas (HANNA, *apud* SARAIVA, 2003, p. 79).

Com a intenção de buscar um sentido diferente do que está posto ao conteúdo de dança no espaço escolar, ressalta-se a idéia de valorização da reflexão e da discussão sobre: a letra da música, as coreografias, as questões que envolvem a mídia, a discriminação, o significado da dança para o homem e para a mulher. Esses e outros aspectos são relevantes, necessários e merecem ser repensados. Para ilustrar esta questão, siga a sugestão:



PESQUISA

Escolha um estilo de dança. Vamos fazer uma pesquisa em relação à cultura na qual este estilo está inserido, como foi a origem desse estilo, se existem filmes, fotos ou textos que possam contribuir para um melhor entendimento e visualização dos movimentos.

Esse estilo escolhido sugere algumas possibilidades de movimentos, as quais seguem em um determinado ritmo, então, experimente movimentando-se a marcação do tempo deste ritmo.

Utilize instrumentos musicais, que podem ser construídos artesanalmente com materiais alternativos. A partir da utilização desses instrumentos musicais, experimente as diversas possibilidades de movimentos, de forma individual, em duplas, ou em grupos maiores, lado a lado, frente a frente, juntamente com o ritmo.

Faça uma enquete na turma e verifique se é possível identificar aqueles que têm mais domínio da dança, compartilhe o resultado com os seus colegas. Crie uma seqüência de movimentos, para que os colegas tentem copiar, a intenção é que todos vivenciem o máximo possível de variações sem se preocupar com a perfeição dos gestos.



DEBATE

Discuta com os colegas as dificuldades e proponha alternativas para solucionar os problemas encontrados.

Avalie qual foi o seu sentimento ao experimentar esses movimentos.

Quais foram os movimentos que você conseguiu realizar durante a aula? Como?

Vamos relembra o exercício que fizemos anteriormente em relação à leitura atenta da letra da música.

Como é possível expressar todas essas questões utilizando a dança como linguagem?

Estamos chegando ao fim desta produção, através da qual se buscou refletir, de maneira simples e provocativa, algumas questões que se referem à dança, como: as relações sociais e culturais, a importância de se respeitar o tempo e a individualidade das pessoas, destacando-se a possibilidade de se transmitir por meio da dança uma mensagem crítica. A dança é um conhecimento produzido pela humanidade e precisa ser redimensionada no âmbito escolar, situando-a historicamente, socialmente, como forma de ampliar opiniões e conceitos. Afinal, quem dança seus males...

Referências Bibliográficas:

CAMINADA, E. **História da dança**: evolução cultural. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COELHO NETTO, J. T. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associado, 2004.

FOX, E. L.; MATHEWS, D. K. **Bases fisiológicas da educação física e dos desportos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

JEANDOT, N. **Explorando universo da música**. 13 ed. São Paulo: Scipione, 1990.

SARAIVA, M. C. **Dança e gênero na escola**: formas de ser e viver medidas pela educação estética. Lisboa: FMH/UTL, 2003. Tese (Doutorado).

SBORQUIA, S. P.; GALLARDO, J. S. As danças na mídia e as danças na escola. In.: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.23, n.2, p.105-118, jan.2002.

SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (org.). **Práticas corporais**: trilhando e compar (trilhando) as ações em educação física. Florianópolis: Nauemblu ciência & arte, v.2, 2005.

_____. **Práticas corporais**: experiências em educação física para a outra formação humana. Florianópolis: Nauemblu ciência & arte, v.3, 2005.

■ Documentos consultados *ONLINE*

<http://www.tatiquebrabarraco.com.br>. Acesso em: 20 nov. 2005.

<http://www.amazonas.am.gov.br>. Acesso em: 28 jun. 2006.

■ Filme

“Billy Eliot” (2000, Inglaterra, direção: Stephen Daldry). Filme que aborda a dança e a questão de gênero, do menino que dança balé.



INFLUÊNCIA DA MÍDIA SOBRE O CORPO DO ADOLESCENTE

■ Gilson José Caetano¹

O culto ao corpo, também conhecido como corpolaria, é geralmente influenciado pela mídia. Atualmente, os corpos esguios, abdômen definido, corpo bronzeado são algumas das sugestões para que as pessoas sigam. Mas apenas uma pequena parcela atinge tais objetivos. Grande parte das pessoas, ao perseguirem esses ideais de beleza, ficam pelo caminho e, muitas vezes, apelam para formas nada saudáveis para conseguirem seus objetivos.

Na verdade, a busca incessante pela beleza traz grandes vantagens para muitas empresas, que vendem seus produtos muitas vezes por preços absurdos. Diante dessas circunstâncias, será que você, como adolescente, tem autonomia sobre sua identidade corporal, ou é influenciado por uma lógica social de consumo em grande parte vinculada pela mídia?

¹Colégio Estadual Edite Cordeiro Marques - Turvo - PR
Escola Joanna Lechiw Thomé - Turvo - PR



“(...) Estou, estou na moda.

É doce estar na moda, ainda que a moda seja negar minha identidade, trocá-la por mil, açambarcando todas as marcas registradas, todos os logotipos do mercado.

Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher, minhas idiossincrasias tão pessoais?

Por me ostentar assim, tão orgulhoso de ser não eu, mas artigo industrial, peço que meu nome retifiquem.

Já não me convém o título de homem.

Eu sou a coisa, coisamente.”

■ Carlos Drummond de Andrade

Nesse Folhas, procuraremos evidenciar as relações entre o corpo, a mídia, o consumo e outras diversas formas de dominação ou exploração cultural, através de uma análise crítica, procurando esclarecer como isso acontece e apontando, se possível, formas de superação de tais modelos vigentes.

■ Construção Cultural do Corpo

Durante o processo de evolução da humanidade, o trato com o corpo sempre despertou interesses e fascinação. Muitas vezes, o corpo foi desprezado, violentado e negado, principalmente devido ao fato do mesmo expressar sentimentos, desejos, anseios e necessidades, que eram associadas a atitudes pecaminosas.

É por meio do corpo que o homem participa do contexto social, comunicando-se, expressando sentimentos e interagindo. É o corpo que garante uma afirmação social, funcionando não como coadjuvante dos processos de transformações, mas como elemento fundamental para que ocorra esse processo.

O uso do corpo, e principalmente do movimento, por meio de suas possibilidades comunicativas, é de interesse comum, pois todos nós fazemos parte de um ambiente social determinado e ao mesmo tempo determinante da cultura. Assim, o corpo não deve ser visto somente pelo lado biológico, sua constituição, fisiologia e funcionamento geral, ele deve ser compreendido como um todo, constituído inclusive pela sua relação com o ambiente social e cultural.

Para compreender isso, faz-se necessário entendermos a definição de cultura. Entre várias definições, uma afirma a cultura como “a vida total de um povo, a herança social que o indivíduo adquire de seu grupo. Ou pode ser considerada a parte do ambiente que o próprio homem criou”. (KLUCKHOHN, *apud* OLIVEIRA, 1993, p. 73).

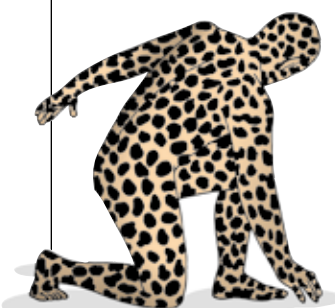
Quando nos propomos a estudar ou discutir o corpo, devemos estar conscientes de que o corpo não é meramente um objeto de estudo. Ele é um meio de interação com a cultura circundante e, nesse sentido, modifica e é modificado pela própria cultura.

O quadro a seguir procura evidenciar a diferenciação entre duas abordagens teóricas sobre o corpo. Uma abordagem baseada nos saberes das ciências biológicas, que estudam os aspectos naturais do corpo, e outra cujo olhar sobre o corpo está fundamentado nos saberes das ciências sociais, como a sociologia e a antropologia, que analisam o corpo considerando sua história e as relações que este estabelece com o ambiente social e cultural. Assim, o corpo é tratado em seus aspectos biológicos e como instrumento de interação social e cultural. Borel (1992) diz que é a partir da infância que serão inseridas, no corpo, as marcas sociais. Portanto, sofre influências e modificações constantes; o corpo social é produto das regras as quais foi submetido, das determinações do meio social no qual está inserido.

■ Oposição entre o corpo natural e corpo social

| Oposição entre o corpo natural e corpo social | |
|---|---|
| CORPO NATURAL | CORPO SOCIAL |
| Natureza/Biológico (inato) | Cultura |
| Corpo não marcado | Corpo decorado (tatuado, escarificado, pintado, etc) |
| Nudez | Vestimenta |
| Desviante (sem ritos de passagem) | Ritos de passagem (pertencimento) |
| ↓ | ↓ |
| (sem a intervenção da cultura) | (ao fim do processo) |
| Animal | Humano |

■ Fonte: A partir de Borel (1992) *apud* OSÓRIO



■ Corpo mais tatuado do mundo

<http://www.historiadaarte.com.br>



■ Apolo de Lisipo



PESQUISA

Pesquise e descreva diferentes formas e tratamentos relacionados ao corpo que se deram ao longo da história da humanidade, considerando as diversidades culturais.

Discuta com seus colegas quais foram os principais pontos detectados em sua pesquisa.

Em equipe de até quatro pessoas, elaborem um painel explicativo sobre as conclusões evidenciadas após a pesquisa e as discussões, demonstrando as características de vários povos no trato com o corpo.

■ Construção Social do Corpo

Para iniciarmos a discussão sobre a construção social do corpo, precisamos entender o termo juventude, que, em grande parte dos casos, não pode ser definida exatamente como um período de idade cronológica. Dentro do contexto cultural influenciado pelo capitalismo, essa definição toma uma proporção mística, em que o conceito de juventude é entendido como um estado de espírito e físico ideal, almejado por indivíduos de diversas idades.

Por trás desse ideal comum, está presente a “indústria da juventude”, que surgiu após a década de 1950, através de movimentos culturais idealizados por jovens, numa espécie de contra-cultura ou, podemos dizer, contra o sistema dominante. A contra-cultura criou uma série de signos que identificaram tais movimentos, a exemplo dos Híppies, o Rock, o Jeans, entre outros signos, sendo que tais movimentos não tinham como propósito inicial estabelecer novos estilos ou fundar outras formas de consumo.

Essa visão de jovem passou a ter uma conotação positiva em todas as culturas, transformando os padrões clássico-culturais em padrões de juvenização, principalmente, sobre o aspecto estético-cultural. O jovem passou a ser a referência a ser seguida e criou-se, assim, uma cultura de consumo que buscasse ou imitasse a juventude.

A “indústria da juventude” utiliza-se, principalmente, da mídia como forma de manipular e explorar as pessoas para que elas façam parte deste movimento. O termo juventude, muitas vezes, está associado a um padrão de beleza que envolve diversas formas de cuidados para esconder a idade real e causar a impressão de juventude eterna. Envolve, também, preocupações com o vestuário, atividades físicas, intervenções cirúrgicas e outras estratégias e cuidados destinados aos corpos das pessoas.



ATIVIDADE

Construa um texto, individualmente, que expresse a relação entre a moda, a mídia e suas relações com a prática de atividades físicas, considerando as influências do sistema econômico capitalista sobre tais práticas. Fatores indicativos: produtos de beleza, roupas, tênis, agasalhos, modalidades físicas em evidência, etc.

Dialogue com colegas do sexo oposto e veja quais são seus pontos de vista, observando quais foram as críticas apontadas por eles ou elas.

Elabore um relatório, no qual seja possível evidenciar as diferentes visões expressadas por ambos os sexos.

■ Moda, Mídia e Juventude

O termo moda, entendido como “uma forma de imitação que leva à disputa geral por símbolos superficiais e instáveis de status”, (SIMMEL, *apud* TRINCA, 2004, p.50), vem ao encontro do termo “moda do corpo”. Esta evidenciada pela mídia como o modelo do corpo jovem, moldado por meio dos exercícios físicos, ou transformado por cirurgias plásticas e/ou consumo determinados produtos que prometem contribuir para tal êxito.

Os meios de comunicação expressam uma idéia de valorização exagerada da juventude, através do consumo, do ritmo de vida, da atualização em relação às novas tecnologias e do individualismo, que é comum a alguns jovens em determinada idade. Esse é um ideal social apresentado como modelo de sucesso que garante a felicidade concreta, capaz de mudar nossas vidas. Nesse sentido, faz-se necessária uma leitura crítica daquilo que é veiculado pela mídia.

O cuidado com o corpo está passando por uma crescente atenção por parte de toda a mídia e da sociedade em geral, é fácil de perceber. Basta notar o número de clínicas de emagrecimento, novas academias, diferentes modalidades de exercícios físicos, pesquisas sobre calçados e roupas esportivas, suplementos alimentares, entre outros. Essa concepção de cuidado com o corpo procura transformar o corpo em mercadoria.

As pesquisas na área de saúde estão cada vez mais se diversificando, para atender aos anseios dos consumidores, nos quais as recentes tecnologias adotadas além de dar novas formas ao corpo, impõem regras e limites, diminuindo ou influenciando a liberdade de ação do próprio indivíduo. O ser humano é manipulado de tal forma que o movimento por ele produzido deixa de ter expressão, sentido e espontaneidade, produzindo, assim, o “ser humano ideal” (para o capitalismo). Para compreender um pouco mais, leia a parábola das Estátuas Pensantes:

“À margem de um largo rio, ou talvez na encosta íngreme de uma montanha elevada, encontra-se uma fileira de estátuas. Elas não conseguem movimentar seus membros. Mas têm olhos e podem enxergar. Talvez ouvidos, também, capazes de ouvir. E sabem pensar. São dotadas de “entendimento”. Podemos presumir que não vejam umas às outras, embora saibam perfeitamente que existem outras. Cada uma está isolada. Cada estátua em isolamento percebe que há algo acontecendo do outro lado do rio ou do vale. Cada uma tem idéias do que está acontecendo e medita sobre até que ponto essas idéias correspondem ao que está acontecendo. Algumas acham que essas idéias simplesmente espelham as ocorrências do lado oposto. Outras pensam que uma grande contribuição vem de seu próprio entendimento; no final, é impossível saber o que está acontecendo por lá. Cada estátua forma sua própria opinião. Tudo o que ela sabe provem de sua própria experiência. Ela foi sempre tal como é agora. Não se modifica. Enxerga. Observa. Há algo acontecendo do outro lado. Ela pensa nisso. Mas continua em aberto a questão de se o que ela pensa corresponde ao que lá está sucedendo. Ela não tem meios de se convencer. É imóvel. E está só. O abismo é profundo demais. O golfo é intransponível”. (ELIAS, 1994, p.96).

A mídia, de forma geral, explícita ou implicitamente, não conduz a atitudes de reflexão acerca dos problemas políticos ou sociais, sendo que a classe dominante procura, através dos meios de comunicação, impor idéias e conceitos de maneira subjetiva e inconsciente, produzindo, assim, modelos perfeitos de “seres humanos”. Será que a condição de “estátuas pensantes”, na realidade, não é a forma na qual nós somos moldados para atender aos anseios da sociedade de consumo?



ATIVIDADE

- Quem são as “estátuas pensantes” e por que esse nome?
- Na sua opinião, o que as músicas a seguir querem expressar?

New Wave Índio: Mukeka di Rato

Composição: Mukeka Di Rato.

O índio tá vestindo camisa escrito USA / O índio tá assistindo um seriado na TV
 O índio tá aprendendo a violência na “telinha” / O índio tá usando a violência em você!
 O que é o índio? Esse eu não sei! / Só conheço o Batman e o Superman!
 I wanna speak Tupi Guarani!!!

■ Disponível em: www.cifraclub.terra.com.br

Televisão: T.A.T.U.

Composição: Grupo Face Da Morte.

...De Domingão a Domingão segue a aculturação processo de alienação através da televisão, e aí Faustão quem sabe faz ao vivo, motivo, pra eu dá um rolé na área junto com a rapaziada, eu não vou perder o Domingo vendo vídeo cacetada, eu tô com a mídia na mira...

...E a Hebe que Gracinha, já passou do 60tinha com espírito de mocinha...

■ Disponível em: www.cifraclub.terra.com.br



PESQUISA

Pesquise outros estilos de músicas que falem sobre a influência da mídia na sociedade. Compare-as e construa um texto relacionando com o atual contexto sócio-histórico.

■ Indústria da Juventude

O homem, ao buscar o corpo perfeito, torna-se um produtor e, ao mesmo tempo, consumidor da indústria da juventude, sendo facilmente manipulado ou usado para tal fim.

Sobre essa realidade, Ortega Y Gasset afirma que “as modas atuais estão pensadas para corpos jovens, e é tragicômica a situação de pais e mães que se vêem obrigados a imitar seus filhos na indumentária” e ainda “não se trata de fingir uma mocidade que se ausenta de nossa pessoa, mas o modo adotado pela vida objetiva é o juvenil, e nos força sua adoção. Como com o vestir, acontece com todo o resto: os usos, prazeres, costumes, modas estão talhadas à medida dos efebos.” (ORTEGA Y GASSET, 1959, p. 294).

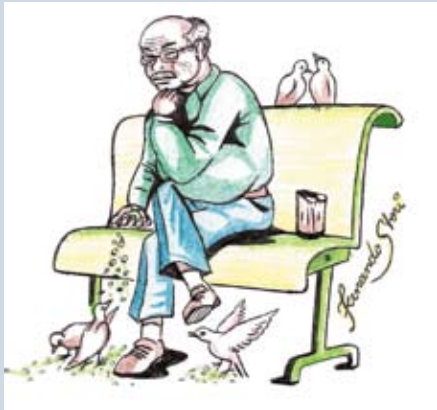
Devemos assumir nossas realidades, aproveitando as experiências adquiridas ao longo do tempo, deixando de ser o que querem que sejamos, mas assumindo o que queremos ser.

Quais as atitudes que devemos ter perante circunstâncias comuns presentes em nosso dia-a-dia, como propagandas de beleza parecidas com estas:

- _ Você tem 40 anos ou mais? (...) Tratamento de beleza intensivo completo. Anti-rugas, antienvelhecimento.
- _ Plenitude (...). Retarda os efeitos do envelhecimento.

Essa indústria da juventude combate, de forma implícita, um “inimigo” denominado velhice, o qual pode estar associado a temores de morte, do aparecimento de doenças, que podem levar a um isolamento social. Quando a indústria da juventude refere-se à terceira idade, esse idoso assume características semelhantes aos grupos mais jovens, que têm vitalidade, alegria, prazeres. O termo terceira idade remete a uma continuação e não a um fim, tornando os idosos consumidores potenciais de tal indústria. Sobre tal influência da mídia em relação à velhice, Sfez indica que:

Efebos: Jovens



“Assistimos ao esgotamento dos mitos e de suas promessas. A esperança dos amanhãs que cantam caducou e passou. Perdemos a ilusão e queremos voltar ao essencial, à substância de nossa vida. Nada mais básico do que o impulso de pedir ao tempo que pare, de buscar a eterna juventude, a fonte da cura e da formosura. E aí entra a “saúde perfeita”, impondo-se como o grande, o único projeto mundial, imagem do eterno retorno e da eterna permanência, da fusão com o grande todo, em protesto contra a fragilidade de nossa condição humana e social; contra o fracasso da história”. (SFEZ, 1996, p.08).



ATIVIDADE

Na sua opinião, o que é ser jovem?

Dialogue com uma pessoa idosa e questione sobre o que é ser jovem?

Você é manipulado pelos modismos? Como?

Existe forma de não ser influenciado pela mídia e moda?



PESQUISA

Pesquise capas de revistas, fotos em jornais, campanhas publicitárias nas quais estejam presentes ideais da “indústria da juventude”.

Monte um painel com várias figuras encontradas e, abaixo de cada uma, crie um pequeno texto crítico. (Esta atividade pode ser realizada em pequenos grupos.)

■ O Massacre do Corpo

Em nossa sociedade, o corpo é explorado, além das formas de produção que são evidentes, como o desgaste produzido durante a jornada de trabalho, tornando o corpo máquina. Outro fator que cresce assustadoramente, pressuposto do capitalismo, é o massacre do consumo, pois, por meio dos ideais vigentes, as pessoas são induzidas a consumir, para não se sentirem excluídas do contexto social.

A moda e a mídia também fazem parte da cultura e são instrumentos poderosos de afirmação cultural. Por meio delas, a cultura pode influenciar o modo de agir e ser das pessoas. Pode impor idéias e con-

ceitos a serem seguidos, mas que, geralmente, servem aos interesses das classes dominantes.

O culto ao corpo está cada dia mais presente nas campanhas publicitárias, relacionando este culto à saúde e bem estar das pessoas, divulgando novas e diversas fórmulas para conseguir esses corpos valorizados e aceitos socialmente na busca incessante de uma identidade social. De acordo com esse anseio, a moda é utilizada como “arquivo e vitrine do ser/aparecer, sugerindo comportamentos e atitudes, fabricando *selves* performáticos por meio de sutis recriações dos conceitos de verdade, de bem e de belo”. (VILLAÇA, 1999, p. 57).

Selves: Personalidades

■ Mas o que é belo?

A noção de belo coincide com a noção de objeto estético só a partir do século XVIII; antes da descoberta da noção de gosto, o belo não era mencionado entre os objetos produzíveis e, por isso, a noção correspondente não se incluía naquilo que os antigos chamavam de poética, isto é, ciência ou arte da produção. Podem ser distinguidos cinco conceitos fundamentais de belo, defendidos e ilustrados tanto dentro quanto fora da estética: 1º) o belo como manifestação do bem; 2º) o belo como manifestação do verdadeiro; 3º) o belo como simetria; 4º) o belo como perfeição sensível e 5º) o belo como perfeição expressiva.

Segundo Platão, só à beleza, entre todas as substâncias perfeitas, “coube o privilégio de ser a mais evidente e a mais amável”. Por isso, na beleza e no amor que ela suscita, o homem encontra o ponto de partida para a recordação ou a contemplação das substâncias ideais.

■ Fonte: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 105-106.

“Esse corpo, trabalhado em academias de musculação ou em clínicas de cirurgia plástica, deve ser exibido, visto que se tornou um valor, no duplo sentido: com altos investimentos de capital e tornando-se ele mesmo um capital, isto é, sendo socialmente valorizado” (GOLDENBERG e RAMOS, 2002). Será que essa busca pelo corpo perfeito deixa de ser um desejo de satisfação com o próprio corpo, e passa a ser um desejo de aceitação social? E as pessoas que não se enquadram dentro desses padrões de beleza, são excluídas do contexto social vigente? E o que dizer dos distúrbios alimentares como a bulimia e anorexia, que na maioria dos casos são decorrentes de uma preocupação exagerada com a estética corporal?

Para concluir a discussão sobre a identidade corporal, citamos um trecho de um estudo, que analisa o esporte com base no treinamento corporal:

“O esporte e o fortalecimento do corpo parecem reviver a utopia de uma vida eterna, na medida em que partilham da crença, do progresso infinito, algo que nos faça esquecer da morte. O que se coloca, no entanto, é que a redução do corpo a uma materialidade desqualificada faz com que ele seja vis-

to como maquinismo, natureza cega, ou, o que é pior, como cadáver. O olhar da ciência designa-lhe uma fungibilidade inespecífica, assim como um corpo morto assemelhar-se-á quimicamente, cada vez mais, a outro corpo morto”.

“Ao recair numa lógica cega que não percebe o progresso como produtor também da regressão, mas o toma como algo positivo em si, o esporte acaba por ser expressão e vanguarda da violência, da aceleração da vida em direção à morte”. (VAZ, 1999, p.104)

Dicionário de Termos

Utopia: qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade.

Materialidade: tendência para valorizar apenas aquilo que é de ordem material.

Maquinismo: o conjunto das peças que compõem e fazem funcionar um aparelho, um engenho; mecanismo.

Fungibilidade: que se gasta, que se consome após o uso.



ATIVIDADE

Assista ao Filme: Um homem chamado cavalo – (*A Man Called Horse*) Richard Harris – 1970 – EUA – 114 minutos.

Obs.: Caso você não encontre o filme proposto, procure um outro filme que mostre uma cultura que você não conheça e procure analisar e discutir com os colegas o trato com o corpo que essa cultura estabelece.

Refleta após a discussão: você se sente influenciado em relação às maneiras de “usar” o corpo?

Procure pesquisar, junto à disciplina de Filosofia, o conceito de beleza e suas diversas características em diferentes culturas.

Gincana de habilidades

Conceito: Gincana de participação em grupos, com o objetivo de desenvolvimento de habilidades variadas.

Descrição: Provas de canto, “esquete”, prática esportiva, imitação ou mímica.

Montagem e Desenvolvimento: A gincana deve ser dividida em 4 provas.

- Canto: A equipe ou parte da equipe deve cantar uma música, que pode ser decidida por sorteio ou escolhida pelo grupo, cujo tema esteja presente ou haja relação com a moda, mídia, cultura ou o corpo. Isso fica a critério do coordenador.
- Esquete: Pequena encenação relacionada ao tema estudado, em que os integrantes do grupo se apresentarão através de gestos, mímica ou movimentos, texto falado ou a critério do coordenador.

- Prática Esportiva: Apresentar alguma forma de modalidade esportiva procurando, através de adaptações feitas pela própria equipe, transformar as características competitivas em atividade cooperativa.
- Imitação ou mímica: Representar diversas formas de influência presentes na mídia (comerciais e/ou propagandas de marketing) em relação ao trato com o corpo.

O coordenador da atividade terá como função “julgar” todas as provas realizadas.

Observação: pode-se incluir outras provas na gincana, de acordo com as possibilidades e o local a ser realizado.

Objetivo: Essa atividade procura demonstrar que temos habilidades diversas, que nos diferenciam e, ao mesmo tempo, podem nos aproximarmos das outras pessoas, mostrando que existem, além da beleza corporal, outras formas de afirmação, comunicação e expressão corporal. Isso faz parte de nossa vida e devemos explorá-las ao máximo.

Após analisar a influência que o capitalismo exerce na produção dos corpos, é fácil perceber que a criação de modismos tem objetivos específicos e que atendem a uma determinada parcela da população. Mas será que você consegue entender como isso se reflete sobre a Cultura Corporal, mais especificamente para nós na Educação Física?

Algumas formas de massificação dos movimentos corporais são facilmente percebidas nos esportes e na dança, pois essas atividades podem ser vistas como formas de lazer exploradas pelo interesse de grandes grupos econômicos, tornando-se fortes instrumentos de alienação, distração e consumo fácil das massas. Mas podemos superar isso?

■ A Dança como Conteúdo Escolar

A partir do conceito de “Massacre do Corpo”, visto anteriormente, torna-se necessário ampliar novas perspectivas referentes à consciência estética, e a dança, por meio de seus movimentos e de sua expressão corporal, pode contribuir de maneira significativa. “A auto-expressão, a criatividade e o prazer proporcionados por estas atividades corporais são ótimas defesas contra a massificação de idéias e valores dominantes, uma vez que fortalecem as imagens internas individuais” (ARAÚJO, 1993, p.1). Como a própria autora descreve, a massificação limita a imaginação das pessoas, tornando-as apenas reprodutoras de movimentos e gestos específicos.



■ Peter Bruegel, *A dança do casamento*, 1566. Óleo sobre tela, 119,4 x 157,7 cm. Detroit Institute of Art Detroit



■ Festival de Parintins

A massificação da dança não deve ser negada nem marginalizada. “A melhor solução seria partir, constantemente, dessa cultura de massa e construir a cultura elaborada.” (GADOTTI, *apud* ARAÚJO, 1993, p.2).

Analisando a origem e a evolução dos diversos tipos de dança, é fácil perceber sua importância histórica e social nos mais diversos momentos históricos da evolução da humanidade, assim como a pintura. Nota-se que:

“(…) a evolução da dança seguiu o trajeto do templo, da aldeia, da igreja, do salão e do palco. Neste percurso, constituiu-se a dança étnica, folclórica, de salão e teatral. Esse fato nos leva a concluir que, se a princípio tinha conexão com impulsos primitivos do homem, a dança enfraqueceu-se nas civilizações individualistas modernas, tornando-se privilégio de poucos.” (ARAÚJO, 1993, p.2).

Com isso, algumas formas de expressões denominadas de Danças Folclóricas e Danças Tradicionais estão se perdendo no tempo. Essas danças possuem ricas expressões populares que fazem parte de uma identidade nacional. Essas formas, denominadas de Cultura Popular, são a base para uma forma de cultura mais elaborada denominada Cultura Erudita. “A cultura erudita busca renovar-se pelo aproveitamento do bruto ou elaborado do que parece ser a espontaneidade e a vitalidade populares.” (BOSI, *apud* ARAÚJO, 1993, p.2).

As danças da Cultura de Massa surgem em decorrência da música, sendo elas mais ritmadas, já que suas letras apresentam pouco significado e, em muitos casos, denegrindo a imagem da mulher. Vejamos alguns exemplos no país: dança da tartaruga, dança da manivela, dança do pega-pega, dança das cachorras, dança da garrafa, dança do cavalo manco, dança da tomada, dança da motinha, dança do maxixi (não confundir com o maxixe, dança urbana que surgiu no Brasil por volta de 1875), e outras. Esses modismos vão e vêm de acordo com interesses de gravadoras e dos meios de comunicação.



ATIVIDADE

Escolha uma dessas músicas da moda, ao som da qual os jovens dançam em suas festas, e faça uma análise crítica da letra. Exponha suas conclusões, em forma de painel, aos seus colegas.

E afinal de contas, você constrói o seu corpo ou deixa ser construído?

Referências Bibliográficas

ANDRADE, C. D. **O Corpo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1984.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GOLDENBERG, M. R.; SILVA, M. A civilização das formas. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Nu & vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARCELLINO, N. C. (org.). **Repertório de atividades de recreação e lazer**. Campinas/SP: Editora Papyrus, 2002.

OLIVEIRA, P. S. **Introdução à sociologia**. São Paulo/SP: Editora Ática, 1993.

ORTEGA Y GASSET, J. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro/RJ: Editora Ibero Americana, 1959.

SFEZ, L. **A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SIMMEL, G. Filosofia de la moda, cultura feminina y otros ensaios. In: **Revista de Iniciação Científica da Ffc**. Marília: UNESP, 2004.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. In.: **Cadernos Cedex**, ano XIX, no 48, Agosto/99.

VILLAÇA, N. et al. (org.). **Que corpo é esse?**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Documentos Consultados ONLINE

OSÓRIO, A. A Geografia Corporal dos Espaços Abertos: reflexões sobre o corpo carioca. In.: **Os Urbanitas - Revista de Antropologia Urbana**. Ano 2, vol.2, n.1. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/osurbanitas2/andreaosorio2005-a.html>>. Acesso em: 26 nov. 2007.



ANOTAÇÕES



HIP HOP - MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA OU DE CONSUMO?

■ Cíntia Müller Angulski¹, Mario Cerdeira Fidalgo², Rodrigo Tramutolo Navarro³.



■ Ilustração 1: Break Dance. Disponível em: <http://www.flogup.com/el_sergy_20/448879>. Acesso em: 12 dez. 2007.

- Quem são esses jovens?
 - Onde estão?
 - Aquela galera de calça caída, camiseta larga, com toca ou boné, são todos parecidos, né?
 - Parece que são da mesma família!
 - Por que será que estão sempre juntos? Será que têm algum interesse em comum?
 - Dizem que são do Hip Hop!
 - O quê é isso?
- Vamos descobrir?

¹Colégio Estadual Professor Pedro Macedo - Curitiba - PR

²Colégio Estadual João Ribeiro de Camargo - Colombo - PR

³Colégio Estadual Conselheiro Zacarias - Curitiba - PR

■ As raízes do Hip Hop

Alguns pesquisadores dizem que o Movimento *Hip Hop* surgiu nos guetos (*ghettos*) dos Estados Unidos da América, a partir da união de diferentes expressões artísticas, que aos poucos foram incorporadas ao ambiente urbano de Nova Iorque, na passagem dos anos 60 para os anos 70. (AVILA, OLIVEIRA E PEREIRA, 2005; ADÃO, 2006; LEÃO, 2006)

Os **guetos** são bairros de uma cidade onde vivem os membros de uma etnia ou grupo minoritário, devido a injunções, pressões ou circunstâncias econômicas ou sociais.” (HOUAISS, 2001, p. 1496).



■ Malcolm X (1925-1965)

Nesse período, os E.U.A. passavam por intensas discussões sobre os direitos humanos. Seguintes marginalizados da sociedade de Nova Iorque se articularam para fazer valer suas propostas, numa tentativa de diluição de suas inquietações. Surgiram grandes líderes negros como Martin Luther King (1929-1968) e Malcolm X (1925-1965), cada qual com seus princípios ideológicos, procuraram disseminar o direito e a igualdade social entre negros e brancos, em que os últimos pudessem respeitar os primeiros. (ADÃO, 2006, p. 74-75). Malcolm X e Martin Luther King, foram duas das grandes referências na luta popular do movimento Hip Hop, no que se refere a atitude contra a segregação racial e a violência com a população negra estadunidense. (MAGRO, 2002 e MARTINS, s/d)

A palavra *Hip Hop* é de origem estadunidense, e significa ‘saltar movimentando os quadris’ (*Hip*: Saltar; *Hop*: movimentando os quadris). O termo foi criado pelo DJ Afrika Bambaataa, fundador da organização Zulu Nation. Saiba mais no quadro a seguir:

Para alguns pesquisadores, um dos responsáveis pelo surgimento do *Hip Hop* é o DJ Africa Bambaataa. Ele foi um dos fundadores da organização Zulu Nation, no Bronx, Nova Iorque, em 12 de Novembro de 1973, que unia negros, jovens e pobres desfavorecidos de uma comunidade estadunidense. Essa organização realizava festas com a intenção de diminuir as brigas e as confusões entre os jovens de diferentes gangues. Realizavam também alguns projetos sociais como campanhas de agasalho, arrecadavam comida, etc.

Bambaataa idealizou a união dos elementos do *Hip Hop*, isto é, afirmava que as manifestações da dança, o Break, das artes visuais, o *Graffiti* e da música, o *DJ* e o *MC* (que formam o RAP), faziam parte do mesmo universo cultural, por incorporarem um caráter de protesto. O movimento também teve influência das idéias de líderes como Martin Luther King, Malcolm X e os Panteras Negras. (AMARAL, 2005; ADÃO, 2006; FELIX, 2005)

Esse movimento surgiu a partir de um grupo de pessoas, em sua maioria negras e pobres, que enfrentavam dificuldades diversas como



■ Martin Luther King (1929-1968)

a baixa escolarização, os preconceitos raciais, as desigualdades sociais, a falta de empregos dignos, dentre outras. Para eliminar a segregação, muitos grupos de negros se organizaram, posicionando-se como produtores de uma cultura popular de resistência.

A **cultura popular** é uma forma pela qual os dominados se organizam, compreendem, apreendem e re-significam a cultura hegemônica. Mas não é uma cultura feita pelos dominantes para os dominados e sim a forma como estes captam e apreendem as manifestações culturais, inclusive da cultura dominante. (AVILA, OLIVEIRA e PEREIRA, 2005, p. 54)

Os anos 60 para os negros dos E.U.A foram um tempo de muitas batalhas e confrontos com a polícia. Vamos contextualizar o período para entendermos o porquê da indignação desse grupo. Você sabe o que estava acontecendo nos E.U.A. nessa época?



PESQUISA

Pesquise sobre o contexto histórico-social e cultural dos E.U.A. na segunda metade do século XX. Cite os acontecimentos históricos que julgar importantes, relacionando-os com as condições de vida da população estadunidense da época. Ainda, pesquise quem foram Martin Luther King, Malcolm X e os Panteras Negras. Qual a relação deles com a luta social e, portanto, com o surgimento do movimento *Hip Hop*?

Foi nesse contexto que o Movimento *Hip Hop* se originou, agrupando diversas práticas culturais humanas que tinham um objetivo em comum, fazer críticas a estrutura social estadunidense.

Essas práticas estão associadas à elementos da música e de expressão corporal, pois existe uma forte relação entre a juventude e a música. Historicamente, isso aconteceu inicialmente com o *jazz*, na década de 50, expandindo-se e diversificando em estilos, colocando os jovens como produtores musicais, na década de 70, por meio do *RAP*. (DAYRELL, 2002)

A segunda metade do século XX foi um período de intensos conflitos, principalmente articulados por grupos de jovens. “A cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos.” (HOBBSAWM, 1995, p. 323)

Outro acontecimento desse período, que causou muitas revoltas,



■ Ilustração 2: U.S. Department of defense/Cesar Rodriguez, U.S. Air Force U.S.A. Disponível em: <<http://www.rand.org/publications/randreview/issues/rr.03.01/global.html>>. Acesso em: 19 nov. 2007.

foi a Guerra do Vietnã (1965-1975). A maioria dos soldados recrutados para a linha de frente era de origem negra e latina.

Enquanto milhares de pessoas morriam no Vietnã, nos subúrbios de Nova Iorque, afro americanos lamentavam a perda de duas grandes lideranças, Malcolm X e Martin Luther King, e exigiam justiça.

Este ambiente influenciou bastante os precursores do Movimento *Hip Hop*. Uma das formas de expressar a indignação foi através do *Break*. Muitos movimentos preservados ainda hoje, refletem o corpo debilitado dos soldados que retornavam das guerras, ou então a recordação de um objeto utilizado no confronto. (MARTINS, s/d)



■ DESENHO: O Giro de Cabeça (Head Spin) – simboliza os helicópteros utilizados durante a guerra do Vietnã.

■ Você sabe como e quando o movimento *Hip Hop* chegou ao Brasil ?



No Brasil, a introdução da cultura *Hip Hop* se deu durante o Regime Militar (1964-1985). Nesse período, ocorreu a proliferação de “bailes black” nas periferias dos grandes centros urbanos, especialmente em São Paulo. Embalados pela música negra estadunidense, milhares de jovens se reúnem nos bailes de final de semana, freqüentados principalmente por jovens negros e pobres em sua maioria. (DAYRREL, 2002)

Quando o Movimento *Hip Hop* começa a ser difundido, grandes empresários e algumas esferas do governo sentem-se incomodados com a repercussão desse movimento. Um reflexo desse incômodo se deu através da mídia, que se apropriou do *Hip Hop* massificando

essa cultura popular, fato que possibilitou sua maior difusão, especialmente em revistas e jornais. No entanto, se por um lado essa integração da cultura *Hip Hop* numa lógica de mercado expandiu seu acesso, por outro plantou sua homogeneização a partir de determinados interesses.

Esses interesses, que passaram a ser disseminados pelo *Hip Hop* apropriado pela cultura de massa, é justamente o oposto do que preconiza o Movimento *Hip Hop*.

Ao ser apropriado pela mídia e transformado em uma cultura de massa, o Movimento *Hip Hop* foi marginalizado e criminalizado, pois não era interessante permitir que um grupo de pessoas disseminassem um discurso crítico sobre a realidade social.

Inicialmente, o movimento expressava, através de seus elementos, a realidade principalmente da grande periferia. Por ter um caráter de reivindicação social, similar ao movimento negro, ao movimento em defesa dos favelados (MDF) e ao movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra (MST), o Movimento *Hip Hop* preocupavam-se com a formação política de seus participantes e da sociedade. Nesse sentido, a busca pelo conhecimento faz parte de seu compromisso, pois procuravam compreender como se estruturam as relações sociais. Alguns teóricos consideram o conhecimento como o quinto elemento do Movimento *Hip Hop*. (LEÃO, 2006) Para saber mais sobre os movimentos sociais, leia o Folhas: “Movimentos Sociais”, no Livro Didático Público de Sociologia.

Com a forte influência da mídia, as pessoas que não tinham contato mais próximo com esse movimento manifestavam uma certa resistência, pois a imagem que passava nos meios de comunicação era a de que o Movimento *Hip Hop* se constituía por criminosos, bandidos, assassinos e usuários de drogas.

Esse tratamento, dado principalmente pela mídia, se estende até os dias atuais, pois convivemos com uma censura que se encarrega de transformar fatos corriqueiros em grandes feitos político-administrativos dos governantes, ou de omitir e maquiagem fatos desabonadores de sua imagem. “É a mídia transformando a política em espetáculo, usando para isso os novos meios tecnológicos e do campo da informática para produzir efeitos considerados desejáveis pelos detentores políticos e econômicos do poder.” (PEDROSO, 2001, p. 55)

Confira abaixo algumas das reportagens relacionadas ao *Hip Hop* que circularam na década de 90 no Brasil:

O Arrastão do RAP

Rebeldes e mal-encarados, os Racionais MCs colocam três músicas nas grandes FMs e invadem a praia da “playboyzada” com o canto falado da periferia. (Revista da Folha, ano 2, n. 104, São Paulo, 14 abr. 1994);

Som Barra-Pesada.

A banda Pavilhão 9 faz sucesso ao retratar o cotidiano dos bairros mais violentos da cidade. (Veja São Paulo, São Paulo, 17 set. 1997);

Movimento Hip Hop

A periferia mostra seu magnífico rosto novo. (Caros Amigos Especial, n. 03, São Paulo, set. 1998);

Mano Brown

Líder dos Racionais MC's

A periferia vai à guerra. (Caros Amigos, ano 1, n. 10, São Paulo, jan. 1998).

Qual é a sua impressão sobre essas manchetes?

Elas mostram como foi representativa a entrada de uma cultura popular de resistência no espaço social, que tinha como uma de suas características a crítica a uma sociedade considerada injusta, por beneficiar apenas a determinados grupos sociais, o que demonstra a visibilidade que o Movimento *Hip Hop* trouxe, causando grande espanto à mídia na década de 90. (JOVINO, 2004, p. 979).

Não podemos negar que a classe dominante, isto é, os grandes empresários e detentores do poder social, político e econômico, tem condições de monopolizar os meios de produção e, portanto, de comunicação. Dessa forma, possuem certa autonomia para direcionar as idéias e os posicionamentos que as pessoas têm sobre a realidade. Pois, atualmente, sabemos que é pelos Meios de Comunicação Social (MCS), isto é, rádio, TV, jornais e outros, que temos uma referência sobre o mundo, que conhecemos e visualizamos outras culturas, que temos contato com o que existe, com o que se publica ou com o que se faz.

“Na realidade, cultura e comunicação são dois termos que se interpenetram desde o surgimento dos primeiros meios de comunicação social. Apesar da existência de outros agentes mediadores e transmissores de cultura, como a Educação ou a Família, é inegável o poder que os media [a mídia] exercem sobre um número elevado de indivíduos.” (SILVA, s/d, p. 02-03. Grifo nosso). Para saber mais sobre o surgimento dos movimentos sociais, políticos e culturais no Brasil, leia o Folhas: “Movimentos sociais, políticos e culturais na sociedade contemporânea: é proibido proibir?”, no Livro Didático Público de História.

A partir desse cenário, podemos discutir a noção de Indústria Cultural. Este termo foi criado pelos pensadores alemães Theodor Adorno (1870-1941) e Max Horkheimer (1895-1973), da Escola de Frankfurt, para descrever uma espécie inserção no mercado de produtos cultu-

rais em série que são consumidos pela sociedade, isto é, uma indústria midiática ligada a um modelo de produção capitalista, que banaliza a cultura historicamente produzida pela humanidade, contribuindo para criar, reproduzir e manter uma ideologia dominante e de consumo.

A **ideologia** é um fenômeno histórico-social decorrente do modo de produção econômico. É uma rede de imagens e de idéias ou um conjunto de representações sobre os seres humanos e suas relações, sobre as coisas, sobre o bem e o mal, o justo e o injusto, os bons e os maus costumes, etc. (CHAUI, 2003, p 388)

É especialmente por isso que, atualmente, quando se ouve falar em *Hip Hop*, é comum esta manifestação cultural estar associada a drogas, criminalidade, a marcas de roupa, jóias, entre outros, pois estas são formas de transformar uma cultura popular, e um movimento social de resistência, em mercadoria.

No entanto, com o passar dos anos o próprio Movimento *Hip Hop* conseguiu encontrar umas 'brechas' para difundir seu real interesse, e algumas pessoas começaram a entender, respeitar, escutar o som criado por seus integrantes.

Um exemplo disso são as posses, isto é, grupos que congregam rappers, grafiteiros e breakers de uma mesma região. Estes grupos estão envolvidos em atividades artísticas, de ação comunitária e de formação política, comprometidos com a cultura do *Hip Hop*. Muitos destes grupos também estão envolvidos com entidades de movimentos negros, sindicatos, partidos políticos, palestras, apresentações teatrais etc.

A mistura de medo e admiração pelo *Hip Hop* traduz um movimento no qual os negros, especialmente jovens, deixam de se tornar vítimas, expressando novas formas de existir no mundo, a partir dos espaços de miséria a que foram historicamente relegados. (JOVINIO, 2004, p. 979-980)

No entanto, com a crescente influência da Indústria Cultural, na atualidade, percebemos que o termo *Hip Hop* foi associado à diferentes contextos, como classificação de estilos de música, de dança, com a criminalidade, entre outros, mas dificilmente é descrito como um movimento que surgiu, num período histórico específico, a partir da união dos elementos: **RAP (DJ + MC)**, **Break** e **Graffiti**.



ATIVIDADE

Entreviste pessoas ou grupos simpatizantes do *Hip Hop*, perguntando o que eles entendem por *Hip Hop*. Registre as informações e, posteriormente, elabore um cartaz relacionando as informações obti-

das na(s) entrevista(s) com o que foi até então discutido neste capítulo. Organize um debate em sua turma, a partir das seguintes orientações: Separe a turma em 2 grupos. O primeiro grupo defenderá o *Hip Hop* enquanto um movimento de resistência. O outro grupo defenderá a ideia de que o *Hip Hop* deve seguir a lógica de consumo. No final você deverá sistematizar as informações e repassar à turma o resultado das discussões.

Já vimos que em alguns espaços existem ainda grupos que defendem o movimento *Hip Hop* como expressão da cultura popular, desenvolvendo ações para resistir aos apelos da Indústria Cultural. Os integrantes desse grupo repudiam a mercantilização do *Hip Hop*, isto é, transformá-lo num simples produto para ser vendido por empresas que comercializam roupas, músicas e organizam shows.

Uma das formas de resistir a esse processo se expressa na criação de linguagens próprias. Por exemplo: integrantes do Movimento *Hip Hop* inventaram o termo “Hip Roupas”, para definir as pessoas que tem o hábito de utilizar roupas de marcas associadas ao *Hip Hop*, mas que desconhecem o significado deste enquanto movimento social.

Outra forma de resistência está na difusão do Movimento *Hip Hop* através das Rádios Comunitárias, que divulgam músicas e ações sociais realizadas junto a comunidade, mostrando uma visão muito diferente da que vem sendo trazida pelos grandes meios de comunicação.

Diante dessa realidade, muitos grupos comprometidos com a luta social se recusam a se inserir em determinados espaços da mídia, por acreditar que estes acabam por limitar e até distorcer os sentidos efetivos dos movimentos de resistência. Será que seria uma das razões pela qual o grupo musical *Racionais MC* se recusam a aparecer na televisão?

Confira o artigo abaixo, escrito em 2004 por Eliana Antonia, intitulado “Folha de São Paulo joga o leitor contra os Racionais MC’s”. Em resposta a uma reportagem da Folha de São Paulo, publicada em 28 de março do mesmo ano, a autora questiona a intenção do jornal em descaracterizar o grupo musical de *RAP* Racionais MC’s.

Folha de São Paulo joga o leitor contra os Racionais MC’s

Racionais MC’s, enfim, se rendem à TV Globo”, diz o título da reportagem.

O intuito da Folha através deste título é tratar como mercenários os integrantes dos Racionais MC’s, um dos mais respeitados grupos de Rap do país.

Esta desqualificação será defendida pelo jornal que inicia a reportagem de forma irônica com a seguinte pergunta: “Racionais na Globo? Sim.”

Para quem não conhece muito do assunto sejamos sintéticos na explicação da forma como a gran-

de imprensa brasileira manipula informações segundo os interesses da classe que representa e da qual é porta-voz.

Vejam como o assunto é tratado pelo Jornal:

Pela primeira vez, o grupo de rap nacional mais avesso à mídia concordou em ceder um minuto de uma música para a emissora. O feito vai ao ar no próximo domingo, durante o “Fantástico”.

A música “Negro Drama” irá compor a trilha sonora do quadro “Brasil Total”, ancorado por Regina Casé. O quadro, no ar há um ano, deixará de exibir apenas reportagens produzidas por afiliadas ou produtoras independentes distantes dos grandes centros.

Irá se abrir também para as periferias das metrópoles. A primeira, dia 4, será São Paulo. Depois, virão Porto Alegre e Salvador. A proposta é “dar exposição máxima aos que estão de fora”.

Os “Racionais” - como são conhecidos pela juventude moradora das periferias dos grandes centros - chamaram atenção em 1992, quando se tornaram conhecidos nas favelas paulistanas com as músicas Mulheres Vulgares, Beco sem Saída, Racistas Otários e Hey boy.

Em 1994 a imprensa não pode ignorar o sucesso de Um Homem na Estrada, Fim de semana no parque e Mano na porta do bar.

Estes raps eram tocados até mesmo nas estações de rádio comerciais, tal era o interesse dos jovens pobres pelas letras contundentes na denúncia do racismo e da violência policial, além das afirmações do valor e da importância do povo preto.

A partir de então o grupo passou a fazer shows pelas periferias das zonas sul de norte de São Paulo, onde moravam seus integrantes, Mano Brown, Ice Blue, KLJ e Eddy Rock. Em pouco tempo eles já seriam conhecidos em todo o Brasil, como uma importante referência do Rap militante, responsável e comprometido com causas sociais.

O incômodo causado por estes quatro rapazes negros e pobres foi grande. Em diversos jornais foram publicadas matérias em que eram acusados de incitar os jovens à violência contra a polícia, contra os brancos, o ódio racial, entre outras incoerências semelhantes a esta recente matéria da Folha.

Desde de que surgiram, os Racionais seduzem milhares de jovens de todas as classes sociais, mas principalmente das classes mais pobres com sua postura consciente frente às diversas formas de dominação utilizadas pela elite na manutenção da atual desigualdade social e nas poucas oportunidades dos negros de se mobilizarem socialmente desde sua chegada ao Brasil, no século XVI.

Parte desta postura coerente e afinada com o povo pobre é traduzida na aversão que o grupo tem à mídia comercial. Nunca se apresentaram na TV Globo, no SBT ou em outras emissoras que colaboram com a alienação através de novelas, filmes enlatados, etc.

Justificam esta postura apenas com as letras de suas músicas - e cabe lembrar que música para eles não é apenas um som agradável. Música é muito mais que isto, é uma arma contra a discriminação, contra a opressão e contra a miséria.

Dito isto, passemos à reportagem da Folha.

Nela é feita a acusação de que o grupo, após anos de recusa, teria finalmente se rendido aos louros do mercado, cedendo direitos de uma música para o quadro “Brasil Total”, apresentado por Regina Casé, durante o Fantástico.

Para quem lê apenas a manchete, fica a impressão que uma música dos Racionais será executada no Fantástico, ou em novelas. Talvez alguém imagine até que eles irão se apresentar no Faustão, ou coisas do tipo.

Não se trata de nada disto, como pode constatar quem lê a íntegra da matéria.

Na verdade os Racionais colaboraram com um amigo – Sérgio Vaz, que conversou com Brown e explicou o objetivo do diretor independente Jéferson De, na direção do quadro que teria como enredo um conto do também combativo Ferréz.

O quadro foi ao ar no Domingo, 04 de abril de 2004.

Quem assistiu pôde perceber que a Globo, neste episódio, abriu espaço em sua programação para um assunto interessante para o povão. Mostrou uma ínfima parte de seu cotidiano, sua arte, suas inúmeras formas manifestação, de se fazer ouvir.

Particularmente achei o quadro muito legal. A TV Globo está passando por grave crise financeira, necessitando do dinheiro público, agora gerenciado por um governo mais voltado para a maioria, o que a impele a abrir espaço para as questões dos pobres em geral.

A Globo é boazinha? Não.

Ela dança conforme a música. O que não é o caso dos Racionais MC's, que tiveram apenas um pequeno trecho da letra de Negro Drama, recitado como uma poesia pela mulher que inspirou a letra – Dona Vilma.

Alguém poderia dizer que, em função da Dona Vilma cantar uma música dos Racionais num programa da Globo, eles se venderam?

Ou alguém poderia dizer que se eles cedessem mesmo os direitos da música para um quadro produzido por uma produtora independente - de amigos do grupo – eles poderiam ser tachados de mercenários?

Acredito que não.

Creio que eles continuam a ser o que sempre foram: homens coerentes, combativos e inteligentes.

Se alguém fez algo que não está em sua cartilha, foi a TV Globo, que não sem interesses alheios ao assunto reservou parte do horário nobre para pessoas pobres, negras, amantes da arte e lutadores nesta guerra diária pela melhoria das condições de vida nas periferias.

Embora este seja um grande desejo da Folha de São Paulo, Estadão, TV Globo, etc, ter os Racionais cooptados ou mesmo seduzidos pelo poder midiático e pelo dinheiro, mais uma vez eles se frustraram.

■ Fonte: Adaptado de: Folha de São Paulo joga o leitor contra os Racionais MC's. Escrito por Eliana Antonia, no mês de abril de 2004. In.: Boletim do NPC. Nº 40, abril de 2004. Disponível em: <<http://www.piratininga.org.br/artigos/2004/01/antonia-racionais.html>>. Acesso em: 29 nov. 2007.

Em uma entrevista concedida ao repórter Sérgio Kalili, para uma edição Especial da Revista Caros Amigos, sobre o Movimento *Hip Hop*, um dos integrantes do Racionais MC, o rapper Pedro Paulo Soares, o Mano Brown, ao ser interrogado sobre “o que significa aparecer no Faustão, no Gugu, na televisão”, respondeu o seguinte: “(...) *significa o começo da derrota. Acho que nós estamos começando a ganhar uma batalha pequena de uma guerra gigante. Quando você começa a sair fora do sistema em que os caras colocaram você, o controle remoto, tudo tá no domínio dos caras, da televisão, eles têm domínio sobre tudo,*

tudo que está acontecendo no mundo da música, tá ligado? Todos os estilos. Quando escapa um do controle, os caras viram a atenção pra-quele lado ali. É o que acontece com a gente. Se a gente voltar pros caras, significa que é uma dissidência que perdeu... aí não existe mais. O Racionais não pode trair, tá ligado? Tem muita gente que conta com a nossa rebeldia.” (CAROS AMIGOS ESPECIAL, 1998, p. 18)

É claro que, não só com o *Hip Hop*, mas em todos os espaços sociais, existem pessoas que se utilizam de nomes de grupos para promover roubos, brigas, assaltos, invasões etc. Mas é importante estarmos atentos para o significado original de um movimento de resistência, para que não nos deixemos enganar pelos ‘equivocos’ da mídia.



■ www.derua.com.br/oselementos/Break/Litoral.htm.



PESQUISA

Pesquise, em revistas, jornais e na internet, reportagens que abordem outros pontos de vista sobre o Movimento *Hip Hop*. Escreva um texto comparando os diferentes pontos de vista com a sua opinião sobre o assunto.

Os elementos do *Hip Hop*

O *Hip Hop* é considerado um movimento que envolve elementos distintos: o *RAP* (*MC + DJ*), o *Break* e o *Graffiti*. A união desses elementos configurou, historicamente, um movimento cujo objetivo é criticar uma situação social desfavorável e mobilizar a sociedade para lutar por uma mudança principalmente de consciência. Vamos conhecer um pouco mais sobre cada um deles?

RAP: Caracteriza-se por um canto falado, somando-se a este alguns trechos instrumentais de *soul-music*. A sigla *RAP*, em inglês, significa *Rhythm and Poetry*, em português “Ritmo e Poesia”. Composto pelo *DJ* e pelo *MC*, o *RAP* surgiu nos EUA na década de 70, influenciado por *DJ* jamaicanos que deixaram a Ilha do Caribe devido a problemas econômicos. (VARGAS, 2005) Esses jamaicanos fizeram sucesso com seu estilo diferenciado de fazer música, não demorando para que surgissem os grupos de *RAP*, que se espalharam por toda a periferia dos E.U.A., especialmente Nova Iorque.

O som era tocado na rua, através dos *sound systems* (muito parecido com trios elétricos brasileiros), principalmente porque a população dos guetos não dispunham de condições para frequentar lugares fechados (elitizados). O *RAP* cantado nos Estados Unidos da América carregou algumas característi-



cas dos ritmos Jamaicanos (*Reggae*). Os cantores jogavam frases no meio das músicas, nas quais eram colocados posicionamentos fortes principalmente em cima dos problemas econômicos.



O *RAP* surgiu “(...) como um gênero musical que articula a tradição ancestral africana com a moderna tecnologia, produzindo um discurso de denúncia da injustiça e da opressão a partir do seu enraizamento nos guetos negros urbanos”. (DAYRREL, 2002)

Cada grupo de *RAP* compõe suas próprias músicas que, de certa forma, são influenciadas em grande parte pelas histórias de vida daqueles que as escrevem. A maioria das letras retratam as condições de miséria, violência e exclusão social a que estão submetidas grande parte da população. Outras, além da crítica social, também são um apelo à liberdade e esperança por uma sociedade mais justa. Os compositores atribuem a si mesmos o papel de “porta vozes” da periferia. (DAYRREL, 2002)



DEBATE

Título da Música: A vida é desafio

Autor: Afro-X

Grupo Musical de RAP: Racionais MC's

“(...) VÁRIAS FAMÍLIAS VÁRIOS BARRACOS
 UMA MINA GRÁVIDA
 E O MANO TÁ LÁ TRANCAFIADO
 ELE SONHA NA DIRETA COM A LIBERDADE
 ELE SONHA EM UM DIA VOLTAR PRA RUA LONGE DA MALDADE
 NA CIDADE GRANDE É ASSIM
 VOCÊ ESPERA TEMPO BOM E O QUE VEM É SÓ TEMPO RUIM
 NO ESPORTE NO BOX OU NO FUTEBOL ALGUÉM
 SONHANDO COM UMA MEDALHA O SEU LUGAR AO SOL PORÉM
 FAZER O QUE SE O MALUCO NÃO ESTUDOU
 500 ANOS DE BRASIL E O BRASIL AQUI NADA MUDOU (...)”

O trecho de música acima apresenta vários elementos para pensarmos a realidade social. Nesse sentido, organize na turma um debate para escutar a música e discutir os vários elementos presentes na letra completa, como violência, família, luta de classes, questões de gênero, entre outros. Você pode também escolher outro *RAP* para fazer a discussão.

Atualmente, o *RAP* incorporou outras lógicas e foi massificado, ou seja, difundido com uma outra 'roupagem', sendo criminalizado e erotizado especialmente pela mídia. É só perceber as várias músicas que tocam nas rádios nacionais ou traduzir as letras norte americanas, que se auto intitulam *RAP*, mas fazem apologia ao crime, ao uso de drogas e tratam as mulheres como objeto sexual. Também podemos perceber essa nova 'roupagem' quando assistimos alguns filmes e vídeo clip's que anunciam o *RAP*, nos quais ficam evidentes o apelo ao corpo erotizado, aos carrões, as correntes de prata e de ouro, as mansões etc. Será que podemos escrever uma letra de *RAP* fugindo dessa lógica?



ATIVIDADE

CRIANDO UM RAP!

- Primeiro passo: Entender como são as batidas no *RAP*. É muito comum as músicas de *RAP* terem tempos compostos por 4 batidas, sendo a segunda e a quarta as mais fortes, se compararmos com a primeira e a terceira). Sugerimos que seja utilizado o próprio corpo para produzir os sons. Como ficam as batidas então? A primeira e a terceira batidas, as mais fracas, podem acontecer com um tapa leve nas pernas; e depois, para representar as batidas mais fortes, pode-se bater palma ou dar um tapa em uma mesa;
- Segundo passo: Formar pequenos grupos, que deverão escrever a letra do *RAP*. Sugerimos que seja proposto uma temática, que pode ser eleita pelo grupo. Coloca-se as palavras que se quer dar mais ênfase na segunda e na quarta batidas, completando a frase com a primeira e terceira. Lembre-se que as batidas fracas podem ser formadas por uma, duas ou até mais palavras, de acordo com a Métrica. Outra sugestão é que as últimas palavras, a cada duas frases, terminem em rima, como no exemplo abaixo:

EX: _____ _Emoção____
 (FRACA) (FORTE) (FRACA) (FORTE)

_____ _Educação____
 (FRACA) (FORTE) (FRACA) (FORTE)

- Terceiro passo: Apresentação dos grupos, que devem ensaiar o ritmo e a mensagem do *RAP* antes de apresentar para a turma. Os grupos podem ainda criar coreografias para se expressar.



■ Ilustração 5: Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/diario/2004/0312/dj_big.jpg> Acesso em: 19 nov. 2007.

DJ: É a pessoa responsável pelo som, pela música ritmada, isto é, por criar técnicas eletrônicas nas músicas. O termo *DJ*, em inglês, significa *Disc Jôquei*. Foi Kool Herc um dos responsáveis por levá-lo da Jamaica para o Bronx, nos Estados Unidos da América, através do *Sound System* (sistema de som). Nas festas, os *DJ* jamaicanos transmitem mensagens com críticas à sociedade. No final dos anos 60, o que fazia sucesso em Nova Iorque era o *Funk*, o *Soul* e outros ritmos Afro-Americanos. “Para os negros, os anos 60 não eram de *Rock n’ Roll*, nos guetos ouvia-se o *Soul*, James Brown era o rei! Surgia o *Funk*, a agressividade desse estilo era inquestionável, quer nas suas batidas quer nos seus gritos. Tudo o que os negros passavam era expresso nas suas canções. Contavam idéias de mudança de atitude, valorização da cultura negra, revolta contra os opressores... .” (MARTINS, s/d) Kool Herc teve a idéia de usar um *Mixer*, um aparelho que mistura sons reproduzidos por dois 2 discos de vinil. A partir de então criaram-se muitas técnicas, dentre elas o *Scratch* (levar o disco para frente e para trás).

Considerado o marco zero do movimento Hip Hop, **Kool Herc** (o “Hercules cool”), com 18 anos foi o primeiro DJ que falava num ritmo diferenciado, utilizando a parte instrumental dos discos juntamente com o Break. Junto com ele outros MC e vários dançarinos executavam seu número (Bboys). Até 1974, Kool Herc tocava músicas jamaicanas (reggae, ska e rock steady), sem grande sucesso, partindo para músicas mais conhecidas dos adolescentes, como James Brown, Sly Stone e George Clinton.



■ Ilustração 6: MC. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/MC>> Acesso em: 19 nov. 2007.

“O trabalho de um *Dj* representa a arte de “brincar” com a música, criar novos sons e ritmos em um estilo musical que esteja em moda ou não. Atualmente, é a profissão mais cara e mais cobiçada no mercado de trabalho ligado à música.” (LEÃO, 2006, p. 09)

MC: Significa Mestre de Cerimônias. O termo surgiu nos Estados Unidos da América junto com a cultura *Hip Hop*. No entanto, assim como o *DJ*, essa prática tem origem na Jamaica, “(...) onde a população dos guetos, com poucas opções de lazer, ia para as ruas e ouvia músicas em *sound systems*. Enquanto as músicas tocavam, uma espécie de mestre de cerimônia discursava sobre as carências da população, os problemas econômicos e a violência nas favelas.” (VARGAS, 2005) Uma das qualidades que todo(a) *MC* deve ter é a capacidade de criar letras compostas ou improvisadas.

No Brasil, atualmente, a prática dos *MC* parece não mais corresponder ao que era inicialmente. Muitos praticantes atuam numa outra forma de *Funk*, com conotação sexual e de culto ao corpo. Para saber mais sobre a precarização musical e a dança, leia o Folhas: “Quem dança os seus males...”, p. 193.

BREAK - expressão corporal através da dança: O *Break* surgiu de uma cultura de periferia. “Esta manifestação juvenil teve origem nos bairros negros e latinos de Nova Iorque, na década de 60. A invenção de novas maneiras de ser jovem na cidade, não demorou a ecoar em outros locais, ao sabor de outras “galeras”. (ALVES e DIAS, 2004, p. 02)

No final da década de 20 do século XIX, com a crise econômica nos E.U.A., inúmeros trabalhadores, dentre eles alguns dançarinos e músicos, perderam seus empregos em antigos cabarés, e resolveram ir para a rua realizar apresentações.

Historicamente se convencionou chamar o garoto que dança Break como **Break Boy** (B. Boy), e a garota como **Break Girl** (B. Girl).

Como você já sabe, durante e após a Guerra do Vietnã, alguns *breakers* criaram movimentos e coreografias com a intenção de expressar situações da guerra, como forma de protesto contra essa barbárie humana. Imitavam, através da dança e expressão corporal, os helicópteros, as lutas corporais de soldados que chegavam mutilados e outras situações específicas das batalhas. Estes e outros movimentos são ainda hoje bastante utilizados pelos B. boys e B. girls. O que você acha de tentar realizar alguns destes movimentos?



Após a guerra do Vietnã, o *Break* continuou a existir como um movimento de protesto/resistência às situações de opressão ocorridas na sociedade, sendo utilizado também como estratégia para diminuir as brigas que ocorriam entre gangues de rua. Através de competições denominadas como “batalhas”, alguns grupos se organizaram com intuito de criar movimentos e coreografias para concorrer com outros grupos, ou gangues. Os vencedores muitas vezes permaneciam nos territórios nos quais as “batalhas” haviam sido travadas.

Não demorou muito e o *Break* estava no Brasil. Difundido especialmente na década de 90, incorporou outros elementos próprios da cultura local, como os movimentos que identificam a capoeira.



■ Ilustração 7: Dançarino do grupo de break do Hip Hop Nation dança em Filadélfia (Jennifer Midberry/ © Philadelphia Daily News/ The Image Works) Disponível em: <<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/0403/ijsp/music3.htm>>. Acesso em: 27 out. 2007.

Atualmente, este estilo de dança e outras práticas corporais estão subjugadas a lógica do capital, o que resulta na sua mercantilização. Não é por acaso que vemos na mídia, ou em outros espaços sociais, grupos de Break que vendem marcas de roupas, jóias etc. “Embora existam outras relações sociais de produção que não são capitalistas, são estas últimas que condicionam os seus diferentes modos de ser.”, no ocidente. (ÁVILA, OLIVEIRA e PEREIRA, 2005, p. 47)



DEBATE

1. Assista o filme *Entre Nessa Dança: Hip Hop no pedaço (You got Served)*.

Sinopse do Filme: You Got Served apresenta um competitivo mundo da dança de rua, denominada por 'street dancing', na qual grupos disputam entre si em troca de dinheiro e reconhecimento. Com talento puro inacreditável, demonstram os movimentos explosivos que desafia a gravidade e giram alto aos ritmos da música urbana. Elgin (Marques Houston) e David (Omari Grandberry) são grandes amigos e líderes do melhor grupo de dança do bairro. Quando uma outra equipe famosa da cidade os desafia, David e Elgin - ao lado de seus companheiros (Jarell Houston, DeMario Thornton e Dreux Frederic) - se vêem obrigados a criar os mais modernos movimentos e passos para conseguirem manter-se no topo.



2. Depois de assistir ao filme, organize grupos para discussão do mesmo. Elabore pontos para serem discutidos com a turma. Um dos pontos para debate pode ser questionar qual é idéia sobre o Hip Hop que o filme passa.
3. Após a discussão, cada grupo deverá escolher pontos que foram discutidos e apresentá-los em forma de dança (Break) ou Teatro. Pode ainda convidar um grupo de dança ou colegas para apresentar movimentos básicos do Break.



■ Ilustração 8: Disponível em: <<http://www.valinhos.sp.gov.br/arquivos/imprensa/grafite.jpg>>. Acesso em: 19 nov. 2007.

GRAFFITI - a expressão da arte, o meio de comunicação: Apesar de não existir uma data específica que identifique o surgimento do *Graffiti*, algumas teorias afirmam que ele é o mais antigo dos elementos que compõem o movimento *Hip Hop*. Trata-se de uma técnica com um estilo particular, tanto na forma de desenhar quanto na de escrever.

Alguns historiadores associam a prática de escrever nos muros, paredes e rochas com as atividades desenvolvidas pelo homem no período histórico Paleolítico Superior. Veja o quadro a seguir:

RAÍZES DO GRAFFITI

O grafitismo remete aos tempos das pinturas rupestres, quando nossos antepassados longínquos marcavam pictoriamente o interior das cavernas. Há vinte mil anos, em Lascaux [complexo de cavernas localizado na França], os homens traçavam seus primeiros desenhos nas paredes das cavernas. Estas pinturas rupestres eram carregadas de simbologias, e integravam rituais místicos que antecederiam as caçadas e tinham a função de representar um resultado frutífero destas expedições por alimento. Projeta-se nas paredes, com pedras, pigmentos vegetais e gordura animal, o desejo de se conseguir capturar estas ou aquelas presas. Mas as funções das pinturas rupestres descobertas no sítio arqueológico de Lascaux não se resumiam a representar a subjugação dos animais pelos nossos antepassados. Estas inscrições pictóricas primitivas também se referiam a outros aspectos da organização social, do modo de vida e da cultura da época. (PEN-NACHIN, 2003, p. 07. Grifo nosso)

Na década de 70 jovens pobres de Nova Iorque utilizavam-se dos mais diversos espaços, como muros, placas e trens, ou em qualquer lugar que fosse possível para expressar sua arte, isto é, desenhos com mensagens de protesto ou de conscientização.

Os materiais comumente utilizados por grafiteiros são: *spray* de tinta, rolinho, pincel, corante e tinta de galão.

Mas cuidado! Muitas pessoas associam a prática do *Graffiti* com a pichação. Não são a mesma coisa! Esta última não está comprometida com a crítica social, e pode ser considerada apenas um ato de vandalismo. Para saber mais sobre a manifestação cultural do *Graffiti*, leia o Folhas: “Você suporta a arte?”, no Livro Didático Público de Arte.

Afinal, o que é o Movimento Hip Hop?

“Os hip hoppers com seu *jeito esquisito de se vestir e de falar*, seu *estranho bailado*, com seu *gênero de música popular, urbana, que consiste numa declamação rápida e ritmada de um texto, com alturas aproximadas*, têm efetuado diferenças e deslocado as disposições do poder em diversos espaços e instituições.” (JOVINO, 2004, p. 979)

Uma das constatações que podemos fazer é que a realidade acerca do movimento *Hip Hop* apresenta inúmeras contradições, quando analisamos suas diferentes formas de existir socialmente, desde o seu surgimento até os dias atuais. Ou seja, percebemos que este movimento surgiu com um propósito de resistência, mas ao longo dos anos foram dadas novas roupagens a ele, passando a aderir inclusive aos modelos de consumo e de mercado vigentes.



■ Ilustração 9: Disponível em: <http://www.rededasaguas.org.br/observando/grafite_COP.jpg>. Acesso em: 19 nov. 2007.

Essa enorme variedade de expressões do *Hip Hop* fazem desta prática um elemento importante a ser considerado pois, através dele, podemos inventar novas formas de existir, se relacionar e se expressar, conhecendo outros pontos de vista sobre a vida, possibilitando novos olhares para a realidade social.

Por ser uma cultura popular, o Movimento Hip Hop precisa ser entendido nas suas contradições, pois, da mesma forma que a cultura do Hip Hop influencia a sociedade, esta também influencia o Hip Hop. “Existe, dentre várias técnicas corporais, a produção cultural do Movimento Hip Hop, que pode ser vista como uma cultura que engendra diferentes subculturas.(...) Ocorre tanto um processo de captura da cultura popular pela cultura hegemônica, como um processo de re-significação da cultura hegemônica em uma cultura popular de resistência” (AVILA, OLIVEIRA e PEREIRA, 2005, p. 50-59)

Por exemplo, assistindo a antigos filmes de jazz, você também poderá ver claramente as semelhanças entre o Break e as antigas danças de rua dos negros americanos do início do século XX. Sem falar na influência da capoeira nos movimentos do Break brasileiro.

E agora, o que você tem a dizer sobre a imagem do início deste capítulo?



ATIVIDADE

Organize um evento que contemple apresentações dos 4 elementos do Hip Hop. Se considerar importante, pode ser garantida a apresentação de outras manifestações corporais que se aproximaram do Movimento *Hip Hop*, como o Street Ball, o Skate, entre outras.

Referências Bibliográficas

ADÃO, S. R. **Movimento Hip Hop**: a visibilidade do adolescente negro no espaço escolar. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. 115f.

ALVES, F. S. e DIAS, R. A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop. In.: **Revista Motriz**. Rio Claro, v. 10, jan./abr. 2004, p. 01-07.

AMARAL, M. De volta para o futuro. In.: **Revista Caros Amigos** (Especial): Hip Hop hoje. junho/2005. Disponível em: <<http://www.carosamigos.terra.com.br>> Acesso em: 10 out. 2007.

AVILA, A. B.; OLIVEIRA, P. D. L. de; PEREIRA, L. G. Hip Hop e cultura: revelando algumas ambigüidades. In.: DAMIANI I. R. e SILVA, A. M. **Práticas Corporais: experiências em Educação Física para outra formação humana.** Volume 3. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005, p. 47-67.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia.** 13 ed. São Paulo: Ática, 2003.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. In.: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan/jun, 2002.

Caros Amigos Especial. **Movimento Hip Hop: a periferia mostra seu magnífico rosto novo.** nº 3. São Paulo: Casa Amarela, set./1998.

FELIX, J. B. de J. **Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), São Paulo, 2005. 206f.

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).** Trad. Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOVINO, I. da S. Escola e Hip Hop para Jovens Negros. In.: **Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas.** Anais... Set. 2004, p. 972-982.

LEÃO, M. A. da S. **O Negro no mercado de trabalho pela cultura Hip Hop.** Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu-MG, set./2006. Disponível em: <www.abep.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_371pdf> Acesso em: 10 out. 2007

MAGRO, V. M. de M. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e Hip Hop. In.: **Cadeno CEDES.** v. 22 (57), 2002, p. 63-75.

MARTINS, T. **Uma visão mais alargada sobre a história do Hip Hop.** Disponível em: <<http://www.realsportclube.com/main.cfm?id=239&Sid=294&l=1>> Acesso em: 03 dez. 2007.

PEDROSO, L. A. Indústria Cultural: algumas determinações políticas, culturais e sociais na educação. In. **Caderno Cedex.** ano XXI, nº 54, agosto/2001, p. 54-68.

PENNACHIN, D. L. Signos subversivos: das significações de graffiti e pichação – metrópoles contemporâneas como miríades signícas. In.:

